

Carina Nunes Bossardi

**ENVOLVIMENTO E INTERAÇÕES PATERNAS COM FILHOS
DE 4 A 6 ANOS: RELAÇÕES COM OS SISTEMAS PARENTAL
E CONJUGAL**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Mauro Luís Vieira
Coorientador: Prof. Dr. Daniel Paquette

Florianópolis
2015

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Bossardi, Carina Nunes

Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos : relações com os sistemas parental e conjugal / Carina Nunes Bossardi ; orientador, Mauro Luis Vieira ; coorientador, Paquette Daniel. - Florianópolis, SC, 2015. 368 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

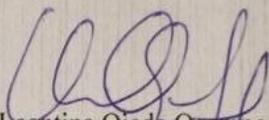
1. Psicologia. 2. Envolvimento paterno. 3. Envolvimento parental. 4. Relacionamento conjugal. 5. Relações pai-mãe-criança. I. Vieira, Mauro Luis. II. Daniel, Paquette. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.

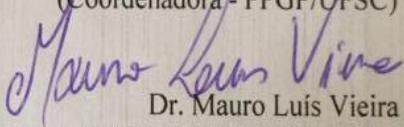
Carina Nunes Bossardi

Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal

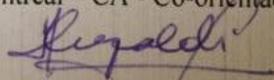
Tese aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

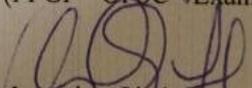
Florianópolis, 06 de março de 2015.

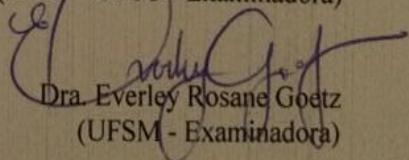

Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)

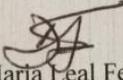

Dr. Mauro Luis Vieira
(PPGP - UFSC - Orientador)

Dr. Daniel Paquette
(Universidade de Montreal – CA - Co-orientador)


Dra. Maria Aparecida Crepaldi
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(PPGP - UFSC - Examinadora)


Dra. Everley Rosane Goetz
(UFSC - Examinadora)



Dra. Deise Maria Leal Fernandes Mendes
(UERJ – Examinadora)

Dra. Daniela Ribeiro Schneider
(UFSC – Suplente)

Dra. Rosana Suemi Tokumaru
(UFES – Suplente)

Dedico esse trabalho a todos os interessados na temática do relacionamento familiar e do desenvolvimento infantil. Que possa ser útil para despertar ainda mais o interesse e a curiosidade sobre as questões parentais e conduza a variadas e maiores pesquisas envolvendo a participação paterna.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha mãe e ao meu pai que investiram diversos tipos de recursos e cuidados diretos e indiretos na minha criação, desenvolvimento e formação. À eles que desejaram junto comigo essa grande conquista e que me proporcionaram condições para concretizar mais essa etapa. Eles que foram o suporte necessário, que estiveram presentes em todos os momentos, de alegrias e de dificuldades. Dedico agora essa conquista e alegria.

Agradeço também à toda minha família estendida, avós, tios, primos que, de alguma forma e, em algum momento, compartilharam comigo essa trajetória.

A minha gratidão aos meus relacionamentos pessoais, à rede de apoio social, de dentro e de fora da Universidade. Amigos, colegas, professores, pesquisadores, enfim, pessoas da comunidade científica com quem tive contatos, sejam eles pessoalmente ou por meio das leituras e, também aquelas pessoas externas ao meio acadêmico, que da mesma forma, se fizeram presentes e me ajudaram em todos os momentos.

Aos amigos e colegas do grupo de pesquisa, que por meio da união de forças, saberes e experiências fizeram com que esse projeto chegasse ao fim e, com quem surgiram algumas publicações e ainda surgirão outras. Obrigada pelo apoio e parceria.

Referente ao grupo de pesquisa, meu agradecimento em especial vai para as colegas que tornaram-se amigas e confidentes, Lauren Beltrão Gomes, Simone Dill Azeredo Bolze e Beatriz Schmidt. À Lauren minha companheira desde o mestrado, que sempre me apoiou, discutiu e refletiu comigo assuntos relacionados à pesquisa e com quem tive a oportunidade de dividir as descobertas e os momentos do doutorado sanduíche. À Simone pela sua concentração e organização, pelas discussões a respeito do projeto e pela parceria nos sonhos e objetivos, incluindo também o estágio no exterior. À Beatriz, pela parceria, dedicação e troca de conhecimentos.

Ao grupo de colegas e amigos dos laboratórios NEPeDI e LABSFAC, em especial às minhas amigas Rovana Kinas Bueno e Carolina Duarte de Souza.

Aos colegas de doutorado da UFSC pelas trocas de saberes, alegrias e conquistas e também por estarem presentes nos momentos de angústias e dificuldades, em especial minhas amigas Mariana Lopez e Taís Evangelho Zavarese.

Aos colegas de doutorado de outras instituições, os quais encontrei e mantive contatos durante esse período e com quem também foram realizadas trocas de saberes e de experiências.

Às bolsistas de iniciação científica, na época, ligadas ao projeto que tanto nos ajudaram e contribuíram com as trocas de saberes, Liziara Portella, Mariana Backes e Fernanda Martins.

Um agradecimento especial para o meu orientador, o professor Mauro Luís Vieira que me proporcionou a oportunidade e todas as condições para realizar essa pesquisa, que com competência, sabedoria e suporte me permitiu construir e avançar, tanto ao nível de conhecimentos científicos e profissionais, quanto no plano pessoal. Ao professor a quem tenho eternos respeito e admiração, que me direciona um modelo a ser seguido e alcançado no futuro.

À professora Cida (Maria Aparecida Crepaldi), coordenadora do projeto maior aqui no Brasil, por ter aceitado minha inserção no projeto e no seu laboratório de pesquisa e ter me proporcionado o contato com os professores do exterior e também com uma realidade de pesquisa provinda de um contexto diferente do nosso. À essa professora que com extrema competência e sensibilidade se tornou também referência a ser seguida.

Meu muito obrigada também à banca dessa tese, primeiro por terem sido referências bibliográficas importantes nesse trabalho e por terem aceitado contribuir por meio de seus conhecimentos e experiências. Às professoras Deise Maria Fernandes Mendes e Everley Rosane Goetz por terem aceitado o convite e terem vindo de longe para fornecer suas importantes contribuições e impressões a respeito da presente pesquisa. À professora Deise, pela sua receptividade e atenção e à Everley por ter me permitido estabelecer com ela um contato e trocas mais diretas, incluindo agora as parcerias nas publicações.

Às professoras internas ao Programa e, que por esse motivo, acompanharam todo o processo mais de perto, estando sempre presentes para me acolher, esclarecer dúvidas e fornecer orientações mais diretas. À professora Maria Aparecida Crepaldi pelo seu conhecimento e contribuição para o tema, que me acompanhou desde o início dessa pesquisa, desde a sua concepção, qualificação e agora se faz presente no momento final. À dedicada professora Carmem Leontina O. Ocampo Moré, que com sua atenção, interesse e sensibilidade sempre se demonstrou receptiva a mim e à minha pesquisa. Que me forneceu informações, indicou bibliografias e me forneceu subsídios para a realização das análises qualitativas dessa pesquisa.

Aos professores do exterior, Daniel Paquette e Marc Bigras, por sua recepção e colaboração com essa pesquisa. Ao professor Daniel, meu coorientador, que me forneceu subsídios teóricos e de análises, importantes para pesquisar sobre o pai. Ao professor Marc pela atenção dispensada aos meus resultados e proposições teóricas.

À professora Ana Maria Faraco, colaboradora do NEPeDI, pelas suas valiosas discussões e contribuições para a tese.

Às escolas e famílias participantes do projeto, que aceitaram nos receber em suas casas e permitiram que essa pesquisa fosse concretizada.

Ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina, seus professores e funcionários, em especial às funcionárias Jacinta Vivien Gomes e Léia Cetano Lima Leal pela sua competência com relação aos trâmites burocráticos de todo o doutorado.

Ao CNPq pelo suporte e apoio financeiro que propiciou a dedicação exclusiva para a pesquisa e ao doutorado como um todo, bem como as participações em eventos científicos para trocas de conhecimentos e de divulgação das nossas pesquisas e descobertas.

À CAPES pela oportunidade e pelo financiamento do estágio no exterior, que foi muito importante para a conclusão desse trabalho.

BOSSARDI, C. N. Envolvimento e interações paternas com filhos de 4 a 6 anos: relações com os sistemas parental e conjugal. 368 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RESUMO

O sistema familiar é composto pelos subsistemas conjugal e parental. As relações estabelecidas entre seus membros estão interligadas de modo que as funções paternas e maternas serão influenciadas pela relação marital. O presente projeto teve como objetivo investigar como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos de 4 a 6 anos. O envolvimento paterno é compreendido como fenômeno multideterminado e por isso foi investigado por meio de uma abordagem multimetodológica direta e indireta. O envolvimento e a interação dos pais com as crianças e o relacionamento conjugal foram acessados por instrumentos de medida, entrevistas e observações. Da mesma forma, a relação entre essas variáveis se deu de uma forma multidimensional, incluindo variáveis determinantes do envolvimento paterno (características pessoais, da família e do meio social). A coleta de dados ocorreu em duas etapas. Na primeira participaram 150 famílias biparentais com filhos de 4 a 6 anos que responderam aos questionários: Sociodemográfico, Engajamento Parental, Qualidade do Relacionamento Conjugal e Floreal. Na segunda etapa, doze famílias foram contatadas para a aplicação da entrevista e a realização de episódios de observação de interações diádicas e triádicas. As análises ocorreram por meio do tratamento estatístico (SPSS) e pela análise de Conteúdo com o auxílio do programa Atlas ti. Os resultados apontaram relações importantes entre os aspectos positivos do relacionamento conjugal (qualidade e harmonia) e o envolvimento. Além disso, outras variáveis podem ser consideradas determinantes do envolvimento paterno total e em termos específicos. O envolvimento e a interação da mãe exerceram influências no envolvimento e na interação do pai, em alguns casos, como cuidados básicos, tarefas de casa, jogos físicos e afeto positivo. Foram reveladas também características específicas da paternidade em relação à maternidade. Espera-se que esse estudo contribua com a literatura internacional e, principalmente com a nacional a respeito de como a qualidade no relacionamento conjugal e as variáveis pessoais, familiares e do meio social podem aumentar o envolvimento e a interação do pai com os filhos.

Palavras-chave: Envolvimento paterno. Envolvimento parental. Interação pais-criança. Relações pai-mãe-criança. Relacionamento conjugal. Harmonia conjugal. Família biparental.

BOSSARDI, C. N. Father involvement and interactions with children 4-6 years: relations between parental and marital system. 368 pg. Thesis (PhD in Psychology) – Psychology Postgraduate Program, Federal University of Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

ABSTRACT

The family system is composed by marital and parental subsystems. The relations between their members are interconnected so that the paternal and maternal functions will be influenced by the marital relationship. This project aimed to investigate how marital relationship and maternal behavior affect the father involvement and interaction with children 4-6 years. Paternal involvement is understood a multidimensional phenomenon and so was investigated through direct and indirect multimethodological approach. The father involvement and interaction with children and the marital relationship were accessed by measuring instruments, interviews and observations. Similarly, the relationship between these variables occurred in a multidimensional way, including determinant variables of father involvement (personal, family and social characteristics). Data collection occurred in two steps. At the first, 150 biparental families with children 4-6 years old completed the questionnaire: Sociodemographic, Parental Engagement, Quality of Marriage and Floreal. In the second step, twelve families were interviewed and observed. Periods of dyadic and triadic interactions were conducted. The analyzes were made through statistical and qualitative analysis with the support of the Statistical Program for Social Sciences (SPSS) and the Atlas ti program. The results showed significant relationships between positive aspects of the marital relationship (quality and harmony) and father involvement. In addition, other variables may be considered as determinants of the total and specific paternal involvement. Mother involvement and interaction had influenced the father involvement and interaction, in some cases as basic care, household chores, physical play and positive affect. It was also revealed special characteristics of paternity in relation to maternity. It is expected that this study contributes to the literature, especially with the national literature, regarding how quality in the marital relationship and personal, family and social variables can increase the paternal involvement and interaction with their children.

Keywords: Father involvement. Parental involvement. Father-child interaction. Father-mother-child relations. Marital relationship. Marital harmony. Biparental family.

BOSSARDI, C. N. Engagement et interactions paternels avec des enfants de 4 à 6 ans: des relations avec des systèmes parental et conjugale. 368 f. Thèse (Doctorat en Psychologie) – Programme de Pós-Graduation en Psychologie, Université Federale de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RÉSUMÉ

Le système familial est composé de sous-systèmes conjugal et parental. Les relations entre ses membres sont interconnectées de sorte que les fonctions du père et de la mère seront influencées par la relation conjugale. Ce projet a visé étudier comment la relation conjugale et le comportement de la mère interfèrent dans l'engagement et l'interaction du père avec les enfants de 4-6 ans. L'engagement du père est entendu comme un phénomène multidimensionnel et, par conséquent, a été étudié par une approche multimethodological directe et indirecte. L'engagement et l'interaction des parents avec des enfants et la relation conjugale ont été évalués par des instruments de mesure, des entretiens et des observations. Pour cette raison, la relation parmi des variables a été produite de façon multidimensionnelle, avec les variables déterminantes de l'engagement du père (caractéristiques personnelles, familiales et sociales). La collecte des données a eu lieu en deux étapes. Les 150 premières familles avec des enfants de 4-6 ans ont rempli les questionnaires: Sociodémographique, de l'engagement paternel, de la qualité du mariage et le Floreal. Dans la deuxième étape, douze familles ont été contactées pour l'application de l'interview et la réalisation des épisodes d'observation des interactions dyadiques et triadiques. Les analyses ont été effectuées par des analyses statistiques (SPSS) et des analyses de contenu avec l'aide de l'Atlas ti programme. Les résultats ont montré des relations significatives entre les aspects positifs de la relation conjugale (de qualité et l'harmonie) et l'engagement du père. De plus, d'autres variables peuvent être considérées comme déterminants du engagement totale et en termes spécifiques. L'engagement et l'interaction de la mère ont influencé l'engagement et l'interaction du père, dans certains cas, comme les soins de base, les tâches ménagères, les jeux physiques et l'affect positif. Il a été révélées des caractéristiques spécifiques de la paternité par rapport à la maternité. On espère que cette étude puisse contribuer avec la littérature et, en particulier, avec les données nationales, en informant sur la façon dont la qualité de la relation conjugale et des variables personnelles, de la famille et du réseau social peut augmenter l'engagement et l'interaction du père avec les enfants.

Mots-clés: Engagement du père. Engagement des parents. Interaction père-enfant. Relations père-mère-enfant. Relation conjugale. Harmonie conjugale. Biparental famille.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Representação esquemática do modelo teórico utilizado na tese.....	105
Figura 2 - Representação esquemática das premissas que nortearam as hipóteses e os modelos de análise.....	106
Figura 3 - Representação esquemática do aprofundamento das premissas que nortearam as hipóteses e os modelos de análise.....	107
Figura 4 - Representação esquemática da inserção da tese no campo do conhecimento a partir das premissas.....	109
Figura 5 - Modelo das relações entre as variáveis.....	137
Figura 6 - Efeito mediador do envolvimento materno total na relação entre harmonia conjugal e envolvimento paternos.....	184
Figura 7 - Efeito mediador do suporte emocional materno na relação entre harmonia conjugal e suporte emocional paternos.....	184
Figura 8 - Efeito mediador do envolvimento materno total na relação entre evitação e envolvimento paternos.....	185
Figura 9 - Efeito mediador dos cuidados básicos materno na relação entre evitação e cuidados básicos paternos.....	186
Figura 10 - Efeito mediador dos jogos físicos materno na relação entre evitação e jogos físicos paternos.....	186
Figura 11 - Frequências dos comportamentos verbais e não verbais do pai nas situações diádica e triádica.....	203
Figura 12 - Frequências dos comportamentos paterno e materno na situação triádica.....	203
Figura 13 - Frequência do comportamento parental total com a criança.....	204
Figura 14 - Frequência do comportamento parental por sexo da criança.....	205
Figura 15 - Interação paterna entre os contextos diádico e triádico.....	206
Figura 16 - Interação da criança nas situações diádica e triádica.....	210
Figura 17 - Instrução do pai e afeto da mãe na triádica.....	216
Figura 18 - Interação da criança com o pai.....	217
Figura 19 - Instrução da mãe na triádica.....	217
Figura 20 - Interação do pai na diádica e na triádica.....	217
Figura 21 - Representação dos determinantes do envolvimento paterno analisados nesse estudo.....	299
Figura 22 - Representação dos resultados dos determinantes do envolvimento paterno total.....	300

Figura 23 - Representação dos resultados dos determinantes do suporte emocional do pai.....	301
Figura 24 -Representação dos resultados dos determinantes dos jogos físicos do pai.....	301
Figura 25 - Representação dos resultados dos determinantes dos cuidados básicos do pai.....	302
Figura 26 - Representação dos resultados dos determinantes das tarefas de casa do pai.....	302

LISTA DE TABELAS E QUADROS

Tabela 1 - Composição Familiar.....	144
Tabela 2 - Idade, escolaridade e renda dos pais e mães.....	145
Tabela 3 - Correlações entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis: envolvimento parental, relacionamento conjugal e personalidades dominante e colaborativa.....	146
Tabela 4 - Escolaridade dos pais por faixas.....	149
Tabela 5 - Jornada de Trabalho.....	152
Tabela 6 - Idade das crianças por faixas.....	154
Tabela 7 - Período que a criança frequenta a escola.....	155
Tabela 8 - Renda familiar.....	156
Tabela 9 - Média e desvio padrão do envolvimento parental.....	157
Tabela 10 - Especificidades do envolvimento parental.....	157
Tabela 11 - Porcentagem de cuidados parentais.....	158
Tabela 12 - Correlações entre o envolvimento paterno e o envolvimento materno.....	159
Tabela 13 - Média e desvio padrão da qualidade do relacionamento conjugal.....	161
Tabela 14 - Diferenças de média do relacionamento conjugal entre pai e mãe.....	161
Tabela 15 - Respostas de pai e mãe referente à questão: Levando em conta as vantagens e inconvenientes que você percebe na sua relação de casal e considerando tudo que você recebe e dá ao seu/sua companheiro(a), você diria que.....	162
Tabela 16 - Respostas de pai e mãe referente à questão: No futuro, você acredita que esta situação vai mudar.....	163
Tabela 17 - Correlações de Pearson entre envolvimento parental e relacionamento conjugal (Floreal e QRC)	164
Tabela 18 - Correlações entre dimensões do relacionamento conjugal (Floreal e QRC)	166
Tabela 19 - Médias e desvio padrão da personalidade dos pais.....	167
Tabela 20 - Correlações entre envolvimento parental e personalidade de pai e mãe.....	167
Tabela 21 - Correlações entre relacionamento conjugal (Floreal e QRC) e personalidade de pai e mãe.....	168
Tabela 22 - Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – QRC.....	170
Tabela 23 - Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – Harmonia.....	172

Tabela 24 - Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – Evitação.....	173
Tabela 25 - Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – Reciprocidade Negativa.....	174
Tabela 26 - Comparativo entre os modelos preditivos do SE paterno e o modelo para o SE materno.....	177
Tabela 27 - Comparativo entre os modelos preditivos do CB paterno e o modelo para o CB materno.....	178
Tabela 28 - Comparativo entre os modelos preditivos dos JF paterno e o modelo para os JF materno.....	180
Tabela 29 - Comparativo entre os modelos preditivos da TC paterna e o modelo para a TC materna.....	181
Tabela 30 - Contribuição das variáveis envolvimento e harmonia maternos para explicar o envolvimento do pai.....	188
Tabela 31 - Contribuição das variáveis envolvimento e reciprocidade negativa maternos para explicar o envolvimento do pai.....	190
Tabela 32 - Médias e desvio padrão do envolvimento parental.....	198
Tabela 33 - Especificidades do envolvimento parental.....	199
Tabela 34 - Médias e desvio padrão do Relacionamento conjugal.....	200
Tabela 35 - Médias e desvio padrão da personalidade dos pais.....	201
Tabela 36 - Frequências dos comportamentos parentais nas diferentes situações.....	202
Tabela 37 - Frequências das categorias parentais - aspectos verbal e não verbal juntos.....	204
Tabela 38 - Interação geral e não interação de pai e de mãe com a criança por contextos diádico e triádico.....	206
Tabela 39 - Interação geral e não interação de pai e de mãe com a criança por contextos diádico e triádico.....	207
Tabela 40 - Comparações das interações parentais em diferentes grupos.....	207
Tabela 41 - Frequências de comportamentos da criança.....	209
Tabela 42 - Médias da interação da criança nas situações diádica e triádica.....	209
Tabela 43 - Correlações da interação da criança com as categorias parentais na situação triádica.....	211
Tabela 44 - Correlações envolvendo as interações paternas (diádicas e triádicas) e o envolvimento parental.....	213
Tabela 45 - Extratos retirados das falas ou situações das interações.....	214
Tabela 46 - Síntese dos resultados obtidos nas 12 famílias.....	255

Quadro1 - Categoria 1 referente aos sentimentos sobre a paternidade/maternidade.....	219
Quadro 2 - Categoria 2 referente à participação de pai e mãe nas atividades familiares.....	223
Quadro 3 - Categoria 3 referente aos fatores interferem na participação paterna/materna.....	227
Quadro 4 - Categoria 4 referente à influência do pai ou da mãe na participação paterna ou materna.....	232
Quadro 5 - Categoria 5 referente à percepção da opinião do cônjuge a respeito do pai ou da mãe no desempenho de suas funções.....	236
Quadro 6 - Categoria 6 referente à opinião a respeito do cônjuge no seu papel de pai ou de mãe.....	238
Quadro 7 - Categoria 7 referente à influência do relacionamento conjugal na relação parental.....	241
Quadro 8 - Categoria 8 atividades em que um dos pais participa mais em comparação ao outro.....	244
Quadro 9 - Categoria 9 referente às atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham.....	248
Quadro 10 - Categoria 10 referente às atividades que pai e mãe gostariam de realizar com o filho.....	250

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BVS-Psi – Biblioteca Virtual em Saúde
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNPq - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
HI – Hipótese 1
H2 – Hipótese 2
H3 – Hipótese 3
H4 – Hipótese 4
H5 – Hipótese 5
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
LABSFAC – Laboratório de Psicologia da Saúde, Família e Comunidade
NEPeDI – Núcleo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento Infantil
PE – Psicologia Evolucionista
PDE – Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista
QEP – Questionário de Envolvimento Paterno
SE – Suporte Emocional
AM – Abertura ao Mundo
CB – Cuidados Básicos
JF – Jogos Físicos
E - Evocações
D – Disciplina
TC – Tarefas de Casa
QRC – Qualidade do Relacionamento Conjugal
FLOREAL – Questionário sobre o relacionamento conjugal e personalidade
VD – Variável Dependente
VI – Variável Indetendente
UQÀM – Universidade do Québec à Montréal
UdeM – Univerisidade de Montreal
UFSC- Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	25
1.1 OBJETIVOS.....	31
1.1.1 Objetivo Geral	31
1.1.2 Objetivos Específicos	31
2 HIPÓTESES	33
3 REVISÃO DE LITERATURA	39
3.1 PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA (PE)	40
3.2 TEORIA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER.....	44
3.3 SISTEMA FAMILIAR	49
3.4 PARENTALIDADE, PATERNIDADE E COPARENTALIDADE.....	54
3.5 INVESTIMENTO PARENTAL	60
3.6 ENVOLVIMENTO E ENGAJAMENTO PARENTAL	68
3.7 INTERAÇÃO PAIS-CRIANÇAS E ESTUDOS OBSERVACIONAIS.....	73
3.8 CONJUGALIDADE, RELACIONAMENTO CONJUGAL E SUA RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE.....	82
3.9 DETERMINANTES DO ENVOLVIMENTO PATERNO	93
3.10 APRESENTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO MODELO TEÓRICO UTILIZADO NA TESE, SEUS DESDOBRAMENTOS E SUA INSERÇÃO NO CAMPO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO	103
4 MÉTODO	111
4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA	113
4.2 CONTEXTOS.....	113
4.3 PARTICIPANTES	114
4.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.....	115
4.5 PROCEDIMENTOS DE PREPARAÇÃO PARA COLETA DE DADOS	122
4.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS	125
4.7 ANÁLISE DE DADOS	128
4.8 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	140

5 RESULTADOS.....	143
5.1 ESTUDO 1: RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS - ANÁLISE GLOBAL (150 FAMÍLIAS).....	143
5.2. ESTUDO 2. APROFUNDAMENTO DOS RESULTADOS GLOBAIS: ESTUDO COM 12 FAMÍLIAS.....	196
5.3 ESTUDO 2. RESULTADOS DAS ANÁLISES QUALITATIVAS (ENTREVISTAS E VÍDEOS).....	213
5.4 ESTUDO 2. CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DAS 12 FAMÍLIAS	255
6 DISCUSSÃO.....	267
6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA.....	268
6.2 ENVOLVIMENTO E INTERAÇÕES PARENTAIS	272
6.3 RELACIONAMENTO CONJUGAL, INTERAÇÃO PAI-MÃE E SUA RELAÇÃO COM O ENVOLVIMENTO E INTERAÇÃO PATERNOS.....	276
6.4 DETERMINANTES DO ENVOLVIMENTO PATERNO	280
6.5 ESPECIFICIDADES PATERNAS E MATERNAS	290
6.6 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ENVOLVIMENTO PATERNO.....	297
6.7 HIPÓTESES CONFIRMADAS OU REFUTADAS	306
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	309
7. 1 LIMITAÇÕES DESSE ESTUDO E INDICAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS.....	311
ANEXOS.....	337
APÊNDICES	345

APRESENTAÇÃO

Pode-se dizer que essa pesquisa teve origem, inicialmente, em um interesse a respeito da temática do desenvolvimento infantil. Desde a graduação participei de pesquisas e de grupos de pesquisas enfocando a criança e sua relação com a família e a escola. A entrada no mestrado demarcou o envolvimento com os temas sobre família, mais especificamente, a parentalidade. Foi a partir da pesquisa de mestrado que ocorreu a sua inserção no projeto maior, coordenado pela professora Maria Aparecida Crepaldi, realizado em convênio com duas universidades do exterior, na cidade de Montréal, no Canadá.

As leituras a respeito desse projeto maior serviram para demarcar as variáveis de estudo no mestrado, com enfoque especial para a paternidade, que era o interesse do grupo, especialmente do professor Mauro Luís Vieira.

A minha pesquisa de Mestrado foi realizada com 50 famílias biparentais e teve como objetivo investigar as características do engajamento parental e sua relação com variáveis sociodemográficas e o relacionamento conjugal no investimento com filhos de 4 a 6 anos. O projeto de doutorado derivou dessa pesquisa que, a partir dos resultados encontrados, das limitações, da revisão teórica e das indicações de novas pesquisas, optou por aprofundar, com uma amostra maior e com a utilização de mais instrumentos e técnicas, a temática da relação entre os sistemas parental e conjugal, além de intensificar a investigação sobre o envolvimento e interação dos pais com as crianças.

Os resultados encontrados (Bossardi, 2011) apontaram que pais e mães diferem em termos de envolvimento no cuidado, sendo que a mãe se engaja significativamente mais que o pai ao nível geral e em dimensões específicas. O pai obteve média maior do que a mãe somente em jogos físicos, mas sem diferenças estatisticamente significativas. Nesta pesquisa, o engajamento paterno parece estar correlacionado ao engajamento materno e à qualidade do relacionamento conjugal percebida pelo pai, ou seja, o engajamento do pai parece aumentar conforme o engajamento materno e a sua satisfação com a relação conjugal.

Assim, a partir de tais reflexões e resultados, se deram os encaminhamentos para um maior aprofundamento do tema durante a pesquisa de doutorado. Os interesses, curiosidades, reflexões e motivações para pesquisar e poder contribuir com o conhecimento

científico, de uma forma mais integrada, completa e especializada foram surgindo e, hoje completa-se um ciclo importante na minha trajetória.

Durante a realização do doutorado foi possível um contato mais direto com o contexto de origem do projeto maior e com os principais responsáveis pela criação ou organização de alguns dos instrumentos utilizados nessa pesquisa. Por meio de um período de um ano de estágio no exterior, a possibilidade do doutorado sanduíche, proporcionou a aquisição de experiências, fundamentações teóricas e de uma exploração maior dos instrumentos e formas de análise.

O coorientador dessa tese, o professor Daniel Paquette, forneceu importantes contribuições teóricas ao estudo da paternidade e em questões de análises de dados, principalmente no que se refere aos dados observacionais.

Espera-se que essa pesquisa possa contribuir de modo significativo para o avanço do conhecimento científico na área, em especial a respeito da paternidade. Além disso, que possa sugerir intervenções direcionadas à prática, proporcionando a promoção do bem-estar e de saúde e criando interações familiares saudáveis e de qualidade.

1. INTRODUÇÃO

O sistema familiar tem sido enfatizado como importante perspectiva de estudos na área de desenvolvimento humano. A família proporciona além da socialização, a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus membros (Cano & Moré, 2008; Dessen & Polonia, 2007). Tem influência sobre o comportamento das crianças e é fundamental para desencadear processos evolutivos (Kreppner, 2000). O relacionamento estabelecido entre seus membros tem implicações para o desenvolvimento. As relações conjugais estabelecidas entre homem e mulher que constituem uma família, interligam-se com as relações parentais que compreendem os papéis paternos e maternos (Wagner, Tronco, & Armani, 2011).

Com interesse na parentalidade, pesquisas apontam fatores determinantes para um maior ou menor envolvimento dos pais com os filhos¹, dentre eles a relação conjugal (Falceto, Fernandes, Baratojo, & Giugliani, 2008; Feldman, 2000; Lamb, 1997; Pettit, Keiley, Laird, Bates, & Dodge, 2007; Pleck, 1997; Saraff, & Srivastava, 2009; Schoppe-Sullivan, Brown, Cannon, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008; Silva & Piccinini, 2007; Souza & Benetti, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009). Resultados teóricos e empíricos afirmam existir uma associação positiva entre a qualidade na relação marital e a forma como os pais interagem com seus filhos (Barnett, 2008; Bigras & Paquette, 2000; Stroud, Durbin, Wilson, & Mendelsohn, 2011). Esse estudo se interessa por essa relação e pretende responder como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos.

Estudos envolvendo famílias devem, dentre outros aspectos, considerar o contexto histórico e cultural (Dessen, 2000). As transformações econômicas e sociais têm alterado a estrutura, os papéis e as funções de seus membros. Tanto no cenário nacional quanto no internacional, as mudanças ocasionadas pelo incremento da participação feminina no mercado de trabalho têm alterado o modelo tradicional de pai que, como provedor, sai para trabalhar, enquanto a mulher dedica-se ao cuidado com o lar e com os filhos. Uma maior participação paterna no cuidado com os filhos tem sido evidenciada e abre espaço para pesquisas futuras, principalmente a respeito dos determinantes desse envolvimento.

¹ A palavra filhos no plural abrange tanto os meninos como as meninas. Quando se tratar especificamente dos filhos do sexo masculino, isso será indicado no texto.

Assim como as atitudes dos pais², as das mães também têm mudado no decorrer dos anos, face às mudanças econômicas e nas configurações familiares (Gauthier, Smeeding, & Furstenberg, 2004; Jablonski, 2010; Saraff & Srivastava, 2009; Mendonça, Cossette, Strayer, & Gravel, 2011; Wagner, Pedrebon, Mosmann, & Versa, 2005).

Diversas configurações estão sendo delineadas, como por exemplo, famílias divorciadas, recasadas, adotivas, monoparentais, chefiadas por homens ou mulheres, produções independentes, casais homoafetivos, dentre outras. Essas alterações terão influência no comportamento parental (Dessen, 2000; Jablonski, 2010). Nesse estudo, serão consideradas as famílias biparentais, constituídas pelos cônjuges, pai e mãe de crianças de quatro a seis anos de idade. A biparentalidade vem sendo investigada, pois se trata de um importante contexto revelador de dados sobre o sistema familiar, onde coexistem as relações parentais e conjugais.

O casal (conjugal e parental) configura um sistema social responsável pela transmissão de valores, crenças e ideias aos filhos. A parentalidade inclui ainda, fornecer proteção e bem-estar às crianças que dependem desta interação para se desenvolverem (Féres-Carneiro, Ponciano, & Magalhães, 2007). Um novo perfil de mãe e também de pai é apontado dentro do contexto familiar e é um desafio da atualidade configurar as relações familiares, ou seja, as interações de pai e de mãe com os filhos e com eles próprios (Chen, 2013; Jablonski, 2010; Know, Han, Jeon, & Bingham, 2013; Wagner et al., 2005).

Nesse sentido, o sistema parental é estudado, com o objetivo de conhecer a relação dos pais com os filhos. O envolvimento parental vem sendo abordado para caracterizar tanto o materno, quanto o paterno e também para relacioná-lo com outras variáveis como as características sociodemográficas dos pais (idade, escolaridade, jornada de trabalho e renda), características da criança (temperamento, idade e sexo) e as características da família (relacionamento conjugal) (Saraff & Srivastava, 2009; Simões, Leal, & Maroco, 2010; Souza & Benetti, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009).

O interesse está em configurar o envolvimento parental frente às transformações socioeconômicas e identificar como as tarefas estão sendo realizadas por cada progenitor. O estudo da interação pais/mães-criança no desenvolvimento social e afetivo infantil tem sido objeto de interesse durante anos. As interações da criança com o mundo adulto

² A palavra pais no plural será usada para referir-se aos homens. Quando tratar-se das mães também, elas serão indicadas no texto.

geralmente são investigadas tendo em vista a díade mãe-bebê e, as teorias que dela tratam, referem a contribuição da mãe para o cuidado e também para o suporte emocional dos filhos. Da mesma forma, hoje em dia, acredita-se na importância do papel paterno, ou seja, que ambos, pai e mãe contribuem para um desenvolvimento saudável da criança. Mesmo que cada um possua papéis diferenciados, esses são indispensáveis e complementares (Bandeira, 2009; Mendonça et al., 2011; Paquette, 2004; Wendland, 2001).

O estudo da interação tem sido realizado, na maioria dos casos, por meio da metodologia observacional. A observação envolve de modo sistemático e planejado, a investigação da interação. O envolvimento tem sido acessado quanti ou qualitativamente em termos de acessibilidade (presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles), interação (engajamento ou contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer) e responsabilidade (papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança como levar o filho ao médico ou participar de reuniões na escola), definidos por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985).

Uma pesquisa nas bases de dados online apontou que ainda hoje, o número de produção sobre a relação mãe-filho supera os estudos sobre pai-filho (Borsa & Nunes, 2011). Novos estudos são sugeridos para possibilitar compreender a relevância das mudanças nas relações parentais e o impacto delas para a família e para a sociedade (Borsa & Nunes, 2011). Espera-se que esse estudo possa contribuir com o tema no sentido de aumentar o conhecimento acerca do funcionamento das famílias, bem como da participação efetiva do pai neste contexto. Pretende-se caracterizar como está ocorrendo o envolvimento paterno (em termos quantitativos), mas também busca-se explorar o fenômeno com a utilização de técnicas qualitativas.

O sistema parental foi acessado por meio do envolvimento e da interação dos pais com os filhos. O envolvimento foi medido por meio de atividades ou tarefas que os pais dizem realizar com os filhos, conforme dimensões específicas de cuidado direto e indireto. A interação é entendida como um tipo de envolvimento e se refere à participação efetiva dos pais na realização das tarefas, identificada por meio da observação direta da relação pai-criança. A utilização do envolvimento e da interação permite identificar a participação paterna de um modo mais completo, tendo em vista que nem sempre o que é dito é feito pelos pais. A integração dos dados resultantes da medida do envolvimento com os dados observacionais permite avaliar o que o pai diz realizar e como

interage com a criança (Kobarg & Vieira, 2008; Lordelo, Fonseca, & Araújo, 2000).

O envolvimento paterno tem sido caracterizado como um construto complexo, multidimensional e multideterminado (Dubeau, Devault & Paquette, 2009; Menéndez, Hidalgo, & Moreno, 2011; Simões et al., 2010). Por esse motivo, é importante considerar o uso de instrumentos quantitativos e qualitativos na investigação do fenômeno. No Brasil, é necessário intensificar pesquisas com o pai, utilizando instrumentos respondidos por ele, além de incluir pesquisas quantitativas relacionadas às qualitativas com objetivo de fazer uma caracterização geral e, em seguida, aprofundar os dados por meio de informações obtidas por entrevistas. Também há a necessidade de pesquisas que permitam aliar o material referido à prática, o que se torna possível pela observação direta do comportamento.

A presente pesquisa pretende contemplar tais aspirações e identificar como o relacionamento conjugal se relaciona com o envolvimento parental. Pelo fato de o funcionamento parental ser multideterminado, o relacionamento conjugal relaciona-se com o envolvimento de pais e mães no cuidado com os filhos. Relações conjugais satisfatórias favorecem relações parentais de boa qualidade, enquanto que relações conflituosas levam a ambos os pais a serem menos atenciosos e sensíveis às crianças (Dessen & Braz, 2005; Silva & Picininni, 2007; Wagner et al., 2005).

O casal que possui um relacionamento satisfatório tem maiores condições, apoio e motivações para investir e cuidar de sua criança. Em contrapartida, a vivência de um conflito conjugal pode interferir negativamente na relação entre os cônjuges e, conseqüentemente, na relação pai-filho e mãe-filho (Bigras & Paquette, 2000; Féres-Carneiro, 2003). Resultados de pesquisas mostram que, principalmente os homens, tendem a ser mais envolvidos em várias áreas da vida dos filhos se a relação com a mãe da criança é harmoniosa e satisfatória (Turcotte & Gaudet, 2009; Monteiro et al., 2010; Simões et al., 2010).

Propõe-se aliar as discussões encontradas na literatura a respeito da relação dos sistemas parental e conjugal com a pesquisa de mestrado realizada pela pesquisadora com 50 famílias biparentais de crianças de quatro a seis anos (Bossardi, 2011). A referida pesquisa apontou que o envolvimento paterno parece estar correlacionado com a qualidade do relacionamento conjugal percebida pelo pai. Dessa forma, pretende-se realizar um aprofundamento dessa pesquisa e busca-se contribuir com a literatura especializada, no sentido de aprofundar a temática por meio de uma abordagem multimetodológica do fenômeno.

A compreensão do relacionamento entre as variáveis parentais e conjugais com a utilização de diferentes instrumentos e análise de dados, acrescentará importantes resultados nacionais sobre a temática. A realização desse estudo justifica-se também pela relevância de contemplar estudos envolvendo observações diretas de interações diádicas (pai e criança) e triádicas (pai, mãe e criança), já que são escassas as pesquisas que consideram as díades numa perspectiva sistêmica, em que a relação de um genitor com a criança sofre influência do outro genitor. Também são escassas as pesquisas que investigam a interação do pai com crianças maiores (Mendonça et al., 2011).

A esse respeito, o trabalho tem como foco crianças na idade de quatro a seis anos. Conforme estabelecido na literatura, a idade das crianças pode ser um dos fatores determinantes do envolvimento parental. Pelo próprio estágio evolutivo e de ciclo de vida, crianças menores demandam maior atenção e cuidados diretos dos pais, enquanto que as maiores adquirem certa autonomia e começam a estabelecer outras relações sociais, além da família. Nesta pesquisa, será levada em consideração a idade das crianças, visto que dentro desse período, as demandas por intervenções diretas podem ir se modificando, as crianças passam a frequentar a pré-escola e, portanto, a estabelecer relações com os pares e professores. As práticas parentais tendem a se modificar na medida em que as crianças crescem, de acordo com as habilidades e necessidades infantis (Marin, Piccinini, & Tudge et al., 2011).

Sobre as relações a serem estabelecidas com as variáveis desse estudo, o comportamento materno será investigado na tentativa de identificar qual é efetivamente o papel da mãe para inserir o pai nesse contexto. Segundo dados da literatura, a mãe emite comportamentos que podem inibir ou facilitar a participação e o envolvimento do pai. Essa influência materna é chamada de comportamento *gatekeeping* que é a tendência da mãe em inibir a responsabilidade e o cuidado do pai com tarefas de casa e com os filhos, por serem atribuições tradicionalmente femininas (Cannon, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, Brown, & Sokolowski, 2008; Fagan & Barnett, 2003; Gaunt, 2008; McBride et al., 2005; Monteiro, et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008). A mãe tem então considerável papel no aumento da participação paterna, podendo inibir, mas também promover a inserção do pai, encorajando-o e dando apoio para que ele interaja com a criança, o que significa possibilitar que o pai fique mais tempo sozinho com o filho e se envolva mais com o cuidado com ele (Goetz & Vieira, 2009; Monteiro et al., 2010).

A presente tese insere-se num projeto maior intitulado “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e

parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade” que está sendo realizado por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em parceria com pesquisadores da Universidade do Québec à Montreal (UQÀM) e da Universidade de Montréal (UdeM), no Canadá. O projeto maior tem como objetivo principal estabelecer um elo entre os relacionamentos conjugais e interparentais e a modulação do comportamento agressivo em crianças de quatro a seis anos de idade. A pesquisa aqui apresentada, segue critérios de escolha de participantes adotados pelo projeto maior e centra-se no envolvimento parental com foco na caracterização da participação paterna no cenário familiar. Pretende-se também identificar qual é o papel da mãe para inserir o pai neste contexto e como se dá a relação entre conjugalidade e parentalidade, levando em consideração algumas variáveis que podem atuar como determinantes do envolvimento.

Espera-se que os resultados desse estudo possam gerar discussões (na sociedade, nas escolas, na saúde, nas famílias) que atentem para a importância de se considerar o pai no contexto familiar, incentivar e promover interações e participações de qualidade entre pai-criança para assim contribuir com o desenvolvimento infantil. Dessa forma, os dados fornecerão contribuições para a clínica, para a saúde pública, para o funcionamento familiar e para o desenvolvimento infantil, já que pode ser evidenciada a importância da participação de pais e mães na vida das crianças, bem como da organização e da dinâmica familiar que podem promover o bem-estar e um relacionamento saudável entre os membros.

A comprovação das hipóteses desse estudo pode contribuir com o desenvolvimento infantil no sentido em que haverá um aumento no envolvimento parental caso seja comprovado um relacionamento com as variáveis de estudo, dentre elas, a qualidade conjugal. Intervenções para a melhoria nas relações conjugais favorecerão o compartilhamento e a negociação de tarefas, funções e responsabilidades entre os cônjuges e promoverão relações parentais saudáveis e de qualidade. A qualidade das relações parentais evidenciada pelo aumento no envolvimento levará a uma maior interação pais-crianças.

Para realização do presente estudo serão utilizadas as contribuições de duas perspectivas teóricas. De um lado a Psicologia Evolucionista que se interessa pelas predisposições biológicas e também pelas características gerais do comportamento que aparecem em diferentes contextos e compreende que o comportamento maternal e paternal humano foi selecionado no decorrer do processo de evolução e também modificado pelo contexto cultural. Por outro lado, a perspectiva Bioecológica de Bronfenbrenner que se preocupa com os atributos da

pessoa em desenvolvimento (características do indivíduo) e sua relação com fatores do contexto (desde o micro, até o macro). Enquanto que a Bioecológica proporciona uma compreensão dos aspectos de interação proximais entre a pessoa e os sistemas dos quais faz parte direta ou indiretamente, a Evolucionista entrará como pano de fundo para uma compreensão mais global do fenômeno. Dessa forma, pretende-se responder a seguinte pergunta de pesquisa: *Como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos de 4 a 6 anos?*

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo Geral

Investigar como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos de 4 a 6 anos.

1.1.2 Objetivos Específicos

- Caracterizar e relacionar o envolvimento parental com o relacionamento conjugal;
- Relacionar o envolvimento paterno com o envolvimento materno;
- Caracterizar os determinantes do envolvimento paterno e verificar sua influência na relação entre o envolvimento e o relacionamento conjugal;
- Verificar a influência da mãe no envolvimento e na interação do pai com a criança;
- Comparar a díade pai-criança durante as interações diádicas e triádicas;
- Relacionar as interações pai-criança com as interações mãe-criança;
- Caracterizar as especificidades de pai e de mãe no envolvimento e na interação com a criança;
- Relacionar o envolvimento parental com as interações (diádicas e triádicas);
- Relacionar a interação direta do pai com a criança e o relacionamento ou interação conjugal.

2 HIPÓTESES

2.1 RELAÇÃO ENTRE OS SISTEMAS PARENTAL E CONJUGAL

O envolvimento paterno com filhos e filhas será determinado, dentre outras influências, pelo relacionamento conjugal (Barnett, 2008; Bigras & Paquette, 2000; Chen, 2013; Dessen & Braz, 2005; Lindsey, Caldera, & Tankersley, 2009; Stroud et al., 2011). Nesse sentido, tanto os aspectos positivos do relacionamento conjugal quanto os negativos podem produzir resultados significativos como preditores do envolvimento paterno (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

Algumas pesquisas específicas tais como (Bossardi, 2011; Carlson, Pilkauskas, McLanahan, & Brooks-Gunn, 2011; Chen, 2013; Lee & Doherty, 2007; Schober, 2012) referem que os aspectos positivos do relacionamento como a qualidade e a satisfação, contribuem positivamente para influenciar a participação paterna, seja em termos de envolvimento quanto de interação direta. Nesse sentido, pais mais satisfeitos, harmônicos e com menos conflitos serão mais envolvidos e interagirão mais com seus filhos. Porém, um grande número de pesquisas que engloba essa interação prevê que os aspectos negativos, ou seja, conflituais do relacionamento é que irão influenciar negativamente o envolvimento do pai. Assim, na presença de um conflito ou desarmonia conjugal o envolvimento e a interação paterna com os filhos irão diminuir (Coiro & Emery, 1998; Kaczynski, Lindahl, Malik, & Laurenceau, 2006; Lindsey et al., 2009; Schwebel et al., 2012; Shin, Doh, Hong, & Kim, 2012). Com base nesses aspectos propõem-se a primeira hipótese desse estudo:

Hipótese 1 (H1): o envolvimento paterno irá se relacionar com o relacionamento conjugal.

H1.1. Aspectos positivos do relacionamento conjugal como a harmonia e a qualidade do relacionamento apresentarão uma relação positiva com o envolvimento paterno e poderão melhor explicá-lo, em comparação a aspectos negativos representados pelo conflito conjugal, tais como a evitação e a reciprocidade negativa, que apresentarão uma relação negativa com o envolvimento.

2.2 DETERMINANTES DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Com interesse na parentalidade, pesquisas apontam a existência de fatores determinantes para um maior ou menor envolvimento dos pais com os filhos, dentre eles, características sociodemográficas (idade,

escolaridade e renda), características da criança (sexo, idade, temperamento), características do ambiente social (como trabalho dos pais, crenças e valores culturais) e características da relação conjugal (Lamb, 1997; Pleck, 1997; Saraff, & Srivastava, 2009; Turcotte & Gaudet, 2009). A partir disso, elaborou-se a segunda hipótese:

Hipótese 2 (H2): O envolvimento paterno sofrerá influências de fatores como: características individuais (idade, escolaridade, personalidade) da criança (idade e sexo) e do meio social (jornada de trabalho), além do relacionamento com a esposa.

H2.1. Pais mais jovens, com mais tempo de escolaridade e com personalidade dominante apresentarão os maiores níveis de envolvimento. Do mesmo modo, maior envolvimento será evidenciado em pais de crianças com menos idade, do sexo masculino e com menores jornadas de trabalho.

H2.2. A inclusão desses fatores determinantes servirá para melhor explicar a variação do envolvimento paterno e contribuirá para a compreensão da relação existente entre o relacionamento conjugal e o envolvimento do pai. Essa relação continuará existindo apesar da inclusão de outras variáveis de influência e não sofrerá variações significativas após a inclusão dos fatores determinantes como controle.

2.3 INFLUÊNCIA MATERNA NO ENVOLVIMENTO E NA INTERAÇÃO DO PAI

Os envolvimento paterno e materno se relacionam. Conforme apontado pela literatura nacional e internacional, um dos fatores que levou o pai a participar mais das atividades e do cuidado com a criança foi o incremento da participação da mulher no mercado de trabalho. Ambos, pai e mãe passam a dividir ou compartilhar mais as tarefas dentro de casa e com os filhos, enquanto a mãe, assim como o pai, contribui com a renda e o sustento familiar (Gauthier et al., 2004; Jablonski, 2010; Mendonça et al., 2011; Perucchi & Beirão, 2007; Saraff & Srivastava, 2009; Staudt & Wagner, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009; Wagner et al., 2005). O pai será mais envolvido em atividades como tarefas de casa, cuidados básicos e suporte emocional (tarefas tradicionalmente maternas) quando o envolvimento materno for menor nesses aspectos.

A família vista como um sistema em que o comportamento de um dos membros pode afetar o comportamento dos demais membros leva a supor que o contexto de interação pai-criança será modificado em decorrência da presença da mãe (Barnett, 2008; Bronfenbrenner, 1986; Dessen, 1994; Kreppner, 2000; Lindsey et al., 2009; Mendonça et al.,

2011; Stroud et al., 2011). Com base nessas proposições, em situações diádicas a interação pai-filho é maior do que quando em situações triádicas. A participação e a presença da mãe podem inibir a interação do pai com os filhos (Gaunt, 2008; Schoppe-Sullivan, Cannon, Brown, Mangelsdorf, & Sokolowski, 2008). A interação mãe-criança será maior do que a pai-criança, em situações triádicas.

Conforme uma revisão sistemática da literatura a respeito da relação entre o envolvimento parental e o relacionamento conjugal, realizada pela autora dessa pesquisa e colegas (Bossardi, Bolze, Gomes, Schmidt, Vieira, & Crepaldi, 2015 - manuscrito submetido), essa relação não é analisada, por todos os estudos, na percepção de ambos pai e mãe. As pesquisas que fizeram essa distinção, pareceram indicar, na maioria delas, que o pai tem seu envolvimento mais modificado do que o da mãe, dependendo da sua própria percepção do relacionamento conjugal e também da percepção materna nesse aspecto (Burney & Leerkes, 2010; Kachadourian, Eiden, & Leonard, 2009; McClain & DeMaris, 2013).

Em função das particularidades e subjetividades dos indivíduos que formam o casal, parece ser importante que a qualidade conjugal possa ser acessada pela percepção dos dois cônjuges sobre seu próprio relacionamento e que seja feita essa distinção entre os efeitos nos comportamentos materno e paterno (Mosmann, Zordan, & Wagner, 2011). Diante do exposto apresenta-se a terceira hipótese desse estudo e suas derivações:

Hipótese 3 (H3): Influência materna no envolvimento paterno. Haverá um relacionamento negativo entre o envolvimento materno e o envolvimento paterno. A mãe irá inibir a participação paterna em termos gerais e em algumas dimensões específicas (suporte emocional, cuidados básicos e tarefas de casa), funções culturalmente consideradas maternas. Por outro lado, a mãe irá estimular a participação paterna em disciplina, jogos físicos e abertura ao mundo, funções mais direcionadas ao pai, o que explicitaria um relacionamento positivo entre os envolvimento materno e paterno.

H3.1. O envolvimento da mãe terá um efeito mediador na relação entre relacionamento conjugal e o envolvimento paterno, ou seja, quando inserido ao modelo de regressão, diminuirá o tamanho do efeito dessa relação.

H3.2. Ainda a respeito da influência materna: variáveis como jornada de trabalho da mãe e a percepção materna sobre o relacionamento conjugal irão prever o envolvimento do pai. Alta jornada de trabalho materna e altos índices de qualidade ou de harmonia conjugal na percepção materna irão influenciar mais e positivamente o envolvimento

paterno, em comparação aos índices de reciprocidade negativa e de evitação na percepção materna, que exercerão uma influência negativa sobre o envolvimento paterno.

H3.3 A presença e o comportamento da mãe irão influenciar a quantidade e o tipo de interações paternas com as crianças. O pai durante as interações diádicas apresentará uma maior frequência de comportamentos do que nas interações triádicas.

2.4 CARACTERÍSTICAS E ESPECIFICIDADES NAS FUNÇÕES PATERNAS E MATERNAS

No que se refere às funções parentais, percebe-se que existem especificidades nos comportamentos que pais e mães irão desempenhar. Tradicionalmente, a mãe é identificada como cuidadora primária e o pai como o provedor financeiro. Assim, os dois pais desempenhariam funções diferenciadas e em diferentes esferas do desenvolvimento. Pesquisas atuais apontam para modelos de famílias em que essas funções não estão mais tão claramente definidas e, tão pouco, vem sendo desempenhadas por somente um dos pais (Bossardi, 2011; Jablonski, 2010; Wagner et al., 2005). Dubeau, et al. (2009) sugerem que a investigação sobre as especificidades de pai e de mãe no cuidado com os filhos e no desenvolvimento dos mesmos, ainda é um campo pouco explorado. As diversas pesquisas sobre o tema marcam que as mães tendem a se envolver mais do que os pais em tarefas domésticas e de cuidado com os filhos. São necessários, portanto, novos estudos para compreender as mudanças nas relações parentais e o impacto delas para a família e para a sociedade (Borsa & Nunes, 2011). Levando em conta que as especificidades no investimento de pai e mãe são importantes para compreender as diferenças no cuidado materno e paterno e, lembrando sempre que tais diferenças irão depender de características biológicas e evolutivas em interação com o contexto cultural que irá influenciar as funções a serem desempenhadas por homem e mulher na formação de uma família (Borrione & Lordelo, 2005; Geary & Flinn, 2001), propõe-se a quarta hipótese desse estudo:

Hipótese 4 (H4): Pais e mães possuem especificidades. Os fatores que irão predizer o envolvimento paterno não serão os mesmos que irão predizer o envolvimento da mãe. O pai sofrerá mais os efeitos das influências analisadas do que a mãe. O envolvimento e a interação do pai serão diferentes do envolvimento e das interações da mãe, sendo que o pai se destacará em atividades de disciplina, jogos físicos, abertura ao mundo, instrução e motivação, enquanto que a mãe se destacará em

suporte emocional, afeto, cuidados básicos e atividades com a casa). Em comparação ao tipo de interações observadas para o pai e para a mãe, enquanto a mãe apresentará mais afeto positivo, o pai interagirá mais por meio de instrução, motivação e estimulação.

2.5 RELAÇÃO ENTRE ENVOLVIMENTO, RELACIONAMENTO CONJUGAL E AS INTERAÇÕES PAI-CRIANÇA E PAI-MÃE.

A maioria dos autores que estudam sobre família e o papel do pai tem utilizado entrevistas e questionários padronizados, quando outros métodos deveriam ser considerados juntamente com estes procedimentos, como, por exemplo, a observação direta que possibilita desenvolver medidas sistemáticas para descrever e avaliar as relações familiares (Dessen & Lewis, 1998).

Partindo da definição de Lamb et al. (1985) em que o envolvimento pode ser caracterizado pelos aspectos interação, acessibilidade e responsabilidade, espera-se que pais mais envolvidos tenham uma maior interação com seus filhos. Nesse sentido, o envolvimento paterno (atividades ou tarefas que o pai diz realizar com a criança) terá uma correlação positiva com a interação propriamente dita (observada). A mesma correspondência ocorrerá entre as respostas dos pais nos questionários sobre a relação conjugal e as interações do casal. Com isso, apresenta-se a quinta e última hipótese:

Hipótese 5 (H5): Os dados do envolvimento e do relacionamento conjugal, obtidos pelos instrumentos quantitativos, apresentarão uma correspondência com os dados obtidos por meio das interações. Desse modo, o envolvimento se relacionará positivamente com as interações e os fatores do relacionamento conjugal estarão relacionados com as interações entre o casal.

É importante salientar que todas as hipóteses foram investigadas por diferentes instrumentos e análises, numa tentativa de abordar a complexidade do fenômeno e suas relações. O relacionamento entre as variáveis em estudo foi investigado por meio de instrumentos de medida, em que os pais referem realizar atividades com os filhos e também referem seu grau de satisfação, harmonia ou conflito conjugal. Por meio da entrevista os pais referiram, de uma maneira não estruturada (questões abertas), as atividades que realizam com os filhos, como elas ocorrem e, além disso, se concebem existir uma relação entre seu envolvimento e o da mãe e entre sua satisfação conjugal e envolvimento. A observação direta permitiu relacionar as informações referidas com as atividades propriamente realizadas.

Dessa forma, procurou-se evidenciar se o que os pais dizem corresponde com o que eles realizam. Alguns autores levantam o questionamento a respeito da equivalência das crenças parentais com as práticas. Acredita-se que o que é relatado pelos pais tenha uma relação com o comportamento e práticas em relação à criança, mas essa relação não é suficientemente clara devido à natureza complexa das relações entre cultura, crenças parentais e práticas de cuidado e comportamento da criança. Não se pode deduzir então, se o que é relatado pelos pais ocorre na prática e nem que essa prática tenha efeito direto no desenvolvimento, sabe-se que estão interligadas, mas essa ligação não é evidente. O que é relatado pelo sujeito pode passar pela desejabilidade social e não refletir de fato o que é realizado (Kobark & Vieira, 2008; Lordelo et al., 2000).

A presente pesquisa propõe fazer essas ligações, por meio de um modelo de relacionamento entre as variáveis descrito mais detalhadamente na análise dos dados (ver Figura 5 no capítulo 4.7.2).

A esse respeito, as Figuras apresentadas no item 3.10 da revisão de literatura propõem um modelo que podem melhor representar as hipóteses aqui apresentadas. A primeira parte da Figura 2 (premissa 1) relaciona-se às hipóteses 1 e 2, enquanto a segunda (premissa 2) inclui a terceira hipótese. Já a Figura 3 apresenta um aprofundamento das questões propostas pela presente tese, sendo representado, mais especificamente, pelas hipóteses 4 e 5.

Síntese das hipóteses: O relacionamento conjugal é um fator preditor do envolvimento paterno. Aspectos positivos da relação entre o casal terão maior efeito sobre a variação no envolvimento do pai do que os aspectos negativos. Variáveis pessoais, familiares e do contexto social poderão melhor explicar o envolvimento paterno, mas não extinguem a influência do relacionamento conjugal sobre a paternidade. Em função da presença ou do envolvimento materno, o pai diminuirá seu próprio envolvimento e interação com a criança, principalmente em atividades consideradas especificidades maternas como os cuidados básicos e as tarefas de casa. O envolvimento materno diminuirá o tamanho do efeito do relacionamento conjugal sobre o envolvimento paterno. A percepção da mãe a respeito do relacionamento conjugal também influenciará a variabilidade no envolvimento do pai. A paternidade, em comparação à maternidade, receberá maiores influências dos fatores determinantes. O envolvimento (relatado pelos pais) e a interação paterna (observada) estarão significativamente relacionados, demonstrando uma correspondência entre os construtos e entre o que é relatado e o que é realizado pelos pais.

3 REVISÃO DE LITERATURA

Conforme mencionado anteriormente, na presente tese serão utilizadas duas perspectivas teóricas para compreensão dos fenômenos estudados, a Psicologia Evolucionista e a Bioecológica de Bronfenbrenner. Optou-se por incluir as contribuições dessas teorias tendo em vista que elas não são antagônicas nem excludentes, mas podem ser utilizadas de forma complementar e explicar a relação entre as variáveis aqui propostas de forma mais abrangente e complexa. Ambas partem de uma visão interacionista e interessam-se pela relação entre indivíduo e meio.

A Bioecológica se preocupa com os fatores da pessoa em desenvolvimento (características do indivíduo) e sua relação com fatores do contexto. Proporciona uma compreensão dos aspectos de interação proximais entre a pessoa e os sistemas dos quais faz parte direta ou indiretamente. Do mesmo modo, a Psicologia Evolucionista abrange as características do indivíduo e sua relação com os aspectos culturais, no sentido de explicar função, semelhanças e diferenças dos comportamentos em relação com a cultura e também com os aspectos filogenéticos. Fornece uma compreensão mais geral do desenvolvimento humano, tendo em vista as explicações do comportamento ao longo da vida da pessoa (causas próximas – o que determinado comportamento causa ao longo da vida) e também ao longo da evolução da espécie (causas últimas - se o comportamento contribui para sobrevivência ou adaptação da espécie).

Dessa forma, a Psicologia Evolucionista entrará como pano de fundo para a compreensão do fenômeno, enquanto que a Bioecológica fornecerá subsídios para o entendimento dos processos de interação proximal. Ambas remetem ao entendimento dos comportamentos em relação ao seu contexto cultural e sugerem a observação direta para melhor compreender essas relações.

A revisão de literatura tratará dos seguintes tópicos: Psicologia Evolucionista, Teoria Bioecológica de Bronfenbrenner, Sistema Familiar, Parentalidade Paternidade e Coparentalidade, Investimento Parental, Envolvimento e Engajamento Parental, Interação pais-criança e Estudos Observacionais, Conjugalidade, Relacionamento Conjugal e sua relação com a Parentalidade e Determinantes do Envolvimento Paterno. Por último apresentará representações dos modelos teóricos utilizados.

3.1 PSICOLOGIA EVOLUCIONISTA (PE)

A perspectiva evolucionista refere-se à aplicação dos princípios da evolução das espécies para explicar as estruturas físicas e os processos comportamentais predominantes na natureza. Darwin lançou sua teoria evolucionista no livro “A origem das espécies”, publicado em 1859, considerando o ser humano, assim como outros organismos vivos, o resultado de um processo evolutivo, denominada seleção natural. Por meio de uma perspectiva interacionista, a Psicologia Evolucionista (PE) propõe que os fenômenos sejam compreendidos levando em consideração o nível ontogenético e filogenético da espécie humana, ou seja, estudá-los de um modo mais abrangente, onde o ontogenético refere-se ao desenvolvimento do ser humano a partir de seu nascimento e o filogenético corresponde ao desenvolvimento da espécie, trazendo, portanto, explicações de uma história evolucionista.

O pensamento evolucionista não é novo, uma vez que suas raízes se encontram na obra do naturalista Charles Darwin (1809-1882). A novidade está na formulação de teorias e produção de estudos empíricos em praticamente todas as áreas do comportamento, como desenvolvimento humano, relações sociais, dominância, status e hierarquias sociais, desenvolvimento da personalidade, comportamento reprodutivo e parental, cooperação, agressão, estratégias reprodutivas, investimento parental, origem dos valores morais e psicopatologia, entre outros (Ades, 2009).

A biologia evolutiva manifestou-se por meio de duas versões (século XIX): Lamarck e Darwin, mas foi com Darwin que ela teve sua maior expressão e destaque, por meio dos conceitos de adaptação e reprodução; análise causal (manutenção e reprodução do organismo) e funcional (efeito de cada órgão ou comportamento em relação aos demais) criados por ele, até chegar aos princípios da “Evolução das Espécies” que preconiza que em um ambiente de seleção natural, há a existência de variabilidade entre os membros de uma espécie, resultante da combinação entre os genes recebidos dos pais e das diferenças ambientais vivenciadas. Os princípios do Darwinismo dão origem a duas obras importantes: “A origem das Espécies” (1859); “Descendência do Homem” (1871), que elaboram a teoria da evolução e seleção natural e a teoria da seleção sexual (Desmond & Moore, 1995).

A PE, informada pelos conhecimentos da moderna biologia evolucionária, se fez presente como paradigma na maior parte das ciências biológicas, na antropologia, demografia, economia, direito e filosofia e constitui como campos de conhecimento: a etologia, a ecologia

evolucionista e a antropologia cultural evolucionista. Sofre influência crescente do Center for Evolutionary Psychology, da Universidade da Califórnia, dirigido por Leda Cosmides e John Tooby e se faz presente no Brasil, demarcadamente desde o ano de 2004 por meio do Grupo de Trabalho de Psicologia Evolucionista na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP). No ano de 2005 deu-se a criação do Instituto do Milênio que conta atualmente com a participação de 16 pesquisadores de 9 instituições brasileiras (UFRN, UERJ, USP, UFSC, UFES, UFBA, UFPA, UFMT, UCG) os quais atuam para descobrir e compreender a estrutura da mente humana, utilizando, para isso, os conhecimentos e princípios da biologia evolucionista (Ades, 2009; Yamamoto & Seidl-de-Moura, 2010).

A PE traz para a psicologia uma proposta de solução para uma questão que há muito vem sendo debatida, a da dicotomia entre natureza e criação, entre biologia e cultura, entre inato e adquirido e entre indivíduo e meio. Sugere uma proposta para superar tais ambigüidades existentes e para fugir do reducionismo biológico e do determinismo, explicações até então existentes ao se falar em comportamento humano. A partir de uma perspectiva interacionista propõe estudar a relação existente entre os referidos aspectos que devem ser compreendidos também em função de características microgenéticas, sociocultural, ontogenéticas e filogenéticas, o que caracteriza uma ampliação nos modos de entender os fenômenos, procurando formas mais complexas e amplas em constante interação (Seidl-de-Moura, 2005).

De acordo com Vieira e Prado (2004), a PE interessa-se pelas predisposições biológicas e também pelas características gerais do comportamento que aparecem em diferentes contextos, tendo como objetivo conhecer como ocorre a interação biologia-cultura ou indivíduo-meio. Para este fim, são utilizadas as contribuições da perspectiva etológica que realiza estudos comparativos entre os seres humanos e outros animais, buscando relações entre as variáveis biológicas e as do ambiente ao longo do processo de evolução das espécies. O foco então, centra-se no aspecto biologia *versus* cultura e a contribuição dos estudos realizados está em considerar as múltiplas influências que podem ser usadas para explicar um fenômeno em questão.

A perspectiva evolucionista procura identificar a funcionalidade de determinado comportamento na vida de um indivíduo e como ele contribui para a perpetuação da espécie. A Psicologia do Desenvolvimento Evolucionista (PDE) que tem como objetivo explicar o desenvolvimento humano, utilizando para isso, os princípios básicos da teoria da evolução, procura investigar de que forma o passado

evolucionista repercute no desenvolvimento ontogenético da espécie humana (Vieira & Prado, 2004). As pesquisas realizadas nesta área permitem discutir acerca da existência de características inatas e também de habilidades que serão desenvolvidas em contato com o ambiente físico e social. Diversas teorizações são formadas neste sentido e ajudam a compreender melhor a relação do indivíduo com o meio em que vive. Estas questões, de acordo com Keller (2007), permitem estudar os papéis da hereditariedade e da experiência, o que traz à tona também o papel da cultura no desenvolvimento.

Segundo a perspectiva evolucionista, as diferenças e semelhanças entre os papéis que homens e mulheres assumem frente a parentalidade e a criação dos filhos, podem ter uma explicação evolutiva. Essas explicações têm origem desde a escolha do parceiro, passando pela história reprodutiva de homens e mulheres, até as funções assumidas pela mulher durante e depois da gestação, que se diferenciam das funções exercidas pelo companheiro homem. Por este motivo, a PE interessa-se em estudar, a partir de uma perspectiva transcultural, como a biologia e a cultura interagem no desenvolvimento humano, realizando pesquisas que abordam diferentes contextos e que considera cada característica dos sujeitos participantes em relação ao ambiente do qual faz parte (Silva & Brito, 2005).

Conforme afirmam Vieira, Rímoli, Prado e Chelini (2009), o cuidado parental vem sendo investigado significativamente por meio de pesquisas com animais e humanos. Dentre este assunto, o comportamento materno é alvo de interesse e está envolvido em um grande número de trabalhos produzidos. Já o comportamento paterno, embora também importante, tem sido enfatizado em menores proporções, obtendo destaque considerável a partir de 1990.

Segundo Vieira e Prado (2004), homens e mulheres possuem diferentes estratégias adaptativas para gerar e criar descendentes, o que demarca as diferenças no comportamento reprodutivo e no cuidado parental.

Em comparação às outras espécies, os humanos apresentam certas características importantes para compreender os mecanismos da parentalidade, incluindo a gestação interna e a lactação, o que envolve um alto investimento parental durante um longo período do desenvolvimento infantil e destacam-se os papéis sociais a serem desempenhados pelo sexo masculino e os de cuidado desempenhados pelo sexo feminino. O que é importante observar ainda é que o investimento paterno humano é o único que ocorre mesmo em um contexto social, no qual há outras fêmeas disponíveis para a reprodução. Nesse sentido, o estabelecimento de

relações entre homem e mulher e a formação de uma família são úteis para criar um ambiente em que seja possível prover alimentos e segurança para os filhos com a finalidade última de favorecer um convívio social que permita a aquisição de competências sociais (Geary & Flinn, 2001).

De acordo com princípios da PE os comportamentos são resultados de mecanismos mentais que foram selecionados no ambiente que se fazem presentes porque passaram por um processo de adaptação evolutiva. Tais princípios permitem compreender a mente humana a partir do nível distal e do nível proximal. Enquanto que o distal propõe uma explicação última, ou seja, entende o comportamento baseado na função adaptativa que ele desempenhou ao longo da história evolutiva, o proximal considera a interação da pessoa com seu ambiente atual, ou seja, busca entender como tal comportamento está funcionando (Buss, 1995).

Em uma revisão sistemática da produção acadêmica relacionada à PE no Brasil (Martins, Filho, Feeburg, Fernandes, Natividade, & Hutz, 2012), utilizando como fontes de consulta as bases de dados brasileiras da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS-Psi) e o Banco de Teses da Capes, além da base de dados internacional PsycINFO, foram identificados estudos desde o ano de 1894, com um considerável aumento nas publicações a partir do ano 2000. No total, foram encontrados 2182 artigos na base de dados internacional, 46 artigos e 45 teses e dissertações nas bases de dados brasileiras, até o ano de 2010. Dentre as produções brasileiras algumas temáticas de interesse foram levantadas, dentre as quais destacam-se como as mais frequentes: PE e biologia, sexualidade, cultura e comportamento parental e a cognição e funcionamento mental.

O tema parentalidade foi o quinto mais frequente (21 estudos entre artigos, teses e dissertações), no qual foram identificadas palavras que se referiam ao comportamento e às crenças parentais, em geral e, de modo mais específico, aos cuidados parentais, ao cuidado paterno, ao investimento materno e à interação mãe-bebê e pai. Destaca-se também o aparecimento da temática envolvendo a personalidade (três teses ou dissertações), que englobava palavras que se relacionavam a diferenças individuais de personalidade. Com relação ao método de investigação adotado pelas produções brasileiras, os estudos mais frequentes foram com revisões não sistemáticas da literatura, seguido dos estudos transversais-correlacionais e das revisões sistemáticas. Os estudos observacionais (cinco estudos envolvendo coleta de dados por observações diretas e não-participantes) e os estudos de casos múltiplos (três estudos de caráter idiográfico e descritivo, com foco na dinâmica do comportamento e seu contexto) ficaram entre o quarto e o quinto mais frequentes, respectivamente (Martins et al., 2012).

Os autores apontaram que embora exista um crescimento significativo nas produções brasileiras, ainda observa-se uma carência de estudos empíricos ancorados na PE e que promovam contribuições relevantes, tanto nacional, quanto mundialmente, a respeito das diferenças individuais. Salientaram também a necessidade de pesquisas que investiguem a personalidade a partir da perspectiva Evolucionista, buscando aprofundar o entendimento de como os padrões comportamentais podem levar a ajustes ou desajustes sociais (Martins et al., 2012).

O presente trabalho propõe inserir-se nesse contexto das produções empíricas no cenário nacional e contribuir para com a temática parentalidade, principalmente no que se refere ao envolvimento e à interação do pai com a criança, pautada em seus determinantes, diferenças individuais e incluindo algumas características da personalidade. A partir de uma compreensão evolucionista será possível discutir mais adiante a respeito da teoria do investimento parental e também acerca das especificidades dos comportamentos de pais e de mães.

3.2 TEORIA BIOECOLÓGICA DE BRONFENBRENNER

Para compreensão do desenvolvimento humano e dos processos que ocorrem na pessoa e na família, serão utilizados aportes da perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento de Urie Bronfenbrenner (Bronfenbrenner, 1986; Bronfenbrenner, 1996). Primeiramente, essa perspectiva foi definida como Modelo Ecológico, no qual o foco era no ambiente e, portanto, nas interações da pessoa com o contexto. Após revisar seus estudos, Bronfenbrenner passa a criticar a ênfase dada aos aspectos do contexto em detrimento dos aspectos da pessoa. Elaborou a Perspectiva Bioecológica do Desenvolvimento Humano, tal como é conhecida hoje, ampliando os conceitos originais e propondo que o desenvolvimento humano seja estudado através da interação sinérgica de quatro núcleos inter-relacionados: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (Modelo PPCT) (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Narvaz & Koller, 2004).

Para Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento humano é visto como processo através do qual a pessoa adquire uma concepção mais ampliada, diferenciada e válida do meio ambiente ecológico, e se torna mais motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelam suas propriedades, sustentam ou reestruturam aquele ambiente em níveis de complexidade semelhante ou maior de forma e conteúdo (Bronfenbrenner, 1996). Dessa forma, o desenvolvimento ocorre em um

ambiente de interações entre o ser humano e seu contexto. Por exemplo, a criança terá seu desenvolvimento influenciado, principalmente, por seu ambiente próximo, ou seja, a família. O foco principal das pesquisas está no modo como fatores extra-familiares influenciam o funcionamento intra-familiar e o desenvolvimento humano de forma geral (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Wendt, 2006).

Ao discorrer sobre a teoria do desenvolvimento de Bronfenbrenner, não se pode deixar de mencionar a importância da compreensão Sistêmica que, muitas vezes, é utilizada para fundamentar as pesquisas sobre o desenvolvimento e a família. Segundo Minuchin (1982), alguns princípios da Teoria Sistêmica são particularmente importantes para o estudo do desenvolvimento e implicam uma mudança na maneira tradicional de pensar o desenvolvimento humano, como por exemplo, a compreensão de sistemas como um todo organizado, interdependente, circular e composto de subsistemas.

O pensamento sistêmico sofre influências da Teoria Geral dos Sistemas (Bertalanffy), da Teoria da Cibernética (Wiener) e da Teoria da Comunicação (Bateson). A primeira aponta a necessidade de abarcar a biologia e a sociologia e incentivou os cientistas a pensar na interação em vez dos elementos básicos de um sistema. Já a Cibernética, conhecida como ciência da correção e da construção de sistemas que reproduzissem os mecanismos de funcionamento de seres vivos apresentou aspectos das regras familiares, retroalimentação e de interação familiar. A Teoria da Comunicação apresentou hipótese de duplo vínculo como forma de comunicação que tem implicações nas relações interpessoais e concebeu a mente como um fenômeno sistêmico, característico dos seres vivos. Dessa forma, a Teoria Sistêmica impulsionou novas práticas, principalmente em psicoterapia, com a terapia familiar. Iniciou na década de cinquenta com Bertalanffy e atingiu sua maturidade entre as décadas de setenta e oitenta com Minuchin. Em termos gerais, como campo de estudo, a Teoria Sistêmica concebe os fenômenos como fatores interrelacionados e observa a totalidade, seus caminhos e movimentos. Requer uma compreensão dentro de um contexto, de forma a estabelecer a natureza das relações, deslocando a atenção de um lado para o outro entre níveis sistêmicos. É contextual e ambientalista e a ênfase está nas relações e não nos objetos e, os próprios objetos são compreendidos como redes de relações, embutidas em redes maiores. (Capra, 2006; Grandesso, 2000; Vasconcellos, 2007).

A Teoria de Bronfenbrenner surge na década de 1950 e expressa interesse entre organismo e ambiente. Tal perspectiva foi difundida amplamente a partir da década de 1970 como perspectiva Eco-Sistêmica

para a compreensão do desenvolvimento humano e das interações familiares (Carter & McGoldrick, 1995; Minuchin, 1982; Vasconcellos, 2007). Para esta perspectiva, o desenvolvimento humano ocorre por meio de processos gradativamente mais complexos de interação recíproca entre um sujeito ativo e as pessoas, ambientes e símbolos do seu ambiente imediato. Este processo de reciprocidade é chamado de processo proximal que, para ter efeitos no desenvolvimento, deve ocorrer de forma regular durante um período extenso de tempo (Bronfenbrenner, 2004).

Por meio do modelo P-P-C-T (Processo-Pessoa-Contexto-Tempo), proposto pela teoria Bioecológica, permite-se a investigação da relação entre as características da pessoa e do ambiente como fatores determinantes, dinâmicos e interdependentes do desenvolvimento do indivíduo (Bronfenbrenner, 1996).

O Processo é o mecanismo central do desenvolvimento e é definido como uma troca de energia entre a pessoa em desenvolvimento e as outras pessoas, objetos e símbolos no ambiente externo imediato. Essa transferência pode ser em uma ou ambas as direções, separadas ou simultâneas. O desenvolvimento ocorre por meio de processos lentos, porém de interação mútua entre um sujeito ativo, as pessoas e os símbolos de seu ambiente imediato. Os processos que ocorrem constantemente no meio imediato são chamados de processos proximais. (por exemplo, a interação realizada entre mãe-bebê e as atividades e brincadeiras pais-criança e criança-criança). Estes processos variam muito por causa das características da pessoa em desenvolvimento, dos contextos imediatos e mais distantes da referida pessoa e dos períodos de tempo em que os processos proximais acontecem (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Para que os processos proximais contribuam efetivamente para o desenvolvimento, é necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade, que a interação aconteça regularmente, em períodos estendidos de tempo, que a interação seja progressivamente mais complexa, que exista reciprocidade e afeto nas relações interpessoais e que as pessoas, os objetos ou os símbolos com os quais a pessoa interage estimulem a atenção, a exploração, a manipulação e a imaginação da pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

Os processos proximais podem ocorrer em atividades solitárias da pessoa em desenvolvimento, quando esta interage com objetos e símbolos do meio, ou atividades com outras pessoas, constituindo os sistemas diádicos (quando composto de duas pessoas), triádicos (composto de três pessoas) ou poliádicos (composto de quatro ou mais pessoas). As díades constituem as estruturas interpessoais primárias (Bronfenbrenner, 1996). A forma, a força, o conteúdo e a direção dos processos proximais variam

sistematicamente conforme as características da pessoa e do ambiente – imediato ou remoto – em que tais processos ocorrem, bem como de acordo com as continuidades e mudanças sociais que ocorrem ao longo do tempo, no curso de vida e no período histórico durante o qual a pessoa tem vivido (Bronfenbrenner 2004; Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Bronfenbrenner & Morris, 1998).

A Pessoa, segundo núcleo do Modelo Bioecológico, refere-se às características socioemocionais, motivacionais e cognitivas da pessoa, as quais são concebidas por Bronfenbrenner e Morris (1998) como produtoras indiretas e produto do desenvolvimento, pois, ao mesmo tempo em que influenciam os processos proximais, são também por eles constituídas. Há características da pessoa que exercem influência sobre os processos proximais tais como: a) Disposições (disposições comportamentais ativas: características generativas, características disruptivas da pessoa); b) recursos (deficiências ou habilidades psicológicas que influenciam a capacidade da pessoa para engajar-se nos processos proximais) e c) demandas pessoais (capacidade da pessoa de provocar ou impedir a presença, no ambiente, de reações que favoreçam ou inibam a ocorrência dos processos proximais e o crescimento psicológico) (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

O ambiente ou Contexto ecológico é constituído por um conjunto de quatro sistemas que incorporam desde o ambiente imediato (micro) até o mais distante (macro), predominando a inter-relação e a influência bidirecional entre e intra-ambientes (Polonia, Dessen, & Silva, 2005). O Microssistema se refere ao meio imediato no qual se encontra a pessoa em desenvolvimento - como a família e a sala de aula - ocorrem as interações face a face, com características físicas, sociais e simbólicas particulares, que promovem ou inibem um engajamento nas interações de modo mais direto e atuante. Neste subsistema, operam os processos proximais que produzem e sustentam o desenvolvimento cuja eficácia depende, dentre outros fatores, do conteúdo e estrutura do microssistema. Já o Mesossistema, caracteriza-se por alianças de microssistemas e inclui as inter-relações entre dois ou mais ambientes dos quais a pessoa participa ativamente. O exossistema se refere a um ou mais ambientes onde a pessoa não participa ativamente de interações face-a-face, mas no qual ocorrem eventos que afetam, ou são afetados por aquilo que acontece no ambiente que a pessoa participa. E, por fim, o Macrossistema consiste num contexto mais amplo, de características que envolvem os demais subsistemas por intermédio dos modelos institucionais de cultura, como a economia, os costumes e crenças, o estilo de vida, a estrutura de

oportunidades, os obstáculos e opções no curso da vida e os recursos materiais (Bronfenbrenner, 1986, 1996; Polonia et al., 2005).

O Tempo, último núcleo do Modelo Bioecológico, considera o aspecto temporal, relacionado às transições que vivemos no curso de nossas vidas. As transições são a força, que move e favorece a mudança desenvolvimental. Podem ser normativas (acontecimentos normais ao desenvolvimento humano) e não normativas (acontecimentos não esperados ao longo do desenvolvimento).

Pode-se dizer que tanto a perspectiva familiar sistêmica quanto a bioecológica, consideram que o desenvolvimento individual de cada membro da família está atrelado ao desenvolvimento do grupo familiar. Como contribuição às pesquisas de desenvolvimento, a teoria de Bronfenbrenner, propõe o foco nos processos e interações onde a pessoa é apenas um dos elementos. Busca compreender a realidade de forma contextualizada e ampla e propõe a inserção ecológica e a observação naturalística. Destaca os estudos do desenvolvimento no contexto, inserindo a dimensão cultural e transcultural aos delineamentos de pesquisa e propõe a investigação entre diferentes subculturas e diferentes macrossistemas (Koller, 2004).

Destaca-se nesta teoria, além do modelo PPCT, utilizado para investigação dos fenômenos, os processos proximais e os níveis de interação (diádica, triádica e poliádica). Os processos proximais ocorrem quando a pessoa interage com uma ou mais pessoas formando sistemas diádicos, triádicos ou poliádicos. Para essa perspectiva tanto a criança como os adultos, são participantes ativos no sistema familiar e o influenciam e são influenciados por eles, direta e indiretamente. Estudar a criança e a sua família é ir além do estudo das díades e da relação mãe-criança, é necessário considerar o desenvolvimento da criança em relação aos outros atores pertencentes ao sistema familiar (como o pai) e também a outros sistemas como o contexto social (Bronfenbrenner & Ceci, 1994; Wendt, 2006).

O interesse nos processos proximais vem sendo demarcado constantemente. Com a contribuição da Teoria Bioecológica, este interesse passa a ser estendido a outras relações como as tríades, numa tentativa de demonstrar tanto as diferenças existentes no funcionamento das distintas díades, quanto na presença e na ausência de outro membro familiar. Nesse sentido, para o estudo da parentalidade, dever ser realizada uma análise das interações familiares e considerar o contato de cada membro com processos culturais mais amplos (Lewis & Dessen, 1999). Esta pesquisa considera os elementos do contexto, mas centra-se

em aprofundar as relações estabelecidas diádica e triadicamente no ambiente familiar.

A utilização desta teoria para compreensão do envolvimento parental e das interações pais-criança se dá, pois se acredita que ela pode vir a complementar a Psicologia Evolucionista, principalmente porque a Bioecológica, também com um caráter interacionista, propõe a interação de diferentes contextos, sem esquecer das características da pessoa em desenvolvimento. A teoria Evolucionista além de uma compreensão mais global por meio dos aspectos filogenéticos, refere a interação entre características biológicas e o ambiente cultural. A Bioecológica vem complementar com a utilização dos conceitos dos processos proximais e das características de interação entre as pessoas, mas também considera, assim como a evolucionista, a interação entre componentes individuais e do contexto.

3.3 SISTEMA FAMILIAR

A família, primeiro contexto de desenvolvimento do ser humano, compreendida como estrutura de suporte econômico, afetivo e social, está, a todo tempo, sofrendo modificações na sua organização, configuração e dinâmica. Por atuar como protagonista no desenvolvimento infantil, seu funcionamento instiga teóricos, pesquisadores e profissionais que trabalham com o núcleo familiar. A Abordagem Sistêmica compreende a família como uma rede de relações, em que o que acontece com um membro, repercute em toda a estrutura familiar (Cano & Moré, 2008).

Vista como sistema social, responsável pela transmissão de valores, crenças, ideias e significados tem, portanto, forte influência no comportamento das crianças (Kreppner, 2000). Nesse sentido, tanto quanto a necessidade de se investigar a importância do meio social para o desenvolvimento infantil, enfatiza a relevância de uma avaliação sistemática das relações familiares, visto que essas relações desempenham um papel, não somente para com o desenvolvimento normativo da criança, como também no aparecimento de dificuldades afetivas e cognitivas (Favez, 2013).

Portanto, a família constitui-se em uma instituição fundamental para desencadear processos evolutivos das pessoas, podendo ser tanto propulsora quanto inibidora do crescimento físico, intelectual, emocional e social das pessoas. Além da socialização, proporciona também a proteção, as condições básicas de sobrevivência e o desenvolvimento cognitivo e afetivo de seus membros. Dada a importância do sistema

familiar, ressalta-se a necessidade de estudos que contemplem aspectos relacionados às configurações familiares, às redes sociais de apoio, aos vínculos estabelecidos entre seus membros e suas implicações para o desenvolvimento humano (Dessen & Polonia, 2007).

Transformações sociais e econômicas repercutem em mudanças na organização e nos padrões familiares e, por sua vez, sua estrutura afeta as formas de interação no cotidiano das famílias. Desta forma, os pais exercem papel fundamental na construção da personalidade e de inserção social do sujeito e, as relações estabelecidas nas famílias biparentais com filhos biológicos, diferem das relações existentes nas famílias monoparentais, com apenas um dos genitores, recasadas ou aquelas em que coabitam padrastos ou madrastas. Ainda, seguindo a compreensão sistêmica, características dessas interações dependerão de fatores como o ciclo evolutivo dos filhos e da conjugalidade (Carter & McGoldrick, 1995).

Devido às múltiplas influências, a definição de família vai além das variáveis biológicas e dos laços de consanguinidade, perpassando as formas de união, de intimidade nas relações, de moradia e o compartilhamento de renda, entre outras. Atualmente, encontram-se diferentes tipos de configurações familiares que irão depender das interações estabelecidas entre os genitores, presença ou ausência de filhos, biológicos ou adotivos, coabitação na mesma residência, característica da união e da família em extensa ou monoparental (IBGE, 2010). Assim, o conceito de família tem evoluído procurando retratar as relações estabelecidas na sociedade atual, visto que são inúmeras as combinações e formas de interação que constituem os diferentes tipos de famílias, dentre os quais destacam-se as famílias nuclear tradicional, recasadas, monoparentais, divorciadas e homossexuais (Dessen & Polonia, 2007).

Tais arranjos familiares provocam transformações nas relações e nos papéis desempenhados pelos seus membros, nos valores, nas funções intergeracionais e nos processos de desenvolvimento da pessoa. Dentre as funções familiares, evidencia-se os papéis de mãe, de pai, de filho, de irmão, de esposa e de marido e, os vínculos entre seus membros sofrem modificações mediante ao próprio desenvolvimento da pessoa e das transformações sociais (Marin et al., 2011). A interação entre seus membros funciona como principal rede de apoio familiar que permite buscar estabilidade frente às mudanças estruturais e superar as dificuldades decorrentes de transições desenvolvimentais (Dessen & Polonia, 2007). Nesse sentido, relações maritais satisfatórias constituem fontes de apoio para ambos os cônjuges (Dessen & Braz, 2005).

Faz-se necessário, portanto, aumentar a quantidade de estudos que incluam a família como unidade de análise, incorporando, conseqüentemente, o pai em suas amostras. Com a alteração do conceito de família nuclear para um conceito complexo que depende de como os próprios indivíduos descrevem sua família dentre as mais diversas configurações, é preciso delimitar sobre qual configuração familiar se irá abordar (Dessen & Lewis, 1998; Kreppner, 2000).

A família biparental, constituída pelo casal e pelas crianças é somente uma dentre a pluralidade de formas atuais de família. Parte-se do pressuposto de que por meio do entendimento deste modelo mais tradicional de família pode-se compreender as mais diversas funções estabelecidas por pai e mãe em outros modelos familiares. (Dessen & Lewis, 1998). Neste sentido, a família deve ser considerada na sua peculiaridade e nas relações entre seus membros, incorporando variáveis externas, bem como outras pessoas que podem fazer parte da família. Não é possível selecionar todos os tipos de configurações existentes em uma única pesquisa, mas se pode delimitar o que será considerado em cada estudo, a fim de obter um conhecimento mais sistematizado sobre cada um deles (Dessem & Lewis, 1998).

As mudanças nas configurações familiares e a alteração do modelo tradicional de família (em que o pai é identificado como provedor e mãe como responsável pelo cuidado com o lar e com os filhos), para um funcionamento familiar em que pai e mãe passam a dividir, mesmo que de forma não igualitária, as tarefas domésticas e de cuidados com as crianças são apontadas a partir da emancipação feminina. Vários pesquisadores (Gauthier et al., 2004; Jablonski, 2010; Perucchi & Beirão, 2007; Saraff & Srivastava, 2009; Wagner et al., 2005) demarcam que o incremento da participação da mulher no mercado de trabalho, gera mudanças nas relações de gênero, casamentos mais tardios, diminuição do número de filhos e maior autonomia e independência por parte das mulheres, o que ocasiona modificações nos papéis parentais (Jablonski, 2007).

As interações familiares geram vínculos e laços afetivos, particularmente entre pais e filhos. O apoio parental, em nível cognitivo, emocional e social, pode promover um desenvolvimento saudável, ao mesmo tempo, pode provocar problemas de ajustamento social (Eisenberg et al., 1999; Oliveira & Bastos, 2000). Portanto, o estudo com famílias pode fornecer dados sobre as figuras parentais e seus papéis funcionais e satisfatórios, dada a sua influência na construção de vínculos e de modelos de relações que são transferidos para outros contextos de interação social.

A família ainda é tida como instituição de transmissão de genes e também de cultura às próximas gerações. A relevância da transmissão de significados culturais tem sido enfatizada nas pesquisas sobre famílias e vem ao encontro com a teoria de evolução de Darwin (Bronfenbrenner, 1996; Kreppner, 2000; Polonia et al., 2005).

A visão de família como primeiro nicho ecológico e importante contexto de desenvolvimento humano é reforçada também pela contribuição da etologia, que destaca a relevância dos cuidados primários e o relacionamento entre cuidador e criança. A qualidade do relacionamento entre mãe (cuidador primário) e criança ganha destaque nas pesquisas (Seidl-de-Moura & Ribas, 2007). O pai também é considerado, com importante papel nesse contexto relacional com a criança. Hoje, a relação pai-criança, representa apenas um aspecto de interação familiar. Devido à complexidade das relações devem-se considerar as díades, as tríades e até mesmo as relações poliádicas.

A maioria dos estudos sobre família e o papel do pai tem utilizado entrevistas e questionários padronizados, quando outros métodos deveriam ser considerados juntamente com estes procedimentos, como, por exemplo, a observação direta que possibilita desenvolver medidas sistemáticas para descrever e avaliar as relações familiares (Dessen & Lewis, 1998). Quando a pesquisa envolve mais de um membro familiar, devem ser consideradas as relações diádicas, triádicas e até a família enquanto grupo.

Tão importante quanto a definição do tipo de família a ser estudada, é conceituar o processo interacional e não o comportamento de indivíduos separadamente. Modelos de análise da interação foram propostos por Hinde (1997), onde são expressas relações diádicas, triádicas e poliádicas nos sistemas familiares. O pai é entendido como um membro desse sistema e precisa ser investigado de acordo com as relações desenvolvidas nele. Para isso, é necessário definir os padrões de interação e os aspectos das relações (reciprocidade, complementaridade, percepção interpessoal) (Jablonski, 2007; Lewis & Dessen, 1998).

Dessa maneira, entende-se que o estudo da paternidade deve envolver também a maternidade e a relação conjugal, ou seja, considerar as variáveis interligadas que afetam o curso das relações. O envolvimento paterno não pode ser visto isolado do desenvolvimento familiar e, para atingir este fato, deve-se implementar projetos complexos. Para atingir esta complexidade, uma abordagem multimetodológica, parece ser a mais apropriada (Dessen & Lewis, 1998; Dubeau et al., 2009; Lamb, 1997; Pleck, 1997). Em termos teóricos, a teoria Bioecológica de Bronfenbrenner (1986) tem contribuído para orientar tais pesquisas.

Os papéis maternos e paternos são multidimensionais, complexos e variados e precisam ser considerados em uma perspectiva cultural, histórica e intergeracional, que compreende uma diversidade de papéis, de modos de participação e de com múltiplos determinantes (Dessen, Abreu, & Neto, 2000; Fein, 1978; Kreppner, 2000; Lamb, 1997). Mais do que estudar os tipos de família é importante estabelecer um planejamento de estudos intra-familiar, para verificar as condições dentro das famílias e as diferenças entre os membros familiares (Dessen et al., 2000; Dessen & Lewis, 1998; Kreppner, 2000).

Nesta perspectiva, a família pode ser compreendida como um sistema que possui subsistemas. Enquanto o sistema equivale a um grupo de pessoas que interagem por vínculos afetivos, consanguíneos, entre outros, o subsistema é o reagrupamento dos membros do sistema onde possuem funções e demandas específicas. Dentre os subsistemas existentes, destaca-se o conjugal e o parental (Wagner et al., 2011), que serão considerados nesta pesquisa.

O subsistema conjugal geralmente é identificado pela união de duas pessoas por laços afetivos que tem como objetivo comum constituir um sistema familiar. O subsistema parental, derivado do conjugal, surge com o nascimento do primeiro filho, mas não exclui a conjugalidade. Nele são definidos os papéis paternos e maternos que tem sua principal função no desenvolvimento e socialização da criança. Estes dois subsistemas estão interligados já que pesquisas apontam que a qualidade conjugal está associada à forma com que os pais interagem com seus filhos (Wagner et al., 2011).

O sistema familiar é visto como importante também para o apego infantil, já que a criança, além das relações diádicas, precisa se adaptar e desenvolver interações diretas ou indiretas com o sistema familiar como um todo e com os subsistemas que dele fazem parte. Um sistema familiar partilhado pelas figuras paterna e materna, permite que os membros respondam de maneira adequadas às necessidades de apego, de disciplina e de segurança da criança (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

Em uma revisão geral a respeito do sistema familiar e seus subsistemas, dentre os quais as crianças estabelecem relações, Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron (2009), visitaram as bases de dados PsycINFO e a partir de um pouco mais de 500 referências selecionadas, elaboraram categorias de temas que influenciariam na qualidade das relações de apego infantis. Dentre tais categorias destacam-se as seguintes: o subsistema conjugal, que dá origem à família e pode ser definido por meio da satisfação ou do conflito conjugal; as relações coparentais de qualidade, ou seja, a dinâmica de grupo, incluindo pai, mãe

e criança; e as relações parentais, nas quais cada um dos pais, com suas características individuais interagem com a criança. Dentre tais características estão a idade e a escolaridade de pais e mães e os traços de personalidade. Também foram citadas as características individuais da criança como o temperamento e o sexo, a jornada de trabalho materna e as dificuldades econômicas (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

Os resultados desse estudo parecem indicar também alguns dos fatores que influenciam o envolvimento. Dessa forma, as informações contidas a respeito do tema relações parentais serão discutidas mais adiante no tópico 3.9 que trata dos determinantes do envolvimento.

As relações intra-familiares abrangem variadas relações: conjugais, parentais, coparentais, pai-criança ou mãe-criança e fraternais (Favez, 2013; Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009). Esse estudo pretende investigar as relações parentais, representadas pelo envolvimento e interação, associadas às relações conjugais, representadas pela qualidade ou harmonia conjugal e por aspectos do conflito conjugal, incluindo também variáveis pessoais e contextuais como determinantes.

A seguir será abordado sobre algumas das funções estabelecidas no sistema parental tais como a parentalidade e a coparentalidade. A paternidade será focalizada mais especificamente, por ser o foco principal dessa pesquisa. No tópico 3.7 dessa revisão serão exploradas as relações pai-criança, mãe-criança e pai-mãe-criança em seus aspectos interacionais, focalizando também a importância dos estudos observacionais para sua investigação.

3.4 PARENTALIDADE, PATERNIDADE E COPARENTALIDADE

Muitos estudos publicados, hoje, enfocam na família aspectos referentes à parentalidade. A maioria desses estudos refere-se à maternidade, mas pesquisas em bases de dados como a de Magill-Evans, Harrison, Rempel e Slater (2006) Souza e Benetti (2009), Borsa e Nunes (2011) e Vieira, Bossardi, Gomes, Bolze, Crepaldi e Piccinini (2014) revelaram que nas últimas décadas tem aumentado o número de estudos que enfocam diretamente a paternidade. Embora existam diferentes configurações familiares, o conceito tradicional de família que aparece nos estudos ainda remete à definição de família, constituída por pai, mãe e filhos, unidos por laços de consanguinidade, filiação, casamento e/ou interação social entre os membros (Silva, 2007).

Autores que escrevem a respeito de famílias modernas, concordam que dentre as configurações familiares sejam elas, biparentais,

monoparentais, recasadas ou divorciadas, ambos, pai e mãe, na maioria das vezes, exercem atividades fora de casa, ou seja, possuem uma jornada de trabalho. Nesses termos, parece que a mãe continua com a maior responsabilidade com o lar e no cuidado com os filhos e o pai participa ajudando-a nas tarefas. Há uma diminuição quantitativa no atendimento às necessidades básicas, emocionais e de entretenimento das crianças, em função da diminuição de horas que passa na companhia dos pais (Gauthier et al., 2004; Fleck & Wagner, 2005; Jablonski, 2010; Perucchi & Beirão, 2007; Stratton, 2003).

Em famílias biparentais, tem sido apontada uma divisão mais igualitária entre as funções e o pai passou desempenhar funções denominadas coparentais, devido a um maior compartilhamento de funções com a parceira. O pai ainda pode ser identificado não somente como um pai que compartilha as tarefas, mas como aquele que contribui igualmente às mães na realização das funções parentais (Kotila, Shoppe-Sullivan, & Dush, 2013). A respeito da paternidade, especificamente, o papel do pai vem sendo distribuído em: tradicional (provedor), moderno (participa do desenvolvimento acadêmico e moral da criança) ou emergente (divide atividades com a esposa) (Fein, 1978; Lewis & Dessen, 1998).

Mesmo existindo algumas diferenças no tempo e nas atividades que pai e mãe realizam com a criança, perspectivas do sistema familiar encorajam o desenvolvimento de relações coparentais e o desenvolvimento de programas interventivos que promovam um aumento no envolvimento paterno e que forneçam suporte à manutenção das relações coparentais mesmo depois da dissolução do relacionamento conjugal (Kotila et al., 2013).

Conforme Akinsola (2013), as práticas parentais são experienciadas e transmitidas de geração a geração. Em uma perspectiva transcultural, as crenças, os valores e também as interações de ambos os pais com a criança sofrerão variações dependendo do contexto cultural. Por esse motivo, ao comparar duas ou mais culturas, raças ou países, podem ser encontradas diferentes expectativas e metas de socialização. Do mesmo modo, alguns estilos parentais podem ser efetivos em uma cultura e não tanto em outras.

Algumas características da parentalidade podem ser influenciadas pela transmissão intergeracional, ou seja, por meio de uma repetição de padrões interacionais ao longo das gerações (Böing, 2014). A esse respeito, em sua pesquisa de doutorado, Böing (2014), além de identificar estilos parentais que foram repassados de uma geração para outra, ainda apontou um relacionamento importante entre a coparentalidade, a satisfação

conjugal e as práticas parentais. Nesse sentido, as mães que estiveram satisfeitas com a divisão de tarefas com o companheiro, foram as mães com maiores índices de satisfação conjugal e, conseqüentemente, isso teve reflexo nas práticas parentais.

As evidências de que o pai também pode desempenhar um importante papel no desenvolvimento e bem-estar infantil e os indícios de uma maior participação paterna, ocasionaram um incremento nas pesquisas envolvendo o pai. Para tanto, o pai precisa ser incluído como sujeito nas investigações. Alguns achados a respeito da parentalidade têm apontado diferenças entre pai e mãe no que se refere às práticas parentais, embora os resultados ainda tenham se demonstrado inconsistentes, principalmente sobre as práticas da disciplina. Indica-se a necessidade de maiores estudos comparando as práticas disciplinares parentais, bem como as outras dimensões da parentalidade para melhor conhecer as diferenças e os efeitos dessas diferenças entre pai e mãe para o comportamento infantil (Gryczkowski, Jordan, & Mercer, 2010).

Em uma pesquisa nas bases de dados Medline, CINAHC e PsycINFO, entre os anos de 1983 a 2003, Magill-Evans et al. (2006) realizaram uma revisão sobre intervenções com pais de crianças e revelaram que a interação pai-bebê tem sido considerada nas pesquisas e que assim como as intervenções com as mães podem promover efeitos efetivos para o desenvolvimento das crianças, as intervenções abordando os pais e sua interação com as crianças também podem promover efeitos positivos. Foi concluído neste estudo, que embora pesquisas recentes tenham indicado que o pai também contribui para o desenvolvimento da criança, pouco se conhece sobre os tipos de intervenções com o pai que possam estimular e desenvolver responsividade paterna e interação pai-criança de qualidade. A ausência da Figura paterna durante a infância tem sido associada a problemas no desenvolvimento tais como, emocionais, cognitivo, abuso de drogas, transtornos de conduta, gravidez na adolescência, entre outros (Falceto et al., 2008).

Em uma revisão sistemática realizada em todas as bases de dados indexadas na Biblioteca Virtual portal de Psicologia (BVS-Psi), por meio dos descritores pai, paternidade, e paterno, os autores Vieira, et al. (2014) analisaram 90 artigos completos publicados entre os anos de 2000 até 2012 e concluíram que torna-se necessário um avanço e também maiores reflexões críticas em função das mais variadas configurações familiares, nas mais diversas temáticas que incluem desde o planejamento e a preparação para a paternidade, perpassando pela participação no nascimento e no decorrer do desenvolvimento.

De acordo com Vieira, et al. (2014) e Vieira, Crepaldi, Bossardi, Gomes, Bolze, & Piccinini (2013), a participação do pai no Brasil está atraindo cada vez mais atenção dos pesquisadores, possivelmente pelo interesse científico e social acerca do tema. Devido à sua complexidade, é importante que se tenha uma perspectiva mais ampla e mais precisa sobre a realidade dos pais no Brasil. Indica-se a necessidade de estudos que visem caracterizar as experiências de paternidade em contextos e temas diferenciados como, por exemplo, crianças com deficiência ou em outras configurações familiares. Tendo em vista que as demandas de crianças mudam com o tempo faz-se necessário investigar as especificidades de envolvimento paterno durante todo o desenvolvimento infantil, integrando as abordagens quantitativas e qualitativas.

Mais estudos a respeito das mudanças na participação paterna podem contribuir para o entendimento de como a paternidade está sendo configurada (Fleck & Wagner, 2005). Para isso pode-se utilizar o pai como informante e tentar saber quais são as atividades que efetivamente ele e as crianças realizam juntos. A obtenção de dados a partir de múltiplos informantes, de uma abordagem multimetodológica, longitudinal, comparativa e de um planejamento transcultural pode promover avanços na área de psicologia da família.

Além dos aspectos relativos à paternidade e à relação entre pais e mães, as consequências do envolvimento parental para o desenvolvimento infantil também parecem ser importantes no estudo do fenômeno (Bossardi & Vieira, 2010). Houve um aumento, ao longo dos últimos anos, no número de estudos que discutem a temática envolvimento paterno, visto que o papel do pai no desenvolvimento infantil vem sendo alvo de interesse crescente de pesquisadores (Bossardi & Vieira, 2010, Dubeau et al., 2009; Souza & Benetti, 2009).

O estudo de Gomes, Bossardi, Cruz, Crepaldi e Vieira (2014), que objetivou investigar instrumentos de medida utilizados para avaliar o engajamento paterno em pesquisas científicas, realizadas no período compreendido entre 2000 e 2012, revelou que o número de produções cresceu no decorrer dos anos, principalmente no que se refere aos estudos internacionais. Consequentemente, apontou também a escassez de instrumentos construídos ou adaptados para o contexto brasileiro. Percebeu-se que, especificamente no âmbito nacional, existe a predominância de estudos de natureza qualitativa e, mesmo com a ampliação do interesse pela temática do envolvimento paterno, fica evidente a existência de um vasto espaço para pesquisas na área.

Atualmente, ao se falar em configurações familiares, alguns autores preferem, ao invés de focar a influência exercida por um dos pais,

ênfatizar a influência conjunta de ambos os pais, por meio da definição da coparentalidade (Dubeau et al., 2009; Gagnon & Paquette, 2009; Gomes & Resende, 2004; Silva & Piccinini, 2007). A coparentalidade é definida pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos, ou seja, pai e mãe dividem a liderança e se apoiam nos seus papéis de chefes da família e nos papéis parentais (Feinberg, 2002; Feinberg, 2003).

O conceito de coparentalidade funciona como um sistema mais amplo que influencia e é influenciado pelos demais subsistemas familiares. Nesses termos, está relacionado aos sistemas da conjugalidade e da parentalidade e influencia o desenvolvimento infantil (Feinberg, 2002; Feinberg, 2003).

No contexto atual das sociedades ocidentais, no qual o envolvimento paterno vem cada vez mais sendo valorizado, compreender como a coparentalidade afeta o desenvolvimento humano tornou-se de grande importância, seja para fins teóricos como para intervenções. A coparentalidade é influenciada por características individuais de cada pai e mãe (escolaridade, saúde mental e bem-estar), pelos fatores familiares ou relacionamento conjugal e por ambiente extra-familiar. Possui como componentes o acordo nas práticas parentais, as divisões de trabalho e o suporte recíproco entre a díade (Feinberg, 2003; Frizzo, Kreutz, Schmidt, Piccinini, & Bosa, 2005). As transformações sociais, econômicas e familiares, os conceitos de coparentalidade e a noção de complementaridade das funções parentais, constituem importantes fatores a serem considerados no estudo do engajamento parental e na caracterização da maternidade e da paternidade na família contemporânea.

O processo de tornar-se pai ou mãe também tem sido investigado como importante medida para o ajustamento à paternidade ou à maternidade (Krob, Piccinini, & Silva, 2009). A transição para a parentalidade foi analisada em função de características como: temperamento infantil (característica da criança), gênero parental (característica dos pais e mães) e coparentalidade (características do contexto). Desse modo, o estudo de Solmeyer & Feinberg (2011) testou as relações entre as diferenças entre homem e mulher e o temperamento infantil, a coparentalidade e o bem-estar parental. O temperamento negativo apareceu como preditor de altos níveis de sintomas depressivos e estresse e baixa eficácia parental. Quanto mais prejudicada as relações coparentais, maiores os níveis de estresse e sintomas depressivos parentais. Esses resultados indicam que o ajustamento parental é determinado tanto pelas características infantis, quanto pelas

características contextuais (estresse ou apoio parental). Não foram encontradas diferenças entre homens e mulheres em relação ao temperamento, mas o efeito da coparentalidade no ajustamento parental apresentou-se significativo somente para o pai.

As colocações acima, podem ser complementadas pela pesquisa dos autores Kwon et al. (2013) que afirmam que, em função das demandas sociais e econômicas e das transformações nas configurações familiares, são evidenciadas mudanças nas formas de exercer a parentalidade de ambos, pai e mãe, o que leva à necessidade de uma definição das funções de pais e de mães. As definições de tais funções, dependerão, dentre outros fatores dos sentimentos de competência parental e das suas habilidades ou estratégias para se ajustar às novas demandas.

São muitos os aspectos que envolvem o estudo do sistema familiar. Pesquisas sobre a parentalidade são expressivas na literatura e a paternidade, assim como a maternidade vem ganhando destaque. Numa tentativa de unir a compreensão das mudanças ocasionadas nos papéis materno e paterno fala-se numa relação coparental entre os genitores. Mais especificamente, as investigações acerca da parentalidade, da mãe e, principalmente do pai, que vem ganhando destaque nos últimos tempos, têm sido realizadas por meio de termos como investimento, envolvimento e engajamento.

O termo investimento parte de uma compreensão evolucionista e entende o fenômeno de modo mais geral, considerando as atividades diretas e indiretas realizadas por pai e mãe que irão contribuir de forma imediata ou não para a sobrevivência da espécie (Hewlett, 1992; Trivers, 1972). O termo envolvimento é compreendido como um tipo de investimento que se refere às atividades em que os pais interagem direta ou indiretamente com as crianças, visando o cuidado (Lamb, et al., 1985; Lamb, 1997). O termo engajamento é recente na literatura psicológica, foi introduzido nos estudos sobre paternidade e é utilizado como sinônimo de envolvimento (Dubeau et al., 2009). Esta pesquisa parte da compreensão de que os termos estão relacionados e que, portanto, o envolvimento ou engajamento parental pode ser entendido em função da interação de pai e mãe com os filhos, levando em consideração as explicações da teoria do investimento parental.

Os próximos dois capítulos dessa revisão tratam da conceituação desses termos utilizados para a compreensão do relacionamento parental e das pesquisas envolvendo tais definições.

3.5 INVESTIMENTO PARENTAL

A teoria do investimento parental foi proposta por Trivers (1972) e define o termo como investimento de energia, já que a garantia de sobrevivência da espécie e as chances de sucesso reprodutivo dependem de um alto investimento e também da quantidade de energia envolvida neste processo. Assim, o investimento parental é compreendido como o grau que cada sexo investe na sua prole, ou seja, qualquer investimento que pais (pai e mãe) despendem em favor da prole visando aumentar a sobrevivência e, conseqüentemente, a reprodução, reforçando assim, a ligação entre investimento parental e a seleção sexual. Trivers também propõe esta relação, ao indicar que o sexo que mais investe na prole (feminino) é o mais exigente quanto à escolha do parceiro, enquanto o sexo que menos investe (masculino) compete mais ativamente para obter membros do sexo oposto e garantir o sucesso reprodutivo (Borrión & Lordelo, 2005; Kriegman, 1999).

Ao se referir à teoria do investimento parental, autores se reportam também à teoria de estratégia sexual, explicitando uma relação entre essas teorias, uma vez que o investimento parental é utilizado como uma das estratégias na escolha de parceiro(a)s (Borrión & Lordelo, 2005; Lordelo et al., 2006; Moller & Thornhill, 1998). A teoria da estratégia sexual parte do princípio de que os seres humanos possuem mecanismos psicológicos envolvidos na escolha de um parceiro sexual como a atração sexual, o desenvolvimento de vínculos e o estabelecimento de relações duradouras. O comportamento feminino se dá de um modo diferenciado do comportamento masculino, no sentido em que homens e mulheres vivenciam diferentes problemas de acasalamento no ambiente evolucionário de adaptação da história humana e que, portanto, possuem diferentes estratégias reprodutivas. A teoria de investimento parental é considerada como a principal força propulsora da seleção sexual (Borrión & Lordelo, 2005; Buss & Schmitt, 1993).

Assim sendo, para compreender o investimento parental, é necessário definir as diferentes estratégias sexuais de machos e fêmeas. As fêmeas são mais seletivas no acasalamento e escolhem seus parceiros pelo que eles podem representar para o futuro da prole, sendo que, devido à fertilização, gestação, amamentação e cuidado com a criança, investem mais tempo e recursos do que o homem. Por outro lado, o macho é menos discriminativo na escolha e tem por objetivo inseminar um maior número de mulheres férteis, de forma a aumentar o sucesso reprodutivo, desenvolvendo o mecanismo de evitação de compromisso e de investimento (Geary & Flinn, 2001). A espécie humana pode ser

compreendida a partir disso e, devido à ovulação oculta, a única forma de o homem obter a certeza da paternidade e garantir a probabilidade de que a prole seja sua, é permanecer ao lado da mulher. Por parte das mulheres, esse investimento parental masculino (provisão de recursos, alimentação, proteção e formação de alianças) servirá de guia para escolha de parceiros (Borrión & Lordelo, 2005).

Dessa forma, o investimento parental como a proteção e o cuidado da prole, ocorre de forma diferenciada dependendo do objetivo e da função do sexo do indivíduo. Assim, as diferenças no investimento parental entre os sexos podem ter gerado estratégias de seleção de parceiros diferenciadas, as quais variam de acordo com a durabilidade e o objetivo dos encontros entre parceiros (Geary & Flinn, 2001). De acordo com Geary (2000) o cuidado paterno direto é uma característica da espécie humana e pode ser explicado tanto por fatores evolutivos como culturais. Dentre os fatores associados à evolução do investimento paterno estão: a sobrevivência da prole, as oportunidades de acasalamento e a certeza da paternidade. Os fatores culturais referem-se ao desejo social de igualdade entre as funções maternas e paternas, ou seja, à compreensão de que homens e mulheres devem contribuir igualmente para o bem-estar dos filhos (Geary, 2000).

Hewlett (1992) refere o termo investimento parental como uma importante contribuição da Psicologia Evolucionista e que está relacionado a um modo mais global de engajamento dos pais (pai e mãe) em atividades que contribuem para a sobrevivência da sua prole e, em última instância, para seu sucesso reprodutivo. Dois tipos de investimento parental são caracterizados pelo autor, direto e indireto. O investimento direto refere-se a atividades e comportamentos de pais e mães que exercem uma influência imediata na sobrevivência da criança, tais comportamentos podem incluir alimentar, transmitir conhecimentos culturais, e fornecer recursos e cuidado.

Já o indireto diz respeito a atividades e comportamentos que beneficiam a criança sem necessariamente a criança estar presente fisicamente, como defender, manter acesso a recursos e alimentação e providenciar suporte emocional e econômico à mãe. Em termos de história evolutiva da espécie humana, o macho providenciava recursos e defendia a fêmea até a hora da concepção, ou seja, despendia um investimento indireto à prole. Por questões óbvias (relacionadas com a gestação interna) a fêmea estava presente diretamente, tanto antes da concepção como depois, pois é a ela que cabem os cuidados para com os descendentes (Borrión & Lordelo, 2005; Hewlett, 1992).

Por outro lado, as estratégias de investimento parental sofrem influências do contexto ecológico, ou seja, a quantidade de investimento parental pode influenciar dois estilos reprodutivos distintos, representando trajetórias de desenvolvimento diferenciadas. No primeiro, o indivíduo que na infância teve experiências de baixo investimento, ausência paterna, falta de recursos, conflito conjugal e violência familiar, terá estilo reprodutivo mais quantitativo (mais parceiras sexuais, mais filhos, menor espaçamento entre os nascimentos e baixo investimento parental). O segundo representa o indivíduo que dispõe de recursos materiais satisfatórios, experimenta um alto investimento parental e um clima familiar positivo e, portanto, tem um estilo reprodutivo mais qualitativo (permanência com a companheira, menos filhos e maior espaçamento de tempo entre os nascimentos e alto investimento parental). Assim, o ciclo vital dos indivíduos como um todo está ligado aos seus interesses reprodutivos e às condições ecológicas em que eles vivem, o que explicita que essa teoria tem o potencial de integrar dimensões biológicas e culturais a uma psicologia do desenvolvimento humano (Borrione & Lordelo, 2005; Lordelo et al., 2006).

O grau de investimento parental, ao mesmo tempo em que aumenta as chances de sobrevivência, diminui a probabilidade dos pais de se envolverem na criação de outros filhos. O envolvimento parental, definido como comportamentos e atividades realizadas por pais e mães em função de seus filhos, vai depender, dentre outros fatores, do número de filhos, das condições sociais e econômicas do contexto. Dada as mudanças relativas ao contexto familiar, a paternidade começa a ser melhor definida e o envolvimento paterno passa a ser estudado e determinado em termos de quantidade, conteúdo e qualidade. Diversos estudos buscam configurar as funções paternas na família e no desenvolvimento infantil, demonstrando um aumento no envolvimento paterno e apontando um movimento de maior participação do pai no cuidado da criança (Goetz & Viera, 2009; Lamb, 1997; Pleck, 1997; Silva & Piccinini, 2007; Vieira et al., 2009).

Bandeira (2009) por meio de sua pesquisa, acerca das crenças sobre investimento parental, realizada no Rio de Janeiro, refere a dificuldade na definição do termo investimento parental e definiu, a partir do método qualitativo, seis categorias que podem ser usadas para indicar diferentes tipos de investimento parental: investimento financeiro, emocional, em cuidados básicos, intelectual, social-espiritual e familiar-pessoal. Utilizou uma escala construída a partir de um instrumento aplicado com as mães para comparar o investimento de pai e mãe com os filhos. Os resultados desse estudo apontaram que pais e mães realizam mais o investimento

emocional e as mães parecem investir mais do que os pais, principalmente no que se refere aos cuidados básicos.

Além das diferenças sexuais, as variáveis socioambientais apresentam impacto sobre o investimento parental. Em um estudo com 127 mães de crianças de 0 a 9 anos, Tokumaru, Zortea, Howat-Rodrigues, & Andrade (2011) investigaram a variação no investimento materno em função de variáveis socioambientais tais como idade no nascimento do filho, escolaridade, número de filhos e coabitação com o companheiro.

As mães não-coabitantes declararam participar dos cuidados com os filhos tanto quanto as mães que coabitavam com o pai da criança. No entanto, as mães coabitantes declararam significativamente maior participação do pai do que as mães não-coabitantes. Enquanto a escolaridade materna não apresentou resultados significativos, a renda familiar apresentou efeito sobre a participação das mães nos cuidados com seus filhos, no sentido de que quanto maior a renda, menor o investimento materno. A idade da mãe no nascimento do primeiro filho também foi significativa, mostrando que quanto mais jovem a mãe menor será seu investimento (Tokumaru et al., 2011).

Em uma análise de pais de diferentes etnias, Leavell, Tamis-LeMonda, Ruble, Zosuls & Cabrera (2012), entrevistaram um total de 426 homens (afro-americanos, latinos e brancos) a respeito das atividades que realizavam com seus filhos e suas filhas quando estes tinham dois anos, três anos e idade pré-escolar. Com relação à etnia, pais latinos participam menos frequentemente em cuidados comparados aos afro-americanos e não se envolvem mais que os demais em cuidados, como era esperado. Os resultados ainda revelaram que embora o envolvimento paterno em cuidados tenha demonstrado um escore elevado, os pais estiveram mais envolvidos em jogos físicos do que em atividades de alfabetização.

A quantidade de participação paterna diminuiu com o passar do tempo, dependendo da idade da criança, somente na idade pré-escolar é que houve a prevalência dos jogos físicos, enquanto que o cuidado foi mais prevalente quando a criança tinha dois anos. Aos três anos o envolvimento em cuidado foi tão prevalente quanto em jogos físicos. Pais de meninos realizaram mais jogos físicos em comparação aos pais de meninas. Por outro lado, os pais de meninas tenderam a realizar mais atividades literárias e de alfabetização (Leavell et al., 2012).

Em uma análise bibliográfica, procurando estabelecer a natureza evolutiva das relações entre pais e filhos em famílias indígenas em face às mudanças tecnológicas e sociais que ocorreram na Índia nos últimos anos, os resultados indicaram que as crenças ideológicas sobre os papéis

e responsabilidades dos homens e das mulheres não sofreram uma mudança considerável, e que mesmo que os pais pareçam responder melhor às necessidades das crianças, as maiores responsabilidades para com os filhos ainda competem às mães (Roopnarine, Krishnakumar, & Vadgama, 2013).

O termo investimento tem a sobrevivência como causa última. Para efeito desta pesquisa o investimento será analisado em função dos comportamentos que podem demonstrar o investimento de pais com os filhos. Práticas parentais podem ser consideradas causas próximas, no sentido que o investimento nos filhos pode aumentar a probabilidade de sobrevivência das crianças, mas essa é só uma probabilidade, já que não serão observadas as causas últimas, que demandam estudo transgeracional, mas as causas próximas do investimento.

O termo investimento parental é uma contribuição da Psicologia Evolucionista que fornece uma compreensão mais ampla para o fenômeno do envolvimento parental, considerando os aspectos filogenéticos do comportamento paterno e materno no cuidado com os filhos. Para a teoria evolucionista há variações na quantidade de investimento parental e no cuidado com os filhos (cuidado parental), entre mulheres e homens. O investimento e o cuidado irão variar conforme as características de desenvolvimento dos filhotes e das condições ecológicas. Entre os humanos, o cuidado parental é intenso durante os primeiros anos de vida, pois as condições de dependência que o bebê humano apresenta, exigem a presença de um adulto que forneça os cuidados necessários para sua sobrevivência e destaca as especificidades do cuidado materno e paterno para com as crianças (Vieira & Prado, 2004).

A noção de investimento parental, tal como compreendida pelos evolucionistas, inclui a noção do envolvimento ou interação direta com a criança (cuidado, proximidade, proteção, educação, alimentação), bem como contribuições mais indiretas, ou seja, que influenciam indiretamente a saúde e o desenvolvimento da criança (permanência em casa, providenciar suporte financeiro e emocional à mãe) (Paquette, 2004).

Assim, o investimento parental é útil para explicar algumas especificidades de homens e de mulheres no que se refere à parentalidade e pode servir de base para compreensão do envolvimento que é compreendido como um tipo de investimento que define a participação direta e indireta no cuidado com os filhos.

Historicamente e culturalmente foram instaladas diferenças entre homens e mulheres nos seus papéis familiares. Sendo a mulher designada

para o cuidado aos filhos e às tarefas domésticas e o homem se distanciando dela com as tarefas de suporte financeiro e disciplinar (Carvalho, Cavalcant, Almeida, & Bastos, 2008; Gomes & Rezende, 2004). A Psicologia Evolucionista traz contribuições para explicar as especificidades existentes entre homens e mulheres e inclui uma compreensão mais abrangente do fenômeno. Nesse sentido, as especificidades no investimento de pai e mãe são importantes para compreender as diferenças no cuidado materno e paterno, lembrando sempre que tais diferenças irão depender de características biológicas e evolutivas em interação com o contexto cultural que irá influenciar as funções a serem desempenhadas por homem e mulher na formação de uma família e no cuidado com os filhos e filhas. O investimento e o cuidado irão variar conforme as características de desenvolvimento dos filhotes e das condições ecológicas (Borrione & Lordelo, 2005; Geary & Flinn, 2001).

Entre os humanos, o cuidado parental é intenso durante os primeiros anos de vida, pois as condições de dependência que o bebê humano apresenta, exigem a presença de um adulto que forneça os cuidados necessários para sua sobrevivência (Vieira & Prado, 2004). A mãe devido a sua característica de reprodução e a certeza da maternidade investe no cuidado visando a sobrevivência da espécie e garantia do seu sucesso reprodutivo. O cuidado paterno direto é uma característica da espécie humana e pode ser explicado tanto por fatores evolutivos como culturais. Dentre os fatores associados à evolução do investimento paterno estão: a sobrevivência da prole, as oportunidades de acasalamento e a certeza da paternidade. Os fatores culturais referem-se ao desejo social de igualdade entre as funções maternas e paternas, ou seja, à compreensão de que homens e mulheres devem contribuir igualmente para o bem-estar dos filhos (Geary, 2000).

Desse modo, tanto pais quanto mães irão desenvolver comportamentos específicos no cuidado com os filhos e a forma como cada progenitor vai desempenhar suas funções e responsabilidades com o lar e com as crianças vai depender de fatores biológicos e culturais em constante interação (Geary, 2000; Geary & Flinn, 2001; Seidl de Moura, 2005). Assim, o cuidado parental humano pode e deve ser entendido por meio de uma interação de fatores biológicos e culturais, onde são encontradas diferenças e também similaridades no comportamento maternal e paternal e é disso que trata o item a seguir (Geary & Flinn, 2001).

Partindo da noção de complementaridade dos papéis materno e paterno para o desenvolvimento saudável da criança, Paquette (2004)

propôs o conceito de relação de ativação, o qual foca o comportamento do pai ativo durante as explorações de seu filho. A relação de ativação está ligada ao apego que favorece a abertura ao mundo, ou seja, a criança aprende a lidar com ameaças e a estranhar seu ambiente, já que o pai a incentiva a exploração. Segundo a Teoria da Relação de Ativação (Paquette & Bigras, 2010), as funções paternas e maternas são complementares e permitem à criança se desenvolver de forma típica, desenvolvendo, por exemplo, habilidades de competição no contato com o pai e habilidades de cooperação no contato com a mãe.

Em contraste com a relação de apego com a mãe, que ajuda a acalmar, a relação de ativação com o pai pode satisfazer a necessidade de exercer e assumir riscos em um contexto de confiança e de proteção dos perigos potenciais. Partindo das duas dimensões da teoria do apego de Bowlby, o apego e a exploração, a teoria da ativação propõe que a criança necessita ser tanto confortada quanto estimulada. E ao pai, fica reservada então, a tarefa de fazer abertura para o mundo e de proporcionar as explorações. Ao mesmo tempo em que ele estimula, impõe também limites e disciplina à criança.

Assim como o apego mãe-criança pode ser evidenciado pelo procedimento da situação estranha, o apego com o pai, por meio da dimensão exploração pode ser evidenciado por meio da Situação de risco, um procedimento elaborado para compreender a relação pai-criança (Bigras & Paquete, 2010). Resultados desses estudos demonstram que enquanto a mãe desenvolve com a criança a base do conforto em situações de estresse, o pai, identificado como cuidador secundário, assume a segunda Figura do apego, ou seja, se responsabiliza pela dimensão exploração (Paquette & Bigras, 2010; Dumont & Paquette, 2012; Gaumon & Paquette, 2012).

Segundo Dumont e Paquette (2012), o pai desempenha um importante papel para o desenvolvimento socioemocional das crianças, sendo que as interações pai-criança promovem o surgimento de competências sociais. Crianças seguras possuem maior competência social do que as inseguras. Crianças seguras e ativas produzem melhores resultados. Pai e mãe podem produzir resultados para com as competências sociais infantis, mas o pai, por meio das dimensões exploração e estimulação (medido por meio da situação de risco) parecem ter um efeito maior, comparado ao apego com a mãe (por meio da situação estranha).

Outro fator importante a ser mencionado aqui é que assim como o apego, definido e identificado como sendo dimensão específica da maternidade, existe a chamada sintomatologia de covade para o homem.

Pelo processo de gestar, a mãe experiencia durante a gravidez, algumas mudanças físicas e alterações hormonais, tais como o aumento da prolactina e da ocitocina. Tais alterações produzem mudanças comportamentais e emocionais, compatíveis com o período da gestação. Contrariamente, o pai, por não passar por essa experiência de manter o filho até o momento do seu nascimento, só iria manifestar mudanças comportamentais após o nascimento da criança, no qual torna-se mais concreto para ele o fato de tornar-se pai. Alguns estudos (Ferreira, Leal, & Maroco, 2010; Krob et al., 2009; Martini, Piccinini, & Gonçalves, 2010; Parke, 1996) apontam que o homem pode sim apresentar alguns sintomas com relação ao processo de ter um filho, mesmo antes de a criança nascer.

Apesar de a experiência da gravidez ser diferente da experiência da mulher, o homem também pode experimentar mudanças físicas emocionais e comportamentais, decorrentes da sua participação no processo. Ocorre a chamada síndrome de couvade ou sintomatologia de couvade que é o termo utilizado para denominar as alterações encontradas ou referidas pelos pais (Ferreira et al., 2010; Krob et al., 2009; Martini et al., 2010; Parke, 1996).

Para Krob et al. (2009), as mudanças emocionais durante a gestação foram percebidas pelos pais durante a gestação. Foi identificada uma maior sensibilidade para lidar com as situações, com as pessoas e principalmente com a esposa. Os pais passaram a adequar seus comportamentos ao que consideravam que a esposa grávida poderia suportar. Também foram relatadas mudanças emocionais após o contato face-a-face com a criança.

Em outro estudo, pais também revelaram, por meio de entrevistas, terem apresentado sintomas físicos relacionados à síndrome de couvade tais como aumento do apetite, preferência por um alimento e até vômitos e também emocionais como alterações de humor e ansiedade. Aqueles pais que conviveram diretamente com a gravidez da esposa relataram um maior número de sintomas quando comparados aos demais participantes (Martini et al., 2010).

Conforme Ferreira et al. (2010), os pais apresentaram um amplo e variado número de sintomas os quais incluem dores de cabeça, prisão de ventre, náuseas, fadiga, aumento ou perda de apetite, depressão, irritabilidade, nervosismo, choro, diminuição do interesse social, dentre outros. Embora tenham comprovado a existência da sintomatologia e de que esta pode estar relacionada a outras variáveis como a gravidez planejada e desejada e o risco associado à gravidez, não foram

confirmadas as relações entre a sintomatologia de couvade e o envolvimento paterno.

Partindo da teoria do investimento parental e das especificidades entre as funções paternas e maternas, o próximo item refere-se à conceituação dos termos envolvimento e engajamento e a caracterização do envolvimento parental, segundo pesquisas.

3.6 ENVOLVIMENTO E ENGAJAMENTO PARENTAL

O envolvimento e o engajamento parental referem-se às atividades de interação e participação dos pais na vida de seus filhos. Com relação ao termo envolvimento, a definição mais utilizada na literatura sobre o termo remete ao conceito de Lamb et al. (1985), que o definem partir de três dimensões: acessibilidade (presença e disponibilidade do pai para com a criança, sem que ocorra interação direta entre eles), interação (engajamento ou contato direto com o filho em cuidados e atividades compartilhadas como brincadeiras ou lazer) e responsabilidade (papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança como levar o filho ao médico ou participar de reuniões na escola).

Já o termo engajamento é recente na literatura psicológica, portanto, ainda pouco utilizado especialmente pela literatura nacional e foi originalmente introduzido nos estudos sobre paternidade, visto que as mudanças sociais abriram caminho para a conceituação do engajamento de cada um dos pais, sendo que o envolvimento da mãe já era estudado há anos. A equipe ProsPère (<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>) sediada no Québec (Canadá) e formada por pesquisadores de diversas áreas que se dedicam ao estudo da paternidade, adota o termo engajamento paternal como sinônimo de envolvimento paterno e o conceitua como a participação e a preocupação contínua do pai com a criança (Dubeau et al., 2009). Assim, o termo engajamento é definido como a participação e a preocupação contínua do pai biológico ou substituto, acerca do desenvolvimento e bem-estar físico e psicológico de seu filho. O engajamento se exprime de diferentes formas e se desenvolve passo a passo a sua maneira:

- Pai em interação: presença do pai para com a criança, direta ou indireta.
- Pai que cuida: compartilha as tarefas cotidianas.
- Pai afetuoso: gestos e palavras que tranquilizam e encorajam.
- Pai responsável: realiza tarefas para o desenvolvimento da criança.

- Pai provedor: promove apoio financeiro para as necessidades da criança.
- Pai evocativo/significativo: pai que pensa na criança (Dubeau et al., 2009, p.75, tradução livre).

De acordo com Lamb (1997), a partir da década de 70 muitas pesquisas passaram a investigar a natureza e a extensão das interações pai-filho e, para isso, são conceituados termos como o envolvimento e o engajamento paterno. Depois de tentar acessar o fenômeno da paternidade, os termos passam a ser estendidos também para o estudo da maternidade e, para a comparação da interação de pai e mãe no cuidado com os filhos.

Em levantamento bibliográfico entre os anos de 2000 e 2010, Gomes, Bossardi, Crepaldi e Vieira (2010, artigo não publicado) investigaram a incidência de artigos científicos na literatura nacional e internacional, sobre esta temática, indexados nas bases de dados, LILACS, MEDLINE, Science Direct, SciELO e Pepsic. Utilizando como descritores os termos envolvimento paterno, engajamento paterno, *paternal involvement*, *paternal engagement*, *father engagement*, *engagement paternel*, os autores verificaram que há um número maior de pesquisas com o termo envolvimento ou *involvement* do que com o termo engajamento ou *engagement*. Confirmando que o termo engajamento ainda é novo e pouco explorado na investigação da paternidade.

Assim, confirma-se a existência dos três termos utilizados para investigar o comportamento paterno, que de acordo com as definições e discussões na literatura estão interligados. Para o presente estudo, concorda-se com as definições já existentes e propõe-se investigar o envolvimento e o engajamento como sendo a participação e a interação parental com os filhos. O termo investimento aparece como pano de fundo para compreensão dos resultados, pois supõe-se que um alto engajamento dos pais com os filhos pode aumentar as chances de sobrevivência da espécie.

A participação parental e, principalmente, a paterna, vem sendo definida pela intensidade do relacionamento com a criança (quanto tempo o pai gasta com a criança), pela natureza da relação com a criança (o que o pai faz com a criança) e pela qualidade do relacionamento com a criança (como o pai faz com a criança). Metodologicamente, as pesquisas utilizam de meios quantitativos e qualitativos. No que se referem aos quantitativos, muitos instrumentos são criados para acessar o comportamento da mãe com a criança e poucos permitem acessar o pai (Dubeau et al., 2009).

Para pesquisar o pai, a equipe ProsPère desenvolveu e validou a partir de uma amostra de 468 pais, um questionário sobre o engajamento paterno (QEP) (Paquette, Bolte´c, Turcottea, Dubeau & Bouchard, 2000), o qual também será utilizado nessa pesquisa. Para Dubeau et al. (2009), adotar uma visão multidimensional do engajamento permite uma análise mais aprofundada das diferenças que possam existir entre os pais (homens), mas também entre as mães e pais sob diferentes formas de engajamento. O QEP contém sete dimensões, que assim como no estudo de Bandeira (2009), permitem identificar diferentes formas de engajamento: suporte emocional, abertura ao mundo, cuidados básicos, jogos físicos, evocações, disciplina e tarefas de casa.

Diversos estudos têm enriquecido a investigação sobre fatores associados ao envolvimento paterno. Desse modo, algumas pesquisas centram-se nos determinantes do envolvimento, mas referem que existem muitas lacunas sobre como está se dando o engajamento paterno e quais são efetivamente os determinantes que o influenciam (Falceto et al., 2008; Feldman, 2000; Lamb, 1997; Pettit et al., 2007; Pleck, 1997; Saraff, & Srivastava, 2009; Schoppe-Sullivan et al., 2008; Silva & Piccinini, 2007; Souza & Benetti, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009).

O engajamento familiar humano tem sido tema de interesse de pesquisadores por suas características aparecerem em todas as culturas e também pela influência que exerce no desenvolvimento das pessoas (Vieira & Prado, 2004). Em levantamento bibliográfico nas bases de dados sobre o tema que envolve o pai e a paternidade, no período de 2000 a 2007, Souza e Benetti (2009) encontraram 263 artigos internacionais e 90 artigos nacionais. As publicações internacionais englobaram 136 artigos qualitativos, 85 teóricos e 42 quantitativos.

Os Estados Unidos, a Inglaterra e o Brasil, apresentaram produções durante todo período avaliado, demonstrando significativa contribuição com o tema. Dubeau, et al. (2009) sugerem que a investigação sobre as especificidades de pai e mãe no cuidado aos filhos e no desenvolvimento dos mesmos ainda é um campo pouco explorado. As diversas pesquisas sobre o tema marcam que as mães tendem a se envolver mais do que os pais em tarefas domésticas e de cuidado aos filhos. São necessários novos estudos para compreender as mudanças nas relações parentais e o impacto delas para a família e para a sociedade (Borsa & Nunes, 2011).

Pesquisas evidenciam modificações dos papéis parentais como a entrada da mulher no mercado de trabalho e a maior participação paterna nos cuidados com os filhos e nas tarefas domésticas (Saraff & Srivastava, 2009, Silva & Piccinini, 2007; Wagner et al., 2005). O aumento da participação da mulher no mercado de trabalho é apontado como um fator

que levou os homens a assumirem maiores responsabilidades dentro do lar. O trabalho fora de casa diminui o contato da mãe com seus filhos e o pai que antes passava a maior parte do tempo fora de casa para garantir o sustento familiar, é chamado ao encontro de um contato mais direto com as crianças. Ainda que ocorrendo em escala bem menor que a esperada ou desejada, a participação e o envolvimento do pai no cuidado com os filhos e nas funções do lar estão sendo evidenciados, mesmo sendo a mãe identificada como a principal responsável pelo cuidado e pelas tarefas de casa (Bossardi, Gomes, Vieira, & Crepaldi, 2013; Jablonski, 2010). Paquette, Carbonneau, Dubeau, Bigras e Tremblay (2003) referem que os estudos empíricos relacionados ao envolvimento têm revelado que o pai é menos envolvido do que a mãe, em todos os aspectos da parentalidade, exceto jogos físicos.

Esses resultados vêm ao encontro da pesquisa de Jablonski (2010) que investigou com vinte membros de casais urbanos de classe média como vem se dando a negociação de tarefas dentro do lar face às novas demandas impostas pelo ingresso das mulheres no mercado de trabalho. As mulheres dizem caber a elas o maior fardo das tarefas e responsabilidades domésticas e com os filhos e qualificam a participação dos maridos como um fator positivo e bem-vindo. A disparidade na divisão de tarefas, não faz as mulheres perceberem tal fato como um problema e uma fonte de conflitos, o que demonstra a força da influência de modelos parentais tradicionais no que diz respeito aos papéis de gênero.

Na busca de identificar tipos de parentalidade de acordo com algumas variáveis, um estudo utilizando o QEP com 468 famílias biparentais canadenses revelou que o pai está mais envolvido com a disciplina e menos com suporte emocional. Foram reveladas diferenças significativas entre as médias das dimensões do instrumento. A jornada de trabalho do pai também apresenta resultados significativos, quanto mais o pai trabalha menos se envolve em cuidados básicos. Quanto maior o número de filhos, menor envolvimento em suporte emocional, cuidados básicos, jogos físicos e evocações. Quanto mais velho é o pai, menos ele realiza abertura ao mundo, jogos físicos e evocações (Paquette et al., 2000).

Relações entre envolvimento e coparentalidade foram estabelecidas em famílias de crianças em idade pré-escolar, por meio de um estudo longitudinal com 112 casais biparentais. Um ano depois do primeiro contato, os pais respondem sobre seu envolvimento em atividades de brincadeira e de cuidado com a criança focal e o comportamento da coparentalidade foi observado durante interações triádicas. Foram encontradas associações entre envolvimento e coparentalidade, de modo

que o envolvimento teve efeito sobre a coparentalidade. Os resultados sugerem a importância dos fatores contextuais no estudo das relações coparentalidade-paternidade (Rongfang & Schoppe-Sullivan, 2011).

Em um estudo envolvendo 182 famílias biparentais Kotila et al. (2013), investigaram o envolvimento, de acordo com os conceitos de Lamb et al. (1985), em termos de engajamento positivo, responsabilidade, rotina nos cuidados com a criança e acessibilidade. Pais e mães completaram diários onde relatavam o tempo que passavam com as crianças em dias da semana (ou dias em que cumpriam jornadas de trabalho fora de casa) e nos finais de semana (ou dias que não teriam que cumprir jornadas de trabalho fora de casa).

Com relação ao engajamento positivo, as mães interagiram mais do que os pais tanto nos dias de semana, quanto nos finais de semana. Nos finais de semana, as mães aumentaram ainda mais o seu engajamento e também a diferença de horas que passavam com a criança em comparação ao pai. Sobre a responsabilidade, nos dias de trabalho fora de casa, as mães também apresentaram maior índice do que o pai, por outro lado, nos dias sem trabalho fora de casa, não foram encontradas diferenças de responsabilidade entre pai e mãe (Kotila et al., 2013).

No que se refere aos cuidados diários com o filho, as mães passaram significativamente mais tempo envolvidas do que os pais e, os pais, apesar de se envolverem mais em atividades diárias com a criança nos finais de semana do que nos dias de semana, esse aumento não foi suficiente para superar as diferenças com a mãe. Nos dias de semana, as mães demonstraram-se mais acessíveis em comparação ao pai, mas as diferenças entre os sexos não se confirmaram em dias em que os pais não possuíam jornada de trabalho fora de casa (Kotila et al., 2013).

Na tentativa de examinar a trajetória de pais e mães durante os primeiros novos meses de vida das crianças e seu envolvimento positivo em atividades com os filhos, Lang, Schoppe-Sullivan, Kotila, Feng, Dush, e Johnson (2014) examinaram 178 casais de famílias biparentais. Os resultados foram divididos pelos dias em que há trabalho fora de casa e os dias em que não há. Mães dispensam significativamente mais tempo do que os pais no engajamento com os filhos em ambos os dias, de trabalho e nos quais não trabalham fora de casa durante os nove meses de vida da criança (aos 03, 06 e 09 meses). Mas o pai, aumentou seu envolvimento com o passar do tempo, relativamente na mesma proporção em que a mãe aumentou o dela.

O envolvimento é visto como um fenômeno multidimensional e, portanto, deve ser investigado por meio de diferentes instrumentos que possibilitem abordar os diversos fatores que este construto abarca. Dentre

os fatores são destacadas as atividades referentes ao envolvimento direto e indireto e também as responsabilidades com o lar, como as tarefas domésticas e providenciar recursos financeiros. Acredita-se que tal abordagem fornecerá informações gerais e específicas sobre o envolvimento e a interação com os filhos, bem como outros aspectos relevantes como a relação com a mãe e a criança (Dubeau et al., 2009; Paquette, Eugène, Dubeau, & Gagnon, 2009; Schoppe-Sullivan, McBride, & Ringo Ho, 2004; Simões et al., 2010).

Diante do exposto, este trabalho propõe investigar variáveis que podem exercer influência na participação do pai. Propõe caracterizar o envolvimento paterno e identificar a relação com determinantes da paternidade como as características do pai (idade, renda, escolaridade, jornada de trabalho, personalidade), características da criança (idade e sexo) e as características da família (relacionamento conjugal e presença da mãe). Pretende-se contribuir com o conhecimento sobre como tais variáveis influenciam no desenvolvimento paterno e qual é efetivamente o papel da mãe para inserir o pai neste contexto, já que para alguns autores (Gaunt, 2008; Goetz & Vieira, 2009; Monteiro et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008) cabe à mãe promover a inserção do pai no contexto, encorajando-o e dando apoio para que ele interaja com a criança, o que significa possibilitar que o pai fique mais tempo sozinho com o filho e se envolva mais com o cuidado dele.

Como fator determinante do envolvimento paterno e materno, o relacionamento conjugal será estudado nessa pesquisa e será descrito nos últimos capítulos dessa revisão bibliográfica. No capítulo a seguir aborda-se a interação ou relação pais-crianças, que está relacionada ao envolvimento, mas como remete o próprio conceito, se refere às atividades propriamente ditas (diretas e bidirecionais) que os pais realizam com as crianças. Este conceito será utilizado para embasar o estudo observacional que será utilizado por este estudo, na tentativa de contemplar a multidimensionalidade e complexidade do fenômeno, por meio de diferentes instrumentos e técnicas.

Dentre as dimensões do envolvimento proposta por Lamb et al. (1985), a interação será definida a seguir, enfocando principalmente os estudos observacionais e as relações estabelecidas entre as variáveis de interesse nesse estudo.

3.7 INTERAÇÃO PAIS-CRIANÇAS E ESTUDOS OBSERVACIONAIS

Tanto o envolvimento como a interação dos pais com seus filhos são importantes para o desenvolvimento infantil. A relação pai-criança e

mãe-criança vem sendo estudada a partir de envolvimento e também da interação. O conceito de envolvimento mais utilizado pela literatura e também neste trabalho é o de Lamb et al. (1985) que remete a três caracterizações, dentre elas a interação ou engajamento que é a interação direta com a criança por meio de cuidados, brincadeiras ou lazer. Dessa forma, a interação constitui um dos aspectos do envolvimento. Enquanto que envolvimento contempla diversos fatores como estar acessível e disponível para a criança, se responsabilizar pelo suporte financeiro e emocional (à criança e à mãe) e realizar atividades como cuidar e brincar, a interação parece ser um dos fatores que se refere aos aspectos comportamentais, ou seja, à realização de atividades ou tarefas.

Autores como Dessen (1994), Hinde (1997), Levandowski e Piccinini (2002), Seidl-de-Moura e Ribas (2007), consideram a interação que envolve no mínimo dois comportamentos, em que uma pessoa emite um comportamento e a outra responde com outro comportamento, envolvendo no mínimo duas pessoas em interação. Este comportamento interativo pode ser avaliado por meio do conteúdo (o que os indivíduos fazem juntos), qualidade (a forma como realizam as atividades) e padrões de interação (frequência de diferentes tipos de interações) (Hinde 1997).

A interação social é considerada um fator de relevância para o desenvolvimento humano. Os principais pesquisadores brasileiros estudam o papel da interação no desenvolvimento infantil por meio de diferentes abordagens teóricas e metodológicas. Cada autor faz uma leitura particular dos eventos interativos (Piccinini et al., 2001). O grupo Interação social e desenvolvimento da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) assume a perspectiva sociocultural para enfatizar o caráter recíproco da interação, o que repercute numa metodologia específica para o tratamento empírico da questão (Piccinini et al., 2001). Este grupo, que investiga a interação mãe-bebê, identifica uma interação quando um dos parceiros dirige um comportamento social em direção ao outro e é respondido por ele com um comportamento social num intervalo de cinco segundos. Desta forma, não se trata de um comportamento socialmente dirigido, mas sim de uma sequência que não pode ter menos de dois comportamentos (Seidl-de-Moura & Ribas, 2007).

Para análise da interação são realizadas observações nas residências das famílias e são registradas em vídeo as atividades entre mãe e bebê. Percebe-se que toda e qualquer definição de interação, mesmo que não seja consensual, deve explicitar a questão da ação recíproca e da bidirecionalidade e inclui como maneira mais direta de se estudar os efeitos da interação a observação (Piccinini et al., 2001). Essa influência mútua das relações interpessoais e a noção de bidirecionalidade estão

ligadas a uma das premissas mais importantes do paradigma bioecológico, isto é, os processos proximais (Polonia et al., 2005).

Nesse sentido, a observação é o método mais utilizado para investigação dos padrões de interação social, pois se mostra adequado para registrar e analisar minuciosamente as sequências de ação e eventos que ocorrem com e entre a díade. A qualidade da interação pode ser afetada por diversos fatores, dentre eles destaca-se as características dos pais (como idade, escolaridade, renda e estresse parental), características das crianças (gênero, idade e características comportamentais e psicológicas como o temperamento) e características da família (relacionamento conjugal) (Levandowski & Piccinini, 2002; Mendonça, et al., 2011).

A noção de que bebês humanos já nascem com capacidades para estabelecer trocas sociais despertou o interesse de pesquisadores que durante anos dedicaram-se, sobretudo, às interações entre a díade mãe-bebê (Bandeira, 2009; Piccinini et al., 2001; Wendland, 2001). Portanto, que as interações mãe-bebê são desde sempre consideradas como importantes para o desenvolvimento infantil e as teorias que dela tratam, referem a contribuição da mãe para o cuidado e também para o suporte emocional dos filhos (Mendes & Pessoa, 2013; Seidl-de-Moura et al., 2008). A teoria de Bowlby (1989) aponta que as crianças desenvolvem um apego seguro com suas mães se tornarão adultos sociáveis e autoconfiantes. Da mesma forma, acredita-se atualmente na importância do papel paterno, ou seja, que ambas as figuras, paterna e materna contribuem para um desenvolvimento saudável da criança. Mesmo que cada um dos pais possua papéis diferenciados, esses são indispensáveis e complementares (Paquette, 2004).

Os estudos sobre as interações pai-criança têm aumentado, mas adotando inicialmente uma perspectiva diádica (pai-bebê) e, mais recentemente, passaram a considerar a tríade mãe- pai- bebê ou o grupo familiar como um todo (Wendland, 2001). Para se considerar além da relação diádica, a complexidade de análise aumenta, já que tem-se um elemento ou mais a ser considerado, mas apesar de uma maior dificuldade operacional, torna-se indispensável quando se entende a família como um grupo em que o comportamento e a presença de um afeta direta ou indiretamente o outro. O contexto de interação triádico deve, portanto, ser analisado e ainda levar em conta a reciprocidade e influências mútuas entre as pessoas que participam ou compartilham uma atividade (Bonfenbrenner & Morris, 1998; Dessen, 1994; Narvaz & Koller, 2004).

Os primeiros estudos comparando interações pai-criança e mãe-criança envolveram crianças menores e demonstraram que ambos podem

interagir e se comunicar competentemente com seus bebês. A diferença seria que enquanto os pais tentam exercitar a criança, promovendo brincadeiras e interações que envolvam movimentos e lugares diferentes, as mães tentam contê-las, promovendo interações mais tranquilas e em ambientes em que o controle dos comportamentos seja mais viável. Dessa forma, a interação paterna envolve mais a estimulação física e a abertura ao mundo e a materna, uma interação didática e verbal (Paquette, 2004).

Geralmente os papéis, paterno e materno, são identificados como distintos. Enquanto a mãe providencia cuidado e alimentação, o pai representa autoridade e disciplina. Assim como a interação das mães com os filhos podem trazer consequências para o desenvolvimento infantil, os pais também são identificados como importantes principalmente para os problemas de comportamento externalizantes e internalizantes. Os modelos e métodos desenvolvidos para estudar a relação mãe-criança têm sido ampliados para o pai e indicado ainda mais, que o pai contribui para desenvolvimento cognitivo e emocional da criança (Paquette, 2004). Entretanto, pouco se conhece sobre a específica contribuição do pai para a competência social da criança, sendo necessário desenvolver teorias e métodos específicos para estudar o pai.

Da mesma forma em que são estabelecidas diferenças entre o comportamento interativo de pai e mãe com a criança, são encontradas diferenças entre as interações diádicas e triádicas. Lamb (1997) e Lewis (1997) referem que em interações triádicas, a presença da mãe decresce a qualidade da interação pai-criança. O pai é identificado nas interações triádicas, como sendo menos responsivo do que a mãe. Da mesma forma, as mães também podem ser menos responsivas na presença dos pais (Dessen & Lewis, 1998).

Nesse contexto, essa pesquisa pretende investigar o padrão de interação do pai com a criança em situação diádica, em comparação com a situação triádica e verificar a influência da presença da mãe para a relação pai-criança. Outro aspecto importante desse trabalho, além de observar dois contextos de interação distintos, é a observação de interações com crianças maiores, tendo em vista que a faixa etária compreendida por este estudo é de 4 a 6 anos. As práticas parentais se modificam em função da idade dos filhos, na medida em que os comportamentos parentais se adaptam às novas habilidades e demandas infantis. Crianças maiores demandam menos cuidados diretos, menor contenção física e maior orientação e interação verbal (Marin et al., 2011). Do mesmo modo, as atividades realizadas entre as díades terão um padrão específico e, no caso dessa pesquisa serão utilizados brinquedos próprios para a idade, classificados como cognitivos e será considerado

que o que os pais fazem com a criança estará relacionado a essa faixa etária (Cordazzo, 2008).

Nesse sentido, no que se refere à observação de interações, esse estudo pode oferecer importantes contribuições para caracterizar a relação pai-criança no contexto diádico e triádico e com crianças maiores, em idade pré-escolar. Todos estes fatores são pouco estudados no Brasil, principalmente pela escassa utilização da observação como instrumento de pesquisa, também pela consideração de diferentes contextos e ainda com relação à idade das crianças.

Silva (2007) investigou o contexto familiar, a interação e o envolvimento paterno e materno com 10 famílias de crianças com síndrome de down. Apesar da característica específica do estudo (crianças com síndrome de down), os episódios de observação revelaram que o comportamento do pai foi semelhante tanto na díade quanto na tríade. Da mesma forma, foram encontradas semelhanças nas interações de pai e mãe na situação diádica, mas quando na triádica, os comportamentos de ambos os pais diminuíram. Com as crianças, as características de interação foram similares tanto na díade quanto na tríade.

Em um estudo sobre a interação pai-bebê, foram comparados onze pais adolescentes e nove pais adultos na interação com seu bebê de três meses de idade, Levandowski e Piccinini (2002) pela observação das díades concluíram que a idade do pai não é necessariamente um fator determinante da responsividade do pai com o bebê. Já Pereira-Silva e Dessen (2006) visitaram, em suas casas, dez famílias e observaram as interações entre criança-mãe, criança-pai e criança-mãe-pai ocorridas durante atividades livres. As crianças estavam em idade pré-escolar e foram divididas em dois grupos, um com e outro sem síndrome de down. Os resultados mostraram similaridades e também diferenças no padrão de interação genitores-criança entre os grupos e ressalta a importância de incluir o pai e os irmãos nos dados observacionais.

Também foram feitas comparações entre mães deprimidas e não deprimidas na interação triádica (pai-mãe-bebê). Neste estudo também realizado com crianças de aproximadamente um ano de idade, foram observadas famílias de nove mães com depressão e dez sem depressão em quatro episódios na sala de brinquedos da Universidade (pai-mãe-criança; pai-criança; mãe-criança e novamente pai-mãe-criança). Cada episódio teve duração de 8 minutos e foi analisado por meio das categorias, sensibilidade, afeto positivo, afeto negativo, desengajamento, intrusividade, estimulação cognitiva e alianças familiares, de modo que foi investigada a qualidade da interação entre todos os membros da

família. Os resultados não apontaram diferenças significativas nas interações triádicas entre as famílias com e sem depressão materna. Já nas interações diádicas, dentro de cada grupo de famílias, apareceram diferenças significantes no grupo sem depressão materna (Frizzo & Piccinini, 2007).

As interações iniciais mãe-bebê foram analisadas com trinta díades durante vinte minutos. Os bebês tinham aproximadamente 29 dias. Os resultados evidenciaram importantes indícios a respeito dos processos interacionais do bebê (Seidl-de-Moura et al., 2004). Na sua dissertação de mestrado Marin (2005) comparou as práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares, foram observados os padrões de interação familiar durante um almoço realizado na casa de mães de crianças de 30 e 36 meses. Participaram sete mães solteiras (mãe-criança) e sete casadas (pai-mãe-criança). Não foram encontradas diferenças nas práticas educativas entre os grupos.

Dentre os estudos internacionais, destacam-se os estudos produzidos por Mendonça et al. (2011) e Paquette e Bigras (2010). Mendonça et al. (2011), utilizam a compreensão da perspectiva sistêmica e de Bronfenbrenner para entender a família como um sistema dinâmico em que o comportamento dos pais com os filhos, em tríades difere do que é observado na díade, trazendo assim a necessidade de comparar a interação pai-criança e mãe-criança em situação diádica e triádica. Observaram quarenta e duas famílias com crianças de 32 meses de idade.

Em situação de laboratório, as tríades foram observadas durante 20 minutos em situação de brincadeira livre. Sucessivamente as crianças foram observadas em brincadeira livre com seu pai e sua mãe em ordem alternada, por 10 minutos. O objetivo desse estudo foi comparar a sincronia interacional de pai-criança e mãe-criança de famílias biparentais da Província Francesa do Québec quando interagem em díades e em tríades. Os resultados sugerem que o contexto de interação tem um impacto na sincronia interacional pais-criança. Nas díades foram encontradas semelhanças entre pai e mãe, ambos tiveram um alto envolvimento com a criança. Nas tríades, comparado com mãe-criança, os padrões de interação do pai foram significativamente menos sincrônicos.

Em observações domiciliares as interações de 18 díades pai-criança e mãe-criança foram analisadas qualitativamente, as observações ocorreram na sala e ambas as díades puderam escolher o brinquedo ou objeto a ser utilizado na brincadeira. Os resultados apontaram que as mães durante a interação com as crianças em idade pré-escolar tenderam a estruturar, ensinar e orientar o comportamento além de envolver em uma

conversar empática e reflexiva com a criança. Por outro lado, os pais empenharam-se principalmente com jogos físicos e também deixaram a criança direcionar a interação ou as desafiaram (John, Halliburton, & Humphrey, 2013).

Bingham, Kwon, & Jeon (2013) relatam o fato de que poucos estudos investigam o tipo de linguagem que o pai usa em suas interações com a criança, na presença ou na ausência da mãe. Geralmente, em comparação às mães, os pais tendem a realizar mais jogos físicos e menos vocalizações e conversas. Numa análise das díades e tríades, os autores, portanto, observaram uma situação estruturada e de brincadeira livre em ambiente de laboratório. Foram encontradas diferenças nas linguagens de pais e de mães nas diferentes situações, o que ocasionou diferenças na linguagem da criança nas situações triádicas. Mães produziram uma maior quantidade de palavras e com vocabulário mais variado do que os pais.

Diferenças comportamentais entre pais e mães durante as situações diádicas e triádicas também foram apontadas por Lindsey e Caldera (2006), que observaram 60 casais com crianças entre 11 e 15 meses. Mães demonstraram-se mais envolvidas com as crianças do que os pais durante as situações triádicas, mas apresentaram mudanças significativas na presença paterna. Em comparação à situação diádica, na triádica as mães foram menos envolvidas, menos sensíveis às demandas da criança e expressaram mais afeto negativo. As expressões de afeto positivo maternas aumentaram na presença paterna e, também as mães foram mais intrusivas com o pai durante a triádica.

É importante salientar que diferenças no estilo interativo de mães e pais com suas crianças têm sido descritas, mas nem sempre são encontradas, pois muitos são os fatores que podem contribuir para os resultados, como a dinâmica familiar, do gênero e temperamento da criança e o relacionamento conjugal. As diferenças entre o padrão interacional dos genitores podem ser explicadas por características biológicas, mas a influência do contexto social e cultural pode ocasionar mudanças nos estilos parentais, o que explica, mais uma vez, a necessidade de adotar uma perspectiva sistêmica e dinâmica para entender as relações pais-crianças (Mendonça et al., 2011).

A partir de uma compreensão sistêmica dos papéis parentais, acredita-se que o envolvimento paterno tem um significativo impacto no padrão de interação pai-criança. Se o pai for identificado como cuidador primário (cuidar, alimentar, dar banho, entre outros cuidados diretos) ao invés de secundário (brincadeiras e lazer e outras atividades indiretas) a díade pai-criança poderia ter uma interação maior que a díade mãe-

criança. As interações podem diferir de um contexto de observação natural para um contexto de laboratório e essa possibilidade precisa ser investigada (Mendonça, et al., 2011).

Desse modo, esse estudo internacional aponta a necessidade de se comparar a interação pai-criança em contexto diádico e triádico, levando em consideração que podem ou não ocorrer diferenças no padrão interacional de mãe e pai, mas que essas diferenças irão depender da influência cultural e social da dinâmica familiar e também do envolvimento de cada genitor com sua criança. Além disso, pesquisar a interação na residência das famílias pode oferecer importantes indícios dos fatores de influência e permite conhecer o funcionamento familiar em situação natural. Esse projeto propõe contribuir com esses apontamentos e pretende produzir dados brasileiros a respeito da temática.

Já o estudo de Paquette e Bigras (2010) foi realizado com famílias da cidade de Montréal no Canadá e teve dois episódios de observação gravados em vídeo. No primeiro participaram 21 díades pai-criança e no segundo, 22 díades mãe-criança. As crianças tinham entre 12 e 18 meses interagiam com seus pais por meio de brincadeiras e foram expostas a um procedimento de situação estranha, em que entra na sala uma pessoa estranha e uma situação de risco, para acessar a qualidade da ativação pai-criança. Este procedimento foi realizado tendo em vista a proposição teórica da interação pai-criança chamada de Teoria da Ativação (Paquette, 2004).

Segundo essa teoria as funções paternas e maternas são complementares e permitem à criança se desenvolver habilidades de competição no contato com o pai e habilidades de cooperação no contato com a mãe. De acordo com esse modelo, é o pai o melhor situado para ensinar os filhos, particularmente os meninos, a socializar (regular) sua agressividade, ou seja, a desenvolver suas habilidades e confiança em si nas situações de competição, graças à simulação de tomada de risco, à disciplina e às brincadeiras de luta pai-criança (Paquette et al, 2003).

Numa interação, o pai utiliza o brinquedo (objeto) como um pretexto para o contato físico e, durante a brincadeira, tentam desestabilizar a criança emocional e cognitivamente, no sentido de promover abertura ao mundo (Paquette, 2004). Na promoção da abertura ao mundo, o pai coloca a criança em situações nas quais ela é obrigada a confrontar-se com o ambiente a sua volta enquanto fornece proteção e impõe limites, ou seja, tende a encorajar a criança a correr riscos enquanto garantem segurança, permitindo que ela tenha coragem em situações não familiares. Dessa forma, os homens, em geral, têm uma tendência a

excitar, surpreender e, momentaneamente, desestabilizar a criança. (Paquette, 2004).

A interação ou a relação pais-crianças vem sendo utilizada para investigar, além da responsividade, apego e envolvimento parentais, a relação entre relacionamento conjugal e a interação pais-crianças (Barnett, 2008; Lindsey et al., 2009; Stroud et al., 2011). Na busca do entendimento da relação entre sistema conjugal e parentalidade é imprescindível investigar múltiplos aspectos da parentalidade, ou seja, quando mães e pais interagem separadamente com seus filhos podem ser evidenciados diferentes componentes do que quando os três interagem em conjunto. Neste sentido, o conhecimento sobre o sistema diádico, não representa o funcionamento familiar no sistema triádico e a relação entre o sistema conjugal e o parental deve ser investigado a partir desses dois tipos de interação familiar (diádica e triádica) (Stroud et al., 2011).

A qualidade do relacionamento conjugal pode explicar as diferenças observadas no padrão interacional pai-criança em contexto triádico, em comparação com o diádico. A interação marido-esposa pode influenciar o papel parental, por isso alguns estudos consideram, além das díades pai-criança e mãe-criança, a díade pai-mãe como elemento de análise na situação triádica (Mendonça et al., 2011). Essa análise ocorre geralmente pela categoria *Aliança Familiar* (Favez, Scaiola, Tissot, Darwiche, & Frascarolo, 2011; Frizzo & Piccinini, 2007) que se refere às interações entre dois membros da família no sentido de excluir um terceiro membro, ou seja, dentro de cada intervalo de tempo, a análise das interações triádicas busca investigar a qualidade da interação entre todos os membros da família e os intervalos de tempo são novamente examinados, de acordo com categorias de análise para cada uma das interações diádicas (mãe-bebê, pai-bebê e mãe-pai) (Frizzo & Piccinini, 2007).

Uma díade pode sofrer influência direta e indireta de outras pessoas que podem tanto inibir ou facilitar a interação, como por exemplo, as relações entre o casal podem ter impacto sobre as relações que cada cônjuge mantém com os filhos. Outras pessoas e o contexto, mesmo participando indiretamente da díade, podem exercer influência como os irmãos da criança e o ambiente físico (Polonia et al., 2005). Nesse trabalho, o relacionamento conjugal será analisado em relação ao sistema parental. O Capítulo 3.8 se refere ao sistema conjugal e seu relacionamento com o envolvimento e a interação dos pais com os filhos.

3.8 CONJUGALIDADE, RELACIONAMENTO CONJUGAL E SUA RELAÇÃO COM A PARENTALIDADE

No contexto familiar atual, no qual o envolvimento paterno vem sendo cada vez mais valorizado, compreender como a relação entre a conjugalidade e a parentalidade afeta as famílias e o desenvolvimento infantil tornou-se de grande importância, seja para fins teóricos como para intervenções. Fatores familiares e extra-familiares entram em foco de análise como sendo consideráveis variáveis de influência na determinação dessas relações. Para produzir avanços nos conhecimentos científicos deve-se procurar subsídios para o preenchimento de lacunas de questões ainda inconclusivas.

De acordo com Bigras e Paquette (2000), uma relação de qualidade entre o casal pode favorecer as relações parentais, bem como a coesão e o suporte mútuo entre pais e mães terão um papel fundamental no atendimento às necessidades infantis. Por outro lado, a presença de uma criança e, dependendo de suas características pessoais, pode ocasionar um desequilíbrio no desempenho das funções parentais e, por essa razão, um efeito negativo sobre o desenvolvimento da criança. Torna-se necessário, portanto, estudos que busquem esclarecer a respeito dos mecanismos de adaptação de pais e mães a eventos estressores normativos como a transição para a parentalidade, de maneira a sugerir propostas de intervenção e suporte para as famílias, frente às novas exigências e funções (Bigras & Paquette, 2000)

A parentalidade vem sendo destacada por meio do estudo com mães e pais para melhor entender o sistema familiar. É estudada por meio da análise dos comportamentos de ambos os genitores com a criança. Nesse tema, também vem sendo focalizada a relação do sistema parental com o relacionamento conjugal (Barnett, 2008). Na compreensão do sistema familiar, é importante considerar a natureza dinâmica das interações entre os sistemas conjugais e parentais e como o relacionamento entre pai e mãe pode influenciar e ser influenciado por relações estabelecidas entre pai-filho e mãe-filho. O estudo da coparentalidade pode ajudar a compreender como se dá a união dos pais no exercício da parentalidade. Entretanto, são poucos os estudos que procuram compreender como a relação conjugal pode estar associada a qualidades semelhantes observadas na interação pai-criança e mãe-criança (Barnett, 2008; Feinberg, Kan, & Goslin, 2009).

São limitadas também as evidências empíricas ou teóricas para sugerir quando e como a parentalidade de mães e pais dentro de uma mesma família são semelhantes. A qualidade das emoções e das

interações em um relacionamento (conjugal ou parental) pode se expandir para outro relacionamento, mas isso vai depender do complexo padrão de interação estabelecido (Barnett, 2008). Interações negativas e insensíveis com ambos os pais podem funcionar como um fator de risco para as crianças, enquanto que experiências positivas podem ser um fator de proteção. As interações dos pais com as crianças podem diferir das interações das mães, mas em uma mesma família onde há qualidade conjugal e coparentalidade, o relacionamento pai-criança pode ser semelhante ao da mãe-criança. O conflito entre o casal pode gerar negativas interações pais-crianças e a maneira pela qual um dos pais influencia a parentalidade do outro pode diferir entre sistemas familiares específicos (Barnett, 2008; Dessen & Braz, 2005; Stroud et al., 2011).

Para estudar a relação entre a conjugalidade e a parentalidade, desde 1990, pesquisadores utilizam o conceito teórico Spillover que sustenta a ideia de que um relacionamento conflituoso e insatisfatório levaria a uma interação negativa entre pais e filhos (Stroud, et al., 2011). Se a qualidade nas relações conjugais for baixa, o relacionamento pais-crianças será marcado por comportamentos mais agressivos, punitivos e com menos proximidade afetiva. É importante salientar que não é especificamente a existência ou não de conflito conjugal que interfere na parentalidade, mas a forma como o casal age na sua resolução. Uma resolução de conflito positiva e na ausência do filho pode ter reflexos positivos (Mosmann et al., 2011).

Bossardi et al. (2015 - manuscrito submetido), em uma análise da literatura científica brasileira, identificaram uma lacuna em relação a publicações que, sistematicamente, analisassem a produção empírica nos últimos anos sobre a relação entre o envolvimento parental e o relacionamento conjugal. Realizaram uma revisão sistemática da literatura sobre o tema, mediante a análise dos estudos empíricos publicados em periódicos indexados nas bases PsycINFO, PsycARTICLES, ScienceDirect, Medline (Ovid) e BVS-Psi, entre o período de 2002 e 2014. A análise dos 12 artigos selecionados indicou que uma variedade de assuntos foi abordada em relação à temática, dentre os quais destacam-se a coabitação, o estresse parental, abuso de substâncias, temperamento, coparentalidade, status marital e tempo de união, jornada de trabalho, tempo de licença parental e adaptação ao trabalho após o nascimento da criança. Os aspectos da relação conjugal foram avaliados tanto em termos de satisfação e qualidade quanto em relação ao conflito conjugal.

Observou-se que a percepção materna e a paterna a respeito da qualidade ou do conflito conjugal, não foram analisadas separadamente

em todos os estudos, bem como o envolvimento parental, mas foram feitas indicações para pesquisas futuras atentando para a importância de que se compreenda como se dá essa influência na percepção de ambos os pais, em função das particularidades e subjetividades dos indivíduos que formam o casal e que seja feita essa distinção entre os efeitos nos comportamentos materno e paterno (Bossardi et al., 2015).

As pesquisas que fizeram essa distinção, embora tenham apresentado resultados semelhantes para o pai e para a mãe, parecem indicar, na maioria delas, que o pai tem seu envolvimento mais modificado do que o da mãe, dependendo da sua própria percepção do relacionamento conjugal e também da percepção materna nesse aspecto (Bossardi et al., 2015).

Em uma análise das limitações e indicações sugeridas pelos pesquisadores desses estudos, sugere-se a inclusão de informantes diversificados (pais, mães, crianças, adolescentes e professores), métodos mistos (quantitativo e qualitativos, inserindo também as técnicas de observação direta), diversificação de variáveis em estudo (características parentais, das crianças como idade, temperamento e gênero e momentos estressores) e ainda a diversificação de contextos e culturas (Bossardi, et al., 2015).

Desse modo, propõe-se nesse trabalho, além de analisar os efeitos do relacionamento conjugal no envolvimento paterno, em comparação ao materno, leva-se em consideração tanto os aspectos positivos, quanto os aspectos negativos do relacionamento, representados pela qualidade ou satisfação e pelo conflito conjugal, respectivamente. As variáveis que influenciam essa relação também são colocadas como foco de investigação. Tanto as percepções paternas quanto as maternas a respeito do relacionamento conjugal serão consideradas.

O estudo da relação entre os subsistemas (conjugal e parental) pode proporcionar um fator de proteção ao funcionamento familiar e contribuir para promover padrões de interação conjugal e, conseqüentemente, parental, mais equilibradas e funcionais. Apresenta-se a seguir resultados dos estudos considerando os aspectos positivos ou negativos do relacionamento conjugal.

Resultados de uma revisão nas bases de dados PsycINFO a respeito do sistema familiar e, revisitando mais especificamente o subsistema conjugal, indicaram que os estudos a respeito do relacionamento conjugal e sua influência na qualidade das relações de apego com a criança, estão divididos entre os aspectos de satisfação e de conflito conjugais. A satisfação definida como a qualidade das relações foi apontada como preditora da qualidade de apego pai-criança, mas não da qualidade de

apego mãe-criança, enquanto que o conflito, vistos como ameaçadores pela criança, pode predizer relações de apego inseguras e desorganizadas de ambos os pais com as crianças (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

A qualidade do relacionamento conjugal é considerada um fator de proteção do ambiente familiar e da saúde de seus membros. Embora seja difícil a definição de qualidade conjugal, em função das particularidades e subjetividades dos indivíduos que formam o casal, a literatura internacional aponta desde 1990 três conceitos básicos da relação a dois: a satisfação, o ajustamento e a qualidade conjugal. Essa conceituação é multidimensional, pois para sua classificação, estão envolvidas as experiências na família de origem, o nível educacional, características de personalidade, fase do ciclo vital familiar e contexto da relação (Mosmann et al., 2011). Parece ser um consenso que a qualidade conjugal pode ser acessada pela percepção dos cônjuges sobre seu relacionamento, principalmente no que diz respeito ao conflito e a satisfação conjugal (Mosmann et al., 2011).

A respeito da satisfação conjugal, o estudo de Rebello, Júnior e Brito (2014), investigaram a percepção de 100 casais brasileiros sobre a qualidade do seu relacionamento conjugal e encontram que a maioria dos casais considerava-se satisfeitos no relacionamento conjugal e os fatores como ciúmes, convivência e amor foram relevantes para demarcar essa satisfação.

No que se refere aos aspectos positivos, relacionados à satisfação ou à qualidade conjugal, Bolze (2011) e Bossardi (2011) em suas pesquisas de mestrado identificaram relações entre a qualidade conjugal e o envolvimento parental. Os resultados com 50 casais indicaram, no estudo de Bolze (2011), que o envolvimento paterno depende, sobretudo, das atitudes maternas, pois quanto mais a mãe referiu harmonia na relação conjugal maior foi o envolvimento do pai com os filhos. No estudo de Bossardi (2011) o envolvimento paterno apresentou relações positivas com a qualidade conjugal, nesse sentido, quanto mais satisfeito com a relação o pai esteve, mais ele se envolveu no cuidado com os filhos. Resultados esses não evidenciados para o comportamento materno.

Em uma pesquisa com 200 casais de Taiwan, Chen (2013) examinou as conexões existentes entre a qualidade do relacionamento conjugal, a coparentalidade e a parentalidade. A parentalidade foi analisada em termos de envolvimento em cuidado, socialização, jogos físicos, exploração fora de casa como jogos e esportes, lazer e comunicação positiva de ambos os pais para com a criança. Os resultados revelaram moderadas associações entre o relacionamento conjugal, na percepção

paterna, e o envolvimento do pai, mas foram encontradas fortes associações entre a coparentalidade e o envolvimento paterno. Satisfação conjugal esteve relacionada com o envolvimento do pai em socialização, jogos físicos e atividades de exploração e lazer.

A relação entre o envolvimento paterno e as percepções maternas a respeito do relacionamento conjugal e da coparentalidade foram quase tão significativas quanto foram as percepções paternas. Esses resultados tornam-se importantes para reforçar a compreensão de que a harmonia, a satisfação e o suporte parental estabelecidos na relação coparental, implicam em maior qualidade no relacionamento conjugal e, maior envolvimento. A partir desses achados, o autor aponta ainda, a necessidade de utilizar múltiplas medidas, bem como considerar as perspectivas maternas e paternas a respeito da relação conjugal (Chen, 2013).

A relação entre a qualidade na relação conjugal e o envolvimento parental foi analisada também por Carlson et al. (2011) com uma amostra de mais de dois mil participantes dividida em pais residentes e não residentes com a família. Os autores também examinaram qual fator agiria como o primeiro preditor da relação, ou seja, se era o relacionamento conjugal que influenciava o envolvimento ou se o efeito ocorreria ao contrário, o envolvimento poderia ser usado para prever a qualidade do relacionamento conjugal. Foram encontradas relações significativas tanto para o pai quanto para a mãe entre qualidade na relação conjugal e as relações parentais. Ao tentar estabelecer a direção das associações e o efeito causal entre as variáveis, as análises não revelaram resultados significativos, apontando que o envolvimento não prediz a qualidade do relacionamento conjugal. Por outro lado, a qualidade do relacionamento no primeiro ano da criança revelou-se um fator preditivo da qualidade do relacionamento no terceiro ano. Do mesmo modo, o envolvimento parental foi um fator preditivo do envolvimento com o passar dos anos.

No que se refere aos aspectos negativos do relacionamento conjugal, de acordo com Krishnakumar e Buehler (2000), diferenças e desacordos entre pais e mães podem ocorrer, tanto dentro de um sistema familiar como não familiar. O conflito conjugal é visto como um conceito multidimensional que inclui frequência, modo de expressão, cronicidade ou duração. A intensidade do conflito e o modo de resolução são importantes indícios a se considerar quando se trata de examinar o impacto do desajustamento conjugal na parentalidade. Desacordos frequentes na relação conjugal são associados a um relacionamento pai-criança ou mãe-criança negativos. Dentre os comportamentos hostis que

ambos os pais podem expressar durante os desacordos conjugais estão a evitação e a reciprocidade negativa.

O conflito conjugal também está relacionado com o ajustamento social das crianças, em casa e com os pares. São apontadas evidências de que crianças provenientes de famílias caracterizadas por altos níveis de conflito entre os pais são por eles rejeitadas e apresentam relações conflituosas com os pares. Essas evidências têm sido observadas em crianças com idade pré-escolar e escolar, já que podem fornecer importantes indicativos para o ajustamento psicossocial futuro. Para explicar as relações existentes entre conflito conjugal e o ajustamento da criança são utilizados complexos modelos de análise multivariados, enfatizando os efeitos diretos e indiretos que o conflito pode ter (Lindsey et al., 2009).

Ao perceber a relação conjugal como desigual ou quando os cônjuges não conseguem estabelecer acordos a respeito do seu relacionamento, os conflitos conjugais começam a aparecer e o casal utiliza diferentes estratégias para sua resolução (Walster, Traupmann, & Walster, 1978), perpassando desde a negociação até as formas mais variadas de agressividade ou de violência física e/ou psicológica. Para David, Steele, Forehand, & Armistead (1996) o conflito familiar, como um todo, produz resultados mais diretos aos problemas de comportamentos infantis do que os conflitos conjugais em si, mas a presença ou a resolução desses conflitos entre o casal, na frente da criança atua como fator preditivo dos problemas comportamentais da criança tanto quanto os conflitos familiares mais gerais.

Considerando, portanto, os aspectos negativos do relacionamento, tais como o conflito conjugal e as estratégias utilizadas para resolvê-lo, Lindsey et al. (2009) examinaram conexões existentes entre conflito conjugal e a qualidade do comportamento das crianças com seus pares. O modelo teve como mediadores, a reciprocidade emocional e apego na interação pais-criança, baseados na evidência de que o conflito conjugal e o ajustamento das crianças são mediados pelo efeito do relacionamento pais-criança. Aos 15 e 18 meses de idade da criança, 123 mães e 89 pais participaram de uma observação de interação com seus filhos, em laboratório e, aos 36 meses, a criança foi observada interagindo com seus pares em uma creche. Todos os pais eram pais biológicos da criança e casados. O conflito conjugal foi medido por uma escala com questões acerca do relacionamento dos cônjuges.

Os resultados revelam que em ambas as díades (mãe-criança e pai-criança) altos níveis de conflito conjugal foram associados com baixo apego seguro. O conflito na relação conjugal também foi associado com

menos reciprocidade emocional na interação mãe-criança e reciprocidade emocional negativa na interação pai-criança (Lindsey et al., 2009).

Com relação ao comportamento com os pares, o conflito foi significativamente associado com menores níveis de comportamento positivo na brincadeira entre os pares e maiores níveis de comportamentos negativos. Foram encontradas associações positivas entre apego seguro na interação mãe-criança e comportamento positivo com os pares e uma correlação negativa entre apego seguro na interação pai-criança e comportamento negativo da criança com os pares. O apego seguro do pai não apresentou correlações com o comportamento positivo da criança com os pares. A reciprocidade emocional positiva da mãe esteve relacionada com o comportamento positivo da criança com os pares já a reciprocidade emocional negativa do pai, relacionou-se com baixos níveis de comportamento positivo da criança e altos níveis de negativos (Lindsey et al., 2009).

O estudo discute o complexo e multivariado processo que envolve a conexão entre sistema parental e conjugal e insere também a variável do comportamento social com os pares na infância. Refere a necessidade de múltiplas metodologias, instrumentos e análises multidimensionais para explicar a relação entre os construtos. Os resultados permitem concluir que crianças de famílias com altos níveis de conflito conjugal e que também tem menor apego seguro na relação com sua mãe se engajam menos em interações positivas com seus pares. Da mesma forma, crianças de famílias com altos níveis de conflito entre os cônjuges que tem menor apego seguro no relacionamento com seu pai se engajam em interações negativas com seus pares. Esse fato revela a importância do relacionamento conjugal para a interação dos pais com os filhos e suas conseqüências para o desenvolvimento social da criança (Lindsey et al., 2009).

Nesses termos, Kaczynski et al. (2006), avaliaram o conflito conjugal na percepção de ambos os pais e da criança. As famílias foram observadas com objetivo de identificar o grau em que pais e mães utilizam a rejeição, a coerção e o suporte emocional nas suas interações com a criança. Para além das associações entre o conflito conjugal e os comportamentos externalizantes e internalizantes infantis, foram encontradas fortes relações entre o conflito e as práticas parentais.

Assim, o conflito conjugal foi significativamente associado com altos níveis de ineficácia parental por ambos, pai e mãe. Os pais que vivenciaram conflitos conjugais consideráveis podem não ter a energia ou motivação para interagir eficazmente com seu filho. Da mesma forma, pais e mães podem não conseguir deixar de transparecer intensa

negatividade no relacionamento conjugal para seu filho e podem tornar-se coercitivos e rejeitar mais a criança. Dessa forma, aponta-se que quando há uma ineficácia na gestão de conflitos, ambos os pais tenderão a empregar pobres técnicas de gestão de conflito tanto com seu cônjuge quanto com sua criança. Como funcionamento conjugal e parental pode ter reflexos na criança, elas parecem exibir níveis mais elevados de internalização e externalização de comportamentos. Tais problemas de adaptação infantil também contribuem para gerar uma pressão sobre os pais, levando a mais problemas conjugais e com relação à parentalidade (Kaczynski et al., 2006).

Na pesquisa de Shin et al. (2012) em uma análise envolvendo mães não sul coreanas, residentes na Coreia do Sul, o fator de aculturação foi importante para detectar menos conflitos conjugais, o que contribuiu para um maior ajustamento das crianças na escola. Baixos níveis de conflito conjugal estiveram relacionados a baixos níveis de comportamento negativo das mães com as crianças. Estudos como esse, revelam a importância de se preocupar com as diferenças e semelhanças existentes entre os variados contextos.

Além das pesquisas que focam especificamente as variáveis conflito ou satisfação conjugal, são encontradas pesquisas que consideram o relacionamento conjugal como um todo e produzem resultados, identificando os efeitos tanto da qualidade ou da satisfação quanto dos conflitos conjugais no envolvimento parental.

Para Stroud, et al. (2011) pesquisadores tem evidenciado que o funcionamento conjugal dos pais, como um todo, influencia a paternidade e a coparentalidade em interações diádicas e triádicas, mas poucos deles investigam como se dá essa relação e se acontece igualmente ou de forma diferenciada. O funcionamento familiar pode ser entendido de uma forma mais completa, se além da interação pais-crianças, também sejam investigadas as interconexões entre relacionamento conjugal. Para isso, sugere-se que sejam examinadas as relações entre a responsividade parental e a qualidade do relacionamento conjugal, considerando ambos os pais em interações com suas crianças.

Os autores acima citados empregaram o modelo Spillover para acessar a influência do relacionamento marital na parentalidade e coparentalidade em contextos diádicos e triádicos e realizaram um estudo com 149 famílias de crianças de 3 a 6 anos. Utilizaram da metodologia observacional para explorar o comportamento de pais e crianças em situações diádicas e a coparentalidade em interações triádicas. As interações envolveram episódios de instrução, disciplina e brincadeira com jogos e brinquedos. O funcionamento conjugal foi medido por meio

de escalas. Os resultados evidenciaram que a relação entre funcionamento conjugal e responsividade parental foi maior para o pai do que para a mãe, o que demonstra que o conflito conjugal tem maior impacto na parentalidade paterna se comparada com a da mãe. O estudo aponta a necessidade de esclarecer relações entre o relacionamento conjugal e o comportamento da criança, ou seja, se a responsividade da criança depende da responsividade dos pais ou se refere a outros aspectos da interação. A coparentalidade em interações triádicas foi diferente em função do gênero da criança e há uma certa independência da qualidade das interações em contextos diádicos e triádicos, mas poucos estudos incluem observações diádicas e triádicas dos pais com suas crianças (Stroud et al., 2011).

Braz, Dessen e Silva (2005) realizaram um estudo com 14 famílias de classes média e baixa, compostas por pai, mãe e crianças na idade entre 4 e 5 anos. Tiveram como objetivo descrever aspectos da qualidade das relações parentais e maritais utilizando uma entrevista com questões sobre satisfação marital, conflito, coalizão, valores e crenças sobre casamento e educação de filhos e suas influências nas interações genitores-criança. Os resultados indicam que uma boa relação marital favorece o compartilhamento de tarefas domésticas e práticas de educação entre maridos e esposas e promove o desenvolvimento de sentimentos de segurança em suas crianças.

Como considerações finais, as autoras sugerem que é fundamental que os pesquisadores considerem a influência e a interdependência entre os membros familiares, em seus diferentes papéis (de esposa e mãe, de marido e pai), e também entre os subsistemas familiares, conjugal e parental. Não se pode mais negar a complexidade de tais influências e suas consequências para o desenvolvimento infantil nos projetos de pesquisa. Por meio do avanço no conhecimento sobre as relações familiares pode-se contribuir para acentuar a qualidade da interação parental por meio das relações maritais (Braz et al., 2005).

Consideráveis pesquisas têm demonstrado essa relação entre a qualidade conjugal e a parentalidade. Barnett (2008) refere duas meta-análises feitas acerca da qualidade e do conflito conjugal e diz que essa relação é modesta, mas não consistente, já que a direção do efeito não é sempre limpa e clara. A maioria das hipóteses sugere que o conflito no relacionamento está relacionado com interações pais-criança negativas. Pais que vivenciam conflito e hostilidade na relação tendem a ser coercitivos e não ter responsividade nas práticas parentais. Para alguns autores, a influência do sistema conjugal no parental pode ser evidenciada tanto no pai quanto na mãe, mas parece que a paternidade se apresenta

mais sensível a essa relação, sendo, portanto, mais afetada pela relação conjugal (Belsky, Youngblade, Rovine, & Volling, 1991; Feldman, 2000).

Em um estudo com 98 famílias de crianças com seis meses de idade, Barnett (2008) realizou observações de interações diádicas (pais-filhos) e mediu a qualidade e o conflito conjugal. Em visitas domiciliares, mães e pais foram filmados separadamente durante 10 minutos em uma interação diádica de brincadeira livre. Os resultados sugerem que a experiência de baixo conflito e alto grau de suporte emocional na relação conjugal caracteriza práticas parentais sensíveis tanto em um relacionamento (pai-criança) quanto em outro (mãe-criança). Quando comportamentos parentais negativos foram registrados em uma díade, esses foram associados por comportamentos negativos da outra díade. A qualidade conjugal foi associada com a similaridade entre os comportamentos parentais de pai e mãe. Alta qualidade conjugal foi associada com comportamentos parentais sensíveis nas díades pai-criança e mãe-criança e os comportamentos parentais negativos se relacionam à negligência no relacionamento conjugal (Barnet, 2008).

Em suma, o relacionamento conjugal apresenta, portanto, relações com a parentalidade e também com o comportamento social das crianças. Autores que investigaram essa relação, concluíram que crianças em idade pré-escolar e escolar socialmente habilidosas provêm de casais com relacionamento positivo (Bolsoni-Silva & Marturano, 2010). Com relação à competência social das crianças, a qualidade da relação dos pais com a criança em casa, também refletem no comportamento e na aceitação social na escola. Crianças que tem interação negativa com seus pais tendem a ser mais agressivas com seus pares e sofrer mais rejeição na escola (Attili, Vermigli, & Roazzi, 2010).

Além do relacionamento conjugal, a parentalidade de um genitor pode influenciar a parentalidade do outro (Barnet, 2008). Não trata-se, portanto, de uma simples e bivariada relação, por isso outras variáveis devem ser inseridas nesse contexto para melhor compreender as múltiplas influências. O envolvimento paterno está relacionado a alguns determinantes, da mesma forma, a percepção sobre a relação conjugal sofre influências variadas no que concerne às variáveis pessoais, familiares e extra-familiares. Sendo assim, o efeito preditor do relacionamento conjugal sobre o envolvimento paterno pode sofrer influências dessas variáveis que aparecem correlacionadas tanto ao envolvimento quanto ao relacionamento do casal.

À luz da perspectiva bioecológica, Bigras e Paquette (2000), referem que diferentes mecanismos podem explicar os efeitos do casal sobre a

criança e seu desenvolvimento cognitivo e sócio afetivo, a começar pelas próprias características infantis. Os autores, por meio dos resultados alcançados em três estudos, sugerem a existência de uma interdependência dos subsistemas conjugal e o parental. No primeiro estudo realizado, os dados apontaram que a presença da criança teve um efeito negativo sobre o sistema conjugal. Os demais estudos, indicaram que a qualidade da relação conjugal pode afetar o desenvolvimento infantil de forma que é possível indicar influências intra-familiares e extra-familiares, dependendo também das características de cada membro familiar. Os conflitos conjugais parecem estar associados a comportamentos parentais distantes e negativos, o que pode resultar em prejuízos no desenvolvimento afetivo infantil e ainda podem servir de modelos de comportamentos sociais para as crianças.

A qualidade das relações parentais depende de múltiplos fatores, dentre eles os fatores individuais, relacionais e sociais. Em um estudo, Bigras e Lafrenière (1994) investigaram a influência dos fatores de estresse materno, de conflitos conjugais e de isolamento social sobre a interação mãe-criança. Propuseram, portanto, estudar a qualidade das interações entre as mães e seus filhos e filhas em idade pré-escolar. Participaram 97 mães e suas crianças da região de Montreal no Canadá, que foram observadas em uma interação onde há a presença de um estranho. Os resultados indicam variações no comportamento da mãe com seus filhos ou filhas dependendo do estresse econômico e conjugal. Quanto mais problemas conjugais, maior a reciprocidade negativa e poucos contatos sociais a mãe estabelece.

Fatores como o divórcio, a não coabitação e as relações não românticas indicam menores níveis de envolvimento com as crianças. Assim, a estabilidade na união ou as transições no status do relacionamento do casal demonstram-se relacionadas ao envolvimento. Quando há uma transição na união conjugal para um relacionamento mais estável ou até o casamento, os homens tendem a apresentar maiores níveis de envolvimento do que aqueles pais que já eram e continuaram casados (McClain & DeMaris, 2013). Nesse sentido, tanto o status do relacionamento quanto a existência de conflito parental afetam mais diretamente a paternidade do que a maternidade (Coiro & Emery, 1998).

Para Jessee, Mangelsdorf, Brown, Schoppe-Sullivan, Shigeto, & Wong (2010), traços da personalidade podem deixar os pais e as mães mais vulneráveis e fazer com que eles sejam diferentemente suscetíveis aos efeitos do relacionamento conjugal ou de outros fatores familiares na parentalidade.

O temperamento infantil também atua como importante fator determinante da satisfação conjugal. Um estudo revelou que quando as crianças possuem um temperamento regulado, ambos os pais tendem a ser mais satisfeitos no relacionamento conjugal. A satisfação conjugal atua como mediadora da associação entre temperamento regulado e maior envolvimento materno aos 7 meses da criança e maior envolvimento paterno aos 14 meses (Mehall, Spinrad, Eisenberg, & Gaertner, 2009).

Resultados como esses, envolvendo as relações entre temperamento infantil e o relacionamento conjugal também foram apontados numa revisão da produção científica realizada por Schmidt, Crepaldi, Vieira e Moré (2011), em que a maioria dos trabalhos analisados enfatizou a influência do temperamento na relação conjugal, mas também foram encontrados estudos que indicavam existir uma influência do relacionamento entre o casal nas manifestações das características infantis. Os autores, apontam ainda a necessidade de se investir em pesquisas que considerem as relações estabelecidas pelo sistema familiar.

Ao estabelecer relações entre conjugalidade e parentalidade, os comportamentos sociais da criança também são enfatizados. É importante destacar que os estudos dessas relações nem sempre são satisfatórios, já que como fenômeno multideterminado, vários fatores podem contribuir para os resultados. Pesquisas têm evidenciado também a influência da presença da mãe para explicar o comportamento paterno (Gaunt, 2008; Monteiro, et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008).

Conforme indícios da literatura teórica e empírica, as características da família, além das características pessoais, devem ser fatores considerados nos estudos a respeito do envolvimento e da interação do pai com os filhos. Nesse estudo, entende-se como características da família a relação marital (marido-esposa) e também a relação pai-mãe que contém aspectos da parentalidade de ambos os genitores que interagem e se influenciam. Propõe-se investigar, portanto, a influência da mãe na relação pai-criança. A seguir apresenta-se modelos teóricos utilizados para explicitar os determinantes do envolvimento e alguns resultados de pesquisas que envolvem variados fatores de influência.

3.9 DETERMINANTES DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Muitos pesquisadores estiveram e estão interessados em investigar os fatores que podem encorajar ou favorecer, bem como inibir ou dificultar uma implicação mais ativa do pai na vida dos seus filhos. Os autores Turcotte & Gaudet (2009), em um capítulo de livro, fazem uma síntese de resultados dos estudos empíricos publicados em torno dos anos 80 com

famílias biparentais que possuíam filhos na idade pré-escolar. Esses resultados, embora tenham contribuído para as pesquisas em torno dos fatores associados ao envolvimento paterno, demonstraram-se inconclusivos e variados, visto a natureza heterogênea das definições e medidas do fenômeno (qualidade ou quantidade das interações ou quais atividades que os pais realizam).

No decorrer dos anos, estudos inspirados no modelo ecológico (Belsky, 1984; Lamb et al., 1985) reconhecem que o envolvimento do pai resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai, das crianças, da mãe e do contexto social. Os resultados foram agrupados segundo três domínios de influência: características do pai, do contexto familiar e do ambiente social (Turcotte & Gaudet, 2009).

Dentre as características do pai, encontram-se fatores como as lembranças do pai a respeito da infância (modelo de pai durante a infância), as crenças e as atitudes a respeito dos papéis de gênero (divisões de papéis e responsabilidades entre homens e mulheres), sentimentos de competência parental (que motivam o pai a investir na relação com a criança) e as características sociodemográficas (idade, renda, escolaridade). A respeito das demais influências, as características do contexto familiar englobam as características das mães, das crianças e da relação conjugal, enquanto que as características do ambiente social envolvem tipo e condições do trabalho do pai, jornada de trabalho, ambiente cultural, entre outros (Turcotte & Gaudet, 2009).

Sobre a relação conjugal são enfocados, a qualidade da relação conjugal e o nível de colaboração entre os cônjuges. É o papel da qualidade da relação conjugal que mais interessa aos pesquisadores e há indicações de que o envolvimento paterno é mais suscetível aos efeitos dos conflitos ou tensões conjugais do que o materno. Essas características podem ser explicadas pelo fato de as mães assumirem as maiores responsabilidades pelos filhos, enquanto que o papel dos pais tende a ser menos definido e constante. A respeito das características das mães, os autores também assinalam o fator *gatekeeping*, a influência das crenças e percepções das mães sobre o papel do pai e também o tempo e as condições de trabalho maternos (Turcotte & Gaudet, 2009).

Sobre as características do meio social, o tempo de trabalho e também a licença paternidade e o suporte da rede social (família estendida, amigos, colegas de trabalho) são colocadas como foco (Turcotte & Gaudet, 2009).

Parke (1996), também escreveu um capítulo abordando os fatores que determinam o envolvimento paterno. Indicou importantes contribuições da cultura e também do tempo ou da época na determinação dos fatores

de influência, mas sugere que os pais não escolhem ser envolvidos ou não envolvidos e que, portanto, sofrem múltiplas influências. Sugere um modelo que inclui como determinantes as variáveis individuais, familiares, extra-familiares e culturais, cada uma incluindo variados componentes. Atuando como um sistema, esse modelo não pode operar independentemente, mas em um conjunto operando para prever o envolvimento.

Influências culturais ou atitudes em relação ao papel de pai e de mãe podem explicar as diferenças existentes entre homem e mulher com relação aos cuidados com os filhos. Percepção do apoio da mãe, gênero, atitudes, motivação e o relacionamento com a família de origem podem ser apontadas como características individuais. Pais desenvolvem relações diádicas diferentes com a criança, dependendo de algumas características infantis, tais como o temperamento, idade e sexo (Parke, 1996).

Algumas categorias para o estudo da paternidade são, do mesmo modo, destacadas por Pleck (1997): 1) Características da paternidade; 2) Determinantes da paternidade e 3) Consequências da paternidade. Com relação às variáveis que exercem influência sobre o comportamento paterno ou a seus determinantes, destaca-se que o nível de compromisso paterno resulta da interação dinâmica de fatores como as características do pai (relações com a infância, atitudes e crenças sobre o papel de gênero, sentimento de competência e características sócio-demográficas), Características da família (relacionamento com a esposa e atitudes da mãe em relação à paternidade como encorajar ou inibir a participação paterna), características da criança (gênero, idade, temperamento) e características do meio social (condições de vida, local de trabalho, cultura e políticas sociais) (Turcotte & Gaudet, 2009).

Dentre as características do pai o nível de envolvimento é, pelo menos em parte, o efeito da relação do pai com modelos adquiridos na infância. As atitudes e crenças sobre os papéis de gênero também são identificadas como características que podem influenciar. Neste quesito os estudos se mostram contraditórios sobre de que forma as normas de comportamentos interferem na percepção de seu papel masculino, mas todos referem os papéis de gênero como importantes fatores a se considerar. Também existem algumas indicações de que o sentimento de competência parental é um determinante importante na motivação dos homens de investir mais em relação a criança. No que se refere ao contexto social, algumas características sociodemográficas são apontadas como exercendo influência no envolvimento paterno, como a idade do

pai e o nível socioeconômico (Giallo, Treyvaud, Cooklin e Wade, 2013; Krob et al., 2009; Solmeyer & Feinberg, 2011).

Além dessas características cabe aqui ressaltar que as variáveis do pai ou da mãe, tais como o estresse ou depressão parental também têm sido apontadas como importantes variáveis associadas ao envolvimento. Dentro dessa temática, a personalidade ou os traços comportamentais paternos ou maternos também podem contribuir para um maior ou menor envolvimento com os filhos. Conforme Zuroff, Fournier, Patall e Leybman (2010), ao compreender aspectos da personalidade é possível identificar as diferenças individuais as quais são responsáveis por regular o comportamento social. Discussões a respeito da psicologia da personalidade evolucionista afirmam que variabilidade na personalidade pode ser explicada em termos de seleção natural e de seleção sexual. Mais especificamente, a respeito da dominância social, as capacidades cognitivas e comportamentais envolvidas foram adquiridas em função do estabelecimento de competição e hierarquia exigidas no ambiente em que o acesso aos recursos foram associadas às habilidades do combate aberto.

Comportamentos relacionados à dominância em uma interação, envolve algum tipo de agressividade em relação ao outro, que corresponde com comportamento de submissão. Ainda, o que não está em relação de dominância, tende a evitar conflitos ou a deixar que o outro decida as coisas, quando se aproxima (Johnson, Leedon, & Muhtadie, 2012).

Numa investigação a respeito da influência do parto sobre a personalidade parental, resultados mostraram que a extroversão paterna diminui após o parto, com exceção daqueles pais em que a personalidade extrovertida era altamente estável. Além disso, após o parto, as mães e os pais apresentaram uma tendência a funcionar em díade. Mudanças positivas na personalidade paterna e uma diminuição dos níveis de testosterona permitem que o pai se concentre na família, em vez do acasalamento o que, conseqüentemente, torna a personalidade cooperativa importante para o bem-estar da família e para o desenvolvimento da paternidade (Galdiolo & Roskam, 2014).

Pleck e Hofferth (2008) referem os modelos a respeito dos determinantes do envolvimento parental propostos por Belsky (1984) e Lamb (1997) e os utilizam para construir um modelo teórico para a sua pesquisa. Consideram, portanto que existem as influências dos fatores como: personalidade parental, características da criança, fatores contextuais (estresse e suporte parental, relacionamento conjugal e, além disso, as experiências e horas de trabalho fora de casa). Os fatores

motivação e a percepção de eficácia parental poderiam ser interpretados como um dos fatores correspondentes à personalidade.

Em uma análise dos fatores do envolvimento paterno entre pais indianos, os resultados indicaram que o envolvimento paterno nos cuidados com a criança pode ser determinado pela percepção sobre a paternidade e pelas expectativas em relação ao seu papel. Os resultados mostraram que o pai participa menos das tarefas de cuidado, tradicionalmente femininas e participa frequentemente em tarefas de interação educacional e funcional e que seu papel em atividades disciplinares vem diminuindo. Nas tarefas de casa, eles também não demonstram um bom desempenho, exceto no que diz respeito a fazer compras. A maioria dos pais (homens) declarou um nível moderado de envolvimento no cuidado com os filhos e revelou grandes expectativas em relação à paternidade (Saraff & Srivastava, 2009).

Os fatores sócio-econômicos também têm sido examinados como influentes no envolvimento e a importância deste assunto implica na criação de programas e intervenções que possam promover atitudes e participação paterna (Saraff & Srivastava, 2009; Souza & Benetti, 2008). Na Índia, as mudanças sociais como urbanização e industrialização também são apontadas como fatores de importante influência para a maior participação da mulher no mercado de trabalho e para as mudanças na estrutura familiar. Entretanto, essas influências são mais relevantes nas áreas urbanas comparadas com as rurais e as mulheres assumem duplas responsabilidades, enquanto que os homens não correspondem reciprocamente, o que tem evidenciado a necessidade de os homens estenderem sua cooperação e suporte para suas esposas nas atividades diárias (Saraff & Srivastava, 2009).

Conforme mencionado no tópico a respeito do sistema familiar, dessa revisão, estudos analisados por Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron (2009) apontaram alguns fatores que poderiam influenciar as relações parentais. Propõe-se discorrer aqui algumas informações apresentadas a esse respeito.

Dentre as características individuais de pais e mães, foram citadas a idade e a escolaridade, apontando que a idade não parecia correlacionada, enquanto que a escolaridade correlacionava-se positivamente com as relações de qualidade de ambos os pais com a criança. A respeito dos traços de personalidade, os autores afirmam que esses têm sido preditores significativos do apego seguro e citam Bigras e Paquette (2000), enfatizando que a sociabilidade das mães está positivamente relacionada mais à sociabilidade das filhas do que a dos filhos (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

O trabalho da mãe e as dificuldades econômicas também foram inseridos dentre as características individuais, indicando que, em alguns estudos a quantidade de horas de trabalho materna não aparece correlacionada ao apego infantil e outros mais recentes em que são confirmadas as hipóteses de que mães que conseguem equilibrar as responsabilidades familiares e profissionais podem vir a ter filhos mais seguros. Da mesma forma, pais e mães que passam por alguma dificuldade financeira são menos sensíveis e podem não responder adequadamente às necessidades infantis (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009). Para Lee & Doherty (2007), há a necessidade de se investigar os determinantes da relação entre envolvimento e relacionamento conjugal e a jornada de trabalho materna pode atuar como fator mediador, influenciando, portanto, na satisfação conjugal e no envolvimento parental.

Dentre as características da criança, dados a respeito do temperamento demonstraram uma associação negativa entre o apego seguro e o temperamento difícil ou irritável e, com relação ao sexo da criança, foram encontrados mais apego seguro entre pai-filho do que pai-filha. Essas diferenças não foram encontradas com relação ao apego com a mãe. Os autores apontam que tais características infantis são mais frequentemente associadas ao comportamento paterno, em comparação ao comportamento materno e esses resultados oferecem indícios de que há uma influência particular sobre as relações envolvendo o pai e as crianças (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009).

Juntamente com os estudos a respeito da paternidade surgiu o interesse em descrever os fatores que influenciam a relação pai-criança, principalmente a partir de uma perspectiva paterna. A partir de entrevistas com 14 pais Anderson (1996) destacou o ajustamento do pai às demandas sociais e pessoais e a administração do tempo para se envolver tanto com o trabalho quanto com a família. Os pais também referiram aspectos do relacionamento com a esposa e o suporte que recebiam dela como sendo influentes na sua interação com a criança. Outros fatores contextuais também foram citados pelos pais, tais como o relacionamento com o próprio pai durante a infância. Os resultados sugerem o efeito da mãe para prever o envolvimento paterno, por meio de ajuda e favorecendo o relacionamento do pai com a criança ou pelo contrário, evitando ou excluindo a sua participação.

Ainda centrado nos determinantes da paternidade, o envolvimento paterno foi investigado em relação às variáveis socioeconômicas (idade do pai, educação, nível socioeconômico e número de filhos), a satisfação parental (níveis de satisfação associados à parentalidade), o estresse

parental (grau de estresse experienciado pelo pai) e o ajustamento diádico (qualidade na relação conjugal). Participaram 145 pais (homens) portugueses, residentes na cidade de Lisboa. Todos os pais constituíam famílias nucleares e tinham pelo menos um filho na idade entre 5 e 9 anos. Os pais mostraram um grau relativamente elevado de envolvimento, embora em termos relativos tenham atribuído às mães um maior tempo como principal cuidadora da criança. Não foram encontradas diferenças significativas entre os pais em função das variáveis individuais estudadas. Contudo, o envolvimento paterno parece diminuir em função do estresse parental e aumentar conforme o ajustamento diádico. Os resultados confirmam o caráter multidimensional do envolvimento paterno e sua natureza multideterminada, sugerindo que tanto fatores pessoais quanto relacionais podem ter impacto na forma como os homens desempenham a paternidade (Simões et al., 2010).

O envolvimento de pais e mães foi investigado por Giallo et al. (2013), no qual participaram 851 mães e 131 pais australianos, de crianças de 0 a 4 anos. Este estudo considerou fatores dos pais (saúde mental), das crianças (temperamento) e familiares (qualidade do relacionamento conjugal) como fatores de influência no envolvimento parental. A auto-eficácia parental foi considerada como variável moderadora entre os fatores de influência e o envolvimento parental. Dentre os resultados significativos, quanto maior o tempo de trabalho dos pais, menor o envolvimento. As mães fazem mais atividades com a criança do que os pais (atividades de leitura, do dia-a-dia e de brincadeiras dentro ou fora de casa, mas quando tanto pais quanto mães trabalhavam em tempo integral, não foram mais encontradas diferenças significativas entre as atividades. Pais e mães com baixa auto-eficácia ou que experienciam fadiga ou estresse se engajam menos nas atividades diárias com a criança e tem menos paciência ou tolerância para estabelecer interações.

O temperamento difícil da criança também faz com que sejam diminuídas as interações parentais. E, por último, os pais em relações de má qualidade e com pouco apoio social podem ter menos recursos pessoais disponíveis para se envolver em atividades lúdicas e de aprendizagem com seus filhos. Os resultados também sugerem que pais e mães que vivenciam sintomas de estresse e que percebem a relação com a criança como uma relação difícil podem estimar ou perceber negativamente a sua habilidade para com a parentalidade, o que pode influenciar na forma como eles se envolvem com suas crianças (Giallo et al., 2013).

Uma pesquisa com 112 famílias biparentais, que comparou os níveis e os preditores do envolvimento materno e paterno com crianças em idade pré-escolar revelou que as mães que contribuem mais com a renda familiar estiveram menos envolvidas com socialização e cuidados. Com relação aos pais, as crianças nos papéis não tradicionais contribuíram para um maior envolvimento em interações diádicas e em cuidados. A ordem do nascimento também revelou importantes indícios. O pai esteve mais envolvido com socialização com as crianças que nasceram primeiro do que com as crianças que nasceram mais tarde (Schoppe-Sullivan, Kotila, Jia, Lang, & Bower, 2013).

Em uma revisão dos estudos relacionados à contribuição paterna para o desenvolvimento infantil foram encontrados estudos que consideravam o que se pode chamar de determinantes para a paternidade, tais como a influência do trabalho ou do desemprego, sentimentos e expectativas com relação ao papel paterno. Também apareceram pesquisas sobre a ausência paterna e pais com filhos doentes ou com necessidades especiais. Foi apontada uma carência de obras a respeito do tema, principalmente no que se refere às produções brasileiras. Indicou-se também a necessidade de pesquisas longitudinais, envolvendo maiores possibilidades metodológicas (Bueno & Vieira, 2014).

Conforme apontam os estudos de Coyl-Shepherd & Newland (2013) e Schoppe-Sullivan, et al. (2013), as interações diretas e diádicas pai-criança também sofreram variações de acordo com as variáveis do relacionamento conjugal e das variáveis familiares, dentre elas o temperamento infantil. A coparentalidade também foi apontada com preditora das relações pai-criança e mãe-criança, mas a coparentalidade esteve somente associada ao apego seguro do pai com a criança. Para a mãe, não foram encontrados resultados significativos. As famílias com meninos foram as que mais relataram relações coparentais e maiores índices de apego pai-criança e mãe-criança (Brown, Schoppe-Sullivan, Mangelsdorf, & Neff, 2010).

De acordo com Cannon et al. (2008), é necessário compreender as potenciais influências sobre as interações paternas com suas crianças e com a família como uma tríade e, para isso, os estudos observacionais são importantes. Examinaram os comportamentos parentais e as associações com a influência materna ou o comportamento materno *gatekeeping*, juntamente com as características pessoais como fatores antecedentes a esses comportamentos. Os resultados sugeriram que o comportamento materno pode regular e ser usado em resposta ao comportamento paterno.

A mãe exerce, portanto, um importante papel importante nesse assunto. O relacionamento com a mãe, a percepção da mãe sobre o papel paterno, o encorajamento e o favorecimento dela com relação à participação do pai pode gerar variações no envolvimento. As características da criança como gênero, idade e temperamento podem fazer variar o nível de envolvimento paterno. O meio social como a instabilidade financeira e as características do local de trabalho também pode estar associado ao comportamento paterno. Parece também que a instabilidade no emprego e a baixa renda afetam as atitudes do pai com relação à criança (Turcotte & Gaudet, 2009).

De acordo com Ramires (1997) a relação pai-filho depende e é oportunizada pela mãe. Se a importância da relação da mãe com o filho der espaço, a relação do pai com o filho começa a ficar evidente. A autora refere que ao mesmo tempo em que as mulheres reivindicam maior participação dos homens nas tarefas domésticas e de cuidado com os filhos, elas tendem a apresentar resistência e a não dar espaço para o pai dividir e compartilhar com ela as funções. A esse respeito, Monteiro, et al. (2010) que realizaram um estudo com 110 famílias portuguesas, referem que assim como as atitudes dos pais, as das mães também tem mudado no decorrer dos anos, face ao envolvimento paterno. A mãe emite comportamentos que podem inibir ou facilitar a maior participação e envolvimento do pai, mesmo tendendo a desejar uma partilha igualitária de tarefas com os pais.

Para alguns autores, a mãe é um dos determinantes do envolvimento paterno, podendo funcionar como *gatekeepers* (Cannon, et al., 2008; Fagan & Barnett, 2003; Gaunt, 2008; McBride et al., 2005; Monteiro, et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008).

Para Cannon, et al., (2008), o comportamento materno *gatekeeping* é um componente da coparentalidade. Esse termo tem sido utilizado associado a uma conotação negativa, mas pode significar que esse relacionamento pode tanto facilitar quanto inibir comportamentos, atuando como fator regulador do envolvimento paterno. Comportamentos inibitórios maternos incluem assumir as primárias e principais responsabilidades sobre a criança ou estabelecer críticas negativas ao comportamento paterno no desempenho da parentalidade. Comportamentos positivos ou que facilitam a parentalidade, incluem encorajar o pai a interagir com a criança e criar oportunidades para ele adquirir ou aprimorar suas experiências no cuidado com a criança.

Comportamentos que inibem a paternidade podem limitar a colaboração entre ambos os pais e influenciar, portanto, nas relações coparentais (Fagan & Barnett, 2003). Nesse sentido, variáveis pessoais,

como a personalidade pode também ser uma importante influência tanto no fator *gatekeeping* quanto na parentalidade ou coparentalidade e, ainda estar relacionada à qualidade conjugal e às interações de ambos os pais com as crianças (Cannon, et al., 2008).

Desse modo, o conceito de *gatekeeping* remete à mãe o papel de facilitar ou inibir o envolvimento paterno. Em outras palavras, as mães desempenham um papel importante no suporte ou na resistência que apresentam em relação ao tipo e ao grau de participação do pai na vida familiar, podendo definir ou restringir os papéis e responsabilidades a serem assumidos pelos pais. O fenômeno de *gatekeeping* é definido como a preferência da mãe em inibir a responsabilidade e o cuidado do pai com tarefas de casa e com os filhos, por serem atribuições tradicionalmente femininas.

Embora os comportamentos *gatekeeping* maternos possam ser facilmente evidenciados, nem sempre são intencionais, pois a mãe pode assumir sozinha as responsabilidades com a criança e com o lar ou ainda pode supervisionar o pai ou criticar a qualidade da tarefa de casa ou de cuidado praticada por ele, sem ter essa intenção revelada. Por esse motivo, pode ocorrer que a divisão de tarefas não ocorra de maneira igualitária, entre pai e mãe. Embora o comportamento *gatekeeping* materno possa ter conseqüências para diminuição do envolvimento paterno, são limitadas as evidências empíricas dessas relações. A identidade com o papel materno (de cuidado e responsável pelo lar) pode, dentre outros aspectos, como personalidade e crenças da mãe, contribuir para o comportamento *gatekeeping* (Gaunt, 2008). Sendo assim, o envolvimento materno nas atividades diárias e a correlação com o envolvimento paterno, revelaram importantes indícios desse fenômeno.

A influência da mãe no envolvimento paterno traz contribuições para a compreensão das relações pais-crianças e também para os estudos da coparentalidade. Fagan e Barnett (2003) investigaram a relação entre *gatekeeping* materno, competência e papel do pai na percepção da mãe e o envolvimento paterno. O fenômeno *gatekeeping* foi investigado por um instrumento que acessava o grau que a mãe restringe o acesso do pai com sua criança, composto de nove itens avaliados por uma escala de 1 a 5 referentes a quanto ela mesma preferia realizar cada atividade com a criança e quanto ela permitia que o pai fizesse. Dentre os participantes, trinta pais eram não residentes e setenta e dois eram residentes. Os resultados revelam que o status de residência se relaciona diretamente com o comportamento *gatekeeping* materno. A percepção da mãe sobre a competência e papel do pai aparece relacionada com o envolvimento paterno e o envolvimento do pai se relaciona com o *gatekeeping* materno.

Em outro estudo, envolvendo trinta e duas famílias com crianças de dois e três anos, o comportamento *gatekeeping* foi avaliado por meio das crenças da mãe sobre o papel paterno e os resultados apontam que os níveis de envolvimento do pai são moderados pelas crenças maternas sobre o papel paterno (McBride et al., 2005).

No estudo de Stevenson et al., (2014), o comportamento *gatekeeping* materno foi analisado como mediador da relação entre conflitos conjugais e o relacionamento pai-criança. Os resultados, além de evidenciar um relacionamento entre o conflito conjugal e a parentalidade, especialmente no que concerne à paternidade, revelaram também o papel *gatekeeping* materno nessa relação teve um papel de redução no envolvimento paterno.

Conforme descrito nesse capítulo, são variados os modelos que buscam explicar as diferentes influências que o envolvimento parental pode sofrer. Mas parece que os autores tendem a concordar com a existência de algumas variáveis essenciais tais como as características familiares e extra-familiares descritas acima. Portanto, o envolvimento paterno varia e é determinado por influências de fatores biológicos, individuais, familiares e sociais além de motivação, suporte social e práticas institucionais.

Com base no exposto, buscou-se construir um modelo teórico envolvendo as variáveis em estudo nessa pesquisa. O item 3.10 traz as informações a esse respeito e apresenta Figuras, por meio das quais, pretende-se representar esquematicamente a perspectiva teórica, objetivos, hipóteses e análises realizadas nessa tese. Ao final, a representação visou indicar a inserção desse trabalho em relação às produções científicas existentes.

3.10 APRESENTAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO MODELO TEÓRICO UTILIZADO NA TESE, SEUS DESDOBRAMENTOS E SUA INSERÇÃO NO CAMPO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO

Após a apresentação da revisão bibliográfica que embasou esse trabalho, da contribuição teórica e dos resultados de pesquisas de revisões ou de estudos empíricos, buscou-se produzir uma representação gráfica que pudesse melhor explicar o modelo teórico adotado na presente pesquisa, bem como, sua utilização e localização dentre as pesquisas já produzidas.

Para essa construção, utilizou-se como referência o modelo de Belsky (1984) e de Turcotte e Gaudet (2009), a respeito dos determinantes do envolvimento paterno. As Figuras que serão apresentadas foram

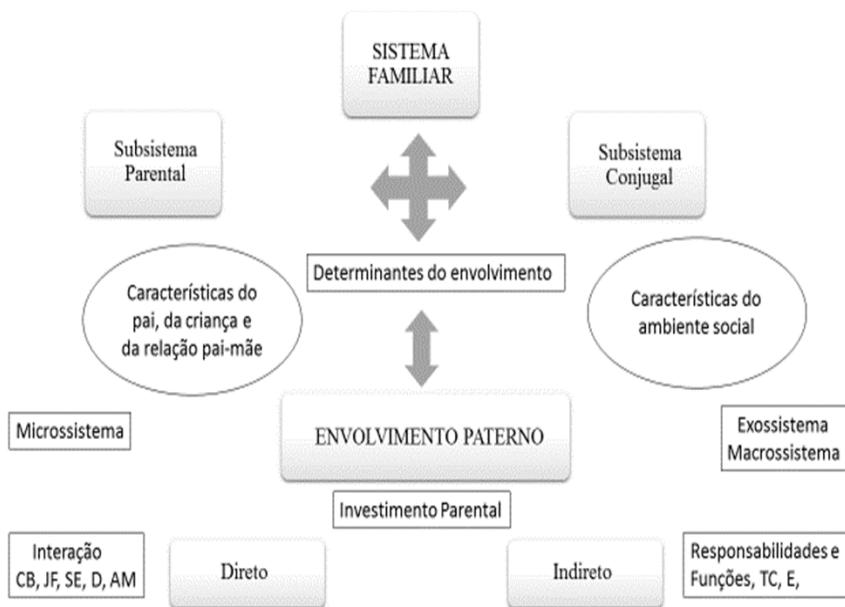
construídas especificamente para a presente pesquisa, a partir das reflexões obtidas por meio desse estudo.

Na Figura 1 está representado, portanto, o modelo teórico para o estudo do envolvimento paterno. Inclui, em primeira instância, os relacionamentos existentes ente os sistemas conjugal e familiar. O efeito do relacionamento conjugal sobre o envolvimento parental (mais especificamente sobre o envolvimento paterno) é analisado em função da inclusão de alguns fatores tidos como determinantes do envolvimento. Para isso são inseridas as variáveis do pai (idade, escolaridade e personalidade), da criança (idade e sexo), da família (relacionamento com a esposa e envolvimento materno) e do ambiente social (jornada de trabalho de pais e mães), conforme melhor exemplificado na Figura 2.

Assim, o envolvimento paterno foi abordado por meio de sete dimensões que indicam a participação paterna direta (cuidados básicos, jogos físicos, suporte emocional, disciplina e abertura ao mundo) e indireta (tarefas de casa e evocações) com os filhos e filhas. Tais dimensões também permitiram evidenciar algumas especificidades nas funções paternas e maternas, as quais são compreendidas por meio de uma perspectiva evolucionista, representada pela teoria do Investimento Parental.

Contemplando as interações existentes entre os sistemas foram utilizadas as contribuições do Modelo Bioecológico de Bronfrenbrenner, que permitem analisar as relações ou os processos proximais e contatos diretos e face-a-face, estabelecidos dentro de um sistema mais imediato (microsistema), considerando também as interações com o ambiente social que abrange além das influências indiretas sobre a criança (exossistema) até as influências da esfera cultural (macrossistema) que interferem na definição dos papéis paternos e maternos a serem desempenhados na sociedade moderna.

Identifica-se o número limitado de preditores do envolvimento paterno, tendo em vista as múltiplas influências que devem ser consideradas, mas esse modelo justifica-se pelas variáveis que foram cuidadosamente delimitadas para essa pesquisa, que buscou incluir as variáveis essenciais para uma compreensão mais completa do envolvimento. Por meio de uma abordagem das características familiares indispensáveis e incluindo também características extra-familiares, foram considerados os relacionamentos pai-mãe, pai-criança e pai-mãe-criança e alguns sentimentos e características identificadas por meio da entrevista. Tal abordagem permitiu um maior aprofundamento desse modelo utilizado para compreender o comportamento paterno, conforme exemplifica a Figura 3.



Nota. CB – cuidados básicos; JF- jogos físicos; SE – suporte emocional; D – disciplina; AM – abertura ao mundo; TC – tarefas de casa; E – evocações.

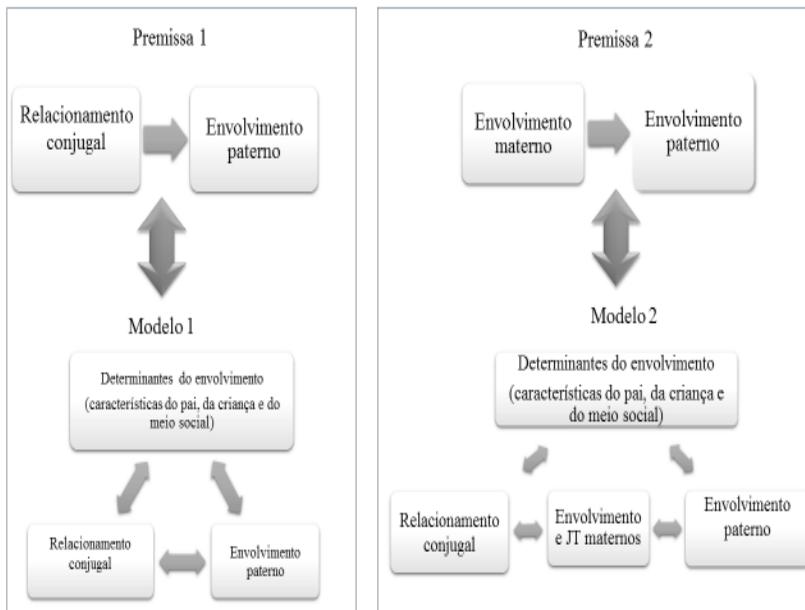
Figura 1. Representação esquemática do modelo teórico utilizado na tese.

Enquanto na Figura 1 representa-se o modelo teórico mais geral dessa pesquisa, na Figura 2 apresenta-se, de uma forma mais direta, as relações estabelecidas entre as variáveis. A partir desta Figura e da Figura 3 é possível compreender as premissas e as hipóteses estabelecidas, bem como explicar os modelos de análises contemplados nesse trabalho.

Na Figura 2, conforme a primeira premissa, à relação existente entre relacionamento conjugal e envolvimento paterno, foram inseridos fatores determinantes. As variáveis paternas (idade, escolaridade, personalidade e jornada de trabalho) e da criança (idade e sexo) foram inseridas como controle e permitiram explicar a variação do envolvimento paterno em função dessas variáveis. Além disso, foi analisado se o efeito preditor do relacionamento conjugal sobre o envolvimento do pai permanecia mesmo após a inserção e do controle das demais variáveis.

Na segunda premissa, ainda na Figura 2, além do modelo estabelecido na premissa 1, foram inseridas variáveis maternas (envolvimento e jornada de trabalho) e foi analisado o comportamento de

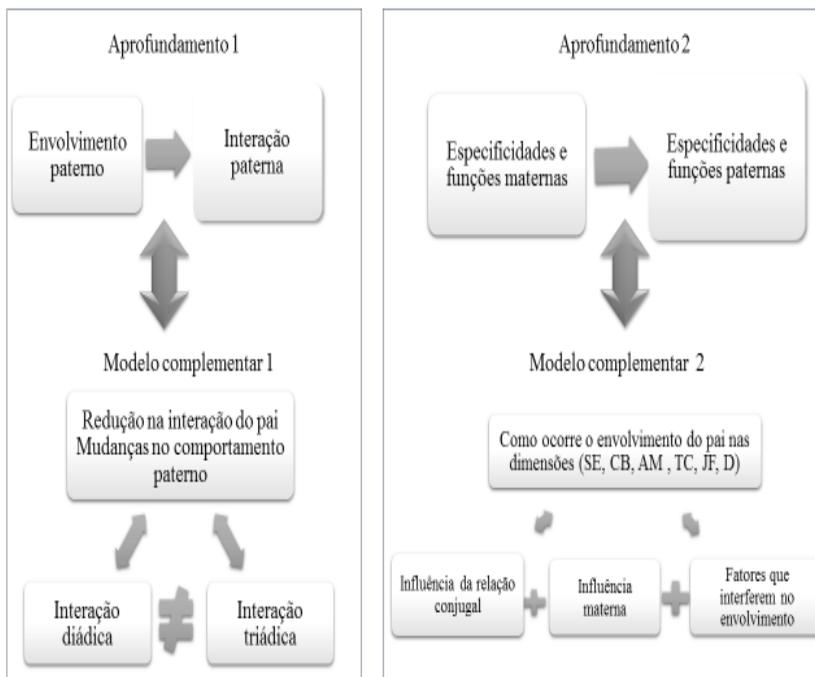
cada variável para prever o envolvimento do pai. Nesses termos, a influência do comportamento materno foi colocada em destaque.



Nota. JT – jornada de trabalho

Figura 2. Representação esquemática das premissas que nortearam as hipóteses e os modelos de análise.

Na Figura 3 são apresentados os aprofundamentos ou as análises mais específicas, fornecidas pelo estudo 2 dessa tese, que conta com a utilização das entrevistas e observações. Num primeiro momento, as interações diádicas e triádicas pai-criança serviram para identificar, mais precisamente, a influência da presença materna sobre o comportamento paterno. Era esperado que o número de interações paternas diminuísse em função da entrada da mãe à situação de interação. As especificidades, as semelhanças e diferenças nas funções e responsabilidades de pais e de mães, serão melhor contextualizadas a partir das análises qualitativas das entrevistas. Os fatores determinantes do envolvimento paterno também foram abordados na opinião do pai e da mãe, a fim de melhor compreender os resultados obtidos pelas análises quantitativas realizadas no estudo 1.



Nota. CB – cuidados básicos; JF- jogos físicos; SE – suporte emocional; D – disciplina; AM – abertura ao mundo; TC – tarefas de casa.

Figura 3. Representação esquemática do aprofundamento das premissas que nortearam as hipóteses e os modelos de análise.

Na Figura 4, procurou-se representar a presente pesquisa dentre o campo de conhecimento na área. Por meio do modelo 1, este trabalho apresenta como importante característica a inserção de uma variedade de influências em um mesmo modelo de análise para prever o envolvimento paterno. Conforme a revisão bibliográfica, são raras as pesquisas que inserem, num mesmo modelo, as características familiares e extra-familiares abordadas aqui. A personalidade, constitui-se também numa variável pouco explorada e uma compreensão evolucionista a respeito do tema, pode contribuir com os avanços no conhecimento científico. Além disso, poucos estudos realizam uma análise envolvendo os dois aspectos (positivo e negativo) do relacionamento conjugal para testar as diferenças e efeitos no envolvimento.

Os modelos multimetodológicos de análise da influência materna sobre o comportamento do pai também atuam como fator de destaque

desse trabalho, bem como a investigação das especificidades, diferenças e similiaridades entre os modelos que permitem explicar os envolvimento paterno e materno e a distinção da influência do relacionamento conjugal em ambas percepções, do pai e da mãe. A utilização de uma abordagem multimetodológica vem sendo apontada como fator importante na compreensão do fenômeno complexo e multideterminado como é considerado o envolvimento paterno.

Em pesquisas brasileiras envolvendo o relacionamento conjugal e o envolvimento paterno, não foram encontrados modelos de análise que incluam conjuntamente todas essas variáveis determinantes, verifiquem diretamente a influência de variáveis maternas (incluindo modelos mediadores) e que permitam compreender os determinantes da paternidade, por meio de uma comparação com os determinantes da maternidade. Esta pesquisa se destaca, também, por inserir tanto as percepções paternas quanto as maternas a respeito do relacionamento conjugal e do envolvimento parental e também pela utilização de entrevistas e dados observacionais para atingir aos objetivos da pesquisa.

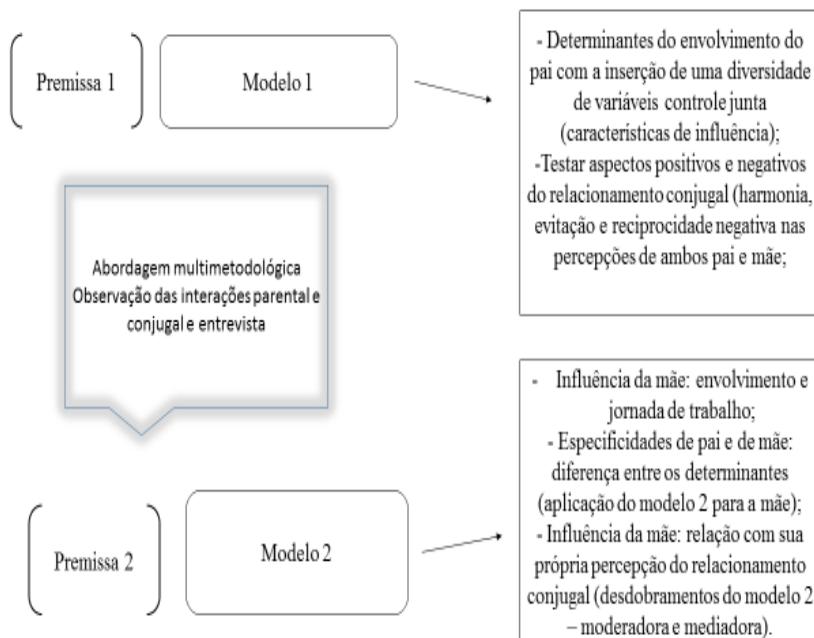


Figura 4. Representação esquemática da inserção da tese no campo do conhecimento a partir das premissas.

4 MÉTODO

Conforme mencionado anteriormente, a presente pesquisa insere-se no âmbito de um projeto maior intitulado “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Tal projeto tem como objetivo, estabelecer um elo entre as três formas de violência familiar: a conjugal, o abuso físico dos pais em relação às crianças e a agressão das crianças entre si (irmãos ou pares), propondo um modelo de transmissão intergeracional de estratégias de gestão de conflitos inspirado na psicologia do desenvolvimento evolucionista.

Esse estudo utilizou instrumentos e critérios propostos pelo referido projeto maior e seus resultados serão utilizados para desenvolver uma parte dessa pesquisa mais abrangente a qual está sendo realizada no Brasil por pesquisadores da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e também no Canadá por pesquisadores vinculados à Universidade do Quebec a Montréal (UQÀM) e à Universidade de Montréal (UdeM).

Na UFSC este projeto está sob a coordenação da professora Maria Aparecida Crepaldi do Laboratório de Família Saúde e Comunidade (LABSFAC) em parceria com o Núcleo de Estudos de Desenvolvimento Infantil (NEPeDI) coordenado pelo professor Mauro Luís Vieira. No Canadá o projeto está sendo coordenado pelos professores Daniel Paquette e Marc Bigras que compõem a equipe Pospère (<http://www.graveardec.uqam.ca/prospere/>) formada por pesquisadores que há mais de 10 anos tem o pai como foco de pesquisa.

O projeto maior teve início no ano de 2009 e dele derivaram cinco dissertações de mestrado e foram desenvolvidos, este e mais três projetos de doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC. Conforme exposto na apresentação inicial e na introdução, essa pesquisa foi derivada a partir das reflexões e dos resultados obtidos pela autora durante sua pesquisa de mestrado, que marcou a sua participação no referido projeto maior desde seu início.

Essa pesquisa considera o envolvimento como um fenômeno multideterminado e, por este motivo, pretende abordar a participação dos pais nos cuidados com os filhos a partir de diferentes métodos. Dessa forma, o sistema parental (envolvimento e interação) e o sistema conjugal (relacionamento conjugal em seus aspectos positivos ou negativos) foram investigados de forma indireta (instrumento de medida - questionários e entrevista) e direta (observação), o que permitiu um aprofundamento a respeito da relação entre o sistema conjugal e o parental no envolvimento e na interação com os filhos.

Dada a complexidade do fenômeno, a multidimensionalidade e a multideterminação (Belsky, 1981; Dubeau et al., 2009; Lamb et al., 1985; Lamb, 2007; Pleck, 1997) e pela perspectiva teórica adotada para embasar este trabalho, propõe-se uma investigação multimetodológica. Neste sentido foram utilizadas as contribuições das duas importantes abordagens de pesquisa, a quantitativa e a qualitativa. De uma forma quantitativa, o fenômeno foi medido com um número maior de participantes, proporcionando uma compreensão mais global e, em um segundo momento, foi aprofundado por meio de entrevistas e de observações diretas, com um número menor de participantes, tal como previsto pela abordagem qualitativa.

A compreensão dos processos familiares, como fenômenos sistêmicos e multideterminados, requer o uso de ambos os métodos e, ainda, a triangulação da observação com outras fontes intensificam a expressividade dos dados assim reunidos. Com isso, se pode identificar relações entre variáveis e obter uma compreensão global do fenômeno (Dessen, Silva & Dessen, 2009; Flick, 2009).

Este modelo de integração ou de combinação entre os enfoques agrega complexidade ao projeto de estudo, mas contempla as vantagens de cada um deles (Sampieri, Collado, & Lucio, 2006). O uso combinado dos métodos proporciona maior compreensão dos problemas de pesquisa e é utilizado para ampliar e complementar os dados (Creswell, 2010; Karasz & Singelis, 2009).

O modelo Bioecológico de Bronfenbrenner (1996) prevê uma incursão ecológica e uma análise da interação entre a pessoa em desenvolvimento e o contexto. É importante que as questões sobre as famílias sejam compreendidas em seu contexto de desenvolvimento. Por meio de uma coleta de dados mais abrangente e a realização de visitas domiciliares obtém-se uma maior e mais completa diversidade de informações (Dessen & Silva Neto, 2000).

Assim, justifica-se a utilização da observação que consiste em uma técnica de coleta de dados que pode ser utilizada isoladamente ou associada a outros métodos. Fornece um registro sobre o fenômeno por meio do contato direto com as pessoas a serem observadas ou de instrumentos auxiliares, como as câmeras filmadoras. O tipo de observação naturalística permite a observação cuidadosa do fenômeno em ambiente natural (Seidl-de-Moura & Ribas, 2007). A maioria das investigações naturalísticas é realizada na casa das famílias ou em creches e parques.

Neste estudo, será realizada a observação sistemática e não participante. Sistemática, pois envolve procedimentos padronizados, com

a elaboração de manual de procedimento de coleta de dados, planejamento detalhado do registro e dos procedimentos e definição prévia de categorias. Não participante, pois o observador procura não tomar parte dos acontecimentos, portanto, não está envolvido com o fenômeno observado (Seidl de Mora & Ribas, 2007). Será utilizado o recurso da gravação em áudio (entrevistas) em vídeo (observações), para possibilitar a compreensão precisa e ampliar a capacidade do observador em pensar, verificar detalhes da situação e confrontar a análise com outro observador treinado para este tipo de atividade (concordância entre juízes).

4.1 DELINEAMENTO DA PESQUISA

A presente pesquisa possui caráter exploratório, descritivo e correlacional. Considerada exploratória por explorar e ampliar estudos sobre o fenômeno; descritiva por ter como objetivo a descrição das características da população ou fenômeno a ser estudado e correlacional, pois avaliou o grau de relação entre as variáveis, Por fim, o estudo caracteriza-se como transversal por analisar um momento específico, no espaço e no tempo atual, da trajetória de vida dos participantes (Dancey & Reidy, 2006; Sampieri et al., 2006).

O estudo quantitativo é composto por questões fechadas que contém informações sobre o envolvimento parental e o relacionamento conjugal. Na parte qualitativa utilizou-se de uma entrevista semiestruturada com questões abertas para aprofundar o entendimento sobre o envolvimento parental e o relacionamento conjugal. As variáveis sociodemográficas ou as características dos pais (pai e mãe) e das crianças também foram consideradas. Por meio das observações foi possível descrever as interações diádicas e triádicas que foram comparadas e correlacionadas com o envolvimento parental e o relacionamento conjugal referido pelos pais.

4.2 CONTEXTOS

A pesquisa foi realizada em quatro cidades das regiões da Grande Florianópolis e do Vale do Itajaí. Na Grande Florianópolis uma das cidades caracteriza-se pela sua população superior a 420 mil habitantes, e a outra por ter cerca de 210 mil habitantes. Na região do Vale do Itajaí, um dos municípios possuía população de pouco mais de 180 mil habitantes e o outro uma população de cerca de 100 mil habitantes. Essas

idades caracterizam-se por ser litorâneas e ter mais de 100 mil habitantes (IBGE, 2010).

4.3 PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 150 famílias biparentais (150 pais e 150 mães). As observações e as entrevistas, em virtude do procedimento de coleta e de análise de dados específicos, foram realizadas com 12 casais dentre o total de participantes.

Desse modo, essa pesquisa foi dividida em dois estudos, sendo que o total de famílias (150) fez parte do primeiro estudo, enquanto que as 12 famílias já participantes passaram a compor também o segundo estudo.

4.3.1 Critérios de escolha de participantes

Obedecendo aos critérios do projeto maior, os casais deveriam estar vivendo juntos há pelo menos seis meses, ter idade maior de 18 anos e possuir pelo menos um filho na idade entre quatro e seis anos. A especificidade dos critérios de escolha dos participantes se deve a uma tentativa de melhor delimitar os dados obtidos.

Em conformidade com o projeto maior, a faixa etária de quatro a seis anos entra deve-se ao pressuposto de que o pico da agressividade ocorre aproximadamente aos dois anos e espera-se que nos anos seguintes ocorram modificações na forma e na intensidade com que as crianças expressam a agressividade (Tremblay, 2008). Além disso, crianças dessa idade, testemunhas da violência entre os pais, tem mais problemas de comportamento e são mais agressivas com pares do que crianças que não foram testemunhas (Levendosky, Huth-Bocks, Shapiro, & Semel, 2003).

Ainda com relação à idade das crianças, o envolvimento e algumas práticas parentais tendem a se modificar no decorrer dos anos. Assim, a idade de quatro a seis anos pode caracterizar um tipo de envolvimento parental específico, já que quando mais velhas, as crianças demandam diferentes formas de interação o que leva os pais a passarem menos tempo com elas, diminuindo a supervisão e o monitoramento (Marin et al., 2011; Pettit et al., 2007).

É importante salientar que não foram estabelecidos previamente critérios de exclusão em relação às características sociodemográficas da amostra, tais como escolaridade, renda, classe social ou tipo de configuração familiar (pais biológicos ou não, família nuclear ou recasada, entre outras). Essa medida foi tomada tendo o pressuposto de

que as diferenças encontradas entre os contextos refletirão as características dos ambientes ecoculturais específicos (Keller, 2007).

4.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS³

Partindo do princípio de que o envolvimento paterno é um conceito multidimensional, Dubeau et al. (2009) sugerem a necessidade de utilizar diversas ferramentas enfocando instrumentos quantitativos, juntamente com pesquisas qualitativas específicas (Karasz & Singelis, 2009). Nessa pesquisa foram utilizados seis instrumentos de coleta de dados e um procedimento observacional. Pais e mães responderam separadamente a cada instrumento, para evitar interferências nas respostas de um com o outro.

4.4.1 Questionário Sociodemográfico (Anexo 1)

Foi desenvolvido por pesquisadores vinculados ao NEPeDI e adaptado por pesquisadores do grupo de pesquisa. É composto por 15 questões concernentes a variáveis como: dados da família (cidade de residência, composição familiar, número de pessoas que moram na casa, idade e escolaridade dos membros da família); renda familiar (profissão, atividade atual, jornada de trabalho e valores dos rendimentos percebidos mensalmente pela família); presença de pessoa contratada para auxiliar nos cuidados com a casa e com a(s) criança(s) (empregada ou babá, por exemplo); período que a criança frequenta a escola (matutino, vespertino ou integral) e características da criança (idade e sexo). Será utilizado para caracterização dos participantes e para relacionar os dados com os demais instrumentos, buscando identificar quais variáveis sociodemográficas influenciam o comportamento dos pais.

4.4.2 Questionário de Engajamento Parental (QEP)

Instrumento construído pela equipe ProsPère e validado no Canadá com uma amostra de 468 famílias biparentais com pelo menos um filho entre zero e seis anos de idade. Os alphas de Cronbach variaram entre 0,72 e 0,86; a estabilidade temporal variou de 0,50 a 0,77 (Paquette et al., 2000). Utiliza duas escalas para avaliar com que frequência os pais

³ Os instrumentos QEP, QRC e Floreal não estão disponíveis na íntegra nos anexos em função de estarem passando por um processo de validação para o contexto brasileiro.

realizam determinadas atividades com seus filhos. Uma escala de frequência relativa de seis pontos (nunca, uma vez por mês, duas ou três vezes por mês, uma vez por semana, várias vezes por semana e todos os dias) e outra escala com frequência absoluta de cinco pontos (nunca, de vez em quando, regularmente, quase sempre e sempre). É composto por 56 itens distribuídos em sete dimensões:

- Suporte emocional (SE) referente a gestos e palavras que tranquilizam e encorajam a criança (composta por 12 itens - exemplo item 37: *tranquilizar seu filho quando ele tem medo*);

- Abertura ao Mundo (AM) diz respeito a incentivar a criança a ir mais longe e a explorar o ambiente (contém 9 itens – exemplo item 27: *ir ao parque com seu filho*);

- Cuidados Básicos (CB) se refere a fornecer cuidados essenciais à sobrevivência como alimentar, vestir e dar banho (inclui 9 itens – exemplo item 2: *dar de comer ou beber ao seu filho*);

- Jogos Físicos (JF) diz respeito a interagir com a criança fisicamente por meio de gestos e brincadeiras (composta por 7 itens – exemplo item 13: *brincar com seu filho nas costas - cavalinho*);

- Evocações (E) se refere a pensar, lembrar e/ou falar da criança (contém 6 itens – exemplo item 38: *pensar em seu filho quando ele não está com você*);

- Disciplina (D) remete às ações de controle de comportamentos, ou seja, ao ato de corrigir e repreender a criança (composta por 4 itens – exemplo item 19: *repreender seu filho quando ele perturba ou incomoda*);

- Tarefas de Casa (TC) compreende as atividades com a casa em geral, ou seja, fazer compras, preparar as refeições e se ocupar da limpeza e dos consertos necessários (inclui 9 itens – exemplo item 21: *limpar a casa – varrer, passar aspirador, tirar o pó*).

Este instrumento já foi utilizado nas pesquisas de Mestrado de Bossardi (2011), Gomes (2011) e Bolze (2011) e apresentou alphas de Cronbach de 0,89 para o QEP paterno e de 0,80 para o QEP materno, evidenciando a confiabilidade do instrumento. Referente a essa pesquisa os alfas encontrados foram de 0,89 para o pai e de 0,78 para a mãe. O fato de o valor do alpha ser menor para a mãe já era esperado pelos criadores do instrumento e justifica-se por ser um instrumento elaborado para a acessar o envolvimento paterno e que passa a ser aplicado também à mãe a fim de estabelecer algumas especificidades e semelhanças no envolvimento parental. A aplicação do instrumento também para a mãe torna-se possível tendo em vista que o índice de consistência interna é considerado adequado (Dubeau et al., 2009; Paquette et al., 2000).

Para essa pesquisa, o instrumento passou por algumas reformulações que foram realizadas em conformidade com aspectos teóricos e com as concordâncias entre os pesquisadores brasileiros e os dois pesquisadores do exterior, considerados os principais responsáveis pelo instrumento (Daniel Paquette e Marc Bigras). Dessa forma, durante as análises, o cálculo para o escore de envolvimento geral foi realizado com a inserção de todas as dimensões, com exceção das tarefas de casa. A dimensão jogos físicos foi calculada retirando-se 3 itens (16, 20, 22) e na dimensão evocações foi excluído um item (36). Em função da diferença de pontos da escala, realizou-se uma equivalência de modo que a escala de seis pontos passou a equivaler: 1=1; 2=1,666; 3=2,499; 4= 3,333; 5=4,166; 6=5. Essa substituição de pontos se deu somente na escala que vai até 6, a outra escala de até 5 pontos permaneceu inalterada. Essas decisões foram baseadas em critérios estatísticos como a análise da consistência interna e adequação dos itens à dimensão, mas aliados principalmente a decisões teóricas e conceituais discutidas pelos grupos.

Os procedimentos de adaptação do QEP para o contexto brasileiro serão apresentados no item referente aos procedimentos de preparação para a coleta de dados.

4.4.3 Questionário sobre Relacionamento Conjugal (QRC)

Composto por quatro itens que se referem ao relacionamento de pais e mães, este questionário foi adaptado de um instrumento desenvolvido em um estudo realizado por pesquisadores vinculados ao NEPeDI. As questões que o compõem referem-se ao tempo de união do casal, qualidade do relacionamento conjugal, conflito conjugal e satisfação conjugal.

Este questionário foi utilizado nos estudos de Bossardi (2011) e Schmidt (2012) e o alpha de Cronbach obtido foi de 0.73. Para essa pesquisa o índice de consistência interna (alpha) foi de 0.74 para o pai e 0,80 para a mãe.

4.4.4 FLOREAL

Este questionário investiga aspectos concernentes ao relacionamento conjugal, fontes de conflito entre o casal, conflitos na presença da criança e tipo de personalidade dos cônjuges. Foi elaborado pelo professor Marc Bigras, um dos pesquisadores da equipe, especificamente para o projeto maior, tendo sido utilizado por Bolze (2011) e Schmidt (2012) em suas pesquisas de mestrado. A estrutura do instrumento foi inspirada em cinco questionários validados no Canadá. Para essa pesquisa foram

considerados os aspectos que abrangem as dimensões da relação conjugal e da personalidade.

No que se refere à relação conjugal, o instrumento avalia cinco dimensões, quais sejam: harmonia conjugal, reciprocidade negativa, evitação, reciprocidade e ciúme. As dimensões harmonia conjugal (oito itens), reciprocidade negativa (oito itens) e evitação (oito itens) são consideradas através de uma escala de 6 pontos que vai de 1 (discordo totalmente) a 6 (concordo totalmente). A dimensão reciprocidade é avaliada por intermédio de duas questões de múltipla escolha, ao passo que a dimensão ciúme caracteriza-se por cinco questões. Para este estudo serão utilizadas apenas as dimensões que correspondem às dimensões harmonia conjugal, reciprocidade negativa, evitação e reciprocidade.

- Harmonia Conjugal (itens de 1 a 8): Trata de interações positivas entre os cônjuges como a exposição verbal de sentimentos, a realização de concessões com o objetivo de resolver conflitos, a tendência a admitir erros e a percepção de felicidade e satisfação na relação. Exemplo item 3: *Quando meu (minha) companheiro(a) é gentil comigo, tenho vontade de ser gentil com ele/ela.*

- Reciprocidade negativa (itens de 9 a 17): Refere-se à ocorrência de discussões, acusações, brigas e agressões. Envolve também sentimentos de injustiça e desigualdade na relação de casal. Exemplo item 15: *Eu não faço o que meu (minha) companheiro(a) quer porque ele(ela) também não faz o que eu quero.*

- Evitação (itens de 18 a 25): Diz respeito a um comportamento de retração com o objetivo de evitar desavenças e conversas que exijam a exposição de sentimentos e fraquezas pessoais. Os problemas conjugais são deixados de lado e se resolvem com o passar do tempo. Exemplo item 22: *Quando surge um conflito entre nós, eu fico muito bravo(a) para poder discutir com meu (minha) companheiro(a).*

- Reciprocidade: (itens 26 e 27): Trata da percepção de equidade ou iniquidade dos membros do casal sobre a relação conjugal com o objetivo de avaliar se essa é considerada justa, favorável ou desfavorável para cada um dos cônjuges. Investiga também a perspectiva futura do relacionamento.

A respeito da dimensão evitação, as análises foram realizadas excluindo-se o item 20, por este ter apresentado um problema de tradução e, conseqüentemente, de entendimento para o contexto brasileiro. Essa decisão foi baseada também em função do alpha que aumentou 0,46 para 0,62 com a retirada desse item e também tendo em vista que as proposições teóricas seriam melhor confirmadas com essa modificação.

No que se refere à personalidade as dimensões avaliadas pelo Floreal são:

- Personalidade do tipo dominante: (itens 78 a 82): investiga atitudes de liderança e tomada de iniciativa. Exemplo item 79: *Eu tomo frequentemente as iniciativas e faço sugestões.*

- Personalidade do tipo colaborativa: (itens 83 a 89): avalia aspectos do comportamento como a valorização de atos e contribuições alheias, de trabalho em equipe, de cooperação e características de mediação de opiniões com o intuito de se obter acordos. Exemplo item 84: *Eu tento ouvir as sugestões dos outros.*

- Personalidade do tipo individualista: (itens 90 a 94): indaga sobre aspectos referentes à lealdade, ambição e competitividade. Exemplo item 94: *Eu sou competitivo quando as chances estão ao meu favor.*

Para este estudo serão utilizadas apenas as dimensões que correspondem às dimensões dominante e colaborativa, visto que a individualista, além de ter apresentado um baixo índice de consistência interna (0,44 e 0,40), não apresentou resultados significativos com os demais instrumentos de interesse deste estudo.

Ao que se refere à origem do instrumento, a dimensão harmonia conjugal foi retirada da versão reduzida do instrumento sobre a qualidade da relação conjugal (*Le Q-Sort sur la Qualité de la Relation Conjugale - QRC*) (Lacharité, LaFreniere, & Bigras, 1991) que foi utilizado no estudo de Bigras e Paquette (2000). A dimensão evitação está de acordo com o Questionário de Estratégia de Evitação (*The Avoidance Strategy Questionnaire - ASQ*) (Belk & Snell, 1988). A dimensão reciprocidade está de acordo com os princípios de equidade propostos por Walster et al. (1978). E, por último, as dimensões de personalidade estão identificadas pelos estudos de Zuroff et al. (2010).

A respeito da consistência interna, os estudos realizados por Bolze (2011) e Schmidt (2012) O FLOREAL obteve um alpha de Cronbach de 0,88 apontando o índice de confiabilidade do instrumento. Para essa pesquisa os alphas obtidos para o pai foram de 0,70 em harmonia, 0,71 em reciprocidade negativa e 0,62 em evitação, enquanto que para a mãe os resultados foram de 0,75 em harmonia, 0,84 em reciprocidade negativa e 0,65 em evitação. A dimensão personalidade dominante obteve um resultado de 0,82 e 0,73 e a personalidade colaborativa obteve 0,80 e 0,80 para pai e mãe, respectivamente.

4.4.5 Entrevista semiestruturada com pai e mãe (Anexo 2)

Construída especificamente para contemplar os objetivos deste estudo, é composta por questões que abordam os seguintes tópicos principais:

a) Sentimentos com relação à paternidade ou à maternidade.

b) Aprofundamento das questões do Questionário de Engajamento Parental (QEP). Construída com o interesse de aprofundar e melhor compreender quais atividades e tarefas os pais realizam com seus (suas) filhos ou filhas, as especificidades do envolvimento paterno e materno e as responsabilidades sobre tarefas ou funções que são divididas ou compartilhadas entre os pais.

c) Determinantes do envolvimento para verificar se existe, na opinião dos pais, algum aspecto que possa facilitar ou inibir a realização de mais atividades com a criança, inclusive a presença da mãe. Nesse tópico foram abordados alguns conceitos do comportamento *gatekeeping* materno.

d) Opinião dos pais e das mães a respeito do papel do cônjuge como pai ou mãe e a respeito das atividades que os pais esperam realizar com os filhos e as atividades que as mães esperam que os pais realizem.

e) Percepção do pai e da mãe sobre a relação entre o conflito conjugal e seu envolvimento e interação com a criança.

As respostas foram gravadas e posteriormente transcritas na íntegra.

4.4.6 Observação das interações diádicas e triádicas

Partindo do pressuposto de que as relações entre os membros familiares podem afetar a interação parental, o pai foi observado em interação com seus filhos ou filhas em episódios de interação diádica (pai-criança) e triádica (pai-mãe-criança). Nesse sentido, realizou-se a observação da interação familiar (Dessen, 1994; Mendonça et al., 2011; Silva, 2007; Stroud et al., 2011).

A técnica da observação foi utilizada para investigar como se dá, na prática, a interação do pai com a criança nos contextos diádico e triádico e sua relação com o envolvimento e o relacionamento conjugal referido pelo pai nos demais instrumentos. Segundo Cordazzo et al. (2008) e Piccinini, Frizzo e Marin (2007) a observação é uma técnica científica que sistematicamente planejada e registrada pode fornecer uma análise minuciosa de um fenômeno ou parte dele e permite identificar, descrever e compreender comportamentos.

Na observação foram identificados os comportamentos do fator de interação, que segundo Lamb et al. (1985) se refere ao envolvimento paterno e à sua participação direta com a criança como brincar, orientar, educar, cuidar para que não se machuque, entre outros. A interação será entendida aqui como um processo bidirecional em que não pode haver menos de dois comportamentos (Dessen, 1994; Seidl-de-Moura & Ribas, 2007). Foram considerados comportamentos de interação quando um dos parceiros dirigiu um comportamento social em direção ao outro e foi respondido por ele também com um comportamento social. Desse modo, foram analisados os comportamentos parentais e também da criança em um mesmo episódio interacional.

A idade e o sexo da criança podem ter relação com a interação dos pais (Lamb, 1997; Mendonça et al., 2011; Pleck, 1997). Este projeto envolveu crianças em idade pré-escolar e participaram da pesquisa seis famílias com crianças do sexo feminino e seis famílias com crianças do sexo masculino para tornar possível a investigação pelo gênero.

Foi utilizada a técnica de amostragem focal e técnica de registro de tempo (Piccinini, Alvarenga, & Frizzo, 2007). Dessa forma, foi construído um protocolo de observação contendo as categorias para a análise em episódios de tempo e foram registradas a ocorrência ou não dos comportamentos em determinando episódio. Maiores informações a respeito das observações estão descritas mais adiante nos procedimentos de preparação, de coleta e análise de dados e no manual construído especificamente para tratar das análises dos vídeos.

4.4.7 Instrumento da Avaliação da Visita

A família respondeu a um instrumento que teve como objetivo registrar quão confortável ou desconfortável as famílias se sentiram ao serem filmadas em interação com a criança e o quanto que as atividades realizadas durante a filmagem correspondem às atividades cotidianas (Anexo 3). Este instrumento foi utilizado na pesquisa de doutorado de Ribas (2004) e foi incluído nesse estudo prevendo que elementos como esses possam ser importantes para a compreensão dos dados.

Ainda ocorreu a avaliação feita pelo pesquisador que se deu por meio da confirmação de alguns dados sociodemográficos já coletados com a família na primeira parte e que podem ter sofrido mudanças no intervalo de tempo entre a primeira parte da coleta e esta segunda visita. Também conteve questões que permitiram complementar e analisar o contexto da observação com a descrição do espaço físico, materiais, disposição das pessoas, interrupções, entre outros.

4.5 PROCEDIMENTOS DE PREPARAÇÃO PARA COLETA DE DADOS

4.5.1 Procedimentos de preparação para o estudo 1

Os instrumentos QEP e FLORAL foram construídos originalmente na língua francesa por pesquisadores canadenses e, dessa forma, passaram por um processo de adaptação realizada pelo grupo de pesquisa do qual este projeto faz parte. Em um primeiro momento, os instrumentos foram traduzidos literalmente para o português por pessoas que possuem fluência nas duas línguas em questão. A tradução e a versão original foram revisadas e comparadas pelos próprios pesquisadores. Os instrumentos também passaram pelo procedimento de *backtranslation* que englobou a retradução da versão traduzida para língua original e foi realizado por pessoas especializadas na língua francesa.

A seguir foi realizada a adaptação dos mesmos para o contexto brasileiro com a substituição de algumas palavras e expressões a fim de que pudessem ser mais bem compreendidos pelos participantes da pesquisa e elaborou-se o construto para cada instrumento. Tendo como objetivo elevar a fidedignidade dos instrumentos nesta pesquisa, considerando que eles ainda não possuem validação ou adaptação transcultural no Brasil, foram convidados profissionais experts na área de interesse de cada instrumento para que avaliassem a correspondência entre o construto e os itens do instrumento.

Os juízes receberam informações sobre o objetivo do instrumento, a descrição do material para aplicação. Receberam também, além das versões do instrumento - a original e a traduzida - o construto teórico que o embasa, o qual abrangia um apanhado da literatura sobre o tema, bem como a demonstração da relevância da utilização do instrumento. Neste processo, foram sugeridas pelos juízes alterações no que se refere à tradução e ao significado de algumas expressões para a população brasileira. Algumas palavras tiveram que ser substituídas por equivalentes semânticos ou foram acrescentados exemplos para as questões que pudessem gerar dificuldades de entendimento.

Após a apreciação dos juízes, realizou-se um treinamento em sala de espelhos para a aplicação dos instrumentos, antes do início do estudo piloto, por meio do qual foi possível, além de treinar os pesquisadores e padronizar a forma de entrevistar os participantes, fazer correções nos instrumentos e definir algumas questões como a necessidade de acrescentar cabeçalho padronizado em todos eles e de colocar grade de respostas em todas as folhas, a fim de agilizar a marcação das respostas dadas pelos participantes. No momento do treinamento foi observada a

necessidade de oferecer um caderno para acompanhamento do participante, idêntico ao do aplicador, visando facilitar o processo de aplicação dos instrumentos.

Após o treinamento em sala de espelho foi realizado o estudo piloto com o objetivo de avaliar a adequação dos instrumentos à realidade do campo de pesquisa, além de servir como treinamento aos entrevistadores no sentido de padronizar o processo de entrevista e de aplicação dos instrumentos. Participaram três famílias (três pais e três mães) e mais duas mães de crianças com a idade pretendida para o estudo. Dessa forma, o procedimento foi aplicado a oito pessoas: três pais e cinco mães. A partir do piloto foram identificados erros de português e de digitação nos instrumentos que puderem ser alterados. Além disso, notou-se também que alguns trechos das assertivas e perguntas necessitavam do acréscimo de palavras no masculino e no feminino (por exemplo, filho/filha; seu/sua; ele/ela; pai/mãe).

A compreensão dos pais quanto às questões e o tempo que cada participante levava para responder a pesquisa puderam ser verificados depois do estudo piloto, uma vez que o procedimento seguiu todos os passos da coleta de dados propriamente dita, com leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e acompanhamento do caderno de questões que era entregue a cada participante no momento da entrevista. As questões destacadas pelos participantes do piloto como geradoras de dúvidas ou dificuldades de interpretação foram debatidas pelo grupo de pesquisadores envolvidos. Foram modificadas todas aquelas questões nas o grupo avaliou ser pertinente a alteração.

Nesta etapa foi verificada a necessidade de referir repetidas vezes o nome da criança focal para evitar confusões dos pais com os outros filhos na hora de responder aos questionários. Ademais, com base no piloto previram-se também as interferências que poderiam acontecer, por ventura, no campo de pesquisa, como, por exemplo, a presença da criança ou de outros familiares. Percebeu-se a necessidade de clarificação, no momento do agendamento, do tempo médio de duração da entrevista para evitar que o período disponibilizado pelos pais fosse curto, o que acarretaria na interrupção da entrevista e na necessidade de uma nova visita para finalização da coleta. Observou-se, por fim, a importância de o participante acompanhar a grade de respostas e do entrevistador ler e relembrar as opções de resposta sempre que sentisse necessidade.

Anteriormente ao início do estudo piloto desta pesquisa, foi construído um Manual de Procedimentos para Coleta de Dados com o objetivo de descrever todas as etapas da coleta, visando padronizar os

procedimentos. Este Manual sofreu alterações após o treino dos aplicadores em sala de espelhos e, também, após as discussões do grupo de pesquisa em face aos resultados do estudo piloto. Constam no Manual todos os passos a serem seguidos desde o contato com as Instituições, passando pelo contato telefônico com os pais até a etapa final de despedida e de agradecimento aos participantes ao término da coleta de dados.

A respeito dos procedimentos de adaptação de instrumentos de um contexto para outro e dos desafios para a realização de pesquisas transculturais tal como é proposta pelo projeto maior em que essa pesquisa se insere, o grupo de pesquisadores, incluindo a autora deste estudo (Gomes, Bossardi, Bolze, Bigras, Paquette, Crepaldi, & Vieira), produziu um artigo que trata das “Reflexões Teórico- Metodológicas para a Realização de Pesquisas Transculturais em Psicologia”, que foi submetido à Revista Psico – USF em março de 2014.

4.5.2 Procedimentos de preparação para o estudo 2

Após uma análise teórica e, de acordo com os objetivos da observação, foram escolhidos os brinquedos que seriam utilizados nas interações. Foram escolhidos três brinquedos (blocos de montar - Lego®, engenheiro e quebra-cabeça) e a escolha por mais de uma opção de brinquedo se deu para tentar despertar o interesse da criança e dos pais em participar da atividade. Os brinquedos foram classificados como brinquedos cognitivos (Cordazzo, 2008), que envolvem um processo de construção e, dessa forma, considerou-se que o tipo de interação seria a mesma independentemente do brinquedo escolhido pela família.

Foram definidos como iriam ocorrer as observações diádicas e triádicas na residência das famílias. Para isso foram tomadas algumas decisões. Para fins de padronização das interações, as situações diádicas foram realizadas para ambos pai e mãe. A interação diádica foi realizada em primeiro lugar em todas as famílias e foram alternadas, de modo que o episódio com a mãe ocorreu antes do episódio com o pai em uma família e na outra, aconteceu o inverso. Estes cuidados foram tomados na tentativa de eliminar possíveis interferências de uma interação sobre a outra. Por último foi realizada a interação triádica (pai-mãe-criança).

A visita domiciliar foi realizada por dois pesquisadores. Foi criado um manual específico para orientar os pesquisadores nos procedimentos de coleta de dados e de prevenção de eventuais intercorrências no momento da coleta e estratégias de ação caso alguma interferência viesse a ocorrer (tais como a interferência dos irmãos, vizinhos ou outras visitas, a criança sair do cômodo ou querer ir ao banheiro no momento da observação, entre outras). Todas as intercorrências previstas, seriam avaliadas posteriormente para verificar se não haveriam prejuízos para a observação como um todo.

4.6 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

A coleta de dados deste projeto ocorreu em duas etapas. A primeira corresponde ao contato inicial com as instituições e com as famílias e a aplicação dos instrumentos de medida. Essa etapa está sendo desenvolvida desde junho de 2010 e continuou até atingir o número de famílias previsto, em 2012. Essa parte da coleta abrange os seguintes procedimentos:

4.6.1 Etapas da coleta 1

1. Contato com a Instituição (Autorização Institucional, entrega das Cartas Convites aos pais das crianças);
2. Contato com pais (via retorno da Carta Convite) e agendamento da visita domiciliar;
3. Conversa inicial para ambientação com a família e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
4. Pais e mães respondem a sete instrumentos. Dentre eles quatro são descritos e utilizados nessa pesquisa. O pesquisador aplica os questionários em forma de entrevista a ambos os participantes.
5. Ao terminar a coleta propriamente dita, a pesquisadora se despede da família e se coloca à disposição para futuras explicações sobre a pesquisa, desistência de participação e para devolução dos dados obtidos.

No processo de busca inicial dos participantes da coleta, foram contatadas Instituições de Educação Infantil (IEIs), públicas e privadas, das regiões do Vale do Itajaí e da Grande Florianópolis para apresentação da proposta da pesquisa e, nos casos de aprovação, para assinatura da Autorização Institucional (Apêndice 1) por meio do qual autorizavam o acesso aos pais via instituição. Antes de contatar as instituições públicas os pesquisadores apresentaram um projeto base, explicitando a

relevância, os objetivos e os procedimentos da pesquisa, às Secretarias de Educação dos municípios participantes desta pesquisa e, mediante liberação para realização da mesma, algumas escolas foram indicadas. Com as instituições privadas o contato se deu diretamente com os responsáveis pelas mesmas.

Os pesquisadores, após explicação dos objetivos da pesquisa diretamente às educadoras - sempre que foi possível - deixavam com elas cartas-convite que deveriam ser entregues às crianças de quatro a seis anos convidando suas famílias a participar da pesquisa. Portanto, os pais foram contatados inicialmente por meio da Ficha de Contato Inicial (Apêndice 2), representada pela carta-convite e entregue via instituição. Este documento fornece esclarecimentos acerca do estudo e solicita a participação voluntária sendo composta por um curto questionário que devia ser preenchido pelos participantes com dados gerais da família (nome de ambos os pais, nome e idade do(s) filha(s), telefone para contato, endereço residencial, e-mail). Os pais que aceitaram participar deveriam informar seu interesse ao retornar a carta convite preenchida à Instituição.

De posse das cartas respondidas pelos pais, foi realizada uma triagem buscando identificar crianças que atendiam aos critérios estipulados para a escolha dos participantes. Os pesquisadores realizaram, então, contato telefônico com os possíveis participantes, momento em que se identificaram, relembram a resposta à carta convite, forneceram algumas informações sobre a pesquisa, checaram os critérios para a participação e convidaram a família a fazer parte da pesquisa. Em caso de aceite, foi agendada uma visita domiciliar para maiores esclarecimentos e, se possível, a coleta já foi iniciada nesta primeira visita. Do contrário, foi marcada nova visita para realização da coleta de dados. O pesquisador deixou disponíveis seu contato telefônico e e-mail no caso da família precisar fazer algum contato antes do encontro marcado. Quando algum dos critérios não foi preenchido pela família, procedeu-se explicando a impossibilidade de inclusão da família e foi feito um agradecimento em nome do grupo de pesquisa.

Em uma visita domiciliar, pais e mães responderam aos questionários. A pesquisadora fez as perguntas para o entrevistado e este acompanhou as questões, bem como as opções de resposta, por meio de um caderno com a cópia dos instrumentos. Foram respeitados os procedimentos éticos para a realização da pesquisa como leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice 3).

Num segundo momento da pesquisa, as famílias, já cadastradas e participantes do projeto, foram contatadas para uma segunda visita

domiciliar e a realização da entrevista e da observação. Esta etapa foi realizada com 12 famílias.

4.6.1 Etapas da coleta 2

1. Novo contato com as famílias
2. Visita domiciliar para explicar a nova etapa da pesquisa e assinatura do termo de consentimento e da autorização de utilização da imagem vídeo
3. Episódio de interação diádica
4. Episódio de interação triádica
5. Entrevista com pai e mãe
6. Preenchimento do instrumento de avaliação da visita
7. Agradecimento e despedida da família

Na residência da família, as duas pesquisadoras fizeram uma conversa inicial a respeito de como estava a família e a criança. Foi lembrada a pesquisa realizada anteriormente e foram repassados resultados preliminares do estudo, ainda em andamento. Após essa conversa inicial, foi apresentada à família a nova etapa da coleta, que consistia na aplicação de uma entrevista e na realização de uma observação das interações dos pais com a criança, diádica e triádica.

Explicou-se também para a criança o que iria acontecer e que ela seria convidada a brincar com o pai e com a mãe utilizando os brinquedos trazidos pelas pesquisadoras e, que a brincadeira seria gravada em vídeos, os quais somente os pesquisadores teriam acesso. Depois de esclarecidos os procedimentos foram apresentados, para assinatura, os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE – Apêndice 4) para realização da pesquisa e para a utilização da imagem em vídeo (Apêndice 5). Foi feita uma ambientação da criança com a câmera, preparou-se o ambiente e dispôs-se o brinquedo para a observação.

Assim, o procedimento observacional ocorreu da seguinte forma:

As díades e as tríades receberam os brinquedos para nortear a situação de brincadeira. Foi pedido para que escolhessem um dos brinquedos e para que interagissem livremente com a criança como fazem normalmente quando estão juntos. A observação foi filmada e foram realizados dois episódios de interação diádica, um envolvendo a relação pai-criança e outro a relação mãe-criança e mais um episódio de interação triádica (pai-criança-mãe). Cada episódio teve duração de 10 minutos.

A interação diádica foi alternada de modo que em uma família foi realizada primeiramente a interação pai-criança e na família seguinte, o início se deu pela interação mãe-criança. Conforme já mencionado, este

cuidado foi tomado para evitar possíveis interferências nas interações. Por último aconteceu a interação triádica. A interação mãe-criança, embora não tenha sido analisada neste estudo, serviu como fator de controle de interferências nos resultados da interação triádica e será utilizada em outras produções da autora. O genitor que não participou do episódio de interação permaneceu em outro cômodo da casa, para evitar interferência.

Após o procedimento observacional, seguiu-se com a realização das entrevistas e a aplicação do instrumento de avaliação da visita. Pais e mães responderam isoladamente a esses instrumentos para cada uma das pesquisadoras, em cômodos da casa diferenciados. Os relatos foram gravados e transcritos posteriormente.

4.7 ANÁLISE DE DADOS

A análise de dados de qualquer pesquisa dependerá, em especial, do tipo de questão a ser respondida. Em um delineamento multimetodológico, o pesquisador pode ter questões que demandem ambos os tipos de tratamento de dados e fazer análises diferenciadas, utilizando informações mais gerais e complementares (Dessen et al., 2009). Sendo assim, apresentam-se as análises realizadas para os dados do estudo 1 e do estudo 2.

4.7.1 Análises do estudo 1

Os dados referentes aos instrumentos de medida foram tabulados e tratados em uma planilha no programa estatístico Statistical Package for Social Science (SPSS 18.0). Foram realizadas análises descritivas (média e desvio-padrão) e relacionais bivariadas e multivariadas (testes de diferença de média – testes t para variáveis independentes, testes t pareados e testes de qui-quadrado -, correlações de Pearson, ANOVA e análises de regressão linear multivariada).

Modelos de regressão foram construídos a fim de explicar ou prever a variância do envolvimento paterno (variável dependente -VD) com a combinação de diferentes fatores explicativos (variáveis independentes-VI). Partindo do princípio de que raramente é possível prever um fenômeno a partir de uma única variável, optou-se pelos modelos de regressão linear múltipla, já que os modelos são compostos por mais de duas variáveis independentes. Esse tipo de regressão prevê uma combinação linear de cada uma das variáveis independentes inseridas no modelo em relação à variável dependente e servem para superar a

hipótese nula, ou seja, a de que não existem relações lineares entre VI e VD e, por outro lado, comprovar as hipóteses do estudo. Para garantir um modelo de regressão linear adequado, foram respeitados os princípios de multicolinearidade, ou seja, verificou-se a não existência de fortes correlações entre uma VI e as demais. Esse princípio foi verificado por meio da VIF (*Variance Inflation Factor*) e da *Tolerance*, os quais indicam se uma VI tem uma relação linear forte com a outra (Field, 2009).

Nesses termos, também foi feita uma verificação das premissas por meio da identificação dos valores extremos que influenciariam o modelo, fazendo variar os coeficientes e afetando assim, a qualidade do ajustamento dos dados. Não foram aceitos os modelos que continham valores residuais estandardizados maiores que 3,29, mais de 1% acima de 2,58 e 5% acima de 1,96 (Field, 2009).

Os modelos aqui apresentados foram concebidos primeiramente a partir de uma premissa teórica (ver modelo teórico nas Figuras 1, 2 e 3), bem como da natureza dos objetivos e das hipóteses da pesquisa. Em um segundo momento, a escolha das variáveis independentes e a escolha do tipo e do método do modelo a ser empregado, além de teórica, segue a presença de correlação com a variável dependente.

A escolha do método da regressão também seguiu uma reflexão prévia em conformidade com as hipóteses dessa pesquisa. Nesse caso, optou-se por uma modelização por blocos, onde algumas variáveis foram usadas como controle e os resultados permitiram avaliar o modelo global, da mesma forma que a contribuição de cada bloco. Com a criação dos blocos, a chamada regressão hierárquica permitiu determinar a ordem de entrada das variáveis no modelo, o que possibilitou observar com mais detalhe como se comportava o modelo e também o tamanho do efeito de cada variável (controle ou VI).

Mesmo com a criação de blocos, a forma de entrada das variáveis em cada bloco não foi determinada previamente. Utilizou-se para isso o método *Enter*. Esse método indica que o pesquisador não influencia no momento e na ordem de entrada das variáveis, assim sendo, elas não são computadas por critérios matemáticos, mas baseadas em uma proposição teórica. (Field, 2009).

Nos modelos expostos nos resultados foram avaliados: a qualidade ou significância do modelo (ANOVA), o ajustamento do modelo aos dados (R^2 , ΔR^2 e significância de ΔR^2), os coeficientes não estandardizados (B e SE – erros estandardizados -), bem como os coeficientes estandardizados (Beta ou β) e a significância de cada coeficiente para com a VD (teste t). Os valores de Beta ou β indicam o tamanho do efeito daquela variável para predizer a VD, ou seja, quanto a

VD varia em função da VI em questão. Valores mais próximos de 1,00 indicam um forte grau de influência.

As variáveis categóricas como sexo e idade da criança (faixas) e jornada de trabalho foram codificadas como variáveis *dummy*, o que significa que foram representadas pelos valores 0 e 1. Nesse sentido, o sexo masculino recebeu o indicador 0, enquanto que o feminino foi representado pelo 1. O mesmo ocorreu com a idade da criança e a jornada de trabalho, onde os valores menores receberam o código 0 e os maiores foram codificados com o número 1. As demais variáveis são de natureza contínua (Field, 2009).

4.7.2 Análises do estudo 2

Para as 12 famílias, assim como no estudo 1, foram realizadas as análises descritivas e relacionais a fim de caracterizar e contextualizar as famílias dentro de um contexto maior. A diferença é que no estudo 2, em função do número reduzido de participantes, as análises de regressão não foram realizadas.

A análise dos vídeos seguiu da seguinte forma:

Foram construídas categorias de análise baseadas em estudos já desenvolvidos e que foram adaptadas pela pesquisadora em função das especificidades deste estudo (Frizzo & Piccinini, 2007; Levandowski & Piccinini, 2002; Mendonça et al., 2011; Piccinini et al., 2007; Seidl-de-Moura & Ribas, 2007; Silva, 2007). As categorias passaram por modificações que foram discutidas em grupo, envolvendo também a pesquisadora que iria atuar como juíza da adequação das categorias e do treinamento para a análise de dados. Essas modificações foram baseadas também na contribuição de referências bibliográficas como (Dubé, 2011; Dumas & LaFreniere, 1993; Hassan, 2003; Roy, 2002; Silva, 2007).

Tais categorias estão em conformidade também com o conceito de engajamento positivo proposto por Pleck (2010), para o qual, esse domínio da interação envolve comportamentos como brincar, ler ou cantar, instruir ou conversar com a criança.

Em função de novas leituras e discussões, optou-se por incluir os aspectos verbais e não verbais do comportamento, tendo em vista que muitos aspectos comportamentais são expressos por meio de ações não verbais, incluindo sorrisos, olhares e proximidades corporais. Importantes estudos consideram separadamente esses aspectos (Corboz-Warnery, Fivaz-Depeursinge, Bettens, & Favez, 1993; Fivaz-Depeursinge, Frascarolo, & Corboz-Warnery, 1996; Hedenbro, Shapiro, & Gottman, 2006; Mendes & Pessôa, 2013; Mendonça et al., 2011) e,

com a intenção de atentar para todos os detalhes que um comportamento interativo envolve, optou-se por subdividir as categorias parentais, as categorias infantis e as do casal em aspectos verbais e não verbais.

Dessa maneira, foram definidas as categorias do comportamento parental, do comportamento da criança e do comportamento do casal para as interações diádicas e triádicas. As categorias foram avaliadas sempre considerando os dois aspectos: comunicação verbal (caracterizada por comportamentos que envolvem vocalizações ou palavras emitidas oralmente visando uma interação) e comunicação não verbal (trata-se de gestos, expressões, proximidade e contato corporal ou visual como os sorrisos, olhares e toques, por exemplo). Se um episódio não contemplasse uma interação tal como definida neste trabalho, era computado como não interação que ocorre quando o receptor não emite comportamentos que respondam aos sinais ou palavras do emissor, nem por meio dos aspectos verbais e nem pelos não verbais.

Definidos os procedimentos para a realização das observações, foi realizado um estudo piloto com duas famílias (uma família com menino e outra com menina). Neste estudo foram seguidos todos os passos estabelecidos para a observação e também para a aplicação da entrevista. A análise dos pilotos também contribuiu para melhor definir as categorias, bem como construir o manual de procedimentos para análise e realizar o treinamento dos observadores.

As categorias parentais envolveram as seguintes categorias: afeto positivo, afeto negativo, motivação/estimulação, instrução, disciplina e fala com a criança. Os comportamentos da criança foram avaliados pelas categorias: afeto positivo, afeto negativo, obediência/cooperação, desobediência/confrontação. O comportamento do casal foi avaliado pela interação pai-mãe procurando identificar, quando houve interação, se essa interação continha afeto positivo ou afeto negativo. Maiores informações a respeito do que concerne cada categoria em seus aspectos verbais e não verbais podem ser conferidos no manual (Apêndice 6) construído para análise dos vídeos, que apresenta detalhadamente as definições das categorias bem como exemplos de casa uma.

Os comportamentos observados, para cada integrante da interação, foram registrados no protocolo de observação (Apêndice 7) que continha as categorias correspondentes ao comportamento do pai ou da mãe, da criança e do casal. Essas categorias foram quantificadas em ocorrência de comportamentos. Caso ocorressem aspectos verbais e não verbais em um mesmo episódio de interação, foram registradas duas ocorrências, uma para cada comportamento característico.

Para a análise dos vídeos, dos 10 minutos de cada episódio de interação foram selecionados 8 minutos para análise, excluindo-se o primeiro e o último minuto da filmagem. Os oito minutos da filmagem foram divididos em episódios de 15 segundos, totalizando 32 intervalos em que foi observada a interação das díades e tríades. Primeiro foi analisada a interação diádica pai-criança e, em seguida, a interação triádica de uma mesma família.

Anteriormente à análise propriamente dita, foi feito um treinamento entre a pesquisadora responsável por essa pesquisa e uma outra colega também pesquisadora do projeto maior, a doutoranda Lauren Beltrão Gomes. O treinamento ainda envolveu uma terceira pessoa (professor Daniel Paquette da UdeM) que atuou como orientador e também como juiz, discutindo a respeito de dúvidas, questionamentos, concordâncias e discordâncias entre a dupla. Após o treinamento foi realizado o cálculo de concordância entre os juízes, que ocorreu por meio de diferentes procedimentos. Somente a partir dessas etapas é que ocorreram as análises propriamente ditas.

Treinamento e cálculo de concordância entre os juízes:

Os observadores realizaram a leitura do manual que orientava para a análise dos vídeos e apresentava todas as categorias que deveriam ser analisadas, bem como suas definições, ou seja, as explicações de quais comportamentos correspondiam a cada uma delas (ver definição de categorias no manual – Apêndice 6).

Foram analisadas seis filmagens, três diádicas e três triádicas. Para esse procedimento foram utilizadas as duas famílias do estudo piloto e uma do estudo em questão, escolhida aleatoriamente, dentre as demais. Os vídeos foram vistos pelos dois observadores de forma independente, em um primeiro momento e, em seguida, foi revisto e analisado conjuntamente e após discutido em grupo. O treinamento ocorreu por meio de etapas.

Num primeiro momento, os observadores analisaram separadamente os vídeos em intervalos de um minuto. Em cada episódio foram registradas as ocorrências de comportamentos de cada integrante da interação. Foram identificados o emissor e o receptor do comportamento, além dos comportamentos ocorridos. Numa comparação entre os observadores foram contabilizados os acordos e os desacordos.

O cálculo de concordância desse processo foi de 50% e percebeu-se a dificuldade em avaliar a ocorrência ou não da interação, além de identificar os comportamentos num intervalo de tempo maior. A partir dessa discussão, foi sugerido pelo terceiro juiz que fosse realizado um

procedimento de análise mais minuciosa do vídeo para fins de treinamento dos observadores, com relação às categorias e aos episódios de interação. A partir disso, reforçou-se também a importância de analisar o vídeo em episódios menores de interação, tal como apresenta o protocolo. Nesse procedimento, os observadores assistiram ao vídeo e anotaram o momento em que ocorreu a interação, quem foi o emissor e o receptor e o comportamento emitido, com base nas categorias estabelecidas e descritas no manual

Nessa análise o cálculo de concordância foi de 55% para a interação diádica e de 52% para a interação triádica. Um cálculo ainda baixo, mas que serviu para o treinamento dos observadores em relação à interação como um todo e para esclarecer os problemas existentes com relação às categorias. Na comparação dos resultados, tanto nos casos de desacordos quanto nos de acordos ou dúvidas, o vídeo foi revisto em conjunto para discussão do episódio de interação (emissor e receptor) e para a adequação dos comportamentos às categorias e suas definições.

Optou-se por manter a separação entre comportamentos verbais e não verbais, tendo em vista a importância de se caracterizar a linguagem não falada da interação. Os gestos e expressões corporais e visuais seriam mais bem percebidos com essa divisão. Os observadores tiveram que prestar atenção e chegar ao acordo na sua identificação.

Para garantir o registro de todos os comportamentos observados, os juízes acordaram que o vídeo deveria ser analisado em primeiro lugar, para identificar o comportamento parental e, em outra análise, deveria ser feito o registro dos comportamentos da criança, sempre considerando as díades em interação. No caso da interação triádica, ocorreu o registro dos comportamentos do pai, da criança, da mãe e, por último, do casal. Essa sequência foi respeitada em todos os vídeos.

Após os ajustes gerados por esse procedimento inicial e a adequação das categorias, foram feitas novas análises dos vídeos. Foram calculados os acordos e os desacordos entre os observadores e os episódios foram revistos e discutidos, principalmente no que se refere aos desacordos. As dúvidas foram sanadas e foram estabelecidos novos acordos.

O cálculo de concordância geral referente a essa análise foi de 80,32% para os comportamentos do pai e de 85,88% para os comportamentos da criança na situação diádica. Referente a interação triádica, os cálculos foram de 78,48% para os comportamentos do pai, 81,25% para os comportamentos da criança e 85,07% para os comportamentos da mãe. Nessa análise, o cálculo de concordância obtido para o casal foi de 66,67%.

Os índices de concordância referentes à última análise realizada durante esse processo, tiveram como resultados gerais da situação diádica uma concordância de 83,36% para os comportamentos do pai e 90,00% para os comportamentos da criança. Para os vídeos da situação triádica os cálculos gerais foram 86,79% para os comportamentos do pai, 89,79% para os comportamentos da mãe e 83,67% para os comportamentos da criança. Para os comportamentos do casal o cálculo geral foi de 85,29%.

Foram calculados os índices de concordâncias para todas as categorias e, os resultados, assim como exemplos e maiores detalhes do treinamento e do cálculo de concordância, encontram-se disponíveis no documento do Apêndice 8.

Para se obter esse cálculo de concordância dividiu-se o número de acordos (A) pelo total de acordos (A) somados aos desacordos (D), multiplicando o resultado por 100, conforme já utilizado por outros autores (Dubé, 2011; Hassan, 2003; Roy, 2001; Seidl-de-Moura & Ribas, 2007, Silva 2007). Em caso de dúvidas, foi feita uma discussão recorrendo novamente à filmagem e à definição das categorias. Se as dúvidas ou desacordos persistiram foi consultado o terceiro juiz. Ao final, também foi calculado o Coeficiente Kappa de acordos entre juízes por meio do programa de análises estatísticas SPSS. O índice de acordo entre os juízes deveria ser superior a 75%.

Os resultados obtidos no Kappa foram de: 0,87 para o pai e 0,89 para a criança na diádica. Com relação à situação triádica foram obtidos 0,93 para o pai, 0,91 para a mãe, 0,83 para a criança e 0,77 para o casal.

Análise das interações

No protocolo de observação as categorias (parentais, infantis e do casal) foram quantificadas em termos de frequência e médias. Foram estabelecidas as frequências dos comportamentos em cada categoria separadamente pelos aspectos verbais e não verbais e também foi calculado o total de comportamentos unificando os comportamentos verbais com os não verbais. Após foi feita uma descrição por médias de cada categoria e também foi gerado um escore representando a interação geral e a não interação.

Esses dados foram apresentados de modo descritivo e representados graficamente. Também receberam tratamento estatístico para comparar as interações diádicas e triádicas. Para fins deste estudo, foram analisadas somente a interação diádica (pai-criança) e a triádica (pai-mãe-criança). Na interação triádica foram avaliadas as interações diádicas pai-criança, mãe-criança e pai-mãe, tendo em vista a importância de se observar todos

os membros da interação, ou seja, a tríade como um todo (Frizzo & Piccinini, 2007).

A interação pai-criança na tríade foi comparada com a interação pai-criança na díade. A interação pai-criança foi comparada com a díade mãe-criança no episódio triádico. Para isso foram utilizados testes de diferenças de média para amostras pareadas e para amostras independentes. Também foram realizadas análises de variância (ANOVA) e correlacionais.

Os dados da observação foram correlacionados entre si e com os instrumentos QEP, QRC e FLOREAL, procurando atingir aos objetivos estabelecidos. As observações também geraram dados qualitativos e foi feita uma análise ao instrumento de avaliação de visita. Os vídeos foram revistos pela pesquisadora com o objetivo de identificar elementos importantes das interações tais como o conteúdo das falas durante as expressões de afeto, instrução, motivação e fala com a criança e outras informações que fossem pertinentes para complementação da análise por frequências e médias.

Análise das entrevistas

O conteúdo das entrevistas foi organizado de forma a permitir, descrever, compreender e complementar conforme os objetivos dessa pesquisa. Por esse motivo, as categorias foram estabelecidas previamente e receberam algumas modificações ou inclusões após a análise dos dados. Foram utilizados princípios da Análise de Conteúdo de acordo com Bardin (1977), por meio da qual o material foi organizado, revisto e codificado em unidades de análise e classificado nas categorias.

De acordo com Flick (2009), a análise de conteúdo é um dos procedimentos clássicos para analisar o material textual, seja ele oriundo de entrevistas ou não. Uma característica essencial desse modo de análise é a utilização de categorias que, geralmente, são oriundas de modelos teóricos e levadas para o material empírico. Tais categorias, mesmo tendo uma origem teórica, ao serem avaliadas em relação ao material, podem vir a sofrer reorganizações e modificações.

Para essa análise contou-se com o auxílio do software ATLAS.ti 5.1. Os sistemas de categorias, subcategorias, elementos temáticos e os extratos de exemplos das falas dos entrevistados foram submetidos a duas juízas doutorandas na área de desenvolvimento e estudiosas do envolvimento paterno. Foi calculado o índice de concordância entre as

juízas e a pesquisadora, seguindo os mesmos procedimentos do cálculo inicial utilizado para as observações (somando-se o número de acordos e dividindo pelos acordos somados os desacordos – conforme utilizado por Bueno, 2014). A concordância final de cada uma das juízas com a pesquisadora foi de 80% nas categorias paternas e de 82% nas categorias maternas, com uma das juízas e de 90% e 91% para pai e mãe respectivamente, com a outra juíza.

Durante o processo de concordância, uma das juízas sugeriu a unificação de duas categorias dentro de uma mais geral e as alterações foram avaliadas e aceitas pela segunda pessoa. Dentre as sugestões de alterações cita-se a descrição específica para cada subcategoria, a utilização de um outro exemplo para representar a categoria e a unificação de elementos temáticos que funcionavam como sinônimos. As categorias e subcategorias elaboradas, bem como seus elementos temáticos e exemplos serão apresentadas na seção de resultados correspondente.

Na Figura 5 apresenta-se o modelo proposto por este projeto e sua relação com os instrumentos. São descritas as variáveis estudadas e as relações a serem estabelecidas entre elas. Identificam-se em cada variável os instrumentos utilizados para descrever, medir ou explorar as relações. Também são colocadas as hipóteses em cada relacionamento de variáveis. As hipóteses são representadas por H 1 (hipótese 1), H 2 (hipótese 2), H 3 (hipótese 3), H 4 (hipótese 4) e H 5 (hipótese 5). No subcapítulo 4.7.3 será descrita a equivalência dos objetivos com os instrumentos e hipóteses.

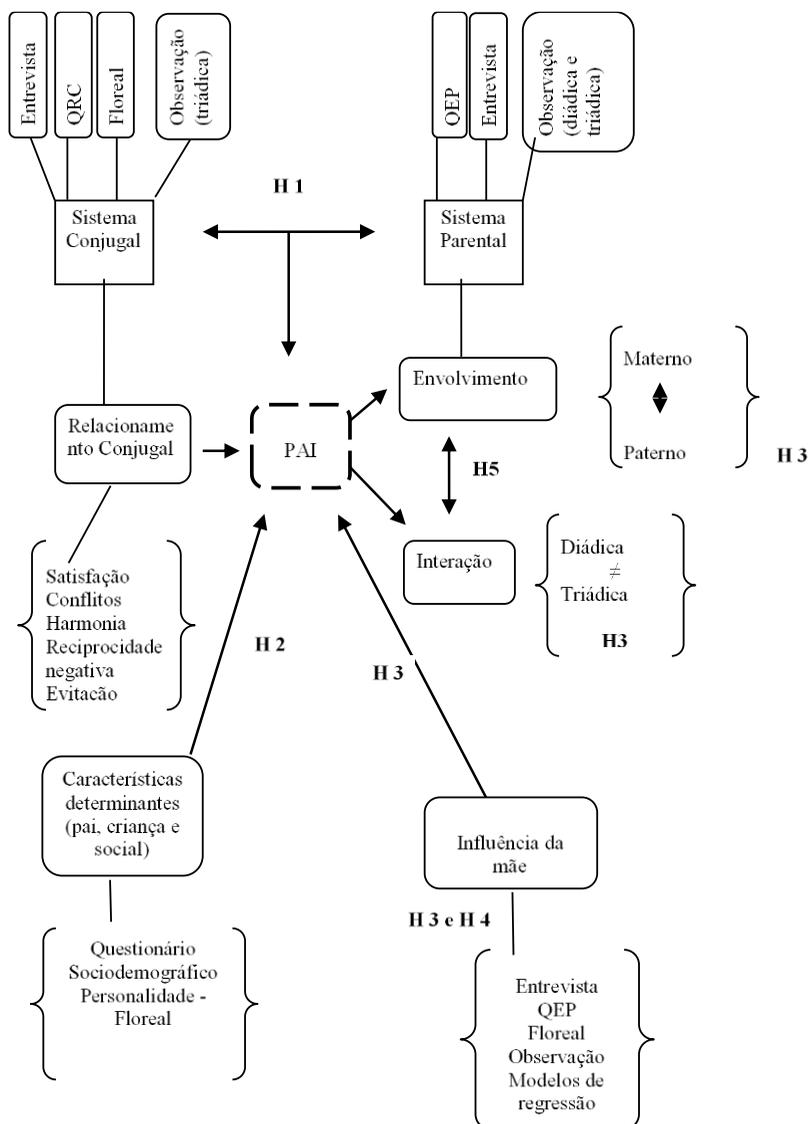


Figura 5. Modelo das relações entre as variáveis

4.7.3 Equivalência dos objetivos com os instrumentos e hipóteses do presente estudo

A influência do comportamento materno e do relacionamento conjugal no envolvimento e na interação do pai com os filhos foi investigada por meio de diferentes instrumentos (entrevista, questionários e observação). Os resultados foram descritos, correlacionados, fizeram parte de modelos de regressão e também foram melhor explorados por meio de uma análise qualitativa. Os objetivos específicos descrevem o caminho percorrido para identificar quais fatores exerciam influência na relação entre envolvimento paterno e relacionamento conjugal e como essas influências contribuíam para explicar a variação do envolvimento.

Para atingir o primeiro objetivo específico (caracterizar e relacionar o envolvimento parental com o relacionamento conjugal), as médias do envolvimento de pai e de mãe, obtidas pelo QEP e as médias do relacionamento conjugal, obtidas pelo QRC e pelas dimensões harmonia, evitação e reciprocidade negativa do Floreal, foram descritas e correlacionadas. Questões da entrevista também foram utilizadas para complementar essas informações. Foi perguntado para pais e mães a respeito das atividades que realizavam com a criança e sua participação nas atividades da casa e também a respeito da influência do relacionamento conjugal no seu próprio envolvimento. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 1.

No segundo objetivo (relacionar o envolvimento paterno com o envolvimento materno), as médias obtidas pelo QEP de pai e de mãe foram correlacionadas e as relações existentes foram descritas e analisadas para compor os modelos de regressão. Durante a entrevista os pais relataram atividades que realizam em comparação ao cônjuge e também a respeito das suas responsabilidades e divisão de tarefas. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 3.

Para atingir ao objetivo de caracterizar os determinantes do envolvimento paterno e verificar sua influência na relação entre o envolvimento e o relacionamento conjugal, os determinantes (características do pai, características da criança e as características do social), após passarem por uma análise correlacional, compuseram modelos de regressão (como variáveis controle ou independentes) para verificar a variação da relação entre envolvimento e relacionamento conjugal na presença desses determinantes. Desse modo, foi avaliado o peso de cada determinante para explicar o envolvimento paterno e ainda a composição de todas as variáveis para explicar a relação entre relacionamento conjugal e a VD (envolvimento). Os determinantes do

envolvimento paterno foram descritos por meio de um comparativo entre os modelos de pai e de mãe, para verificar quais determinantes foram específicos para influenciar o envolvimento paterno, não explicando, da mesma forma, o materno. Esse objetivo pode ser melhor visualizado na Figura 1 que trata da construção do modelo 1 de regressão. Questões da entrevista também abordaram a respeito dos fatores que, na opinião de ambos os pais, poderiam influenciar no seu envolvimento (contribuir ou causar uma diminuição). Este objetivo está em conformidade com a hipótese 2.

- No quarto objetivo (verificar a influência da mãe no envolvimento e na interação do pai com a criança), foram utilizados resultados do QEP, do relacionamento conjugal, das observações e das entrevistas. O QEP materno compôs modelos de regressão, participando como variável independente e também como mediadora para prever o QEP do pai. Foi investigada a influência da jornada de trabalho da mãe e do relacionamento conjugal na percepção materna para prever o QEP do pai. Durante as observações foram avaliadas as diferenças encontradas no comportamento paterno entre as situações diádica e triádica e as interações paternas foram relacionadas com as interações maternas para avaliar as modificações no comportamento do pai em função da presença da mãe. Na entrevista os pais responderam a respeito de como consideravam a influência materna para com seu envolvimento, se a presença, intervenções e interações da mãe poderiam facilitar (contribuir para aumentar) ou inibir (contribuir para diminuir) a participação paterna. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 3.

Para comparar a díade pai-criança durante as interações diádicas (pai-criança) e triádicas (pai-mãe-criança), foram descritos os comportamentos parentais de ambos os pais, em termos de frequência geral e em cada categoria e foi criado um escore para identificar a interação geral e a não interação. Foram avaliadas as diferenças nas interações pai-criança nas duas situações em relação à quantidade e o tipo de interação realizada. Os comportamentos infantis também foram caracterizados e analisados de acordo com a situação de interação. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 3.

As interações em termos gerais e por categorias pai-criança na situação triádica foram correlacionadas com as interações mãe-criança para verificar a existência de relações entre as interações pai-criança com as interações mãe-criança e, dessa forma, respondeu-se ao sexto objetivo específico. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 3.

Para atingir o objetivo de caracterizar as especificidades de pai e de mãe no envolvimento e na interação com a criança, foram utilizados

dados comparativos do QEP paterno com o materno para descrever quais aspectos do envolvimento são mais realizados pelo pai ou pela mãe. Os modelos de regressão com os determinantes do envolvimento e a influência do relacionamento conjugal também foram comparados entre pai e mãe. Os dados obtidos com a entrevista com pai e mãe também serviram para estabelecer algumas especificidades, tais como: visão da paternidade ou da maternidade, responsabilidades e divisões de tarefas, qual pai faz mais alguma atividade com o filho, em relação ao outro, quais atividades gostaria de realizar com o filho e a percepção de cada um a respeito dos fatores de influência no envolvimento. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 4.

Com relação ao penúltimo objetivo (relacionar o envolvimento parental com as interações diádicas e triádicas), resultados do QEP e das interações gerais e por categoria foram correlacionados. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 5.

Para finalizar e chegar ao último objetivo (relacionar a interação direta do pai com a criança e o relacionamento ou interação conjugal), os dados das observações (comportamentos pai-criança e comportamentos do casal) foram correlacionados com QEP, QRC e harmonia, reciprocidade negativa do Floreal). Além disso, os comportamentos das interações parentais foram correlacionados com os comportamentos interativos do casal. Este objetivo está em conformidade com a hipótese 5.

4.8 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida com base em parâmetros éticos, de acordo com a resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e, atualmente, está em conformidade com a Resolução CNS 466, de 12 de dezembro de 2012 que revogou a resolução anterior e dispõe uma nova resolução sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Dessa forma, essa pesquisa tomou cuidado com os aspectos éticos e com relação aos cuidados necessários exigidos para uma pesquisa com seres humanos.

O projeto maior intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de quatro a seis anos de idade” foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o parecer de número 520/12, em 30 de novembro de 2009.

Esse mesmo projeto, seguiu com a solicitação de prorrogação do prazo de vigência para sua realização prevendo a sua continuação e ampliação de pesquisas incluindo os aspectos qualitativos. A aprovação dessa nova submissão à Plataforma Brasil e ao Comitê de Ética em Pesquisa da UFSC se deu em junho de 2012 e está sob o número de parecer 37888.

Assim, foram respeitados os princípios éticos da pesquisa concernentes à proteção dos direitos, ao bem-estar e à dignidade dos participantes. Tanto a etapa 1 da coleta de dados, quanto a etapa 2, garantiram os parâmetros éticos da pesquisa com a leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e a Autorização para utilização das imagens em vídeo, respeitando o voluntariado e o direito de desistir da pesquisa a qualquer momento.

Caso fosse identificada a necessidade de acompanhamento psicológico, os participantes seriam encaminhados para atendimento psicológico no Serviço de Atendimento Psicológico da UFSC (SAPSI).

Como devolutiva dos dados do projeto de pesquisa maior, foram realizadas oficinas nas Instituições de Educação Infantil participantes. Essa contrapartida foi oferecida sob forma de projeto de extensão intitulado: Ciclo de Oficinas sobre Psicologia do Desenvolvimento em Instituições de Educação Infantil. Essas oficinas foram realizadas pelos pesquisadores envolvidos no projeto e foram destinadas aos pais e professores, com o objetivo de apresentar os resultados obtidos no estudo, atingir alguma demanda identificada pela escola e também de contribuir para a promoção do desenvolvimento infantil e a compreensão do comportamento agressivo na infância.

Maiores informações a respeito da realização das oficinas podem ser obtidas em um artigo intitulado: “Oficinas em Instituições de Educação Infantil: compromisso ético da vinculação pesquisa-extensão” publicado pelos pesquisadores Gomes, Bolze, Bossardi, Schmidt, Crepaldi, M. A., & Vieira, na revista Psicologia Escolar e Educacional, no ano de 2013.

5 RESULTADOS

Essa seção apresentará os resultados seguindo os objetivos deste estudo e também a característica multimetodológica apresentada. Parte-se das análises quantitativas realizadas com o total de participantes (N=150) e propõe-se um aprofundamento qualitativo dos dados com uma parte da população estudada (N=12), visando a complementação das questões a respeito da paternidade. Desse modo, a apresentação dos resultados ocorrerá por meio de dois estudos.

O estudo 1 refere-se aos dados de uma análise quantitativa envolvendo o total de participantes. Neste estudo será feita uma caracterização sociodemográfica e serão testadas as principais hipóteses da pesquisa, ou seja, investigar-se-á quais variáveis podem melhor explicar as variações no envolvimento paterno e, mais especificamente, se o envolvimento materno e a percepção paterna sobre o relacionamento conjugal atuam como fatores preditivos desse construto, utilizando para isso algumas variáveis de controle. Da mesma forma, a influência da percepção materna sobre o relacionamento conjugal, será testada juntamente com todas as variáveis propostas por este estudo.

O estudo 2 diz respeito a um aprofundamento dos dados, em que, dentre o total de participantes, foram retomados os contatos com 12 famílias que responderam a entrevistas e também participaram de observações diretas. Nessa fase, a criança também entra em cena e são analisados seus comportamentos nas interações em díades e em tríades. Será apresentado um recorte para ilustrar quem são essas famílias por meio dos instrumentos já utilizados no estudo 1 e esses resultados serão descritos e melhor explorados, a partir de uma abordagem qualitativa por meio das entrevistas com pais e mães e ainda pelas análises dos vídeos das interações.

5.1 ESTUDO 1: RESULTADOS DAS ANÁLISES QUANTITATIVAS - ANÁLISE GLOBAL (150 FAMÍLIAS)

5.1.1 Características sociodemográficas e sua relação com as variáveis em estudo (envolvimento parental, relacionamento conjugal e personalidade).

As Tabelas a seguir tratam de uma descrição sociodemográfica geral das famílias participantes deste estudo.

Composição familiar

Tabela 1

Composição Familiar

Composição Familiar	Frequência	%
Família nuclear pais biológicos de todos os filhos	127	84,7
Família nuclear pais adotivos da criança foco	3	2,0
Família recasada com pais biológicos da criança foco	10	6,7
Família recasada com madrasta da criança foco	1	0,7
Família recasada com padrasto da criança foco	7	4,7
Família recasada com mãe adotiva da criança foco e padrasto	1	0,7
Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos	1	0,7
Total	150	100

Essa variável foi agrupada em: família nuclear com pais biológicos de todos os filhos (N=127); família recasada com pais biológicos da criança foco (N= 10) e outros tipos de configurações (pais adotivos, madrasta, padrasto, família estendida N= 13). O teste ANOVA e o teste post-hoc (Tukey⁴) revelaram diferenças significativas em relação à harmonia na percepção materna [$F(2) = 3,84$; $p < 0,05$]. A mãe da família nuclear refere mais harmonia no relacionamento (M=5,08; DP=0,57) do que a da família recasada (M=4,61; DP= 0,46). Ainda, há mais harmonia para a mãe em outros tipos de configurações (M=5,21; DP=0,47) do que em famílias recasadas (M=4,61; DP=0,46).

Não foram encontradas diferenças significativas entre o envolvimento parental e as composições familiares. Por este motivo, optou-se por tratar os dados sem fazer separações por famílias com pais biológicos e com outros tipos de configurações.

⁴ Igualdade de variância assumida

Idade, escolaridade e renda de pais e mães.

Tabela 2

Idade, escolaridade e renda dos pais e mães

	N	Mínimo	Máximo	Média (DP)	Teste t
Idade da mãe	149	22	50	32,90 (6,31)	t(295) = 3,92; p<0,01
Idade do pai	148	24	63	36,10 (7,70)	
Escolaridade da mãe	143	1	22	12,00 (4,19)	t(284) = -1,93; p>0,05
Escolaridade do pai	143	0	24	11,02 (4,38)	
Rendimentos da mãe	130	100.00	10000.00	1.260,3462 (1.129,28)	t(272) = 4,86; p<0,01
Rendimentos do pai	144	500.00	10000.00	2.091,0069 (1.628,14)	
Renda familiar mensal total	147	600.00	11500.00	3185.5374 (2.027,11)	

Por meio de teste estatístico foram reveladas diferenças entre as idades de pai e mãe (pai mais velho do que a mãe) e renda (pai com rendimentos maiores do que a mãe). A escolaridade em anos não apresentou resultados significativos comparando pai e mãe.

Foram realizadas correlações de Pearson entre essas variáveis sociodemográficas e também com as outras variáveis do estudo (QEP, QRC e Floreal). Foram encontrados os seguintes resultados, conforme mostrado na Tabela 3:

Tabela 3

Correlações entre as variáveis sociodemográficas e as variáveis: envolvimento parental, relacionamento conjugal e personalidades dominante e colaborativa

Variáveis	Correlações positivas	Correlações negativas
Idade da mãe	Idade do pai (r = 0,74**)	Jogos Físicos da mãe (r = -0,18*)
	Rendimentos da mãe (r = 0,27**)	Harmonia da mãe (r = -0,25**)
	Rendimentos do pai (r = 0,25**)	Reciprocidade negativa do pai (r = -0,17*)
	Renda familiar (r = 0,32**)	Personalidade dominante do pai (r = -0,27**)
	Evitação da mãe (r = 0,22**)	
Idade do pai	Idade da mãe (r = 0,74**)	Jogos Físicos do pai (r = -0,18*)
	Rendimentos da mãe (r = 0,19*)	Harmonia da mãe (r = -0,17*)
	Renda familiar (r = 0,21**)	Reciprocidade negativa do pai (r = -0,18*)
	Evitação da mãe (r = 0,17*)	Personalidade dominante do pai (r = -0,23**)
Escolaridade da mãe	Escolaridade do pai (r = 0,71**)	Disciplina da mãe (r = -0,18*)
	Rendimentos da mãe (r = 0,35**)	Reciprocidade negativa da mãe (r = -0,32**)
	Rendimentos do pai (r = 0,42**)	Evitação da mãe (r = -0,35**)
	Renda familiar (r = 0,53**)	Evitação do pai (r = -0,29**)
	Abertura ao Mundo da mãe (r = 0,23**)	
	QRC da mãe (r = 0,27**)	
	Personalidade colaborativa da mãe (r = 0,26**)	

Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe ($r = 0,71^{**}$)	Disciplina da mãe ($r = -0,19^*$)
	Rendimentos da mãe ($r = 0,22^*$)	Reciprocidade negativa da mãe ($r = -0,33^{**}$)
	Rendimentos do pai ($r = 0,52^{**}$)	Evitação da mãe ($r = -0,28^{**}$)
	Renda familiar ($r = 0,51^{**}$)	Evitação do pai ($r = -0,36^{**}$)
	Abertura ao Mundo da mãe ($r = 0,24^{**}$)	
	Disciplina do pai ($r = 0,17^*$)	
	Jogos Físicos do pai ($r = 0,25^{**}$)	
	QRC da mãe ($r = 0,32^{**}$)	
QRC do pai ($r = 0,18^*$)		
Rendimentos da mãe	Idade da mãe ($r = 0,27^{**}$)	Evocações da mãe ($r = -0,18^*$)
	Idade do pai ($r = 0,19^*$)	Tarefas de Casa da mãe ($r = -0,21^*$)
	Escolaridade da mãe ($r = 0,35^{**}$)	Jogos Físicos da mãe ($r = -0,19^*$)
	Escolaridade do pai ($r = 0,22^*$)	Reciprocidade negativa da mãe ($r = -0,17^*$)
	Rendimento do pai ($r = 0,31^{**}$)	Evitação do pai ($r = -0,36^{**}$)
	Renda familiar ($r = 0,68^{**}$)	
Rendimentos do pai	Idade da mãe ($r = 0,25^{**}$)	Reciprocidade negativa da mãe ($r = -0,23^{**}$)
	Escolaridade da mãe ($r = 0,42^{**}$)	Reciprocidade negativa do pai ($r = -0,19^*$)
	Escolaridade do pai ($r = 0,52^{**}$)	Evitação da mãe ($r = -0,23^{**}$)
	Rendimento da mãe ($r = 0,31^{**}$)	Evitação do pai ($r = -0,23^{**}$)
	Renda familiar ($r = 0,89^{**}$)	
	QRC do pai ($r = 0,21^*$)	
	Personalidade colaborativa do pai ($r = 0,21^*$)	

Renda familiar mensal	Idade da mãe (r=0,32**)	Jogos Físicos da mãe (r=-0,20*)
	Idade do pai (r=0,23**)	Reciprocidade negativa da mãe (r=-0,24**)
	Escolaridade da mãe (r=0,53**)	Reciprocidade negativa do pai (r=-0,17*)
	Escolaridade do pai (r=0,51**)	Evitação do pai (r=-0,25**)
	Rendimentos da mãe (r=0,68**)	Evitação da mãe (r=-0,18*)
	Rendimentos do pai (r=0,89**)	
	Envolvimento total do pai (r=0,16*)	
	Disciplina do pai (r=0,17*)	
	Personalidade colaborativa do pai (r=0,17*)	

As idades de pai e de mãe estão correlacionadas e apresentaram relação negativa com a dimensão jogos físicos, com a harmonia conjugal na percepção materna e com a personalidade dominante do pai. Por outro lado, foram encontradas relações positivas entre as idades e a renda e, também, com a evitação materna.

A escolaridade dos pais (pai e mãe) em anos também aparece correlacionada positivamente com a renda de ambos. A escolaridade da mãe apresenta relações positivas com a abertura ao mundo e o QRC da mãe e negativas com a evitação praticada pelo casal e também com a reciprocidade negativa e a disciplina maternas. Para o pai, a escolaridade apareceu correlacionada positivamente com disciplina e jogos físicos do pai e ainda com o QRC de pai e mãe e, negativamente com a evitação do casal e a disciplina materna.

A renda de ambos os cônjuges está correlacionada com a própria idade e escolaridade. Para o pai existe um relacionamento positivo com a sua percepção da qualidade na relação conjugal e a personalidade colaborativa e negativo com a reciprocidade negativa e a evitação do casal. Para a mãe há relações negativas com tarefas de casa, jogos físicos, reciprocidade negativa da mãe e evitação do pai. A renda familiar também apresenta correlações negativas com a reciprocidade negativa e a evitação praticadas por pai e mãe e positivas com o envolvimento total e a disciplina relatados pelo pai.

Faixas de escolaridade

Tabela 4

Escolaridade dos pais por faixas

Escolaridade	Mãe		Pai	
	Frequência	%	Frequência	%
Não alfabetizado	1	0,7	1	0,7
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	8	5,3	10	6,7
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	12	8,0	19	12,7
Ensino fundamental completo	6	4,0	10	6,7
Ensino médio incompleto	14	9,3	16	10,7
Ensino médio completo	46	30,7	47	31,3
Ensino superior incompleto	17	11,3	16	10,7
Ensino superior completo	28	18,7	17	11,3
Pós-Graduação	18	12,0	14	9,3
Total	150	100	150	100

O teste de Pearson Chi-quadrado revela diferenças significativas entre a escolaridade da mãe e a escolaridade do pai por faixas [$X^2(64) = 195,28$; $p < 0,01$]. A maioria das mães possui o ensino médio completo ($N=46$), seguido de ensino superior completo ($N=28$) e pós-graduação ($N=18$), sendo essa diferença, entre os níveis de escolaridade materna, estatisticamente significativa [$X^2(8) = 87,24$; $p < 0,01$]. Com relação ao pai, 47 possuem o ensino médio completo, seguido pelo ensino fundamental incompleto ($N=19$) e ensino superior completo ($N=17$). Essas diferenças entre as faixas de escolaridade do pai também possuem uma significância estatística [$X^2(8) = 78,08$; $p < 0,01$].

A escolaridade da mãe por faixas foi agrupada em: 1) de não alfabetização a ensino fundamental completo ($N=27$); 2) de ensino médio incompleto a ensino médio completo ($N=60$) e 3) de ensino superior a pós-graduação completos ou incompletos ($N=63$). Em relação a todas as

variáveis do estudo (QEP, QRC e Floreal) a ANOVA e o teste post-hoc (Tukey) revelaram diferenças estatisticamente significativas em:

- Cuidados básicos da mãe [$F(2) = 3,72$; $p < 0,05$]. As mães com ensino médio referem realizar mais cuidados básicos ($M=4,74$; $DP=0,30$) do que as mães com ensino superior ($M= 4,54$; $DP=0,54$).

- QRC da mãe [$F(2) = 4,14$; $p < 0,05$]. As mães com ensino superior referem maior qualidade no relacionamento conjugal ($M=4,13$; $DP=0,67$) em comparação às mães com ensino médio ($M=3,83$; $DP= 0,73$) e as mães não alfabetizadas ou com ensino fundamental ($M=3,75$; $DP= 0,79$).

- QRC do pai [$F(2) = 3,29$; $p < 0,05$]. Quando as mães possuem ensino superior, os pais referem maior qualidade no relacionamento ($M= 4,19$; $DP=0,59$) do que quando as mães possuem o ensino médio ($M=3,89$; $DP=0,73$).

- Personalidade colaborativa do pai [$F(2) = 3,32$; $p < 0,05$]. Os pais cujas mães estão situadas na faixa de não alfabetizadas a ensino fundamental se dizem mais colaborativos ($M=4,04$; $DP= 0,72$) do que quando as mães possuem o ensino médio ($M=3,74$; $DP=0,68$).

- Evitação da mãe [$F(2) = 9,81$; $p < 0,01$]. As mães não alfabetizadas ou que possuem até o ensino fundamental ($M=3,36$; $DP=0,74$) dizem praticar mais evitação do que as mães do ensino médio ($M=2,87$; $DP= 0,82$) e as mães do ensino superior ($M=2,60$; $DP=0,68$). Ainda, as mães do ensino médio ($M=2,87$; $DP=0,82$) evitam mais que as mães do ensino superior ($M=2,60$; $DP=0,68$).

- Evitação do pai [$F(2) = 7,75$; $p < 0,01$]. Pais cujas mães possuem o ensino superior ($M=2,63$; $DP= 0,71$) dizem evitar menos do que quando as mães possuem até o fundamental ($M=3,17$; $DP=0,77$) e o ensino médio ($M=3,12$; $DP=0,86$).

- Personalidade colaborativa da mãe [$F(2) = 3,91$; $p < 0,05$]. Mães que possuem ensino superior ($M=4,11$; $DP=0,49$) são mais colaborativas do que as mães não alfabetizadas ou que possuem até o ensino fundamental ($M=3,74$; $DP=0,74$).

- Personalidade dominante do pai [$F(2) = 7,52$; $p < 0,01$]. Quando as mães têm ensino médio ($M=2,95$; $DP= 0,68$) os pais são menos dominantes do que quando elas têm até o fundamental ($M=3,47$; $DP=0,56$) ou o ensino superior ($M=3,23$; $DP=0,56$).

- Reciprocidade negativa da mãe [$F(2) = 5,39$]; $p < 0,01$]. Mães não alfabetizadas ou que possuem até o ensino fundamental ($M=3,44$; $DP=0,82$) realizam mais reciprocidade negativa do que mães com ensino superior ($M=2,76$; $DP=0,94$).

A escolaridade do pai por faixas também foi agrupada em: 1) de não alfabetizado a ensino fundamental completo ($N=40$); 2) de ensino médio

incompleto a ensino médio completo (N=63) e 3) de ensino superior e pós-graduação completos ou incompletos (N=47). A ANOVA e o teste post-hoc (Tukey) revelaram diferenças em:

- QRC da mãe [F(2) = 7,82; $p < 0,01$]. As mães apresentam médias superiores na qualidade do relacionamento conjugal quando os pais possuem ensino superior (M=4,24; DP=0,56) do que quando os pais possuem escolaridade de não alfabetizado a fundamental (M=3,66; DP=0,79) ou ensino médio (M=3,90; DP=0,72).

- QRC do pai [F(2) = 3,40; $p < 0,05$]. Os pais tendem a referir maior qualidade no relacionamento conjugal quando possuem ensino superior (M=4,26; DP=0,50) do que quando são não alfabetizados ou possuem até o ensino fundamental (M=3,96; DP=0,63) ou ensino médio (M=3,95; DP=0,75).

- Evitação da mãe [F(2) = 7,70; $p < 0,01$]. As mães tendem a praticar mais evitação quando os pais possuem até o ensino fundamental (M=3,20; DP=0,75) do que quando os pais possuem o ensino médio (M=2,84; DP=0,89) ou quando possuem ensino superior (M=2,56; DP=0,55).

- Evitação do pai [F(2) = 13,10; $p < 0,01$]. O pai pratica menos evitação quando possui ensino superior (M=2,49; DP=0,63) do que quando possui até o ensino fundamental (M=3,30; DP=0,81) ou ensino médio (M=3,01; DP=0,81).

- Reciprocidade negativa da mãe [F(2) = 7,84; $p < 0,01$]. A mãe pratica menos reciprocidade negativa quando o pai possui ensino superior (M=2,59; DP=0,85) do que quando o pai possui até o ensino fundamental (M=3,33; DP=0,93) ou ensino médio (M=3,10; DP=0,92).

Abertura ao mundo da mãe [F(2) = 3,40; $p < 0,05$]. A mãe diz praticar mais abertura ao mundo quando o pai possui ensino superior (M=3,80; DP=0,51) do que quando possui até o ensino fundamental (M=3,51; DP=0,54).

Jogos físicos da mãe [F(2) = 3,47; $p < 0,01$]. A mãe refere realizar mais jogos físicos quando o pai possui ensino médio (M=3,17; DP=0,61) do que quando possui até o ensino fundamental (M=2,88; DP=0,64) ou ensino superior (M=2,91; DP=0,65).

Jogos físicos do pai [F(2) = 5,93; $p < 0,01$]. O pai diz fazer menos jogos físicos quando possui até o ensino fundamental (M=3,05; DP=1,01) do que quando possui ensino médio (M=3,43; DP=0,82) ou ensino superior (M=3,68; DP=0,75).

Jornada de Trabalho

Tabela 5

Jornada de Trabalho

Jornada de trabalho	Frequência	Frequência
	Mãe	Pai
Até 20h semanais	24	4
Até 30h semanais	11	6
Até 40h semanais	42	72
Acima de 40 h semanais	29	24
Acima de 44h semanais	18	32
Não declarou ou não possui	24	10
Missing	2	2
Total	150	150

O teste de Pearson Chi-quadrado revela diferenças significativas entre a jornada de trabalho da mãe e a jornada de trabalho do pai [$X^2(63) = 126,89$; $p < 0,01$]. A maior parte das mães possui uma jornada de trabalho fora de casa de até 40 horas semanais ($N=42$) ou acima de 40 horas semanais ($N=29$), enquanto que mais pais trabalham até 40 horas ($N=72$) ou acima de 44 horas semanais ($N= 32$). Enquanto que 35 mães trabalham até 20 horas ou até 30 horas semanais, somente 10 pais encontram-se nessa faixa de jornada de trabalho. Entre as próprias faixas de jornada de trabalho da mãe e do pai também foram encontradas diferenças significativas. [$X^2(9) = 113,89$; $p < 0,01$ e $X^2(7) = 222,16$; $p < 0,01$, respectivamente].

Foram verificadas se haviam diferenças de média entre todas as variáveis do estudo (QEP, QRC e Floreal) em função da jornada de trabalho da mãe pelos grupos: 1) não declarou ou não possui jornada de trabalho fora de casa ($N=24$); 2) até 40h semanais ($N=77$) e 3) mais de 40h semanais ($N=47$). O teste ANOVA revelou diferenças em:

- Tarefas de casa da mãe [$F(2) = 4,19$; $p < 0,05$]. Mães com nenhuma ou com jornada de trabalho não declarada realizam mais tarefas de casa ($M=4,08$; $DP=0,49$) do que mães que trabalham até 40h ($M=3,83$; $DP=0,45$) e mais de 40h ($M=3,76$; $DP=0,58$).

- Cuidados básicos do pai [$F(2) = 6,26$; $p < 0,01$]. Quanto maior a jornada de trabalho da mãe mais o pai realiza cuidados básicos. O pai

realiza menos cuidados básicos quando a mãe não possui jornada de trabalho ($M=3,05$; $DP=0,86$) do que quando a mãe trabalha até 40h ($M=3,63$; $DP=0,76$) ou mais de 40h ($M=3,78$; $DP=0,87$).

- Tarefas de casa do pai [$F(2) = 5,59$; $p<0,01$]. Quando a mãe possui jornada de mais de 40h o pai diz realizar mais tarefas ($M=3,48$; $DP=0,57$) do que quando a mãe não possui jornada ($M=2,87$; $DP=0,89$) ou trabalha até 40h ($M=3,14$; $DP=0,70$).

O teste t para variáveis independentes (dos grupos até 40h e mais de 40h) revelou diferenças somente entre a jornada de trabalho da mãe e tarefas de casa do pai [$t(122) = -2,44$; $0<0,05$]. O pai realiza mais tarefas quando a jornada de trabalho da mãe é de mais de 40h ($M=3,44$; $DP=0,62$) do que quando a jornada da mãe é de até 40h ($M=3,14$; $DP=0,70$).

Para o pai também foram verificadas se haviam diferenças de média entre todas as variáveis do estudo e sua jornada de trabalho pelos grupos: 1) não declarou ou não possui jornada de trabalho fora de casa ($N=10$); 2) até 40h semanais ($N=82$) e 3) mais de 40h semanais ($N=56$). O teste ANOVA revelou diferenças em:

- Abertura ao mundo da mãe [$F(2) = 4,67$; $p<0,05$]. A mãe pratica menos abertura ao mundo quando o pai não possui jornada de trabalho ($M=3,22$; $DP=0,46$) do que quando o pai trabalha até 40h ($M=3,75$; $DP=0,52$) e mais de 40h ($M=3,62$; $DP=0,53$).

- Tarefas de casa do pai [$F(2) = 5,82$; $p<0,01$]. O pai realiza mais tarefas quando não possui jornada de trabalho fora de casa ($M=3,77$; $DP=0,38$) do que quando trabalha até 40h ($M=3,26$; $DP=0,70$) ou mais de 40h ($M=3,00$; $DP=0,76$). Pais que trabalham mais de até 40h ($M=3,26$; $DP=0,70$) realizam mais tarefas do que pais que trabalham mais de 44h ($M=3,00$; $DP=0,76$).

O teste t para variáveis independentes (dos grupos até 40h e mais de 40h) revelou diferenças entre a jornada de trabalho do pai e tarefas de casa do pai ($t(136) = 2,06$; $p<0,05$). Quanto maior a jornada, menor seu desempenho em tarefas de casa.

Sexo e idade da criança

Sobre o sexo da criança, 80 crianças (53,3%) são do sexo masculino, enquanto o restante, 70 crianças (46,7%), representam o sexo feminino.

O teste t para variáveis independentes revela que somente a dimensão cuidados básicos do pai apresentou resultados significativos em função do sexo da criança. O pai realiza mais cuidados quando a criança é do sexo masculino ($M=3,72$; $DP=0,74$) em comparação a quando as crianças são do sexo feminino ($M=3,40$; $DP=0,93$) [$t(148) = 2,17$; $p<0,05$].

No que se refere à idade da criança, na Tabela 6 são apresentados os resultados por faixas.

Tabela 6

Idade das crianças por faixas

Idade da Criança	Frequência	%
4a a 4a5m	11	7,3
4a6m a 4a11m	48	32,0
5a a 5a5m	42	28,0
5a6m a 5a11m	28	18,7
6a a 6a5m	20	13,3
6a6m a 6a11m	1	0,7
Total	150	100

A idade da criança foi reagrupada em: 1) de 4 anos a 4 anos e 11 meses (N=59); 2) de 5 anos a 5 anos e 11 meses (N=70) e 3) de 6 anos a 6 anos e 11 meses (N=21). Foram calculadas diferenças de médias em todas as variáveis implicadas no estudo e o teste ANOVA indicou diferenças em:

- Cuidados básicos da mãe [F(2) =5,64; p<0,01]. A mãe realiza menos cuidados quando a criança possui 6 anos (M=4,33; DP=0,74) do que quando a criança possui 5 anos (M=4,64; DP=0,41) ou 4 anos (M=4,72; DP=0,29).

-Cuidados básicos do pai [F(2) = 4,65; p<0,05]. O pai realiza menos cuidados quando a criança tem 6 anos (M=3,05; DP=0,92) do que quando a criança tem 5 anos (M=3,63; DP=0,80) ou 4 anos (M=3,68; DP=0,83).

- QEP geral do pai [F(2) = 3,06; p=0,01]. O pai se engaja menos, em termos gerais, quando a criança tem 6 anos (M=3,61; DP=0,56) do que quando a criança tem 5 anos (M=3,86; DP=0,46) ou 4 anos (M=3,90; DP= 0,52).

Babá

Com relação à presença de babá para cuidar da criança, somente 10 famílias (6,7%) declararam a existência de uma outra pessoa, fora do círculo familiar para ajudar a cuidar dos filhos.

As diferenças em função variável ter ou não babá para cuidar da criança foi testada para todas as variáveis do estudo (QEP, QRC e Floreal) e o teste t para variáveis independentes apontou diferenças em:

- Tarefas de casa da mãe [$t(148) = -2,39; p < 0,05$]. A mãe realiza mais tarefas quando não tem babá ($M=3,88; DP=0,48$) do que quando tem babá ($M=3,44; DP=0,66$).

Período que a criança frequenta a escola

Tabela 7

Período que a criança frequenta a escola

Período na escola	Frequência	%
Manhã	9	6,0
Tarde	34	22,7
Integral	87	58,0
Missing	20	13,3
Total	150	100

Dentre as variáveis em estudo (QEP, QRC e Floreal), o teste ANOVA revelou diferenças entre os grupos do período da criança na escola e: QRC da mãe [$F(2) = 3,12; p < 0,05$]; reciprocidade negativa da mãe ($F=4,60 (2); p < 0,05$); evitação da mãe [$F(2) = 3,16; p < 0,05$] e evitação do pai ($F(2) = 4,75; p < 0,05$). O teste post-hoc como (Tukey) revelam as seguintes diferenças de médias:

Com relação ao QRC da mãe, a mãe refere maior qualidade no relacionamento conjugal quando a criança estuda no período da tarde ($M=4,22; DP=0,57$) do que quando a criança estuda em tempo integral ($M=3,85; DP=0,80$).

A mãe evita menos quando a criança frequenta a escola à tarde ($M=2,57; DP= 0,72$) em comparação ao tempo integral ($M=2,97; DP=0,80$).

O pai evita menos quando a criança vai à escola no período da tarde ($M=2,61; DP=0,64$) do que no período integral ($M=3,10; DP= 0,78$).

Renda Familiar Mensal

Tabela 8

Renda familiar

Faixa de renda familiar (R\$)	Frequência	%
Não sabe	2	1,33
501 a 600	2	1,33
601 a 800	1	0,67
801 a 1000	3	2,0
1001 a 1300	6	4,0
1301 a 1600	16	10,67
1601 a 2000	21	14,0
2001 a 3000	39	26,0
3001 a 4000	22	14,67
Acima de 4000	36	24,0
Missing	2	1,33
Total	150	100

A renda foi dividida em dois grupos (até 2000 reais, N=49 e acima de 2000 reais, N=97). O teste t indicou diferenças entre:

- Evitação do pai [t(144) = 2,22; p<0,05]. O pai evita mais quando a renda é até 2000 (M=3,14; DP= 0,74) do que quando a renda é acima de 2000 (M= 2,82; DP=0,83).

- Personalidade dominante da mãe [t(144) = -2,90; p<0,01]. A mãe é mais dominante quando a renda é acima de 2000 (M= 4,02; DP=0,58) do que quando é até 2000 (M=3,71; DP=0,70).

- Jogos físicos da mãe [t(144) = 2,37; p<0,05]. A mãe realiza mais jogos físicos quando a renda é até 2000 (M=3,19; DP=0,65) do que quando é acima de 2000 (M=2,93; DP=0,63).

- Jogos físicos do pai [t(144) = -2,35; p<0,05]. O pai realiza mais jogos físicos quando a renda é acima de 2000 (M=3,53; DP=0,85) do que quando a renda é até 2000 (M=3,17; DP=0,92).

5.1.2 Envolvimento paterno e sua relação com o envolvimento materno

O questionário referente ao envolvimento parental (QEP) contém 56 itens, distribuídos em uma escala de 1 a 5. Para as análises ele foi calculado em forma de escore geral e também pelas sete dimensões que o compõem. Com relação ao escore total, foram adicionadas todas as dimensões, exceto a dimensão referente a tarefas de casa. Optou-se por analisar essa peculiaridade de forma separada tendo em vista os cuidados

mais indiretos à criança e também porque foi dessa forma que o instrumento foi pensado e validado. Portanto, o escore total representa o resultado da inclusão dos 43 itens que compõem as seis dimensões restantes.

A Tabela 9 contempla os resultados referentes ao envolvimento paterno, bem como as diferenças de média em relação ao envolvimento materno.

Tabela 9

Média e desvio padrão do envolvimento parental

Dimensões envolvimento parental QEP	N	Médias (DP)		Teste T
		Pai	Mãe	
QEP total	150	3,85 (0,51)	4,27 (0,29)	$t(298) = -9,00; p < 0,01$
Suporte Emocional	150	4,39 (0,57)	4,75 (0,30)	$t(298) = -7,38; p < 0,01$
Abertura ao Mundo	150	3,36 (0,71)	3,66 (0,53)	$t(298) = -3,95; p < 0,01$
Cuidados Básicos	150	3,57 (0,85)	4,63 (0,45)	$t(298) = -15,44; p < 0,01$
Jogos Físicos	150	3,41 (0,89)	3,01 (0,64)	$t(298) = 4,44; p < 0,01$
Evocações	150	3,95 (0,80)	4,39 (0,61)	$t(298) = -5,18; p < 0,01$
Disciplina	150	4,23 (0,70)	4,51 (0,49)	$t(298) = -3,81; p < 0,01$
Tarefas de Casa	150	3,19 (0,73)	3,85 (0,50)	$t(298) = -9,02; p < 0,01$

O envolvimento do pai, de uma forma geral, apresentou uma média próxima de quatro, o que significa que o pai realiza atividades com a criança quase sempre ou várias vezes por semana. Em relação ao envolvimento materno, pode-se dizer que a mãe se envolve mais que o pai, de uma forma geral e também em dimensões específicas, exceto em jogos físicos. A Tabela seguinte demonstra as especificidades do envolvimento parental.

Tabela 10

Especificidades do envolvimento parental

N	Pai	Média	Mãe	Média
150	Suporte Emocional	4,39	Suporte Emocional	4,75
150	Disciplina	4,23	Cuidados Básicos	4,63
150	Evocações	3,95	Disciplina	4,51
150	Cuidados Básicos	3,57	Evocações	4,39
150	Jogos Físicos	3,41	Tarefas de Casa	3,85
150	Abertura ao Mundo	3,36	Abertura ao Mundo	3,66
150	Tarefas de Casa	3,19	Jogos Físicos	3,01

Por ordem de maior média, o pai desempenha mais atividades de suporte emocional e de disciplina e, de uma forma menos frequente, se envolve em tarefas de casa, enquanto que a mãe obteve maiores médias em suporte emocional e em cuidados básicos e, menos frequentemente, se envolve em jogos físicos.

Ao avaliar as diferenças entre as especificidades mais pontuadas pelo pai e pela mãe, o teste t pareado revela que não há diferenças significativas entre suporte emocional e disciplina referidos pelo pai [$t(149) = 1,80$; $p > 0,05$]. Também não foram encontradas diferenças significativas entre suporte emocional e cuidados básicos referidos pela mãe [$t(149) = -1,19$; $p > 0,05$].

Na tentativa de estabelecer um indício de complementariedade de papéis foi criada uma nova variável com o QEP, onde objetivou-se conhecer de um total de 100% de cuidados que a criança recebe, quem é o mais responsável, dentre ambos os pais, por cada um deles. Assim, a porcentagem de responsabilidade paterna, em função da materna foi calculada da seguinte forma: $QEP \text{ pai} / QEP \text{ pai} + QEP \text{ mãe}$. Na Tabela 11 apresenta-se o panorama de responsabilidades de cada pai, ou seja, fornece dados a respeito do envolvimento paterno em termos relativos.

Tabela 11

Porcentagem de cuidados parentais

	Mãe	Pai
QEP total	53 %	47%
Suporte Emocional	52%	48%
Cuidados Básicos	57%	43%
Abertura ao Mundo	53%	47%
Jogos Físicos	47%	53%
Evocações	53%	47%
Disciplina	52%	48%
Tarefas de Casa	55%	45%

A mãe está acima de 50% mais responsável pelos cuidados dispensados à criança, com exceção dos jogos físicos. A maior porcentagem materna foi em cuidados básicos (57%). O pai, de uma forma geral é 47 % responsável pelos cuidados à criança. Sua maior porcentagem foi em jogos físicos (53%), seguida de suporte emocional (48%) e disciplina (48%) e a menor foi em cuidados básicos (43%) em tarefas de casa (45%).

Numa análise das correlações bivariadas entre os cuidados relativos do pai e a qualidade no relacionamento conjugal, harmonia, evitação e

reciprocidade negativa da mãe, revelaram resultados significativos somente em disciplina ($r = -0,22^{**}$) e cuidados básicos ($r = -0,16^*$). Quanto menos a mãe relata reciprocidade negativa na relação conjugal mais o pai relata praticar disciplina e cuidados básicos, em termos relativos.

Com relação às correlações entre os cuidados relativos maternos e a variáveis do relacionamento conjugal paternas, destaca-se o relacionamento entre harmonia paterna e o envolvimento total relativo da mãe ($r = -0,20^*$). Quando o envolvimento materno diminui, a harmonia conjugal do pai aumenta.

Análises de regressão linear simples foram realizadas procurando identificar o tipo de relacionamento e o tamanho do efeito da reciprocidade negativa materna (VI) para com o envolvimento paterno relativo em disciplina e cuidados básicos (VD). Do mesmo modo, regressões foram feitas a respeito do efeito do envolvimento relativo materno (VI) na harmonia paterna (VD).

Os resultados foram significativos em todos os casos. A reciprocidade negativa da mãe atua como fator preditivo da disciplina ($\beta = -0,22$; $p < 0,05$, $R^2 = 0,05$) e dos cuidados básicos paternos ($\beta = -0,16$; $p < 0,05$, $R^2 = 0,03$). E o envolvimento materno total atuou como fator preditivo da harmonia conjugal na percepção paterna ($\beta = -0,19$; $p < 0,05$, $R^2 = 0,04$). Nesse sentido, embora expliquem pouco a variação do envolvimento e da harmonia do pai, as variáveis maternas a respeito do envolvimento e do relacionamento conjugal são significativas e devem ser, portanto consideradas. Na Tabela 12 são apresentadas as correlações entre os envoltimentos paterno e materno.

Tabela 12

Correlações entre o envolvimento paterno e o envolvimento materno

QEP Pai	QEP	SE	AM	CB	JF	E	TC
QEP	0,14	0,01	0,20*	-0,08	0,23**	0,10	-0,03
SE	0,09	0,01	0,15	-0,04	0,17*	0,02	0,10
AM	0,24**	0,11	0,30**	-0,01	0,18*	0,18*	0,10
CB	-0,04	-0,11	0,04	-0,21**	0,18*	0,00	0,01
JF	0,10	-0,01	0,17*	-0,07	0,14	0,10	-0,13
E	0,27**	0,14	0,20*	0,18*	0,21**	0,14	-0,04
D	-0,12	-0,14	-0,12	-0,11	-0,04	0,02	-0,16*
TC	-0,18*	-0,21*	-0,18*	-0,12	0,01	-0,04	-0,27**

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos)

O envolvimento total do pai apresentou correlações positivas com a abertura ao mundo e os jogos físicos da mãe. O suporte emocional paterno correlaciona-se positivamente com os jogos físicos materno. Somente abertura ao mundo, evocações e tarefas de casa realizadas pelo pai apresentaram correlações com o envolvimento materno total. Essa última caracteriza-se por uma relação negativa.

Parece haver uma correspondência entre as dimensões abertura ao mundo, cuidados básicos e tarefas de casa paterna e materna. A primeira caracteriza-se por uma relação positiva e as outras duas por uma relação negativa. As relações e o tamanho do efeito do envolvimento materno no envolvimento paterno serão melhor explorados adiante por meio dos modelos de regressão, onde o envolvimento da mãe será testado como como variável independente inserida no modelo e também como variável mediadora e moderadora (ver itens 5.1.6 e 5.1.7).

5.1.3 Correlações entre o relacionamento conjugal e o envolvimento paterno

O relacionamento conjugal foi abordado neste estudo, por meio de dois questionários distintos. O questionário de relacionamento conjugal (QRC) que aborda questões a respeito da satisfação, qualidade e conflitos conjugais e o questionário de harmonia conjugal (Floreal) que aborda o relacionamento nas dimensões harmonia, evitação e reciprocidade negativa.

Questionário de Relacionamento Conjugal (QRC)

A média de tempo de união relatada foi de 10,6 anos e os casais caracterizam-se como satisfeitos, felizes e com poucos conflitos no relacionamento. Dentre as mães, somente 24 disseram estar pouco ou mais ou menos felizes, 15 referiram ter uma relação conflituosa e 11 relataram estar insatisfeitas ou pouco satisfeitas com o relacionamento.

Para os pais, apenas 8 referiram estar infelizes ou pouco felizes, 8 disseram viver uma relação conflituosa e 21 declararam-se pouco ou mais ou menos satisfeitos.

Tabela 13

Média e desvio padrão da qualidade do relacionamento conjugal

QRC	N	Média	Desvio Padrão
Pai	150	4,05	0,66
Mãe	150	3,94	0,73
Teste T		t (298) = 1,23; p>0,05	

Tanto pai quanto mãe referem ter uma relação conjugal de qualidade. Em termos de média, o pai avalia a relação mais positivamente do que a mãe, mas essa diferença não é estatisticamente significativa.

Questionário sobre Harmonia Conjugal (Floreal)

Com relação a essas dimensões, o casal refere ter um relacionamento harmonioso, mas o pai apresenta médias maiores que a mãe em evitação (embora sem diferenças significativas) enquanto que a mãe refere maior reciprocidade negativa em comparação ao pai (agora com diferenças significativas).

Tabela 14

Diferenças de média do relacionamento conjugal entre pai e mãe

Floreal	N	Pai Média (DP)	Mãe Média (DP)	Teste T
Harmonia	150	5,04 (0,57)	5,06 (0,57)	t(298) = -0,24; p>0,05
Reciprocidade Negativa	150	2,67 (0,75)	3,00 (0,94)	t(298) = -3,34; p<0,01
Evitação	150	2,92 (0,82)	2,85(0,79)	t(298) = 0,82; p>0,05

Conforme a Tabela 14 é possível observar também que depois da harmonia, o pai pontua mais em evitação, enquanto que a mãe pontua mais em reciprocidade negativa. O teste t pareado revelou diferenças de médias entre a harmonia e a evitação [t(149) = 23,55; p<0,01] e também entre evitação e reciprocidade negativa [t(149) = 3,64; p<0,01] relatadas pelo pai. Com relação à mãe, também foram encontradas diferenças entre harmonia e reciprocidade negativa [t(149) = 15,43; p<0,01] e entre a reciprocidade negativa e a evitação [t (149) = 2,29; p<0,05].

Ainda a respeito da relação conjugal, o instrumento dispunha de duas questões referentes à dimensão reciprocidade, ou seja, a como os casais

percebem e o que esperam da relação. Nas Tabelas 15 e 16 estão os resultados obtidos para essas questões.

Tabela 15

Respostas de pai e mãe referente à questão: Levando em conta as vantagens e inconvenientes que você percebe na sua relação de casal e considerando tudo que você recebe e dá ao seu/sua companheiro(a), você diria que:

	Mãe		Pai	
	Frequência	%	Frequência	%
A- Relação mais favorável pra você do que para o companheiro (a): “Eu aproveito mais dela do que ele(a)”	2	1,3	11	7,3
B- A relação de vocês é justa: “Nós dois ganhamos igualmente por estarmos juntos”.	124	82,7	128	85,3
C- Relação menos favorável pra você do que para o companheiro (a) “Ele(a) a aproveita mais do que vc”	24	16,0	11	7,3
Total	150	100	150	100
Teste Qui quadrado	$X^2(2) = 11,12; p < 0,01$			

Tabela 16

Respostas de pai e mãe referente à questão: No futuro, você acredita que esta situação vai mudar?

	Mãe		Pai	
	Frequência	%	Frequência	%
A - Não, ela ficará do mesmo jeito.	74	49,3	68	45,3
B- Sim, ela vai melhorar. Eu terei mais do que espero do meu/minha companheiro(a).	73	48,7	79	52,7
C- Não, ela ficará pior. Eu terei menos do que eu espero do meu/minha companheiro(a).	3	2,0	3	2,0
Total	150	100	150	100
Teste Qui quadrado	$X^2(2) = 0,49; p > 0,05$			

Nessas duas questões envolvendo a reciprocidade entre o casal, pode-se constatar que a maioria dos pais e mães avalia viver uma relação justa onde os dois ganham por estar juntos, mas mais mães (N=24) do que pais (N=11) avaliam que o companheiro aproveita mais que elas a relação. Numa previsão futura, ambos tendem a avaliar que a relação ficará do mesmo jeito ou que irá melhorar. Somente 3 pais e 3 mães fazem uma previsão negativa, referindo que a relação conjugal ficará pior.

Não foram encontradas diferenças significativas para essas questões em função do sexo da criança. Nas questões da Tabela 15 o teste de Qui-quadrado revelou a existência de uma diferença significativa entre as respostas do pai e da mãe, enquanto que essa diferença não foi confirmada em relação as questões da Tabela 16.

Por meio de uma análise bivariada foram correlacionadas as dimensões do envolvimento parental com as dimensões do relacionamento conjugal nas percepções paterna e materna. A Tabela 17 abrange os resultados encontrados.

Tabela 17

Correlações de Pearson entre envolvimento parental e relacionamento conjugal (Floreal e QRC)

		1	2	3	4	5	6	7	8
P a i	QEP	0,24**	0,17*	0,22**	0,11	-0,11	-0,21**	-0,20*	-0,13
	SE	0,24**	0,08	0,29**	0,03	-0,12	-0,12	-0,15	0,03
	AM	0,24**	0,15	0,15	0,15	-0,14	-0,17*	-0,14	-0,14
	CB	0,15	0,10	0,11	0,11	-0,05	-0,14	-0,17*	-0,14
	JF	0,10	0,24**	0,12	0,16	-0,06	-0,10	-0,16*	-0,05
	E	0,12	0,12	0,16*	-0,02	-0,04	-0,11	-0,10	-0,06
	D	0,02	-0,03	0,00	-0,04	0,01	-0,15	0,02	-0,13
	TC	-0,10	-0,10	-0,04	0,03	0,06	-0,03	0,05	-0,04
M ã e	QEP	0,13	0,26**	0,02	0,12	-0,11	-0,20*	-0,13	-0,14
	SE	0,18*	0,19*	0,10	0,12	-0,10	-0,14	-0,12	-0,06
	AM	0,16*	0,32**	-0,02	0,19*	-0,16*	-0,28**	-0,23**	-0,21*
	E	-0,02	0,11	-0,05	0,02	0,01	-0,11	0,06	-0,07
	D	0,03	-0,05	-0,13	-0,06	0,02	0,16	0,03	0,01
	JF	0,15	0,20*	0,08	0,19*	-0,12	-0,14	-0,10	-0,05
	CB	-0,04	0,06	0,03	-0,10	0,07	-0,04	0,06	-0,04
	TC	0,06	0,12	0,11	0,00	0,10	0,02	0,00	-0,03

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos)

1- QRC (pai); 2- QRC (mãe); 3- harmonia (pai); 4- harmonia (mãe); 5- reciprocidade negativa (pai); 6- reciprocidade negativa (mãe); 7 evitação pai; 8- evitação (mãe)

Com relação ao QEP do pai, somente as dimensões disciplina e tarefas de casa não apareceram relacionadas como alguma variável do relacionamento conjugal nas percepções paternas e maternas. Para a mãe as dimensões do envolvimento que não apresentaram nenhuma correlação significativa foram cuidados básicos, tarefas de casa, disciplina e evocações.

O envolvimento total do pai apresentou correlações positivas com a qualidade do relacionamento conjugal relatada pelo casal e com a harmonia percebida pelo pai e correlações negativas com a reciprocidade negativa relatada pela mãe e também com a evitação paterna. Já o envolvimento total da mãe correlaciona-se positivamente somente com a sua própria percepção sobre a qualidade do relacionamento conjugal e negativamente com a reciprocidade negativa por ela relatada.

A harmonia conjugal apresentou relacionamentos positivos com o envolvimento de pai e mãe, enquanto que as dimensões evitação e reciprocidade negativa, demonstraram-se correlacionadas negativamente com QEP. Referente à harmonia no relacionamento, para o pai há correlações positivas com envolvimento total, suporte emocional e evocações. Para a mãe as correlações que ocorrem são com abertura ao mundo e jogos físicos. A qualidade do relacionamento conjugal (QRC) aparece positivamente correlacionada com o QEP total, o suporte emocional e a abertura ao mundo para ambos pai e mãe.

Enquanto para o pai é a evitação que apresenta maior ocorrência de correlações negativas com o envolvimento paterno (total, cuidados básicos e jogos físicos), para a mãe é a dimensão reciprocidade negativa que mais correlaciona-se negativamente com seu envolvimento (total e abertura ao mundo).

Aspectos do relacionamento conjugal, na percepção materna correlacionam-se positivamente (QRC) ou negativamente (reciprocidade negativa) com o envolvimento paterno (total, jogos físicos e abertura ao mundo). Da mesma forma, a percepção paterna sobre a relação conjugal apresenta correlações positivas (QRC) e negativas (reciprocidade negativa e evitação) com o envolvimento materno (suporte emocional e abertura ao mundo).

O relacionamento entre o envolvimento parental e as percepções positivas (QRC e harmonia) e negativas (reciprocidade negativa e evitação) de pai e de mãe a respeito da relação conjugal serão exploradas mais adiante com a utilização de análises de regressão multivariada (ver itens 5.1.6 e 5.1.7).

Como aspectos do relacionamento conjugal relacionam-se com o envolvimento parental, serão apresentadas as correlações existentes entre os instrumentos que foram utilizados para descrever a relação entre o casal. Dessa forma, será possível caracterizar melhor o que pode ter relação com o QRC, a harmonia e a evitação do pai e também com o QRC, a harmonia e a reciprocidade negativa da mãe, já que essas dimensões demonstraram importantes relações com o envolvimento.

Tabela 18
Correlações entre dimensões do relacionamento conjugal (Floreal e QRC)

		1	2	3	4	5	6
P a i	1.QRC	-	0,36**	-0,38**	0,50**	0,25**	-0,36**
	2.Harmonia	0,36**	-	-0,24**	0,22**	0,13	-0,21**
	3.Evituação	-0,38**	-0,24**	-	-0,23**	-0,22**	0,27**
M ã e	4.QRC	0,50**	0,22**	-0,23**	-	0,43**	-0,55**
	5.Harmonia	0,25**	0,13	-0,22**	0,43**	-	-0,32**
	6.Reciprocida de negativa	-0,36**	-0,21**	0,27**	-0,55**	-0,32**	-

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos)

A respeito da relação conjugal para o pai, a qualidade no relacionamento conjugal está correlacionada positivamente com o QRC e a harmonia da mãe e negativamente com a reciprocidade negativa da mãe. A harmonia está correlacionada positivamente com o QRC da mãe e negativamente com a reciprocidade negativa da mãe. Já a evituação apresenta correlações negativas com o QRC e a harmonia da mãe e positiva com a reciprocidade negativa na percepção materna.

Estes resultados demonstram a correspondência entre os dois instrumentos utilizados para investigar a relação conjugal, na medida em que o QRC correlaciona-se positivamente com harmonia e negativamente com reciprocidade negativa ou evituação. Ainda, essas correlações foram importantes para verificar a relação ente as percepções paternas e maternas. Esse relacionamento também será discutido com a utilização de modelos de regressão (ver itens 5.1.6 e 5.1.7).

5.1.4 Correlações entre o envolvimento paterno e a personalidade do pai

Conforme a Tabela 19 a mãe apresentou resultados superiores ao pai em personalidade dominante e essas diferenças foram significativas. Pai e mãe apresentam médias maiores em personalidade colaborativa em relação à dominante. O teste t pareado revelou diferenças entre as dimensões colaborativa e dominante do pai [$t(149) = 4,94$; $p < 0,01$]. Já para a mãe, a diferença entre as dimensões colaborativa e dominante não foi confirmada [$t(149) = -1,41$; $p > 0,05$].

Tabela 19

Médias e desvio padrão da personalidade dos pais

	N	Pai Média (DP)	Mãe Média (DP)	Teste T
Colaborativa	150	3,90 (0,62)	3,98 (0,58)	t(298) = -1,15; p>0,05
Dominante	150	3,16 (0,64)	3,90 (0,64)	t(298) = -9,95; p<0,01

Na próxima Tabela apresentam-se os resultados obtidos por meio de uma análise bivariada entre as dimensões do envolvimento e a personalidade dos pais.

Tabela 20

Correlações entre envolvimento parental e personalidade de pai e mãe

		Colaborativa pai	Dominante pai	Colaborativa mãe	Dominante mãe
Pai	QEP total	0,24**	0,26**	0,09	0,07
	SE	0,28**	0,23**	0,08	0,15
	AM	0,18*	0,20*	0,12	0,03
	JF	0,15	0,24**	0,11	0,02
Mãe	E	0,08	0,22**	-0,07	0,03
	CB	0,04	-0,04	-0,06	-0,18*
	TC	0,05	0,06	-0,19*	-0,01

Nota. *p<0,05 (valores significativos); **p<0,01 (valores muito significativos)

A personalidade colaborativa e a dominante do pai apresentaram correlações positivas com o envolvimento paterno. A colaborativa correlacionou-se com o envolvimento total, o suporte emocional e a abertura ao mundo. Já a dominante está relacionada também ao envolvimento total, ao suporte emocional e à abertura ao mundo, mas também aos jogos físicos e à evocação.

Assim como a personalidade aparece relacionada ao envolvimento, ela também apresentou relações com o relacionamento conjugal. Na Tabela 21 apresentam-se os resultados dessas correlações.

Tabela 21

Correlações entre relacionamento conjugal (Floreal e QRC) e personalidade de pai e mãe

		Colaborativa	Dominante	Colaborativa	Dominante
		pai	pai	mãe	mãe
Pai	QRC	0,25**	0,17*	-0,05	-0,07
	Harmonia	0,39**	0,22**	0,01	-0,08
	Recip.	-0,23**	-0,10	0,05	0,18*
	Negativa				
	Evitação	-0,22**	-0,17*	-0,00	0,05
Mãe	Harmonia	0,08	0,08	0,25**	0,13
	Recip.	-0,00	0,00	-0,05	0,19*
	Negativa				
	Evitação	0,17*	0,05	-0,10	-0,01

Nota. * $p < 0,05$ (valores significativos); ** $p < 0,01$ (valores muito significativos)

Quando o pai apresenta uma personalidade colaborativa aparecem correlações positivas com a harmonia e a qualidade do relacionamento percebidas pelo pai e negativas com a reciprocidade negativa e evitação por ele relatadas. Quando o pai se define como dominante também aparecem correlações positivas com a harmonia e a qualidade no relacionamento e negativas com a evitação relatadas pelo pai. A personalidade dominante da mãe correlaciona-se com a sua própria reciprocidade negativa e também com a reciprocidade negativa paterna.

A personalidade foi tema de investigação deste estudo por ser considerada uma importante característica pessoal. Tais resultados foram considerados e serão confirmados a seguir por meio dos modelos de regressão, principalmente no que se refere à personalidade dominante.

5.1.5 Modelos preditivos do envolvimento paterno: especificações gerais

A criação dos modelos de regressão obedeceu aos procedimentos e premissas relatadas no item referente às análises de dados. A sequência de resultados será apresentada de modo a explicar as hipóteses. O item 5.1.6 apresenta os resultados de dois modelos para o pai, o primeiro contendo as variáveis do pai somente e depois incluindo as variáveis maternas (QEP e jornada de trabalho). O segundo modelo também foi testado para a mãe com o objetivo de estabelecer um paralelo entre as especificidades paternas com relação às maternas. Esse item permite, de uma forma geral, discutir quatro das cinco hipóteses estabelecidas nessa pesquisa.

E, por último, o item 5.1.7 permite aprofundar as questões gerais dos resultados acima, por meio de modelos que explorem mais especificamente a hipótese 3 e suas derivadas.

5.1.6 Modelos preditivos do envolvimento paterno: influência das características (individual, da criança, social e do relacionamento com a esposa) e da influência materna.

Primeiramente, o envolvimento paterno total será explicado por meio de dois modelos. O modelo 1 representa as características que podem ter valor preditivo para explicar a VD (QEP do pai). O modelo 2 representa o acréscimo ao modelo 1 de variáveis maternas que podem exercer influência sobre o comportamento paterno (QEP e jornada de trabalho). Foi aplicado o modelo 2 para as variáveis maternas (pessoais, social, relacionamento conjugal e envolvimento) com o objetivo de estabelecer um paralelo com os fatores que predizem o envolvimento paterno. Os modelos foram compostos sempre por dois blocos onde as variáveis idade, escolaridade, personalidade e jornada de trabalho (de pai ou mãe) e sexo e idade (da criança) fizeram parte do primeiro bloco, representando as variáveis controle.

Obedecendo ao princípio da multicolinearidade, as variáveis que dizem respeito ao relacionamento conjugal foram inseridas uma a uma em modelos de regressão separados, pois, de forma conjunta, num mesmo modelo, elas apresentavam-se fortemente correlacionadas (especialmente no que diz respeito ao QRC com a harmonia e a harmonia com a evitação).

Com relação à variável personalidade foram testadas as duas formas utilizadas neste estudo, a colaborativa e a dominante, mas somente a dominante apresentou resultados significativos para o QEP do pai e, dessa forma, os modelos contém somente essa característica paterna.

Ainda, foi feita uma escolha entre a utilização da escolaridade ou da renda paterna para composição dos modelos. As duas variáveis não poderiam ser inseridas em um mesmo modelos, por estarem fortemente correlacionadas e, por essa forte correlação (acima de .50), optou-se por utilizar a variável escolaridade tendo em vista a sua representação da renda e também pelas correlações que apresentou tanto com o envolvimento como com o relacionamento conjugal. A variável renda do pai não demonstrou-se relacionada com nenhuma dimensão do envolvimento parental.

Serão apresentados a seguir os comparativos entre os modelos 1 e 2 para o pai e o modelo 2 para a mãe, tendo como VD o envolvimento total (QEP).

Envolvimento (QEP total) com Qualidade do Relacionamento Conjugal (QRC)

Tabela 22

Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – QRC

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	-0,001	-0,079	0,001	0,000	-0,059	0,001	0,000	-0,030	0,001
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,003	0,102	0,002	0,002	0,085	0,002	0,000	-0,008	0,002
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,038	-0,173*	0,018	-0,039	-0,173*	0,018	0,008	0,112	0,006
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,038	0,225**	0,014	0,040	0,234*	0,014	-0,014	-0,115	0,010
Sexo da criança	-0,017	-0,079	0,017	-0,018	-0,084	0,018	0,002	0,015	0,013
Idade da criança	-0,037	-0,234**	0,013	-0,034	-0,216*	0,013	-0,019	-0,158†	0,010
QRC (pai ou mãe)	0,154	0,207*	0,063	0,139	0,187*	0,063	0,158	0,305**	0,045
Envolvimento materno total				0,148	0,107	0,114			
Jornada de trabalho da mãe				-0,009	-0,082	0,009			
Envolvimento paterno total							0,062	0,086	0,061
Jornada de trabalho do pai							0,004	0,023	0,014
R ²	R ² = 0,196			R ² = 0,210			R ² = 0,157		
Significância do Modelo	F(7)= 4,56; p<0,01			F(9)= 3,79; p<0,01			F(9)= 2,68; p<0,05		

Nota. VD: Envolvimento total **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Enquanto o modelo 1 serve para explicar praticamente 20% da variação no envolvimento paterno (explicado mais especificamente pela jornada de trabalho, personalidade, idade da criança e QRC) o modelo 2 pode explicar 21% dessa variância (pelas mesmas variáveis que o modelo 1), mas as variáveis maternas inseridas no modelo, apesar de aumentarem as chances de explicar a VD, não apresentam um peso considerado significativo nessa tarefa. O mesmo modelo 2 explica somente 16% do envolvimento materno e as variáveis significativas para esse modelo foram idade da criança e o QRC.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre o envolvimento paterno total, os modelos 1 e 2 indicam que: maior jornada de trabalho e mais idade da criança, menor envolvimento. Mais dominante a personalidade paterna e maior qualidade no relacionamento conjugal, maior o envolvimento. Enquanto que a idade da criança teve um efeito maior, em comparação às outras variáveis significativas, sobre o envolvimento no modelo 1, no modelo 2, com a inserção das variáveis maternas, foi a personalidade que demonstrou um peso maior para explicar a variação na VD. O tamanho do efeito do QRC sobre o envolvimento foi reduzido, com a inserção das variáveis maternas, mas não deixou de ser significativo.

No modelo preditivo do envolvimento materno, somente a idade da criança (mais idade, menos envolvimento) e o QRC (mais QRC, mais envolvimento) foram considerados significativos, mas o QRC apresentou um coeficiente de mais alto valor preditivo do envolvimento materno do que do envolvimento paterno. Isso pode ser explicado pelo fato de mais variáveis terem demonstrado significativas para predizer o QEP do pai do que para predizer o QEP da mãe.

Envolvimento total com Harmonia conjugal

Tabela 23

Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno - Harmonia

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	-0,001	-0,080	0,001	0,000	-0,060	0,001	4,18E-5	0,003	0,001
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,003	0,138†	0,002	0,003	0,116	0,002	0,001	0,065	0,002
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,035	-0,159†	0,018	-0,036	-0,161†	0,018	0,006	0,078	0,007
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,035	0,210*	0,015	0,038	0,222*	0,015	-0,019	-0,152†	0,011
Sexo da criança	-0,022	-0,101	0,017	-0,022	-0,103	0,017	0,000	-0,005	0,010
Idade da criança	-0,028	-0,178*	0,013	-0,026	-0,164*	0,013	-0,018	-0,149†	0,010
Harmonia (pai ou mãe)	0,034	0,177*	0,016	0,030	0,156†	0,016	0,106	0,0162†	0,060
Envolvimento materno total				0,159	0,115	0,114			
Jornada de trabalho da mãe				-0,008	-0,080	0,009			
Envolvimento paterno total							0,083	0,115	-0,063
Jornada de trabalho do pai							0,010	0,060	0,014
R ²		0,187			0,202			0,097	
Significância do Modelo		F(7) = 4,30; p=0,000			F(9) = 3,60; p=0,000			F(9) = 1,55; p>0,05	

Nota. VD: Envolvimento total **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Nesse caso, envolvendo a harmonia conjugal, o modelo 1 explica 19% da variação no envolvimento paterno e, além da harmonia, as variáveis escolaridade, jornada de trabalho, personalidade e idade da criança são significativas para o modelo. Já no modelo 2, que explica 20% a VD, a variável harmonia perde um pouco o tamanho de seu efeito e as variáveis maternas não demonstraram resultados significativos. Para a mãe, apesar de algumas variáveis, dentre elas a harmonia, terem demonstrado um efeito significativo, o modelo não foi evidenciado como um bom modelo para prever o envolvimento materno (p>0,05).

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre o envolvimento paterno total, os modelos 1 e 2 indicam que: maior jornada de trabalho e mais idade da criança, menor envolvimento. Mais dominante a personalidade paterna e maior harmonia conjugal, maior o envolvimento. A personalidade teve um efeito maior, em comparação às outras variáveis significativas, sobre o envolvimento em ambos os modelos. Foram

encontradas diferenças entre os modelos 1 e 2, já que no modelo 1 (sem as variáveis maternas) a escolaridade paterna apresentou um relacionamento considerado importante com a VD e essa associação não continua no modelo 2 (com a inserção das variáveis da mãe). O tamanho do efeito da harmonia sobre o envolvimento foi reduzido, com a inserção das variáveis maternas, mas não deixou de ser significativo.

No modelo preditivo do envolvimento materno, embora não tendo sido um modelo significativo para prever a parentalidade da mãe, a personalidade materna (mais dominante, menos QEP), a idade da criança (mais idade, menos QEP) e a harmonia (mais harmonia, mais QEP) apresentam indícios de significância para prever a VD, sendo portanto, a harmonia a variável com maior peso sobre o envolvimento.

Envolvimento total com Evitação

Tabela 24

Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno - Evitação

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	0,000	-0,061	0,001	0,000	-0,042	0,001	0,000	-0,023	0,001
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,003	0,105	0,002	0,002	0,075	0,002	0,001	0,049	0,002
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,033	-0,151†	0,019	-0,033	-0,149†	0,019	0,008	0,105	0,007
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,041	0,243**	0,015	0,043	0,254*	0,015	-0,016	-0,132	0,011
Sexo da criança	-0,021	-0,099	0,018	-0,022	-0,104	0,018	-0,004	-0,023	0,013
Idade da criança	-0,031	-0,194*	0,013	-0,028	-0,174*	0,013	-0,015	-0,124	0,010
Evitação (pai ou mãe)	-0,013	-0,098	0,012	-0,013	-0,099	0,012	-0,009	-0,083	0,010
Envolvimento materno total				0,173	0,125	0,114			
Jornada de trabalho da mãe				-0,012	-0,113	0,009			
Envolvimento paterno total							0,086	0,120	0,063
Jornada de trabalho do pai							0,007	0,046	0,014
R ²		0,166			0,189			0,081	
Significância do Modelo		F(7) = 3,74; p<0,01			F(9) = 3,30; p<0,01			F(9) = 1,26; p>0,05	

Nota. VD: Envolvimento total **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

Quando o fator evitação foi utilizado para representar a relação conjugal também aparecem as variáveis jornada de trabalho, personalidade e idade da criança, mas a própria dimensão evitação não

apresentou relações significativas com o envolvimento paterno. As variáveis maternas continuam a não apresentar efeito significativo. Os modelos 1 e 2 explicam em menor proporção a VD do que o modelo anterior (com a harmonia). O modelo para o envolvimento materno não foi considerado significativo ($p>0,05$).

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre o envolvimento paterno total, os modelos 1 e 2 indicam que: maior jornada de trabalho e mais idade da criança, menor envolvimento. Mais dominante a personalidade paterna, maior o envolvimento. A personalidade teve um efeito maior para explicar a variação na VD, em comparação às outras variáveis significativas, no modelo e no modelo 2. A Evitação (aspecto negativo do relacionamento conjugal) não demonstrou-se significativa em ambos os modelos para o pai.

No modelo preditivo do envolvimento materno, além do modelo não ter sido significativo, nenhuma variável se destacou para explicar significativamente a VD.

QEP com Reciprocidade Negativa

Tabela 25

Comparativo entre os modelos preditivos do envolvimento paterno e o modelo para o envolvimento materno – Reciprocidade Negativa

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	0,000	-0,060	0,001	0,000	-0,036	0,001	0,000	-0,046	0,001
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,003	0,136	0,001	0,003	0,113	0,002	0,000	0,022	0,002
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,034	-0,155†	0,019	-0,036	-0,160†	0,019	0,008	0,104	0,007
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,043	0,254**	0,015	0,045	0,266**	0,015	-0,011	-0,093	0,011
Sexo da criança	-0,023	-0,107	0,018	-0,024	-0,112	0,018	-0,003	-0,019	0,013
Idade da criança	-0,032	-0,200*	0,013	-0,029	-0,179*	0,013	-0,016	-0,138	0,010
Reciprocidade Negativa (pai ou mãe)	-0,006	-0,040	0,012	-0,002	-0,016	0,012	-0,014	-0,174†	0,008
Envolvimento materno total				0,175	0,126	0,117	-	-	-
Jornada de trabalho da mãe				-0,011	-0,102	0,009	-	-	-
Envolvimento paterno total							0,065	0,091	0,064
Jornada de trabalho do pai							0,005	0,033	0,014
R ²		0,160			0,181			0,100	
Significância do Modelo		F(7)= 3,57; p<0,01			F(9)= 3,14; p<0,01			F(9)=1,59; p>0,05	

Nota. VD: Envolvimento total ** $p<0,01$ (valores muito significativos); * $p<0,05$ (valores significativos); † $p<0,10$ (valores moderadamente significativos)

Com a variável reciprocidade negativa, os modelos 1 e 2 predizem 16% e 18%, respectivamente, o QEP do pai e com as mesmas variáveis (jornada, personalidade e idade da criança), mas as variáveis maternas continuam não apresentando efeito significativo e a própria dimensão reciprocidade negativa não aparece significativamente relacionada com a VD. O modelo para a mãe continua não sendo bom para prever seu envolvimento ($p > 0,05$), embora a variável reciprocidade negativa tenha apresentado um efeito considerado significativo para explicar o QEP materno.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre o envolvimento paterno total, os modelos 1 e 2 indicam que: maior jornada de trabalho e mais idade da criança, menor envolvimento. Mais dominante a personalidade paterna, maior o envolvimento. A personalidade demonstrou um peso maior para explicar a variação na VD, em ambos os modelos. A variável reciprocidade negativa não foi considerada significativa para prever o envolvimento do pai.

No modelo preditivo do envolvimento materno, embora o modelo como um todo não tenha apresentado significância estatística, a reciprocidade negativa materna demonstrou que pode ser uma variável de influência para prever o envolvimento da mãe.

Em suma, com relação aos modelos de regressão testados para prever o QEP total do pai, pode-se dizer que as variáveis maternas não apresentaram, especificamente, um poder preditivo direto, embora quando inseridas no modelo 2, o tamanho do efeito da relação entre ambos QRC e harmonia conjugal com o QEP tenham diminuído (0,100 e 0,021, respectivamente). Somente os aspectos positivos do relacionamento conjugal (QRC e harmonia) apresentaram relacionamentos lineares significativos para prever a VD. Todos os modelos testados para prever o QEP total do pai foram significativos e puderam, de alguma forma explicar o seu envolvimento. Dentre as variáveis ou características investigadas, a jornada de trabalho, a idade da criança (relações negativas) e a personalidade dominante (relação positiva) mantiveram um relacionamento significativo em todos os modelos, aparecendo já no modelo 1 e continuaram presentes no modelo 2.

A respeito do modelo aplicado para prever o QEP da mãe, somente o modelo que continha o QRC demonstrou-se significativo. Nesse caso, apareceram também a influência da idade da criança (relação negativa). Mesmo o modelo que continha a harmonia conjugal não sendo significativo, em sua forma global, parece que as variáveis personalidade

dominante, idade da criança (relações negativas) e harmonia (relação positiva) apresentam um certo poder de influência para o envolvimento materno. Ainda, o modelo que continha a reciprocidade negativa parece indicar existir uma certa interação da variável com a VD.

O modelo 1 para o QEP total do pai foi testado também inserindo-se as variáveis do relacionamento conjugal na percepção materna que apresentaram correlações anteriores. Nesse sentido, o QRC, a harmonia e a reciprocidade negativa da mãe quando compuseram o modelo 1 correspondente, não apresentaram relações significativas com a VD. Esses resultados indicam a não influência da percepção materna a respeito da relação conjugal no envolvimento paterno. Esse aspecto será melhor explorado mais adiante, onde serão discutidas mais especificamente a influência das variáveis maternas para o envolvimento paterno (ver Tabelas 30 e 31).

Modelos para prever o envolvimento paterno por dimensões

Partindo do princípio de que as dimensões QRC e harmonia conjugal estão altamente correlacionadas entre si e, tendo em vista as características dos instrumentos e dos construtos que eles avaliam, optou-se por apresentar somente os resultados testados com a presença da variável harmonia para representar os aspectos positivos do relacionamento conjugal. Assim, ao testar os modelos com as dimensões específicas do envolvimento, a variável harmonia será utilizada para representar o relacionamento conjugal. Tal escolha deve-se à hipótese 2 deste estudo em que espera-se que o aspecto positivo da relação do casal poderá melhor explicar o envolvimento paterno em detrimento de um modelo centrado no conflito.

Os resultados obtidos com os modelos que continham as variáveis evitação e reciprocidade negativa não serão aqui descritos especificamente, pois essas variáveis, quando inseridas nos modelos, não apresentaram relacionamento significativo com a VD em questão (aspectos específicos do envolvimento). Somente nas dimensões jogos físicos e cuidados básicos do pai, que apresentaram correlações significativas com a dimensão evitação, é que será apresentada uma comparação entre os modelos envolvendo a harmonia e a evitação. A dimensão reciprocidade negativa paterna, por não ter apresentado correlações significativas com o QEP do pai, não foi testada nos modelos de regressão.

A seguir serão apresentadas as dimensões do envolvimento em que os modelos 1 e 2 foram significativos para o pai.

Suporte Emocional (SE)

Tabela 26

Comparativo entre os modelos preditivos do SE paterno e o modelo para o SE materno

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	0,002	0,081	0,002	0,002	0,086	0,002	0,004	0,160†	0,002
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,004	0,082	0,004	0,004	0,078	0,004	0,001	0,031	0,003
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	0,000	-0,001	0,034	0,003	0,035	0,035	-0,003	-0,018	0,013
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,048	0,155†	0,027	0,048	0,156†	0,028	-0,021	-0,090	0,021
Sexo da criança	-0,012	-0,030	0,032	-0,014	-0,037	0,033	-0,012	-0,038	0,027
Idade da criança	-0,021	-0,071	0,024	-0,021	-0,072	0,024	-0,023	-0,101	0,020
Harmonia (pai ou mãe)	0,098	0,280**	0,030	0,096	0,275**	0,031	0,229	0,179†	0,120
Envolvimento materno SE				-0,041	-0,032	0,108			
Jornada de trabalho da mãe				-0,011	-0,059	0,016			
Envolvimento paterno SE							-0,016	-0,021	0,067
Jornada de trabalho do pai							0,011	0,035	0,028
R ²		0,150			0,153			0,057	
Significância do Modelo		F(7)= 3,31; p<0,01			F(9)= 2,57; p<0,05			F(9)= 0,87; p>0,05	

Nota. VD: Suporte emocional **p<0,01 (valores muito significativos);

*p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Os dois modelos podem explicar 15% da variação do suporte emocional paterno e a harmonia conjugal continua apresentando efeito significativo, mas as variáveis maternas (SE e jornada de trabalho) não demonstraram considerável relação com a VD. Conforme os modelos 1 e 2 a personalidade dominante e a harmonia paternas apresentaram um relacionamento positivo com o SE do pai e, a harmonia tem o tamanho do seu efeito diminuído do primeiro para o segundo, com a inserção das variáveis maternas (diferença de 0,005). O modelo para a mãe não explica significativamente seu suporte emocional, embora as variáveis idade e harmonia maternas pareçam apresentar uma certa relação positiva com a VD.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre o suporte emocional paterno, os modelos 1 e 2 indicam que: maior personalidade dominante e mais harmonia conjugal, maior o envolvimento. A harmonia apresentou

um coeficiente mais alto do que a personalidade para prever a VD em ambos os modelos, embora o tamanho do seu efeito tenha diminuído do modelo 1 para o modelo 2 (coma inserção das variáveis maternas).

O modelo preditivo do envolvimento materno, não foi considerado significativo, mas as variáveis idade da mãe (mais idade, mais SE) e harmonia (mais harmonia, mais SE) indicaram certo grau de influência para prever o suporte emocional da mãe.

Cuidados Básicos (CB)

Tabela 27

Comparativo entre os modelos preditivos do CB paterno e o modelo para o CB materno

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno		
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2		
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE
Idade (pai ou mãe)	-0,003	-0,159†	0,0020	-0,003	-0,172*	0,002	0,000	-0,008	0,003
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,002	0,050	0,003	0,001	0,036	0,003	-0,002	-0,044	0,004
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,068	-0,222*	0,026	-0,061	-0,199*	0,025	0,005	0,030	0,015
Personalidade dominante (pai/mãe)	0,017	0,074	0,021	0,013	0,053	0,020	-0,049	-0,172*	0,024
Sexo da criança	-0,062	-0,207*	0,024	-0,058	-0,194*	0,024	-0,016	-0,044	0,031
Idade da criança	-0,046	-0,210*	0,018	-0,056	-0,255**	0,022	-0,070	-0,255**	0,023
Harmonia (pai ou mãe)	0,021	0,079	0,022	0,027	0,101	0,022	-0,068	-0,044	0,135
Envolvimento materno CB				-0,225	-0,275**	0,065			
Jornada de trabalho da mãe				0,001	0,006	0,012			
Envolvimento paterno CB							-0,346	-0,285**	0,105
Jornada de trabalho do pai							-0,014	-0,037	0,032
R ²		0,155			0,227			0,155	
Significância do Modelo		F(7)= 3,43; p<0,01			F(9)= 4,18; p=0,000			F(9)=2,63; p<0,05	

Nota. VD: Cuidados básicos **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Comparando o modelo 1 com o modelo 2, além da idade do pai, jornada de trabalho, sexo e idade da criança, a dimensão cuidados básicos da mãe apresenta uma relação negativa com os cuidados paternos e esse segundo modelo serve para melhor explicar a variação da VD. Aqui, o modelo para a mãe foi significativo e, do mesmo modo que para com o pai, o cuidado básico paterno apresenta relação negativa com o cuidado

materno. Mas para a mãe, além da idade da criança, a sua personalidade também representa um fator importante (relação negativa). A respeito das características da criança, enquanto a idade e o sexo da criança parecem influenciar o envolvimento paterno em cuidados básicos (diminui com crianças mais velhas e com as meninas), para a mãe a variável sexo da criança parece não exercer influência. A harmonia não tem efeito significativo em todos os modelos.

Os modelos para o pai testados com a dimensão evitação, apresentaram os mesmos resultados comparados aos resultados acima, ou seja, as mesmas variáveis que revelaram dados significativos com a harmonia apresentaram com a evitação. A diferença foi de que o R^2 do modelo 1 aumentou de 0,155 para 0,169 e passou de 0,227 para 0,202 no modelo 2. E, a variável evitação também não apresentou resultados significativos.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre os cuidados básicos paterno, os modelos 1 e 2 indicam que: menor idade do pai, menor jornada de trabalho, menor idade da criança e com crianças do sexo masculino, maior o envolvimento. A harmonia não apresentou um coeficiente significativo para prever a VD em ambos os modelos. Enquanto que no modelo 1, a Jornada de trabalho paterna foi a variável que apresentou o maior coeficiente, indicando maior influência sobre os cuidados do pai, em comparação às demais variáveis, no segundo modelo, foram os cuidados básicos materno que demonstraram maior grau de influência.

O modelo preditivo do envolvimento materno, também foi estatisticamente significativo e menos dominante, menor idade da criança e menor cuidados do pai, maior os cuidados básicos da mãe. Aqui também foram os cuidados do pai que demonstraram maior grau de influência. É importante observar que um menor número de variáveis foram preditoras do envolvimento materno em cuidados básicos, em comparação aos cuidados do pai, o que pode explicar o mais alto coeficiente dos cuidados vindos do cônjuge no modelo materno.

Jogos Físicos (JF)

Tabela 28

Comparativo entre os modelos preditivos dos JF paterno e o modelo para os JF materno

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno			
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2			
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE	
Idade (pai ou mãe)	-0,016	-0,135	0,010	-0,012	-0,102	0,010	-0,014	-0,132	0,009	
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	0,040	0,190*	0,017	0,034	0,162†	0,017	0,004	0,023	0,014	
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,366	-0,198*	0,154	-0,347	-0,187*	0,154	0,091	0,143	0,056	
Personalidade dominante (pai ou mãe)	0,284	0,201*	0,124	0,309	0,218*	0,124	-0,070	-0,68	0,089	
Sexo da criança	-0,132	-0,074	0,145	-0,149	-0,083	0,145	-0,033	-0,025	0,112	
Idade da criança	-0,209	-0,157†	0,109	-0,195	-0,146†	0,108	-0,053	-0,053	0,085	
Harmonia (pai ou mãe)	0,069	0,043	0,134	0,012	0,007	0,136	0,804	0,145	0,510	
Envolvimento materno JF				0,193	0,141†	0,113				
Jornada de trabalho da mãe				-0,132	-0,152†	0,073				
Envolvimento paterno JF							-0,104	0,142	-0,065	
Jornada de trabalho do pai							-0,050	0,037	0,119	
R ²		0,169			0,202			0,112		
Significância do Modelo		F(7)= 3,80; p<0,01			F(9)= 3,60; p<0,01			F(9)=1,80; p>0,05		

Nota. VD: Jogos físicos **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Na dimensão jogos físicos, as variáveis maternas (JF e jornada) aparecem com um efeito considerável, o que permite analisar que o modelo 2 pode explicar melhor a variação da VD. Além das variáveis maternas, a escolaridade, a jornada de trabalho, a personalidade dominante e a idade da criança mostram-se importantes para os dois modelos. A harmonia conjugal não apresentou relações significativas. O modelo para a mãe não foi significativo para explicar a variação nos jogos físicos materno.

Os modelos para o pai testados com a dimensão evitação, apresentaram os mesmos resultados comparados aos resultados acima, ou seja, as mesmas variáveis que revelaram dados significativos com a harmonia apresentaram com a evitação. O R² do modelo 1 permaneceu o mesmo 0,169. A diferença foi no R² do modelo 2 que passou de 0,202 para 0,204. E, a variável evitação também não apresentou resultados significativos.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre os jogos físicos paterno, os modelos 1 e 2 indicam que: maior escolaridade, menor jornada de trabalho, mais dominante a personalidade paterna e menor a idade da criança, maior o envolvimento do pai em jogos físicos. A harmonia não apresentou um coeficiente significativo para prever a VD em ambos os modelos. A personalidade paterna foi a variável que apresentou o maior grau de influência para prever a VD, no modelo 1 e no modelo 2. O modelo 2 para prever os JF do pai, parece indicar ainda que o maior envolvimento em jogos físicos e menor jornada de trabalho maternos, maior o envolvimento paterno em JF, embora com uma significância mais baixa. O modelo preditivo do envolvimento materno, não foi considerado significativo e é importante notar que nenhuma variável teve um efeito estatisticamente significativo para prever os jogos físicos da mãe.

Tarefas de Casa

Tabela 29

Comparativo entre os modelos preditivos da TC paterna e o modelo para a TC materna

Variáveis	Envolvimento Paterno			Envolvimento Paterno			Envolvimento Materno			
	Modelo 1			Modelo 2			Modelo 2			
	B	Beta	SE	B	Beta	SE	B	Beta	SE	
Idade (pai ou mãe)	-0,008	-0,081	0,008	-0,008	-0,079	0,008	-1,57	0,000	0,002	
Anos de escolaridade (pai ou mãe)	-0,018	-0,109	0,014	-0,018	-0,108	0,014	-0,003	-0,100	0,002	
Jornada de trabalho (pai ou mãe)	-0,424	-0,287**	0,126	-0,377	-0,254**	0,126	-0,008	-0,075	0,009	
Personalidade dominante (pai/mãe)	0,164	0,146	0,102	-,160	0,141	0,101	0,000	-0,005	0,015	
Sexo da criança	0,227	0,158†	0,120	0,235	0,164*	0,118	0,003	0,016	0,019	
Idade da criança	-0,017	-0,016	0,089	-0,014	-0,013	0,088	0,002	0,010	0,014	
Harmonia (pai ou mãe)	-0,083	-0,065	0,110	-0,042	-0,033	0,110	0,004	0,005	0,083	
Envolvimento materno TC				-1,587	-0,237**	0,551				
Jornada de trabalho da mãe				7,36E-5	0,000	0,058				
Envolvimento paterno TC							-0,034	-0,235*	0,013	
Jornada de trabalho do pai							0,18	0,083	0,020	
R ²		0,122			0,178			0,082		
Significância do Modelo		F=2,60 (7); p<0,05			F=3,08 (9); p<0,01			F=1,29(9); p>0,05		

Nota. VD: Tarefas de casa **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos).

O modelo 2 pode melhor explicar a variação em tarefas de casa do pai, pois a dimensão tarefas de casa da mãe demonstrou estar

negativamente relacionada com a VD. Assim, além da jornada de trabalho do pai e do sexo da criança, as tarefas da mãe têm um efeito significativo para explicar essa dimensão paterna. O modelo para prever as tarefas de casa da mãe revelou-se não significativo, apesar de também ter apresentado um resultado com as tarefas de casa paternas.

Numa análise dos efeitos de cada variável sobre as tarefas de casa realizadas pelo pai, os modelos 1 e 2 indicam que: menor jornada e com crianças do sexo feminino, maior o envolvimento. A harmonia não apresentou um coeficiente significativo para prever a VD em ambos os modelos. A jornada de trabalho foi a variável que apresentou maior coeficiente para prever as tarefas de casa do que o sexo da criança, em ambos os modelos. As tarefas de casa maternas revelaram-se significativas para explicar a variação nas tarefas paternas. Maior envolvimento em tarefas de casa da mãe, menor tarefas do pai.

O modelo preditivo do envolvimento materno, não foi considerado significativo, mas as as tarefas de casa paternas apresentaram grau significativo de influência para prever as tarefas de casa maternas. Maior envolvimento em tarefas de casa do pai, menor tarefas da mãe.

Por meio dos resultados descritos acima, dentre as sete dimensões do envolvimento parental testadas neste trabalho, somente as referentes ao suporte emocional, aos cuidados básicos, aos jogos físicos e às tarefas de casa apresentaram modelos significativos para explicar o envolvimento do pai. Dessas, apenas o suporte emocional demonstrou um relacionamento com o aspecto do relacionamento conjugal (harmonia). Nem mesmo os cuidados básicos e os jogos físicos confirmaram suas relações com a dimensão evitação, antes identificadas por meio de uma análise correlacional bivariada.

A respeito das variáveis destacadas como influentes no comportamento paterno, pode-se dizer que a idade do pai apareceu para explicar os cuidados básicos, a personalidade para explicar o suporte emocional e os jogos físicos, enquanto que a jornada de trabalho explica os jogos físicos, os cuidados básicos e as tarefas de casa. As características da criança demonstraram-se relacionadas com cuidados básicos (idade e sexo), jogos físicos (idade) e tarefas de casa (sexo). A variável escolaridade do pai também demonstrou-se importante para explicar os jogos físicos.

Sobre as variáveis maternas de influência, parece que os cuidados básicos, os jogos físicos e as tarefas de casa estiveram relacionadas positivamente (JF) e negativamente (CB e TC) com o respectivo envolvimento do pai. A jornada de trabalho da mãe teve um papel considerável na dimensão jogos físicos. Com relação aos modelos para o

comportamento materno, o fator CB foi o único a apresentar um resultado significativo, sendo que as variáveis personalidade da mãe, idade da criança e cuidados básicos do pai apresentaram valores importantes. As tarefas de casa maternas também parecem diminuir em função de uma maior participação paterna nesse quesito, embora o modelo como um todo não tenha sido significativo.

5.1.7. Efeito mediador das variáveis maternas (envolvimento e percepção sobre a relação conjugal) para o envolvimento paterno.

Num primeiro momento o envolvimento materno entrou como um fator mediador da relação existente entre envolvimento paterno e ambos harmonia e evitação na percepção do pai. Entende-se por mediadora a variável que, ao estar presente no modelo de regressão, diminui a magnitude do relacionamento entre VI e VD. O modelo de regressão é composto por dois blocos onde no primeiro entra a mediadora (envolvimento materno) enquanto que no segundo entra a variável conjugal.

As cinco Figuras abaixo representam todos os resultados significativos encontrados e que demonstravam uma relação significativa entre relacionamento conjugal (harmonia e evitação) e envolvimento paterno (total e por dimensões). Como pode ser observado, somente as Figuras 6 e 9, referentes ao QEP total e em CB é que a presença da variável materna além de diminuir o efeito da relação entre envolvimento e relacionamento conjugal paternos, apresentou um relacionamento significativo com o envolvimento do pai. Pode-se dizer que tais modelos (expressos nas Figuras 6 e 9) é que verdadeiramente explicam a influência mediadora do envolvimento materno, já que a partir de uma interação com ambas as variáveis (envolvimento e relacionamento), atua para diminuir o efeito preditor do relacionamento sobre o envolvimento. As demais Figuras (7, 8 e 10) são apresentadas aqui mais para indicar o relacionamento linear simples entre o QEP paterno e os aspectos da conjugalidade (harmonia e evitação) que revelaram-se significativos.

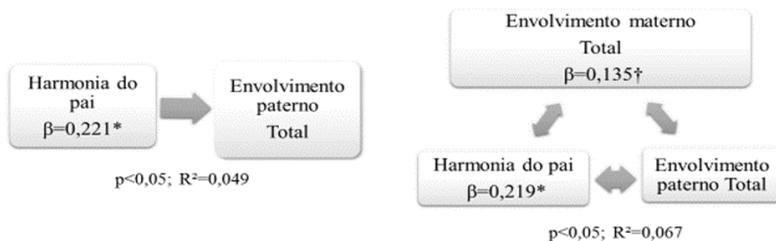


Figura 6. Efeito mediador do envolvimento materno total na relação entre harmonia conjugal e envolvimento paterno.

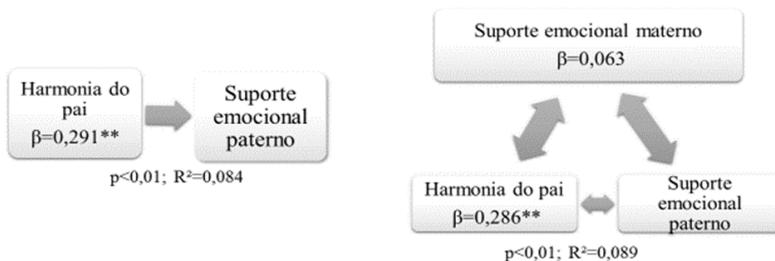


Figura 7. Efeito mediador do suporte emocional materno na relação entre harmonia conjugal e suporte emocional paterno

Conforme mostrado nas Figuras 6 e 7, existe um relacionamento positivo entre o envolvimento paterno (total e em SE) e a harmonia conjugal, confirmando os resultados apresentados nas correlações de Pearson e indicando que o envolvimento do pai, nesses termos, tende a aumentar em função da harmonia conjugal. A magnitude desse relacionamento diminuiu em 0,002 (QEP total) e em 0,005 (SE) na

presença do envolvimento materno, mas somente na Figura 6 é que pode-se indicar a real influência mediadora do envolvimento materno, tendo em vista que não há uma relação expressiva entre os envolvimento paterno e materno que indique que o envolvimento tenha um efeito nessa relação de modo que interfira no relacionamento existente entre VI e VD.

As próximas Figuras apresentam os resultados encontrados com a dimensão evitação.

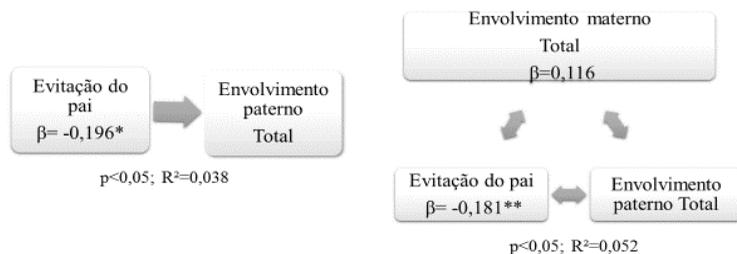


Figura 8. Efeito mediador do envolvimento materno total na relação entre evitação e envolvimento paternos.

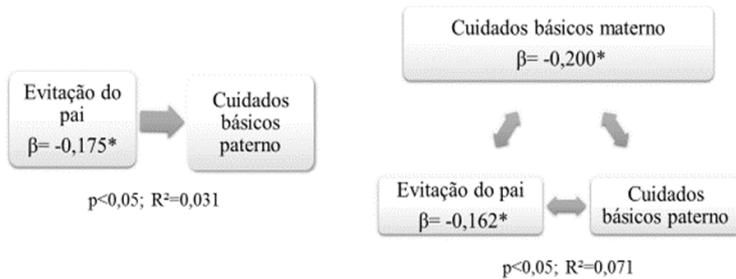


Figura 9. Efeito mediador dos cuidados básicos materno na relação entre evitação e cuidados básicos paternos.

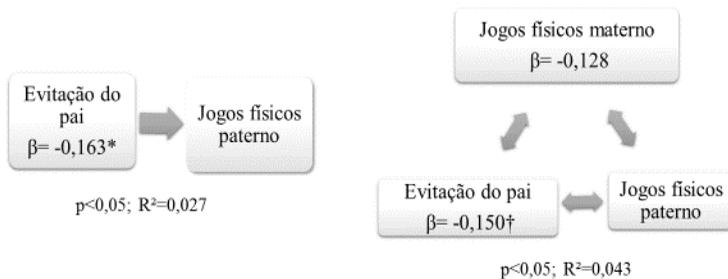


Figura 10. Efeito mediador dos jogos físicos materno na relação entre evitação e jogos físicos paternos.

Conforme mostrado nas Figuras 8, 9 e 10, existe um relacionamento negativo entre a evitação e o envolvimento (QEP total, CB e JF) paternos, tal como apresentado durante as análises correlacionais e a magnitude desse relacionamento tende a diminuir quando inseridas as variáveis do envolvimento materno, mas somente na Figura 9 é que foi confirmada o

efeito mediador da variável materna sobre o relacionamento entre VD e VI.

Dessa forma, devem ser ressaltados os resultados da Figura 9 que trata da relação entre evitação e cuidados básicos, pois apresenta uma interação significativa entre as dimensões parentais e é provavelmente essa relação que influencia na magnitude do efeito da relação VI e VD e não a simples inclusão de mais uma variável ao modelo.

Em outras palavras, o envolvimento materno atua como mediador da relação existente entre harmonia e QEP total e evitação e CB paternos. Conforme apontam as Figuras 6 e 9, o QEP total e a dimensão cuidados básicos de pai e de mãe também aparecem relacionadas. Esses resultados significam que é a variável envolvimento materno que tende a reduzir o tamanho do efeito da relação existente entre VI e VD.

Na Figura 6 o QEP da mãe contribui para aumentar o QEP do pai, diminuindo o grau de influência da harmonia sobre o envolvimento, mas ainda assim, essa influência mediadora pode ser considerada pequena e a harmonia apresenta maior efeito do que o QEP da mãe para predizer o QEP do pai.

Na Figura 9 quanto menor o envolvimento materno em cuidados, maior será o envolvimento paterno nessa dimensão e, esse relacionamento contribui para diminuir a influência da evitação no CB do pai.

Numa relação linear simples, foi evidenciado que a harmonia conjugal tende a aumentar o envolvimento paterno em suporte emocional (Figura 7) e que a evitação pode diminuir o envolvimento total do pai (Figura 8) e em jogos físicos (Figura 10). As variáveis maternas correspondentes não apresentaram relacionamentos significativos.

Efeito da percepção materna sobre o relacionamento conjugal no envolvimento paterno.

A Tabela 30 apresenta um modelo em que, além de o envolvimento materno ter sido considerado como variável mediadora da relação entre harmonia e envolvimento paterno, foi inserida a harmonia conjugal na percepção materna. Por meio de um comparativo entre os blocos pode-se analisar a contribuição de cada variável para melhor explicar a VD de interesse deste estudo.

No primeiro bloco, o envolvimento paterno total ou por dimensões foi relacionado de modo direto e simples com as variáveis da mãe correspondentes (exemplo: abertura ao mundo do pai com abertura ao mundo da mãe). No segundo bloco, o envolvimento materno entrou como mediadora da relação entre VI (harmonia) e VD (envolvimento). O

terceiro bloco refere-se ao relacionamento das variáveis acima incluindo a harmonia da mãe para prever o envolvimento paterno. Foi possível analisar a contribuição de cada bloco (R^2) e as diferenças (significativas ou não) entre o valor preditivo de um em comparação ao outro (ΔR^2).

Tabela 30

Contribuição das variáveis envolvimento e harmonia maternos para explicar o envolvimento do pai

	QEP	SE	AM	CB	JF	E	D	TC
Bloco 1								
Envolvimento materno	0,140†	0,083	0,299**	-0,210*	0,143†	0,144†	-0,013	-0,270**
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p<0,01
R ²	0,019	0,007	0,089	0,044	0,021	0,021	0,000	0,073
Bloco 2								
Envolvimento materno	0,0135†	0,063	0,302**	-0,214**	0,134	0,0153†	-0,013	-0,268**
Harmonia do pai	0,219*	0,286**	0,160*	0,116	0,113	0,169*	-0,001	-0,011
Significância do modelo	p<0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05	p<0,01
R ²	0,067	0,089	0,115	0,058	0,033	0,049	0,000	0,073
ΔR^2	0,048*	0,082*	0,026*	0,014	0,013	0,028*	0,000	0,000
Bloco 3								
Envolvimento materno	0,127	0,064	0,288**	-0,207	0,112	0,154†	-0,015	-0,268**
Harmonia do pai	0,210*	0,287**	0,150†	0,107	0,098	0,175*	0,004	-0,016
Harmonia da mãe	0,069	-0,009	0,074	0,072	0,125	-0,046	-0,042	0,036
Significância do modelo	p<0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p<0,05
R ²	0,072	0,089	0,120	0,063	0,048	0,051	0,002	0,074
ΔR^2	0,005	0,000	0,005	0,005	0,015	0,002	0,002	0,001

Nota. VD: Envolvimento paterno total e por dimensões **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

O bloco 1 mostra que as dimensões abertura ao mundo, cuidados básicos e tarefas de casa de pai e mãe estão diretamente relacionadas. No bloco 2 é possível observar que ao inserir a harmonia paterna e, controlando pelo respectivo envolvimento materno os resultados acima se mantém, mas somente em abertura ao mundo é que o poder preditivo do modelo sofre uma variação significativa ($\Delta R^2 = .026^*$). Para o QEP e o SE o modelo 2 também mostra-se mais eficaz para explicar a VD, já que a harmonia também tem um efeito significativo ($\Delta R^2 = .048$ e $.026^*$).

O modelo 2 para a dimensão evocações passa a ser significativo mudando seu valor preditivo de .021 para .049 ($\Delta R^2 = .028^*$).

O bloco 3 não apresenta nenhum ΔR^2 significativo, o que representa que a variável harmonia da mãe não possui nenhum efeito para mudar o poder preditivo do modelo. Mesmo inserindo mais uma variável ao modelo, esse não serve para melhor explicar a variação no envolvimento paterno. É importante notar que para as dimensões jogos físicos e disciplina nenhum modelo foi revelado significativo.

Num relacionamento linear simples (bloco 1), quanto maior o envolvimento materno em abertura ao mundo, jogos físicos e evocações, maior o envolvimento paterno nessas dimensões. Quanto menor o envolvimento materno em cuidados básicos e tarefas de casa, mais o pai tende se envolver nessas dimensões. No bloco 2, a harmonia conjugal (percepção paterna) apresenta relacionamentos simples, lineares e positivos com o envolvimento paterno total, suporte emocional, abertura ao mundo e evocações. Ambas as variáveis (envolvimento materno e harmonia do pai), inseridas num mesmo modelo, servem para melhor explicar a variação no envolvimento do pai total e em suporte emocional, abertura ao mundo e evocações, conforme mostra o ΔR^2^* . No último bloco, a inserção da harmonia conjugal na percepção materna além de não apresentar resultados diretos com o envolvimento paterno, o modelo como um todo não serve para melhor explicar VD, em comparação ao modelo 2.

Já que a harmonia tem sido a variável foco dos modelos de regressão, o modelo 3 testou a influência da harmonia na percepção materna para explicar o envolvimento paterno. Como não foram encontradas variações significativas no valor preditivo do modelo 2 para o modelo 3 (com a harmonia da mãe), tomou-se a decisão de testar esse mesmo modelo, agora envolvendo a reciprocidade negativa na percepção materna. Essa opção surgiu baseada nos resultados das correlações em que o QEP do pai apresenta um relacionamento significativo com a reciprocidade negativa da mãe, em detrimento da harmonia.

Tabela 31

Contribuição das variáveis envolvimento e reciprocidade negativa maternos para explicar o envolvimento do pai

	QEP	SE	AM	CB	JF	E	D	TC
Bloco 1								
Envolvimento materno	0,140†	0,083	0,299**	-0,210*	0,143†	0,144†	-0,013	-0,270**
Significância do modelo	p>0,05	p>0,05	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p>0,05	p>0,05	p<0,01
R ²	0,019	0,007	0,089	0,044	0,021	0,021	0,000	0,073
Bloco 2								
Envolvimento materno	0,135†	0,063	0,302**	-0,214*	0,134	0,153†	-0,013	-0,268**
Harmonia do pai	0,219*	0,286**	0,160*	0,116	0,113	0,169*	-0,001	-0,011
Significância do modelo	p<0,05	p<0,01	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05	p<0,01
R ²	0,067	0,089	0,115	0,058	0,033	0,049	0,000	0,073
ΔR^2	0,048*	0,082**	0,026*	0,014	0,013	0,028*	0,000	0,000
Bloco 3								
Envolvimento materno	0,107	0,054	0,284**	-0,218*	0,129	0,146†	0,008	-0,267**
Harmonia do pai	0,188*	0,277**	0,146†	0,089	0,104	0,155†	-0,032	-0,017
Reciproc.Negativa (mãe)	-0,145†	-0,048	-0,063	-0,129	-0,046	-0,062	-0,159†	-0,026
Significância do modelo	p<0,01	p<0,01	p<0,01	p<0,05	p>0,05	p<0,05	p>0,05	p<0,05
R ²	0,086	0,091	0,119	0,074	0,035	0,033	0,024	0,073
ΔR^2	0,019	0,002	0,003	0,016	0,002	0,004	0,024	0,000

Nota. VD: Envolvimento paterno total e por dimensões **p<0,01 (valores muito significativos); * p<0,05 (valores significativos); †p<0,10 (valores moderadamente significativos)

Embora a reciprocidade negativa na percepção materna tenha apresentado influências consideráveis (p<0,10) para explicar o envolvimento paterno total e em disciplina, o modelo 3 não apresentou variação significativa para prever a VD, ou seja, não foram encontrados significantes ΔR^2 . Aqui também os modelos não foram significativos para explicar os jogos físicos e a disciplina.

Desse modo, pode-se resumir que, enquanto o envolvimento materno apresenta algumas influências para prever o envolvimento paterno, a percepção da mãe sobre o relacionamento conjugal não exerce poder preditivo significativo. Somente a reciprocidade negativa da mãe é que demonstrou um certo relacionamento (p<0,10) com o QEP total e a disciplina paternos.

Quanto maior a reciprocidade negativa na percepção materna menor o envolvimento paterno total e em disciplina. O bloco 3 explica 0,019

mais o QEP total e mais 0,024 a disciplina, em comparação ao bloco 2, mas essa variação não foi considerada significativa, o que indica que a inserção da reciprocidade negativa, na percepção materna, embora tenha se demonstrado como um preditor para o envolvimento paterno, não contribui para melhor explicar a VD do que a harmonia na percepção paterna. Em outras palavras, somente a percepção paterna a respeito do relacionamentp conjugal é que pode ser considerada um fator preditor do envolvimento paterno e mais especificamente, a harmonia do que a evitação.

A seguir será apresentada uma síntese dos resultados obtidos por meio dos modelos preditivos do envolvimento paterno.

Efeito dos aspectos positivos do relacionamento conjugal na percepção paterna (harmonia e QRC).

Com relação ao envolvimento paterno total, ambos, qualidade do relacionamento e harmonia conjugal foram preditores significativos e positivos. O QRC teve um coeficiente mais alto e de maior significância para explicar o aumento no envolvimento, do que a harmonia, mas em função de uma comparação entre os fatores do relacionamento conjugal de um mesmo instrumento, o envolvimento por dimensões foi testado somente com relação à harmonia conjugal. Essa escolha justifica-se também pela alta correlação entre esses dois aspectos positivos do relacionamento.

Num relacionamento linear e simples a harmonia conjugal apresentou um coeficiente maior em relação ao envolvimento paterno total ($\beta = 0,221$; $p < 0,05$), em comparação à harmonia inserida no modelo 1 que inclui todas as variáveis de influência do envolvimento ($\beta = 0,177$; $p < 0,05$). Essa diferença se dá pois, em função das influências de outras variáveis, é esperado que o tamanho do efeito de uma única variável diminua para dar lugar aos demais determinantes, que juntos podem explicar melhor a VD.

A harmonia conjugal ainda apresentou relacionamento significativo positivo para explicar o suporte emocional paterno, sendo nesse modelo, o fator com maior efeito sobre a VD, em comparação às demais variáveis de influência.

Efeito dos aspectos negativos do relacionamento conjugal na percepção paterna (evitação).

Por meio de uma análise linear e simples, a dimensão evitação apareceu como fator preditor negativo do envolvimento paterno total, cuidados básicos e jogos físicos, mas quando inserida no modelo 1,

juntamente com outros determinantes do envolvimento, essa relação não permanece estatisticamente significativa. A dimensão reciprocidade negativa não se revelou como fator preditor nem em uma análise simples e, tampouco com a inserção dos demais fatores.

Comparação dos efeitos da harmonia (aspecto positivo) e da evitação (aspecto negativo) sobre o envolvimento paterno.

Numa análise de regressão simples, incluindo somente a harmonia ou a evitação para prever o envolvimento paterno total, ambos os aspectos apresentaram-se relacionados à VD. Mas, conforme demonstram os coeficientes da relação, a harmonia apresentou um efeito maior do que a evitação ($\beta = 0,221$; $p < 0,05$) e ($\beta = 0,196$; $p < 0,05$), respectivamente.

Quando inseridas as demais variáveis ao modelo de análise para prever o envolvimento paterno total (os fatores determinantes), enquanto o efeito da harmonia permaneceu, o efeito da evitação deixou de ser estatisticamente importante para explicar a variação da VD.

Também foram encontradas diferenças entre esses dois aspectos do relacionamento conjugal por dimensões do envolvimento. Embora numa relação simples a harmonia possa explicar o suporte emocional e a evitação possa explicar os cuidados básicos e os jogos físicos, numa análise com múltiplos fatores, as relações positivas da harmonia se confirmam, enquanto as relações negativas da evitação não são confirmadas.

Efeito dos determinantes do envolvimento paterno.

Com relação às *características do pai* (idade, escolaridade e personalidade), os resultados foram os seguintes:

- A idade atuou como variável preditora somente da dimensão cuidados básicos. Quanto maior a idade do pai, menor seu envolvimento em cuidados básicos.

- A escolaridade revelou-se influência significativa sobre o envolvimento total, no modelo em que tinha como VI a harmonia e sobre o envolvimento em jogos físicos. Quanto maior a escolaridade, maior o envolvimento.

- A personalidade dominante foi fator preditivo do envolvimento total (em todos os modelos testados – envolvendo harmonia, QRC, evitação e reciprocidade negativa), do suporte emocional e dos jogos físicos. Mais dominante a personalidade, maior o envolvimento.

A respeito das *características do meio social* (jornada de trabalho do pai), quanto maior a jornada de trabalho menor o envolvimento paterno

total (em todos os modelos testados – envolvendo harmonia, QRC, evitação e reciprocidade negativa). Jornadas de trabalho mais altas diminuem o envolvimento do pai em cuidados básicos, jogos físicos e em tarefas de casa.

No que se refere às *características da criança* (idade e sexo) os resultados foram:

- Com crianças com maior idade, o envolvimento total diminui (em todos os modelos testados – envolvendo harmonia, QRC, evitação e reciprocidade negativa). Também, quanto maior a idade, menos cuidados básicos e jogos físicos os pais realizam.

- Com crianças do sexo masculino os cuidados básicos são maiores e, com crianças do sexo feminino é maior o envolvimento do pai com tarefas de casa.

Efeito do envolvimento e da jornada de trabalho da mãe.

O envolvimento da mãe influencia negativamente o envolvimento paterno em cuidados básicos e tarefas de casa e positivamente os jogos físicos. Pode-se dizer, portanto, que um maior envolvimento da mãe em cuidados básicos e em tarefas de casa, podem inibir ou diminuir a participação paterna nessas dimensões. Por outro lado, um maior envolvimento da mãe em jogos físicos contribui para um aumento no envolvimento paterno em jogos físicos (única dimensão que o pai se envolve mais do que a mãe).

A jornada de trabalho materna só apresentou efeitos com uma certa significância sobre os jogos físicos. Quanto mais alta a jornada de trabalho da mãe, menos o pai se envolve em jogos físicos.

Efeito mediador do envolvimento materno.

Somente o envolvimento materno total e em cuidados básicos que apresentaram um efeito mediador da relação entre relacionamento conjugal e o envolvimento paterno. Desse modo, quando inseridas no modelo, as variáveis maternas apresentaram um relacionamento tanto com o envolvimento do pai quanto com o fator do relacionamento conjugal.

O envolvimento materno total, que aumenta o envolvimento paterno, diminuiu o tamanho do efeito do relacionamento positivo existente entre harmonia e envolvimento total do pai. O envolvimento materno em cuidados básicos, que diminui o envolvimento paterno nessa dimensão, também diminuiu o tamanho do efeito do relacionamento negativo existente entre evitação e cuidados básicos do pai.

Quando inserido como variável mediadora entre a relação da harmonia com o envolvimento do pai, o envolvimento da mãe, juntamente com a harmonia conjugal, pode melhor explicar a variação do envolvimento paterno total, suporte emocional, abertura ao mundo e evocações.

Características específicas do envolvimento paterno (compreensão dos preditores do envolvimento paterno em função dos preditores do envolvimento materno).

Numa comparação entre o modelo 2 do pai e o mesmo modelo analisado para a mãe, que inclui as variáveis pessoais, do ambiente social, das crianças, do relacionamento conjugal e ainda a variáveis do cônjuge (envolvimento e jornada de trabalho), foi possível perceber que enquanto os modelos para o pai foram estatisticamente significativos, somente um modelo para a mãe é que demonstrou-se eficaz para explicar seu envolvimento.

Assim, numa análise multivariada envolvendo todas as variáveis em estudo nessa pesquisa, foi possível explicar a variação do envolvimento paterno total (em todos os modelos testados – envolvendo harmonia, QRC, evitação e reciprocidade negativa) e em suporte emocional, cuidados básicos, jogos físicos e tarefas de casa. Para a mãe, a mesma análise só revelou ser possível explicar o envolvimento materno em cuidados básicos.

Relacionando o mesmo modelo do pai com o da mãe, em termos de variáveis de influência, observou-se que, são múltiplas e variadas as variáveis que podem explicar o envolvimento paterno e, que quando alguma variável apresenta-se significativa para explicar o envolvimento materno, isso se dá de uma forma mais reduzida, ou seja o número de variáveis que tem efeito sobre o envolvimento da mãe é sempre menor do que o número de variáveis que influenciam o envolvimento do pai e, na maioria das vezes, com menos efeito.

No modelo respectivo aos cuidados básicos, único modelo significativo para ambos pai e mãe, as variáveis preditoras do pai foram idade e jornada de trabalho do pai, idade e sexo da criança e envolvimento da mãe em CB. Para a mãe, as variáveis preditoras foram personalidade, idade da criança e CB do pai.

No modelo para predizer o envolvimento parental total e que contém a harmonia conjugal, juntamente com os demais determinantes, para o pai foram significativas as seguintes variáveis: escolaridade, personalidade, idade da criança e a harmonia. Com relação à mãe as variáveis

significativas foram: personalidade, idade da criança e harmonia, todas com uma significância mínima ($p < 0,10$).

Os modelos envolvendo os jogos físicos e o envolvimento total com evitação foram os modelos em que nenhuma variável materna apresentou efeito significativo. Parece que assim como para com o pai, a harmonia na percepção materna pode influenciar positivamente o seu envolvimento total e em suporte emocional. Assim como para o pai, a dimensão tarefas de casa realizada pelo cônjuge demonstrou-se negativamente relacionada às tarefas realizadas pela mãe. Contrariamente ao pai a reciprocidade negativa da mãe apresentou resultados significativos para com o envolvimento materno total.

Em ambos os modelos descritos, enquanto a personalidade do pai apresenta uma relação positiva com a VD, a personalidade materna relaciona-se negativamente com a VD.

Efeito do relacionamento conjugal na percepção materna.

A harmonia conjugal na percepção materna não apresentou efeitos significativos para prever o envolvimento do pai. A reciprocidade negativa na percepção materna, apesar de ter indicado um certo relacionamento negativo ($p < 0,10$) com o envolvimento paterno total e em disciplina, não pode ser considerada um fator de influência de destaque sobre a VD, em comparação às percepções paternas do relacionamento conjugal, principalmente no que se refere à harmonia.

Nesse sentido, a percepção paterna a respeito do relacionamento conjugal demonstrou-se ser mais eficaz para prever o envolvimento paterno do que a percepção materna.

Determinantes mais evidenciados e com maior grau de influência no envolvimento paterno.

De um total de sete modelos preditores do envolvimento paterno (Modelo 1 - com harmonia, evitação, reciprocidade negativa e para o SE, CB, JF e TC) verificou-se qual ou quais dentre as variáveis significantes foram as mais evidenciadas em todos ou quase todos os modelos e com mais alto coeficiente (β) significativo. Pode-se dizer que a jornada de trabalho foi a variável que mais apresentou resultados significativos, aparecendo em seis dos sete modelos, com exceção somente do modelo para prever o suporte emocional. Também apresentou mais alto coeficiente em cuidados básicos e tarefas de casa. A personalidade paterna apareceu em cinco modelos, sendo que em quatro deles destacou-se com o maior coeficiente de influência significativa. A idade da criança também foi significativa em cinco modelos, mas em nenhum deles com

o maior grau de influência. A escolaridade do pai esteve presente duas vezes (envolvimento total e em jogos físicos), mas não destacou-se como a variável de maior influência dentre as demais. O sexo da criança foi evidenciado em dois modelos (CB e TC), mas também não com o maior coeficiente de influência. E, por último, a idade do pai revelou-se significativa somente uma vez (em cuidados básicos).

Os resultados da pesquisa com as 150 famílias, estudados de forma quantitativa, foram apresentados aqui por meio das estatísticas descritivas e inferenciais. Os instrumentos sobre as variáveis sociodemográficas, envolvimento, qualidade no relacionamento, harmonia conjugal e personalidade estiveram, dessa forma, em análise por médias, desvio padrão, correlações, testes de diferenças de média, análises de variância e, por último, por meio de modelos de regressão linear múltipla. Essa parte mais global será agora aprofundada, explicada e exemplificada por meio de uma análise mais minuciosa, exploratória e até qualitativa que ocorrerá a partir de um segundo estudo realizado com 12 famílias. O estudo 2 procura responder alguns objetivos dessa pesquisa, os quais somente uma abordagem com essa característica poderia ser capaz de identificar. Associado aos resultados anteriores, este estudo contará com a observação direta e com a entrevista com pais e mães para complementar as compreensões a respeito da paternidade e também do funcionamento familiar como um todo.

5.2. ESTUDO 2. APROFUNDAMENTO DOS RESULTADOS GLOBAIS: ESTUDO COM 12 FAMÍLIAS

Nessa seção será realizado um estudo mais detalhado com base nas 12 famílias entrevistadas na segunda parte da coleta de dados. Primeiramente será feita uma caracterização geral dos resultados obtidos com os instrumentos utilizados no estudo 1, a fim de explorar um pouco os resultados dessas famílias e até estabelecer um paralelo com as 150 famílias. Em um segundo momento, serão apresentados os resultados das observações e das entrevistas com pai e mãe. E, em seguida, cada família será estudada separadamente, em sua particularidade.

5.2.1 Principais características sociodemográficas

Dentre as 12 famílias pesquisadas nessa etapa, a média de idade da mãe foi de 33,75 e a do pai foi de 35,83. A escolaridade e a renda maternas foram em média 13 anos e 1.726,36 reais, enquanto que os resultados para o pai apontaram uma média de 12,42 anos de escolaridade e de 2.855,55

reais como rendimento médio mensal. Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre essas variáveis maternas e paternas. Com relação à configuração familiar as famílias caracterizam-se como famílias nucleares ou recasadas, mas com pais biológicos dos filhos.

Oito mães e cinco pais possuem o ensino superior completo, os demais estão distribuídos entre o ensino médio (duas mães e quatro pais) e o ensino fundamental (três pais e duas mães). Oito pais trabalham acima de 40 horas semanais, enquanto que as mães ou não possuem jornada de trabalho fora de casa (duas mães em licença maternidade e quatro não desempenhavam uma função específica de trabalho fora de casa) ou trabalham até 40 horas semanais.

A renda familiar mensal relatada pela família foi de até 2000,00 reais (quatro famílias), até 3000,00 reais (duas famílias) e acima de 4000,00 reais (seis famílias). Nesse quesito, a renda familiar mensal foi dividida em grupos de até 4000,00 reais (N=6) e acima de 4000,00 reais (N=6) e o teste t indicou resultados significativos em:

- Envolvimento total da mãe [$t(10) = 2,22; p < 0,05$]. Mães com renda abaixo de R\$4000,00 se engajam mais (M=4,44; DP=0,19) do que mães com renda acima de R\$4000,00 (M=4,22; DP=0,15).

- Cuidados básicos da mãe [$t(10) = 2,54; p < 0,05$]. Mães com renda familiar abaixo de R\$4000,00 reais dizem realizar mais cuidados (M=4,92; DP=0,13) do que as mães com renda acima de R\$4000,00 (M=4,58; DP=0,30).

- Evocações do pai [$t(10) = 2,32; p < 0,05$]. Pais com renda abaixo de R\$4000,00 dizem evocar mais (M=4,10; DP=0,49) do que pais com renda acima de R\$4000,00 (M=3,19; DP=0,83).

Três famílias declaram poder contar com uma outra pessoa responsável para cuidar da criança. O fato de ter ou não babá foi testado em função de todas as variáveis do estudo e o teste t revelou diferenças significativas em:

- Renda total mensal materna [$t(9) = 2,61; p < 0,05$]. Mães com maiores rendimentos (M=4.600,00) possuem babá na medida em que as mães com menores rendimentos (M=648,75) não têm.

- QRC materno [$t(10) = 3,87; p < 0,01$]. Mães com babá possuem médias mais altas na qualidade do relacionamento conjugal (M=4,55; DP=0,19) do que as mães sem babá (M=3,67; DP=0,37).

- Reciprocidade negativa da mãe [$t(10) = -2,31; p < 0,05$]. Mães com babá possuem médias menores em reciprocidade negativa (M=1,89; DP=0,51) do que as mães sem babá (M=3,17; DP=0,89).

- Reciprocidade negativa do pai [$t(10) = -2,28; p < 0,05$]. Pais das famílias com babá possuem médias menores em reciprocidade negativa

(M=1,89; DP=0,38) do que pais das famílias sem babá (M=2,67; DP=0,54).

Com relação à idade, as crianças foram divididas em grupos de 4 a 5 anos (N=4) e de 5 a e 6 anos (N=8) o teste t revelou resultados significativos em:

- Envolvimento paterno total [$t(10) = 1,75; p < 0,05$]. Pais de crianças de 4 anos dizem se engajar mais em termos gerais (M=4,27; DP=0,29) do que pais de crianças de 5 e 6 anos (M=3,51; DP=0,44).

- Abertura ao mundo do pai [$t(10) = 2,61; p < 0,05$]. Pais de crianças de 4 anos referem fazer mais abertura ao mundo (M=4,00; DP=0,56) do que pais de crianças de 5 e 6 anos (M=2,81; DP=0,81).

- Cuidados básicos paterno [$t(10) = 2,2,4; p < 0,05$]. Pais de crianças de 4 anos dizem realizar mais cuidados (M=4,13; DP=0,17) do que pais de crianças de 5 e 6 anos (M=3,16; DP=0,84).

Assim como com o total de participantes, nesse recorte de 12 famílias, a idade das crianças também teve relação com o envolvimento total e com os cuidados básicos do pai (maior idade, menor envolvimento).

5.2.2 Envolvimento parental, Relacionamento conjugal e Personalidade

Envolvimento Parental

Na Tabela 32 são apresentados os escores médios obtidos pelo pai e pela mãe nas 12 famílias.

Tabela 32

Médias e desvio padrão do envolvimento parental

Dimensões envolvimento parental		Médias (DP)	Médias (DP)	Teste T
QEP	N	Pai	Mãe	
QEP total	12	3,76 (0,54)	4,33 (0,20)	$t(22) = -3,41; p < 0,01$
Suporte Emocional	12	4,37 (0,57)	4,78 (0,18)	$t(22) = -4,70; p < 0,01$
Abertura ao Mundo	12	3,21 (0,92)	3,78 (0,58)	$t(22) = -1,79; p > 0,05$
Cuidados Básicos	12	3,49 (0,82)	4,75 (0,28)	$t(22) = -5,01; p < 0,01$
Jogos Físicos	12	3,36 (0,82)	2,87 (0,54)	$t(22) = 0,28; p > 0,05$
Evocações	12	3,65 (0,80)	4,44 (0,37)	$t(22) = -3,10; p < 0,01$
Disciplina	12	4,35 (0,55)	4,62 (0,47)	$t(22) = -1,30; p > 0,05$
Tarefas de Casa	12	3,18 (0,59)	3,71 (0,39)	$t(22) = -2,58; p < 0,05$

Com relação ao QEP total, assim como nos resultados obtidos nas 150 famílias, o pai apresentou uma média próxima de 4, enquanto que a mãe teve um escore acima de 4. A mãe apresenta médias superiores às do pai em termos gerais e nas dimensões, exceto em abertura ao mundo, disciplina e jogos físicos. Com relação à abertura ao mundo e à disciplina, a mãe apresenta maior escore, mas essa diferença não foi considerada significativa. Na dimensão jogos físicos o pai pontua mais que a mãe, mas também sem significância estatística.

Em comparação com o total de famílias (N=150 – ver Tabela 9) as diferenças encontradas foram de que com apenas 12 famílias as dimensões abertura ao mundo e disciplina, embora apresente médias superiores para a mãe, não são configuradas aqui como sendo mais realizadas por ela. E a dimensão jogos físicos ainda não se configura como sendo mais realizada pelo pai. Mas as diferenças no envolvimento parental no suporte emocional, nos cuidados básicos, nas evocações e nas tarefas de casa já mostraram-se evidentes mesmo em uma parcela menor de participantes.

Tabela 33

Especificidades do envolvimento parental

N	Pai	Média	Mãe	Média
12	Suporte Emocional	4,37	Suporte Emocional	4,78
12	Disciplina	4,35	Cuidados Básicos	4,75
12	Evocações	3,65	Disciplina	4,62
12	Cuidados Básicos	3,49	Evocações	4,44
12	Jogos Físicos	3,36	Abertura ao Mundo	3,78
12	Abertura ao Mundo	3,21	Tarefas de Casa	3,71
12	Tarefas de Casa	3,18	Jogos Físicos	2,87

Com o número reduzido de famílias participantes, não foram encontradas diferenças com relação à ordem de envolvimento do pai. Para o envolvimento materno foram encontradas diferenças somente entre abertura ao mundo e tarefas de casa (ver Tabela 10).

Correlações entre o envolvimento paterno com o materno apresentam aqui uma tendência de uma relação positiva entre o envolvimento total do pai e o envolvimento total da mãe ($r=0,70^*$), tendência essa que não se confirma com as 150 famílias. Por outro lado, foram encontradas desde já as correlações envolvendo o QEP total do pai e a abertura ao mundo da mãe ($r=0,63^*$) (ver Tabela 12).

Tal como evidenciado no primeiro estudo, referente à percentagem de responsabilidade paterna, em função da materna – envolvimento relativo - (ver Tabela 11). Nas 12 famílias analisadas, o envolvimento geral do pai foi, da mesma forma, menor que 50 % (46%). Ele se destacou somente na dimensão jogos físicos com 53%. Nos cuidados básicos o pai obteve menor percentagem 42%.

Relacionamento conjugal

Com relação ao questionário de relacionamento conjugal (QRC), tal como foi encontrado nos resultados globais, o pai apresentou maior média em comparação à mãe (4,08 e 3,89, respectivamente), mas sem diferenças significativas. Os resultados a respeito da relação entre o casal obtidos pelo Floreal são apresentados na Tabela 34.

Tabela 34

Médias e desvio padrão do Relacionamento conjugal

Floreal	N	Pai Média (DP)	Mãe Média (DP)	Teste T
Harmonia	12	5,11 (0,41)	4,59 (0,62)	t(22) = 2,43; p<0,05
Reciprocidade Negativa	12	2,47 (0,60)	2,85 (0,98)	t(22) = -1,14; p>0,05
Evitação	12	3,13 (0,90)	2,95 (0,79)	t(22) = 0,52; p>0,05

Assim como nas 150 famílias, os 12 casais também apresentaram maior média na dimensão harmonia. Enquanto pai pontua mais em evitação do que em reciprocidade negativa, a mãe, diferentemente dos resultados globais, obteve escores mais altos também na dimensão evitação (ver Tabela 14).

Em termos de correlações, em conformidade com os resultados globais, o envolvimento paterno total apareceu relacionado positivamente com o QRC do pai ($r=0,73^{**}$) e negativamente com a evitação do pai ($r=-0,65^{**}$). Da mesma forma, o QEP total da mãe apresentou correlações positivas com o QRC materno ($r=0,63^*$) e negativa com a reciprocidade negativa materna ($r=-0,73^{**}$) (ver Tabela 15).

Personalidade

Conforme a Tabela 35, os resultados sobre personalidade também apresentam a mãe como mais dominante do que o pai, em termos de média, embora essa diferença ainda não tenha sido comprovada pelo teste

com as 12 famílias. Ambos obtiveram médias mais altas na personalidade colaborativa tal como nas 150 famílias (ver Tabela 17).

Tabela 35

Médias e desvio padrão da personalidade dos pais

	N	Pai Média (DP)	Mãe Média (DP)	Teste T
Colaborativa	12	3,76 (0,56)	3,70 (0,69)	$t(22) = 0,23; p > 0,05$
Dominante	12	3,29 (0,80)	3,65 (0,74)	$t(22) = -1,14; p > 0,05$

5.2.3 Observações diretas: caracterização do comportamento paterno (verbal e não verbal) nas situações diádicas e triádicas

Serão apresentados os resultados do pai em interação com a criança durante as situações diádicas (pai-criança) e triádicas (pai-mãe-criança). Também será explorada a relação do casal (pai-mãe) durante a interação triádica. Os comportamentos infantis também foram registrados e terão seus dados exibidos mais adiante.

Para fins de análise, as categorias foram separadas em características verbais e não verbais. Dessa forma, em um primeiro momento, serão apresentados os resultados contemplando essa separação, conforme a Tabela 36.

Tabela 36

Frequências dos comportamentos parentais nas diferentes situações

Comportamento parental VERBAL	Frequência Comportamento paterno DIÁDICA	Frequência Comportamento paterno TRIÁDICA	Frequência comportamento materno TRIÁDICA
Afeto Positivo	156	179	205
Afeto Negativo	1	0	0
Motivação	118	115	137
Instrução	183	118	125
Disciplina	1	3	2
Fala	13	7	3
Total	472	422	472
Comportamento parental NÃO VERBAL	Frequência Comportamento paterno DIÁDICA	Frequência Comportamento paterno TRIÁDICA	Frequência comportamento materno TRIÁDICA
Afeto Positivo	158	147	166
Afeto Negativo	0	1	0
Motivação	1	2	4
Instrução	161	90	86
Disciplina	0	0	0
Total	320	240	256
Não Interação	24	54	38

Em termos de frequências, o pai apresentou mais comportamentos verbais em relação aos não verbais nas duas situações (diádica e triádica). O mesmo ocorre com a mãe na situação triádica. Tanto no aspecto verbal quanto no não verbal, o pai apresentou maior número de comportamentos na interação diádica (792 comportamentos no total) do que na triádica (662 comportamentos no total). Durante a situação triádica, o pai teve menor frequência total de comportamentos (662) do que a mãe (728).

Ao comparar pai e mãe na triádica, percebeu-se que o pai apresenta menos comportamentos do que a mãe em todas as categorias verbais com exceção de disciplina e da fala com a criança. A respeito dos comportamentos não verbais a frequência do pai é maior que a da mãe somente na instrução.

As representações gráficas 11 e 12 mostram um paralelo entre os comportamentos do próprio pai nas diferentes situações e do pai e da mãe

durante a interação triádica com a criança. As categorias afeto negativo e disciplina não foram incluídas em função da sua pouca ocorrência.

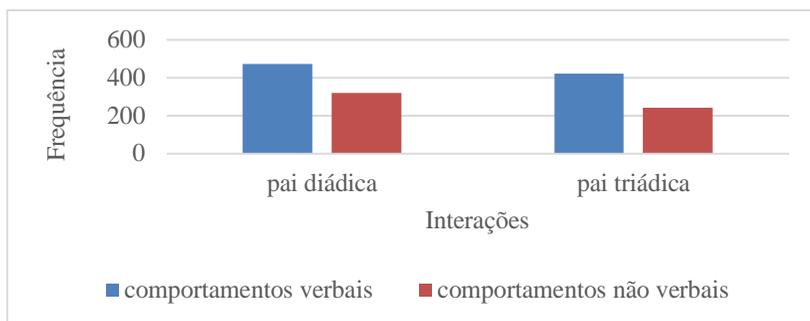


Figura 11. Frequências dos comportamentos verbais e não verbais do pai nas situações diádica e triádica.

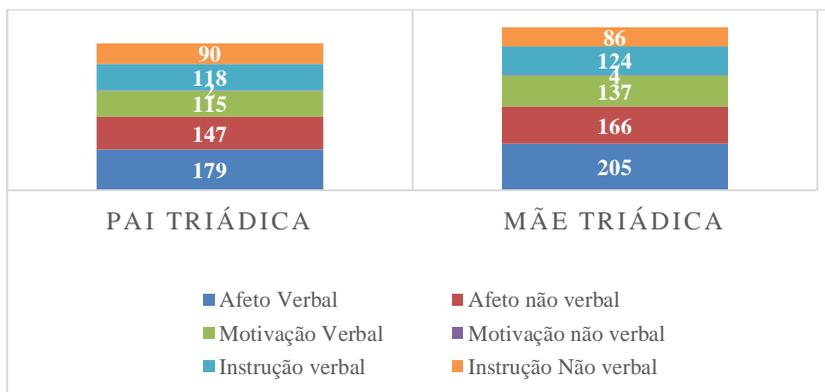


Figura 12. Frequências dos comportamentos paterno e materno na situação triádica

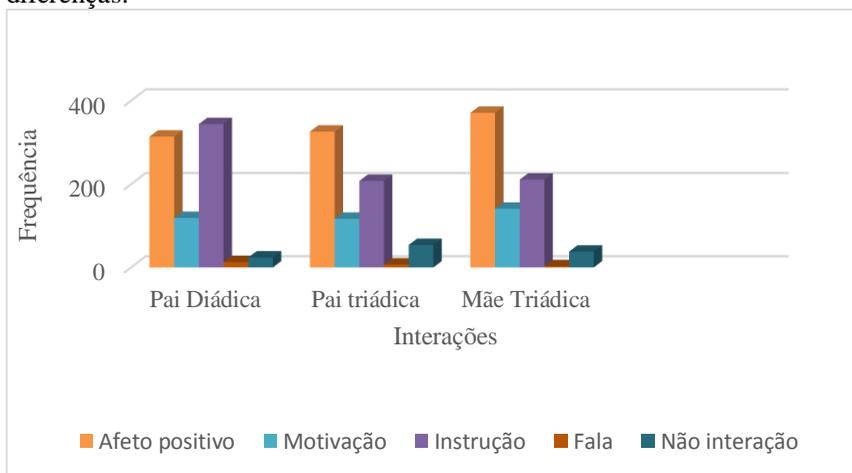
Após uma caracterização geral, as categorias verbais e não verbais foram unificadas e, em um outro momento (item 5.2.4) os resultados serão melhor explorados baseados também em médias das categorias parentais como um todo. Dessa forma, os comportamentos verbais foram somados aos comportamentos não verbais como aponta-se na Tabela 37.

Tabela 37

Frequências das categorias parentais (aspectos verbal e não verbal juntos)

Comportamento parental	Frequência Comportamento paterno DIÁDICA	Frequência Comportamento paterno TRIÁDICA	Frequência comportamento materno TRIÁDICA
Afeto Positivo	314	326	371
Afeto Negativo	1	1	0
Motivação	119	117	141
Instrução	344	208	211
Disciplina	1	3	2
Fala com a criança	13	7	3
Não Interação	24	54	38

As frequências apontam uma maior interação paterna na situação diádica (792 comportamentos) do que na triádica (662 comportamentos), embora o afeto positivo tenha sido mais frequente durante a interação triádica. A mãe apresenta maior interação do que o pai na situação triádica (728 comportamentos). No que se refere à não interação, o pai apresentou maior frequência na triádica do que na diádica e também obteve maior pontuação em relação à mãe. Enquanto que na interação diádica o pai teve maior frequência em instrução, na triádica o número de comportamentos foi maior em afeto positivo. Na Figura 13 são representadas essas diferenças.

**Figura 13. Frequência do comportamento parental total com a criança**

Em conformidade com os objetivos dessa pesquisa, as frequências de comportamentos parentais foram estabelecidas considerando o sexo da criança. As interações do pai com os seis meninos e com as seis meninas são apresentadas na Figura 14.

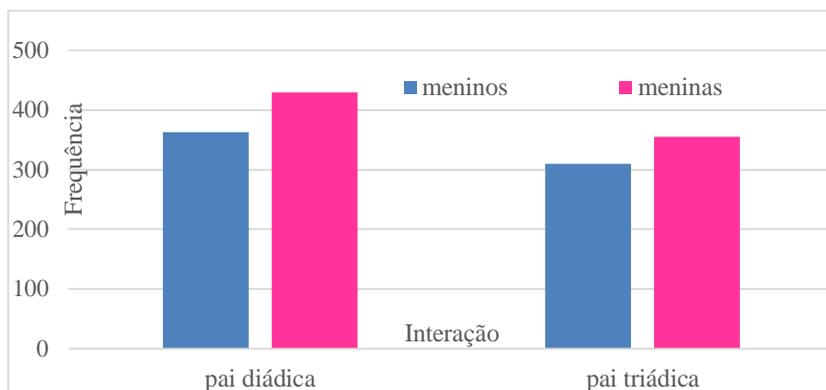


Figura 14. Frequência do comportamento parental por sexo da criança

Conforme a representação acima, o pai apresenta maior número de interações com as meninas do que com os meninos independentemente da situação (diádica ou triádica).

5.2.4 Observações diretas: Interação pai-criança nas situações diádica e triádica

Após uma análise das frequências comportamentais, foi gerado um escore geral para representar a interação parental com a criança. Nesse sentido, a variável interação contemplou as categorias afeto positivo (primeira mais frequente), instrução (segunda mais frequente), motivação (terceira mais frequente) e fala (quarta mais frequente). Optou-se por não incluir as categorias afeto negativo e disciplina em função da sua pouca ocorrência. Sendo assim, os dados foram tratados em forma de médias e desvio-padrão para os escores de interação e não interação parentais.

Na Tabela 38 apresentam-se os resultados da interação e da não interação paterna com a criança por situação.

Tabela 38

Interação geral e não interação de pai e de mãe com a criança por contextos diádico e triádico

Comparação da interação do PAI por contextos	N	Médias (DP)		Teste T Pareado
		Diádica	Triádica	
Interação geral	12	16,46 (4,38)	13,71 (3,16)	t(11) = 1,93; p>0,05
Não interação	12	2,00 (3,16)	4,50 (3,78)	t(11) = -2,25; p<0,05
Afeto positivo	12	26,17 (12,73)	27,17 (14,15)	t(11) = -0,35; p>0,05
Instrução	12	28,67 (14,00)	17,33 (11,55)	t(11) = 1,82; p>0,05
Motivação	12	9,92 (6,73)	9,74 (4,86)	t(11) = 0,08; p>0,05
Fala	12	1,08 (2,31)	0,58 (2,02)	t(11) = 0,56; p>0,05

A média de interação paterna decresce da situação diádica para a triádica (diferença não estatisticamente significativa), enquanto que a da não interação aumenta (com significância estatística). Embora sem a comprovação do teste de diferença de média, da situação diádica para a triádica, aumentam somente os escores em afeto positivo. As demais categorias têm resultados menores no contexto triádico.

Na Figura 15 estão representadas as diferenças encontradas no comportamento paterno entre os contextos de interação

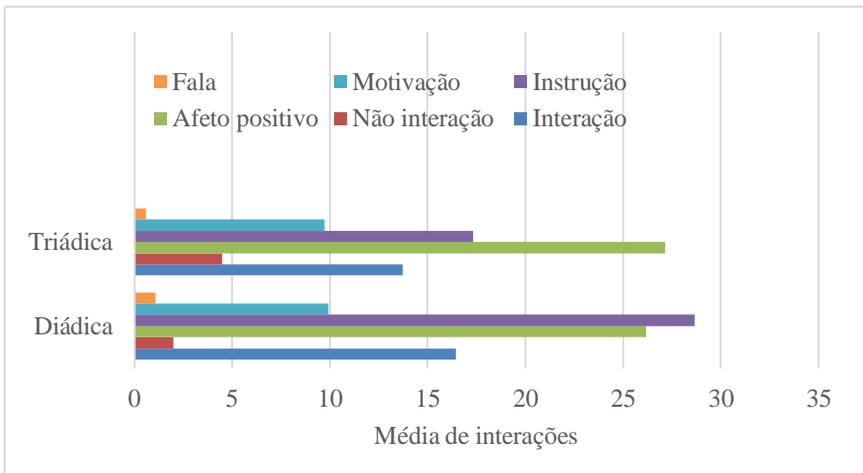


Figura 15. Interação paterna entre os contextos diádico e triádico

5.2.5 Observações diretas: interações parentais na situação triádica

Na Tabela 39 apresenta-se um paralelo mais específico entre as interações pai-criança e mãe-criança durante a situação triádica.

Tabela 39

Interação geral e não interação de pai e de mãe com a criança por contextos diádico e triádico

Interação parental geral	N	Médias (DP)		Teste T
		Pai	Mãe	
Interação Triádica	12	13,71 (3,16)	15,12 (4,47)	t(22) = 0,77; p>0,05
Não Interação Triádica	12	4,50 (3,78)	3,17 (4,69)	t(22) = 1,41; p>0,05

Embora sem resultados estatísticos significativos, a mãe apresenta maior média de interação em comparação ao pai enquanto que o pai possui maior média de não interação em comparação à mãe.

Na Tabela 40 é mostrado um comparativo entre os grupos de interesse deste estudo. Dessa forma, por meio da análise de variância (ANOVA), investigou-se se haviam diferenças entre o comportamento paterno na diádica e na triádica e ainda entre o comportamento materno durante a interação triádica. Os resultados não indicaram diferenças significativas entre os grupos: pai na diádica, pai na triádica e mãe na triádica.

Tabela 40

Comparações das interações parentais em diferentes grupos

Comparações de médias parentais	Médias (DP) Pai na Diádica	Médias (DP) Pai na Triádica	Médias (DP) Mãe na Triádica	ANOVA
Interação geral	16,46 (4,38)	13,71 (3,16)	15,12 (4,47)	F(2) = 1,38; P>0,05
Não Interação	2,00 (3,16)	4,50 (3,78)	3,17 (4,69)	F(2) = 2,03; P>0,05
Afeto Positivo	26,17 (12,73)	27,17 (14,15)	30,92 (14,66)	F(2) = 0,39; P>0,05
Instrução	28,67 (14,00)	17,33 (11,55)	17,58 (0,39)	F(2) = 3,29; P=0,05*
Motivação	9,92 (6,73)	9,74 (4,86)	11,75 (11,33)	F(2) = 0,40; P>0,05
Fala	1,08 (2,31)	0,58 (2,02)	0,25 (0,87)	F(2) = 2,11; P>0,05

Nota. *p<0,05, mas os testes post-Hoc (Tamhane's T²) não revelam diferenças significativas

⁵ Igualdade de variância não assumida

Em termos de médias, pode-se perceber que a média da mãe é maior do que as médias do pai nas situações diádica e triádica em afeto positivo e em motivação. O pai destaca-se com a interação geral e com a instrução na interação diádica e em não interação durante a triádica.

Com relação à situação triádica, ambos, pai e mãe, apresentam maior média em afeto positivo, seguido da instrução. Enquanto que na situação diádica o pai apresenta maior escore em instrução do que em afeto positivo, na triádica a média de instrução paterna decresce e o afeto positivo passa a apresentar média mais elevada.

5.2.6 Observações diretas: correlações entre as interações parentais na situação triádica.

As correlações realizadas entre as interações paterna e materna com a criança na situação triádica revelaram relações positivas entre o afeto positivo do pai e o afeto positivo da mãe ($r=0,83^{**}$) e entre a fala do pai e a fala da mãe ($r=1,00^{**}$). As relações negativas encontradas foram entre motivação do pai e disciplina da mãe ($r=-0,65^*$) e entre instrução do pai e afeto positivo da mãe ($r=-0,65^*$).

Entre os comportamentos do pai durante a triádica foram encontradas correlações negativas entre afeto positivo e instrução ($r=-0,67^*$) e entre o afeto positivo e a não interação ($r=-0,71^*$).

5.2.7 Observações diretas: interações diádicas e triádicas da criança (comportamento infantil)

A seguir serão apresentados os dados a respeito do comportamento infantil durante as interações. Na situação diádica, os dados referem-se especificamente à interação da criança com o pai enquanto que na triádica, os comportamentos são resultados da interação da criança com um ou com ambos os pais, ou seja, diz respeito à interação da criança durante a situação como um todo. Na Tabela 41 estão as frequências do comportamento infantil.

Tabela 41

Frequências de comportamentos da criança

Comportamentos totais da criança	Diádica com pai	Triádica com pai e mãe
Afeto Positivo	475	553
Afeto Negativo	4	2
Obediência/cooperação	189	163
Desobediência/confrontação	24	21
Fala com os pais	11	10
Não interação	24	07

Em termos de frequências a criança apresentou maior frequência de comportamentos na situação triádica (756) em relação à diádica (703). A expressão de afeto positivo da criança foi maior durante a interação triádica também. No restante das categorias a maior frequência de comportamentos infantis ocorreu durante a interação diádica. Por outro lado, a frequência da não interação diminuiu na interação triádica. O número de obediência ou desobediência também diminuiu da interação diádica para a triádica.

A Tabela 42 apresenta o comportamento infantil em termos de média e desvio padrão. Como na interação parental, foi criado um escore geral para representar a interação da criança. Nesse sentido, a variável interação contemplou as categorias afeto positivo (primeira mais frequente), obediência (segunda mais frequente), desobediência (terceira mais frequente) e fala (quarta mais frequente). Optou-se por não incluir a categoria afeto negativo em função da sua pouca ocorrência.

Tabela 42

Médias da interação da criança nas situações diádica e triádica

Categorias da criança	N	Médias (DP)		Teste t pareado
		Diádica	Triádica	
Interação Geral	12	14,56 (3,03)	15,56 (1,89)	t(11) = -1,16; p>0,05
Não Interação	12	2,00 (3,16)	0,58 (1,24)	t(11) = 1,87; p>0,05
Afeto Positivo	12	39,58 (10,82)	46,08 (7,74)	t(11) = -3,64; p< 0,05
Obediência	12	15,75 (8,67)	13,58 (7,38)	t(11) = 0,52; p>0,05
Desobediência	12	2,00 (2,17)	1,75 (1,60)	t(11) = 0,49; p>0,05
Fala	12	0,92 (2,02)	0,83 (2,04)	t(11) = 0,10; p>0,05

Durante a interação triádica os comportamentos da criança aumentaram, mas essa diferença não foi significativa. O resultado

estatisticamente significativo se deu em afeto positivo, onde a média mais alta ocorreu na interação triádica. Pode-se dizer que a interação infantil foi maior quando ela estava interagindo conjuntamente com pai e mãe e essa diferença se deu por um aumento no afeto positivo.

Na Figura 16 exemplifica-se a distribuição dos comportamentos infantis nos contextos diádico e triádico.

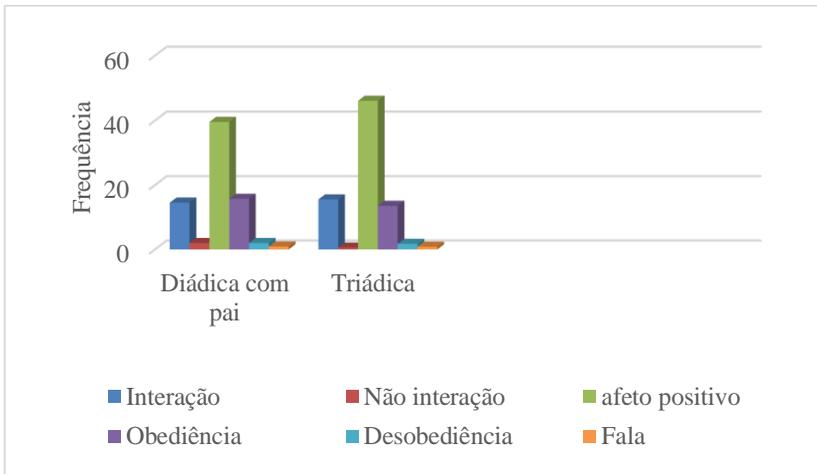


Figura 16. Interação da criança nas situações diádica e triádica

O teste de diferença de médias não apontou resultados estatisticamente significativos em função do sexo da criança e as interações parentais nos diferentes contextos, ou seja, os meninos não interagiram de modo diferente com os pais comparados às meninas.

Por outro lado, indicou que o pai, durante a situação diádica, motivou mais a criança de 4 anos do que as crianças de 5 ou 6 anos [$t(10) = 3,58$; $p < 0,01$].

5.2.8 Observações diretas: correlações entre as categorias infantis e os comportamentos parentais na situação triádica e a relação conjugal

Tabela 43

Correlações da interação da criança com as categorias parentais na situação triádica

	Categorias parentais	Categorias infantis	
		Correlações positivas	Correlações negativas
Pai	Afeto Positivo	Afeto Positivo (0,87**)	Obediência (-0,67*)
	Instrução	Obediência (0,61*)	Afeto Positivo (-0,63*)
	Fala	Fala (0,95**)	
Mãe	Interação geral	Interação geral (0,82**)	Não Interação (-0,80**)
	Não Interação	Não Interação (0,94**)	Interação Geral (-0,96**)
	Afeto Positivo	Afeto Positivo (0,89**)	
	Motivação	Interação geral (0,76**)	
	Instrução	Obediência (0,59*)	
	Fala	Obediência (0,73**)	
		Fala (0,95**)	

Nota. ** $p < 0,01$ (valores muito significativos); * $p < 0,05$ (valores significativos)

Enquanto afeto positivo do pai correlaciona-se positivamente com o afeto positivo da criança, a instrução apresenta relações negativas com o afeto e positivas com a obediência. Do mesmo modo, para as categorias maternas o afeto e a instrução apresentam correlações positivas com o afeto e obediência. Foi encontrado um número maior de correlações entre as categorias infantis e interação da mãe do que a interação do pai na triádica.

Também foram evidenciadas relações entre os comportamentos infantis na situação diádica e os escores do pai na qualidade do relacionamento conjugal (QRC) e na reciprocidade negativa. Correlações positivas entre obediência e QRC ($r = 0,63^*$) e desobediência e reciprocidade negativa ($r = 0,60^*$). Correlações negativas entre obediência e reciprocidade negativa ($r = -0,60^*$).

5.2.9 Observações diretas: interações do casal (situação triádica) e sua relação com as interações parentais

O comportamento do casal foi avaliado pelas categorias afeto positivo, negativo e não interação. O afeto positivo teve uma frequência

total de 231 e a não interação teve uma frequência de 217. O afeto negativo apareceu somente uma vez.

No que se refere às correlações entre as interações do casal e os instrumentos QEP, QRC e Floreal foram encontradas relações negativas entre o afeto positivo e a evitação materna ($r=-0,59^*$) e positiva entre afeto positivo e evocações da mãe ($r=0,62^*$). A Tabela 44 mostra as correlações existentes entre as interações parentais, as infantis e as interações do casal na triádica.

A respeito das correlações entre as interações do casal com as interações do pai com criança na situação triádica, pode-se dizer que enquanto afeto positivo entre o casal apresentou correlação positiva com o afeto positivo (pai-criança) e negativa com a instrução (pai-criança), a não interação entre o casal obedeceu ao sentido inverso e se relacionou negativamente com o afeto positivo (pai-criança) e positivamente com a instrução (pai-criança).

5.2.10 Observações diretas: Relações entre as interações diádicas e triádicas do pai com a criança e as variáveis sociodemográficas

As análises envolvendo as variáveis sociodemográficas e as interações pai-criança revelaram resultados em:

- Instrução do pai na triádica [$t(10) = -2,39$; $p<0,05$]. Pais com ensino superior dão mais instrução ($M=24,00$; $DP=10,37$) do que pais com ensino médio ($M=10,67$; $DP=8,91$).

- Obediência da criança na diádica [$t(8) = 2,37$; $p<0,05$]. A criança expressa maior obediência quando a jornada do pai é de até 30h (28,00; $DP=1,41$) do que quando a jornada é acima de 30h ($M=14,13$; $DP=7,88$).

- Interação geral da mãe na triádica [$t(8) = -2,88$; $p<0,05$]. A interação da mãe na triádica é maior quando a jornada do pai é acima de 30h ($M=15,69$; $DP=3,31$) do que quando é de até 30h ($M=8,37$; $DDP=2,30$).

- Não interação do pai na triádica [$t(10) = -2,37$; $p<0,05$]. Há mais não interação com pais de renda acima de R\$4000,00 ($M=6,67$; $DP=3,93$) do que com pais com renda abaixo de R\$4000,00 ($M=2,33$; $DP=2,16$).

5.2.11 Observações diretas: relações entre envolvimento do pai, relacionamento conjugal e as interações paternas.

As correlações entre as interações paternas e o envolvimento parental são apresentadas na Tabela 44. O relacionamento conjugal não apresentou relações significativas.

Tabela 44

Correlações envolvendo as interações paternas (diádicas e triádicas) e o envolvimento parental

	1	2	3	4	5
TC pai	0,60*	0,00	0,62*	-0,07	0,01
JF pai	0,52	0,65*	0,15	0,54	0,07
SE pai	0,16	-0,03	0,61*	0,06	0,33
AM mãe	0,53	0,40	0,38	0,58*	0,16
TC mãe	-0,24	-0,43	-0,17	0,25	0,70*

Nota. ** $p < 0,01$ (valores muito significativos); * $p < 0,05$ (valores significativos)
 1-motivação na diádica; 2-motivação na triádica; 3-fala na triádica; 4-interação na triádica; 5-afeto positivo na triádica.

As tarefas de casa do pai apresentaram correlações com a motivação e a fala. Os jogos físicos também estão relacionados com a motivação. O suporte emocional apareceu relacionado com a fala. Para o envolvimento materno foram a abertura ao mundo e as tarefas de casa que mostraram-se correlacionadas com a interação geral e com o afeto positivo do pai na interação triádica.

5.3 ESTUDO 2. RESULTADOS DAS ANÁLISES QUALITATIVAS (ENTREVISTAS E VÍDEOS)

5.3.1 Resultados das Análises dos vídeos

Os vídeos foram revistos no sentido de procurar evidenciar qualitativamente os aspectos intrínsecos aos comportamentos computados durante a análise de ocorrência das categorias. Desse modo, será apresentada a seguir uma análise mais detalhada e complementar aos dados das interações.

O ambiente das filmagens ocorreu, na sua grande maioria, na sala de estar da residência das famílias. Houve casos também em que as observações foram realizadas no quarto da criança. As famílias permaneceram num espaço delimitado por um tapete disponibilizado pelas pesquisadoras e, de posse do brinquedo de sua escolha, iniciavam a interação quase sempre um de frente para o outro. Em algumas famílias, principalmente durante a interação diádica, o pai ficava posicionado ao

lado da criança. Geralmente, durante as interações triádicas, pai e mãe ficavam um ao lado do outro, enquanto a criança permanecia a frente.

Durante as situações, a instrução, a motivação e o afeto verbais ficaram evidentes. Na diádica os pais tendiam a iniciar as interações com a criança. Em duas famílias foram as crianças que constantemente iniciavam e conduziam as atividades, incentivando o pai a ajudarem elas na brincadeira (famílias 4 e 7). Na triádica, na maioria das situações a mãe foi quem iniciou as interações e seguiu dando instruções ao pai e à criança, organizando a brincadeira.

Na Tabela 45 são apresentados alguns aspectos verbais elencados pela pesquisadora, como importantes para destacar as interações ocorridas.

Tabela 45

Extratos retirados das falas ou situações das interações

	Diádica	Triádica
Pai	<p><i>Isso! Assim ó! Aqui ó! Ajuda a procurar, coloca lá do outro lado, ao contrário, e agora o que vai aqui? Aqui ó todos eles até acabar as peças, deixa eu ver... não não é aí, é esse aqui será? Aí ó vamos montando, aê ó, deu? Tu sabia que era essa? Não vale o que você tá fazendo, tá bom, ei vamos fazer uma cidade? Aqui pode ser o chaminé ó, procure aí, vai me ajudar? Vai fazer o quê uma nave? Dá pra fazer assim ó quer ver? Vamos fazer igual tá ali tá? Isso agora o vermelhinho em cima, vê se tu acha um desse aqui, tá, esse verde aqui do palmeiras ó, sabe tudo, é difícil esse né, tá indo mais rápido do que o pai, tá conseguindo mesmo, que é aquele ali? Ah tá certo, eu não sabia que você era tão boa nisso, aqui é a bruxa malvada, como que monta? Então dá pra gente fazer um parque o que tu acha? Ficou chique? Assim não dá,</i></p>	<p><i>Chama a criança pelo nome ou apelido ou de querido, ou linda, encosta a cabeça no ombro da criança. O que vai fazer? Ajuda o pai, agora faz que nem a mãe fez aqui ó, não faz mal, onde? Embaixo aqui? Assim mesmo? Vai tentando fazer desse jeito ó, será que cabe esse aqui ó? Não assim linda ó, tá vamos lá, aí ó fica olhando aqui ó (apontando para as instruções da caixa), vamos fazer esse aqui ó, vira aí tudo (chama a criança pelo apelido), tamo encaixando, ó consegui encaixar um, deixa eu ver esse? Que dê o resto daqui ó? Tu vai ensinar pro pai agora, tá mas o que a gente vai montar? Você sabe o que é isso? Olha o desenho ó tá bem fácil, lê as instruções na caixa.</i></p>

Criança	<i>Pai encaixa pra mim, é a sua vez, pai? Tem que prestar atenção, bota esse aqui, olha ela vai entrar aqui ó pai, vai ficar muito alto, olha pai tá alto, pega pega, como que se monta isso meu Deus?</i>	Encosta-se no pai e vai para o colo da mãe. <i>Ó pai ajuda a mãe fica aí olhando, isso é fácil, tem que achar o cachorro, o cabritinho mãe, ajuda mãe.</i>
Mãe na triádica	<p>Responde perguntas da criança e pega no colo, dá beijos, arruma o cabelo, chama a criança pelo nome ou apelido ou ainda de filho (a). <i>vai colocando as outras peças agora para não cair, aqui ó eu acho que já achei, tem que tentar se não você não sabe, tenta tenta aí ó viu, monta aqui ó mano, ó pai ajuda ele a montar, e como que a gente faz esse degrau aqui? Observa o pai, olha ficou bonitinho, sabe o que parece? Ó esse aqui é o cavalo, olha que legal, qual é o primeiro passo do quebra-cabeça? E agora? Ajuda pai ajuda, aqui ó (nome da criança) do outro lado, eh esse vai ser bem fácil, cadê aquela parte? Tem que ver o desenho se tá igual, segue pelas cores, isso garota, olha aqui pra mãe, que que é isso aqui (nome da criança), cadê o vestido da moça da princesa? Que lindo esse quebra-cabeça, me diz o que é que vocês estão fazendo ai? Vamos fazer uma torre com essas janelinhas aqui, filho tá sobrando ali mamãe vai botar aqui ó, vamos desfazer as pecinhas? Montar carro é com o pai, tu monta o carro com o pai e a mãe monta a oficina.</i></p>	

Quando ocorreu a fala não relacionada à atividade, foi uma fala direcionada à cidade onde vivem, os pais (pai e mãe) faziam perguntas de conhecimentos gerais da criança (exemplo: *o que tem na nossa cidade? Como é o nome daquela ponte? Holanda, é um país ou uma cidade?*) e ainda sobre a escola ou a natação (exemplo: *o que vc fez na escola hoje? Que tipo de nado você já sabe fazer na natação?*).

Essas são algumas das frases utilizadas durante as interações e servem para indicar de que forma foram feitas as instruções, motivações e até mesmo as expressões de afeto. Ambos os pais fizeram tentativas de chamar a atenção e de envolver a criança na atividade, instigando, fazendo perguntas e incentivando o raciocínio. A mãe tendia a chamar mais a criança pelo nome ou utilizar um apelido carinhoso, e tentava direcionar a atenção da criança para o que o pai estava fazendo. Também era ela quem dava mais as ideias do que construir, fornecendo algumas diretrizes e expressando falas como *bonitinho, é fácil* e *é legal*. Ambos demonstraram proximidade corporal com a criança, mas a mãe apresentou o maior número de contato corporal, beijando e pegando a criança no colo e também arrumando o cabelo. Enquanto que o pai direcionou mais sua interação a como fazer (instrução) *faz assim ó, aqui ó, olha aqui ó, faz*

como está aqui. A criança apresentou episódios chamando a atenção de ambos pai e mãe para participar da tarefa.

É importante destacar ainda que, na maioria das interações, houve a presença de algum tipo de faz-de-conta e de objetivo para a atividade. Tanto pai quanto mãe sugeriam temas para construir (cidade, animais, avião, castelo, ou comentavam sobre os personagens do quebra-cabeça) e, em algumas famílias, após a construção propriamente dita, as famílias continuavam se envolvendo na brincadeira por meio de estórias e personagens.

Abaixo seguem algumas imagens ⁶que permitem melhor identificar o ambiente e as características das interações. A Figura 17 reflete um exemplo de instrução paterna, em que o pai recorre inclusive às instruções dadas pelo brinquedo para orientar a criança na construção e, uma expressão de afeto da mãe com a criança incluindo o toque corporal. Pode-se dizer que essa imagem oferece um indício de algumas diferenças encontradas entre as interações parentais, pois ambos instruíram e realizaram afeto, mas o pai mais marcadamente desempenhou essa função de instrução, enquanto que a mãe, durante o afeto apresentou mais contato corporal.



Figura 17. Instrução do pai (que lê as instruções na caixa do brinquedo) e afeto da mãe (que acaricia o rosto do filho) na triádica.

A Figura 18 exemplifica as situações em que a criança, na maior parte das vezes, expressou seu interesse pela atividade e procurou envolver o pai, fazendo comentários a respeito da brincadeira e até mesmo chamando a atenção dele para a construção.

⁶ Por procedimentos éticos as imagens passaram por um tratamento mais específico para serem adicionadas ao corpo do texto.



Figura 18. Interação da criança com o pai

A terceira imagem demonstra um dos comportamentos evidenciados durante a participação materna, em que a mãe instruiu e orientou pai e criança para a atividade.



Figura 19. Instrução da mãe na triádica



Figura 20. Interação do pai na diádica e na triádica

A última imagem selecionada, objetiva identificar a interação paterna durante a diádica e a triádica. Nesse caso, o pai teve uma alta frequência de comportamentos na diádica e, embora tenha diminuído essa frequência

na triádica, continuou interagindo na medida em que a quantidade de suas interações aproximaram-se das ocorrências de comportamentos maternos. Pode-se dizer que entre o casal também ocorreu uma boa interação e que houve uma certa igualdade e troca entre pai e mãe durante as interações, visto que não é tido como ideal que, durante a triádica, algum dos pais apresentem uma prevalência muito alta de comportamentos em detrimento do outro.

5.3.2 Resultados das análises da entrevista

Foram selecionados alguns dos resultados obtidos por meio das análises das entrevistas com pais e mães, em conformidade com os objetivos deste trabalho. Dessa forma, o sistema de categorias foi originado a partir das perguntas feitas tanto para o pai como para a mãe. A seguir serão apresentados os quadros contendo as categorias juntamente com as subcategorias e os elementos temáticos.

As descrições e os extratos das falas⁷ considerados importantes para ilustrar os resultados também serão apresentados.

A **categoria 1**, sentimentos sobre a paternidade/maternidade, indica o que o pai ou a mãe sentem enquanto pais ou como eles se sentem nesse papel. Esta categoria está dividida em duas subcategorias: sentimentos positivos e de preocupação.

O Quadro 1 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

⁷ Os exemplos das falas do pai estarão identificados ao final com a letra “P” seguida do número que corresponde à família. Do mesmo modo, as falas da mãe serão identificadas pela letra “M” seguidas do respectivo número da família.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
1.Sentimentos sobre a paternidade/ maternidade	Pai	Mãe
1.1 sentimentos positivos	Feliz Realizado Prazeroso Orgulhoso Uma mãe Tranquilo Dedicado	Maravilhoso Realizada Melhor sensação Mãezona Tranquilo Vínculo para o resto da vida Recompensador Um aprendizado Surpreendedor
1.2 sentimentos de preocupação	Falta de preparação e experiência Exige responsabilidades Pouco tempo Preocupação com questões financeiras Preocupação em caso de problemas de saúde	Difícil por ser o primeiro filho Exige esforço e equilíbrio entre ser mãe e trabalhar Dá trabalho e gera estresse Ser ou não uma boa mãe Certo ou errado Sempre pode melhorar.

Quadro1. Categoria 1 referente aos sentimentos sobre a paternidade/maternidade

A subcategoria sentimentos positivos foi contabilizada quando pais e mães referem sentimentos que podem ser elencados como bons ou positivos a respeito da paternidade/maternidade.

Ambos os pais referiram se sentir realizados e tranquilos e relataram uma sensação de prazer.

- Olha, eu te diria assim que eu tenho muita... Como é que eu vou te dizer? Eu tenho muito prazer em ser pai (P12).

- Como é ser mãe? É a coisa mais... como é que eu vou dizer? A sensação melhor do mundo é ser mãe (M04).

Um, dentre os homens, referiu sentir-se como “uma mãe”, indicando dedicação ao ser pai. A palavra “mãe” também foi utilizada para

expressar como as mulheres se sentiam na função, expressando sua participação e acompanhamento às atividades com a criança.

- Agora eu já me sinto uma mãe, sabe? [risos] (...) eu assim, tô tentando me dedicar. Tentando não, tô buscando dentro da minha limitação de tempo, de trabalho e tal... de uma maneira muito dedicada mesmo assim, muito profunda assim (P08).

- Nossa! Assim, eu me sinto bem mãezona assim, nossa. É, se tem reunião eu acompanho, festinhas na escola, eu tô sempre lá. Saio do serviço mais cedo, dou um jeito (M07).

As mães, também indicaram sentimentos relacionados ao aprendizado e às mudanças ocasionadas com a maternidade.

- Ah...eu adoro, tem dois lados né, eu amo ser mãe. Eu acho que é muito recompensador, é... A gente aprende muito, a gente desenvolve algumas coisas que antes a gente, eu não tinha muito o olhar né (M03).

- (...) Simplesmente aconteceu e eu me surpreendi positivamente assim, eu não esperava que eu tivesse tanta dedicação, tanta paciência (M08).

A subcategoria sentimentos de preocupação diz respeito às afirmativas em que ambos os pais referem algum sentimento de precaução ou de dúvidas, expressando as responsabilidades que a paternidade e a maternidade envolvem.

Tanto pai quanto mãe indicaram sentimentos de preocupação levando em conta a falta de experiência com a nova função.

- (...) ninguém é preparado, né? A maior dificuldade do primeiro filho é você não entender o que acontece (...)(P09).

- No começo foi difícil né?! Mas agora tá bem né?! Acaba sendo natural. No começo não tem experiência, não sabe como lidar com a situação (P01).

- No começo foi bem difícil né, porque primeiro filho, nunca, nunca tive contato com criança, minha mãe mora longe, minha sogra também, eu... tudo sozinha assim, mas hoje em dia eu olho ela e falo aí

que bom, acho que consegui [risos], ou ela conseguiu sobreviver [risos] (M05).

Os pais e as mães também referiram sentimentos em relação às exigências de responsabilidades.

- Agora tem muito mais responsabilidade, você não é só mais responsável por você e por uma pessoa que se vira sozinha também. Você é responsável por uma pessoa que não se vira sozinha também. Então, é um peso que você vai ter (P03).

- Dá trabalho! Dá, dá muito trabalho, dá muito serviço, dá muito estresse, mas eu acho que eu não seria feliz se eu não fosse mãe. Não seria (M04).

O pouco tempo disponível para a criança, em função das exigências do mercado de trabalho também foram alvo de preocupação.

- Mas é pouco tempo pra ficar brincando, pra ficar aproveitando. Muito corrido o serviço, e acaba não tendo, não é que não tem tempo, tem pouco tempo pra poder estar junto (P06).

- Então eu acho que eu... eu deixo um pouco a desejar, porque assim, até eu me esforço, me esforço bastante só que trabalhar e ser mãe é muito difícil, ainda mais os meus, eles requerem 24 horas (M09).

Enquanto os homens relataram preocupações relacionadas aos problemas que podem vir a ocorrer na vida familiar, envolvendo questões financeiras e também a saúde dos filhos, as mães ressaltaram questionamentos a respeito de ser ou não uma boa mãe e de estar fazendo certo ou errado.

- Então a gente trabalha, essas coisas de trabalhar em dois empregos, querer dar uma casa melhor pra elas, querer dar uma criação melhor pra elas. Eu não me via assim como pai, realmente não me via assim (P11).

- (...). Então eu costumo dizer assim, que nenhum problema pra mim é tão grave quanto um problema assim quando os meus filhos não

estão legal assim de saúde. Isso realmente me deixa assim bem chateado, e preocupado (P12).

-Ah, eu fico bastante entre uma mãe ótima e achar que eu sou um fracasso [riso]. Eu acho que ser mãe é essa “nunca constância”, né? Porque eu tento dar o melhor de mim (...) às vezes eu até me perco um pouco... porque isso tem que estar aliado à disciplina também, né, à educação também... Então às vezes eu digo “Meu Deus do céu!” [risos](M06).

A **categoria 2**, participação nas atividades familiares, representa as atividades que o pai e a mãe dizem realizar com relação à família no geral. Foi dividida em duas subcategorias: participação nas atividades da casa e participação nas atividades com a criança.

O Quadro 2 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
2. Participação nas atividades familiares	Pai	Mãe
2.1 participação nas atividades da casa	<p>Ajuda pouco</p> <p>Não tanto quanto a esposa</p> <p>Geralmente quando está em casa</p> <p>Quando precisa na cozinha</p> <p>Compartilhar ou revezar as tarefas</p> <p>Ajuda a esposa quando ela pede.</p>	<p>Fazer e pensar em tudo</p> <p>Tomar as decisões</p> <p>Tarefas da casa e administrativas</p> <p>Organizar e preparar as coisas para o outro dia</p> <p>A maior parte do trabalho</p> <p>Tarefas domésticas</p>
2.2 participação nas atividades com a criança	<p>Brincar dentro e fora de casa</p> <p>Ajudar nas tarefas da escola</p> <p>Sair com o filho</p> <p>Envolver a criança numa atividade que está fazendo</p> <p>Interagir durante as refeições</p> <p>Ler histórias</p> <p>Levar e buscar na escola</p> <p>Ver televisão</p> <p>Visitar pessoas da família</p> <p>Participar do que a criança está fazendo.</p>	<p>Brincar dentro e fora de casa</p> <p>Ajudar nos deveres da escola</p> <p>Incluir a criança nas atividades diárias</p> <p>Interagir durante as refeições</p> <p>Atividades de leitura.</p> <p>Participar das atividades da rotina</p> <p>Tentar estabelecer regras e limites</p> <p>Interagir com qualidade prestando atenção na criança</p>

Quadro 2. Categoria 2 referente à participação de pai e mãe nas atividades familiares

A subcategoria participação nas atividades da casa diz respeito às atividades que os pais relatam realizar em casa. Os homens referiram participar pouco das atividades relacionadas à casa, ajudando a mãe quando necessário ou quando ela pede.

- Então, a minha resposta seria essa, que eu procuro contribuir, aos pouquinhos, quando dá. É claro que, às vezes, eu também chego tarde do trabalho e eu não consigo mais. Mas sempre que eu posso, eu ajudo (P12).

-(...) mas quando ela me pede e se eu estou vendo que ela está apertada, eu já interfiro na hora: “oh deixa que eu faço, deixa que eu levo, deixa que eu busco, deixa que eu faço isso”, e ela consegue resolver outras coisas (P09).

O pai indicou também não participar tanto quanto a mãe ou tanto quanto ela gostaria e realizar atividades na cozinha.

-Na medida do possível sim, acredito que minha mulher gostaria que eu participasse mais, mas eu participo sim, em muitas coisas. Trabalhos domésticos, não muito, mas vou lá, às vezes precisa que vá, sei lá, estender uma roupa, eu vou, precisa é... ajudar na cozinha, eu faço tudo, cozinheiro às vezes também (P05).

- Não participo muito não. Mais é final de semana que eu gosto de assar uma carne, já pra tirar a mulher do fogão (...). Eu não ajudo muito não. Mesmo porque a [nome da esposa] nunca pede (...). Só quando ela pede mesmo, quando ela tá cansada às vezes. Eu lavo uma louça (...) (P11).

As mulheres relataram desempenhar a maior parte ou todas as tarefas com a casa, referindo atividades de organização e tomadas de decisões.

- Todos, todos, todos! É mais eu do que o meu marido, mais eu assim (...). Então, tipo assim é eu. Eu que tomo mais assim... as decisões. Não que eu não converse com ele né?! Mas mais assim é eu, eu acho (M04).

- Tudo... faço de tudo. Eu...sempre arrumo a casa, arrumo as coisas dela, passo roupa, faço comida, é... por mais que eu não almoce em casa, sempre tem alguma coisa pra comer a noite, ela janta, ela não faz lanche a noite, ela quer comida, e meu marido as vezes consegue vir pra casa almoçar então sempre tem alguma coisa né, e... todas as coisas assim da casa e também a parte de administração, de pagar conta, ver o que que precisa pagar, o que que tá faltando na casa, fazer compra no supermercado, é tudo isso eu... eu cuido (M05).

A segunda subcategoria, participação nas atividades com a criança, refere-se às tarefas em que o pai e a mãe dizem desempenhar em relação aos filhos ou filhas. Atividades que fazem quando estão com a criança.

Atividades em comum foram relatadas por pais e mães, dentre elas, as atividades de leitura, incluir a criança nas atividades que está realizando, ajudar com as atividades escolares, interagir durante as refeições e brincar dentro e fora de casa.

- *O convívio diário com ela(...). Leio história, vou passear com ela, essas coisas assim. Tento fazer desenho, assim, brincar com alguma coisa, e às vezes ela me ajuda com alguma coisa que eu tô fazendo, que eu preciso fazer, ela vem e tal (...). É muita coisa com livro também que ela gosta muito (...). Alguns filmes, mas a noite não, porque a noite... (P05).*

- *Aí durante a semana na verdade eu vou resolver coisas minhas e ela vem junto. Eu vou até o supermercado (...). Se não precisar fazer isso, normalmente andar de bicicleta. Se eu tô muito cansado, é alguma coisa em casa. No final de semana a gente tenta explorar, vai fazer trilha, vai pra praia, vai fazer coisas desse tipo (P03).*

- *Ler, mas é mais uma atividade nossa, e, além disso de interação com o [nome da criança] durante o dia, isso na hora da comida, da janta, que interagimos mais, e entre as coisas que a gente tem que fazer em casa né, não dá muito tempo, às vezes eu incluo ele quando eu faço bolacha, que ele já fica comigo assim, mas é assim, são coisas que um pouquinho né... acho que nossa maior interação é na noite (M10).*

- *Olha, as vezes a gente joga bola lá fora, vamos lá pra estrada, andamos de bicicleta, as vezes a gente caminha até lá pra cima, coisas assim (...). (M02).*

Nas falas acima, ressalta-se algumas particularidades nas atividades de pai e de mãe, mesmo tratando do mesmo assunto geral. Por exemplo, nas atividades que os pais têm que realizar e a criança participa, a mãe refere incluir a criança nas atividades da casa e o pai expressa mais uma ação de levar a criança junto para resolver coisas particulares.

(...) às vezes ela me ajuda com alguma coisa que eu tô fazendo, que eu preciso fazer, ela vem e tal (...). (P05).

(...) eu vou resolver coisas minhas e ela vem junto (P03).

(...) às vezes eu incluo ele quando eu faço bolacha, que ele já fica comigo assim (...). (M10).

Outra particularidade observada foi a de que o pai refere mais atividades de aventura em relação à mãe ou de sair explorar lugares diferentes ou não tão próximo de casa.

(...) a gente joga bola lá fora, vamos lá pra estrada, andamos de bicicleta, as vezes a gente caminha até lá pra cima (...) (M02).

(...) a gente tenta explorar, vai fazer trilha, vai pra praia, vai fazer coisas desse tipo (P03).

Dentre as diferenças encontradas entre pai e mãe, com relação às atividades que realizam com a criança, pode-se dizer que as atividades paternas envolvem sair com os filhos, levar para visitar pessoas da família, ver televisão, levar e buscar na escola e inserir-se nas atividades que a criança está realizando. Enquanto que as atividades maternas são estabelecer um tempo para dar atenção à criança, atividades da rotina diária e estabelecer regras e limites.

Por meio dos extratos abaixo é possível verificar que para a mãe, é necessário disponibilizar um tempo para interagir diretamente com a criança, fornecendo atenção e interações de qualidade. Para o pai os momentos de interação provêm de situações propiciadas pela ocasião do dia.

- (...) eu não digo mãe ou... qualquer um dos dois, as vezes a criança não quer quantidade, ela quer qualidade, não adianta eu tá com a criança com a televisão ligada, tu tá com a criança, mas tá prestando atenção na televisão. É qualidade, olha para a criança e brinca com a criança, presta atenção no que ela quer, no que ela tá te mostrando (...) (M08).

- Geralmente quando eu tô cansado eu vejo filme com ela, ela fica quietinha. Ela gosta de ver filme, desenhinho. Eu fico com ela, geralmente eu durmo. E ela fica vendo, ela gosta geralmente de ver filme (P11).

- Não é uma coisa assim, “vamos fazer alguma coisa junto”, não, é uma coisa assim como “ah agora eu tenho tempo e vamos fazer alguma coisa”, senão eu tento me somar àquilo que ele tá fazendo (P10).

O extrato abaixo exemplifica a mãe referindo a sua participação nas atividades de rotina diária com a criança.

- Também, em tudo, em tudo. O [nome da criança] vai pro banho mas eu vou no banheiro junto com ele. Ele passa o sabonete, mas eu estou auxiliando, ele se enxuga mas eu estou junto em todos os momentos... Em todos os momentos (M06).

A **categoria 3**, fatores que interferem na participação paterna/materna, descreve, de uma forma geral, os aspectos que, segundo ambos os pais, poderiam favorecer ou atrapalhar/inibir a sua participação com a criança. Foi dividida em duas subcategorias: fatores que ajudam ou favorecem e fatores que inibem ou atrapalham sua participação.

O Quadro 3 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
3. Fatores que interferem na participação dos pais		
3.1 fatores que ajudam ou favorecem	Trabalho em casa ou com flexibilidade de horários Convívio familiar Concordância entre os pais a respeito das atividades com a criança Dividir as funções e tarefas parentais Referência da família de origem.	Não trabalhar fora ou com flexibilidade de horários Presença da família Família estar distante Ajuda do pai Manter um bom relacionamento com a criança Desejo e sentimentos positivos ao ser mãe Apoio da mídia televisiva e impressa
3.2 fatores que inibem ou atrapalham	Falta ou necessidade de administrar o tempo Jornada de trabalho fora de casa Idade ao ser pai Fatores individuais como o estresse pelo trabalho ou algum problema de saúde.	Falta de tempo Jornada de trabalho fora de casa Tarefas da casa e com o marido.

Quadro 3. Categoria 3 referente aos fatores interferem na participação paterna/materna

Na subcategoria fatores que ajudam ou favorecem a participação paterna, pais e mães foram convidados a descrever o que, na opinião deles, poderia facilitar sua participação ou levar a um aumento no seu envolvimento.

O fato de não precisar trabalhar fora de casa, ou ter flexibilidade de horários foi apontado pelos pais e pelas mães como determinantes que favorecem a sua participação com a criança.

- Sim, acho que um dos fatores é que como eu trabalho em casa, então eu tô sempre em contato com eles, outro fator que contribui é que como meus pais moram aqui, minha irmã, os pais da minha esposa vêm sempre pra cá, então existe um convívio familiar bem grande, todo mundo junto, todo mundo colaborando e eu acho isso bem legal (P09).

- Assim ó, novamente o foco do trabalho, a gente tem muita flexibilidade, o escritório é nosso, a gente faz o nosso horário (...). Então assim, o meu trabalho facilita muito assim (...) (P08).

- O bom pra mim é que eu não trabalho assim é... faço algumas coisas assim, um pouquinho, umas horas, assim eu não quero é... trabalhar fora, um horário de rigidez e por enquanto a gente ainda não tá precisando sabe? E isso tem favorecido pra eu ter mais tempo pra ele (M10).

O convívio familiar também foi citado como importante aspecto para favorecer a interação do pai e da mãe com a criança. Uma mãe referiu o fato de não poder contar com a presença direta da família como sendo um aspecto positivo.

- Olha, o fator família, sabe assim, né eu tenho a minha família muito presente, tanto minha mãe, meu sogro, minha sogra, minha mãe, meu pai, minha irmã e assim, eles ajudam muito né, então adiantam as coisas ora eu quando pegar ele já tá (...) (M12).

- Hum... eu acho que pelo fato assim que pode parecer ruim, mas as vezes é bom, é o fato de eu também tá longe da minha mãe, da minha sogra, eu acho que isso também me ajuda a ser mais mãe dela, pelo fato de elas estarem longe né, de não ter assim muito com quem contar, e... ah... eu acho que é isso, fatores que me ajudam eu acho que é isso (M05).

Foram encontrados extratos em que o pai relata que a referência da família de origem contribui para seu envolvimento e que aponta o fator de divisão de tarefas com a mãe como importantes.

- Minha lembrança de meu pai e de minha mãe, tem me auxiliado na hora de cuidar do meu filho, em relação a ter lembrança de eu sendo filho, para com meu filho. Acho que esse fator tem sido importante, porque se não tivesse essa referência, com certeza acho que não teria parâmetro de comparação (P10).

- Pelo fato de dividir as funções aqui em casa né, então a gente procura também... Eu sempre levo ele pro colégio, às vezes a [nome da esposa] busca. Eu quando posso buscar também busco. Então a gente procura dividir, é um fator que ajuda. Porque daí não é um só né? (P12).

- (...) ela [mãe] também facilita muito, às vezes eu preciso viajar e tal e ela vai levar no colégio e tal...enfim tem muitas coisas assim (P08).

O apoio da mídia e o bom relacionamento com a criança foram apontados pelas mães. Elas também relataram a respeito do apoio do esposo, dos sentimentos positivos em relação à maternidade como influentes nesse processo.

- Ah, tipo, ele dentro de casa me ajuda bastante, eu acho que sem o [nome do marido], ia ser bem complicado. Ele me ajuda muito, muito, muito. Ele é bem parceirão. Tipo, como é que eu posso dizer, ele segura uma pra eu cuidar da outra (...) (M11).

- Ai, acho que... Acho que o valor sentimental que ajuda, o carinho, o amor, o desejo de ser mãe... Esse sentimento que eu acho que não tem como não ser assim, né? eu não me vejo não participando dessas coisas, eu tenho alguém que me ajuda, mas só me ajuda pra fazer uma limpeza, uma coisa mais (...) (M06).

Na subcategoria fatores que inibem ou atrapalham a participação paterna, pais e mães foram convidados a descrever o que, na opinião deles, poderia dificultar sua participação ou levar a uma redução no seu envolvimento.

A falta de tempo e a jornada de trabalho fora de casa foram apontadas como fatores que interferem na participação tanto do pai quanto da mãe.

- Tempo né, a grande questão hoje é tempo e... como todo mundo hoje, o tempo tá cada vez mais... tem que administrar da melhor maneira possível, mas nem sempre dá tempo de fazer aquilo que nós gostaríamos de fazer, acho que isso seria a maior dificuldade (P09).

- Então acho que isso, como a pergunta disse, termina um pouco atrapalhando sim, porque com certeza se eu ficasse todo tempo por casa, minha relação com meu filho seria melhor (...) (P10).

- Um fator que prejudica... Nos primeiros anos era muita carga de trabalho, então tinha muita coisa pra fazer, emprego novo, uma série de coisas e não dava pra ficar tanto tempo. Se voltasse há 20, 30 anos atrás, meu pai não ficava nada com a criança. Aí hoje tem-se expectativas do pai ficar mais... No passado era a mulher 100%. O pai só vinha a noite, dava um beijinho e acabou né, brincava muito pouco. Nesse aspecto eu sou bem tranquilo, hoje não tem nada que prejudique muito não, eu tenho mais controle sobre o meu tempo. Mas quando ela era menor eu não tinha controle, outros tinham controle sobre o meu tempo. Então aí eu não conseguia ficar o tempo que eu gostaria com ela, hoje não (P03).

- Ter uma vida muito corrida, por isso que nós optamos para ano que vem eu não trabalhar, né? Mesmo que financeiramente a gente sabe que seria melhor, mas a gente não compensa em relação às crianças, né, deixa eles crescerem... que nem eu também, queria voltar a estudar né, mas eu sei que não é o momento, né então deixa eles crescer um pouco mais e aí depois eu faço, a gente faz o que quer, o que tem vontade, por enquanto (...) (M12).

É importante sinalizar aqui que o pai da família 03, dentro do fator tempo que atrapalha o envolvimento, levantou uma questão a respeito das expectativas atuais relacionadas à função paterna, na qual espera-se que o pai esteja mais em contato direto com a criança e a falta de tempo acaba não contribuindo para que essa interação ocorra da forma como é esperado. Ainda, a mãe da família 12 faz uma importante afirmação de que pode vir a deixar de trabalhar e de prolongar seu desejo de voltar a estudar visando conseguir ter mais tempo para dedicar aos filhos.

Outros determinantes tais como a idade, estresse e saúde foram elencados pelos homens como sendo influentes na relação pai-filho.

- *É o que eu falo, eu fui pai aos 34 anos, então... acredito que se tivesse sido pai aos 20 eu teria corrido com ele, entende? Então a força já não é a mesma (...)* (P10).

- *Quando tá aquela semana ruim por exemplo, e você não trabalha bem, você não lida bem com a criança também. Mas não é nada específico assim, com a criança. Tem uma semana que eu não tô com uma gripe, que tá tudo bem, dorme bem, aí tá mais feliz com a criança também* (P03).

A mãe apontou também que o acúmulo de tarefas e funções de esposa e de mãe podem vir a atrapalhar seu envolvimento com a criança.

- *(...) ter que trabalhar e ter que atender também as demandas com o marido, essa divisão de papéis, aí essa divisão você fica sempre... Tem a culpa em relação à criança né? O que você tem que fazer e o que você não faz direito, então isso atrapalha assim, fica tudo misturado e às vezes não dá pra dividir os papéis direito né?* (M03).

A **categoria 4**, influência da mãe/pai, diz respeito às atitudes maternas ou paternas, que na opinião de ambos os pais, podem favorecer ou inibir a sua participação no cuidado com a criança. Duas subcategorias representam as respostas paternas e maternas: atitudes que podem favorecer e atitudes que podem atrapalhar.

O Quadro 4 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
4. Influência da mãe no comportamento do pai ou Influência do pai no comportamento da mãe.	Pai	Mãe
4.1 atitudes (paternas ou maternas) que favorecem a participação	<p>Inclusão desde o momento do parto</p> <p>Troca de ideias ou ajuda na educação da criança</p> <p>Soma ou complementa a interação</p> <p>Permite ou incentiva a interação da criança com o pai</p>	<p>Mostrar-se disponível para ajudar quando a mãe solicita ou não</p> <p>Contribui para disciplinar as crianças</p> <p>Ajuda nos afazeres domésticos e de organização da família</p> <p>Ser companheiro e compartilhar tarefas</p> <p>Presença fundamental na vida dos filhos e da mãe</p>
4.2 atitudes (paternas ou maternas) que atrapalham a participação	<p>Não interação conjunta</p> <p>Visão diferenciada a respeito do que é importante para o futuro do filho</p> <p>Diferenças nas personalidades</p> <p>Não permite ou não abre espaço para a participação paterna</p>	<p>Atitudes diferentes em relação à educação da criança</p> <p>Não concordar ou fazer críticas à mãe.</p>

Quadro 4. Categoria 4 referente à influência do pai ou da mãe na participação paterna ou materna

Na subcategoria sobre as atitudes maternas ou paternas que podem favorecer ou contribuir de modo positivo para a participação dos pais, o pai respondeu a respeito de como ele avalia a influência da mãe na sua participação e a mãe, do mesmo modo, relatou sobre como ela avalia a influência do pai na sua participação. Essa subcategoria referiu mais especificamente se e como a mãe ou o pai poderiam contribuir ou ajudar na participação com os filhos.

As questões de inclusão, permissão ou de incentivo foram referidas pelo pai como sendo atitudes maternas que podem favorecer sua participação com a criança.

- (...) *Eu fui pai biologicamente nessa relação agora, sou um pai mais completo, entendeu? Desde o início... desde do parto eu tava presente e tal e não sai mais de perto, entendeu? Porque, porque a mãe, ela tem que permitir também, tem que permitir (P05).*

- *Ajuda, com certeza, porque ela, muitas vezes ela, chama a atenção da [nome da criança], “vai lá fala com o pai”, “faz isso, faz aquilo”. Sem dúvida, não tem disputa, não tem né, eu sou... é tudo aberto, todo mundo junto. Realmente nesse aspecto é(...) (P08).*

Os homens ainda relataram como fatores importantes poder contar com a presença da esposa tanto com relação à educação, como na interação direta com os filhos.

- (...) *mas também porque a gente sempre tá trocando ideias e vendo qual que é a melhor maneira de educá-lo (...) (P09).*

- *Às vezes eu sou muito duro e ela tá de fora, me corrige né? Então acaba ajudando né? (P01).*

- *Ajuda, ajuda. Ela não atrapalha, não é aquele tipo de coisa que interrompa uma atividade que eu estou fazendo com ela [criança], acho que é uma coisa bem... Quando a gente tá junto os três é melhor que quando a gente tá só dois (P03).*

As mães apontaram dentre os fatores que favorecem, poder contar com a presença e disponibilidade do pai tanto em relação às atividades com o filho quanto para com as tarefas de casa. A ajuda paterna ou o compartilhamento de tarefas foi elencada como importante, mesmo ocorrendo somente a partir de um pedido da mãe.

- *Ele me ajuda. Porque às vezes quando eu tô muito assim... ele só fala uma vez, duas e eles já obedecem (M04).*

- *Ele me ajuda também né, nesses afazeres diários, com o [nome da criança] e em educação, ele me ajuda, sabe, no cuidado de banho, às vezes uma comida, a pequena às vezes ele que leva, a participação dele é em todos os momentos. Na educação e nos cuidados nesse sentido (...) (M06).*

- *É como eu tava te falando assim, é companheirismo né, é de falar assim, “não, pode lavar roupa que eu faço tarefa com o [nome da criança]”, “não, bota o [nome da criança] aqui pra tomar banho comigo pra ir adiantando né” (...) (M12).*

- *Ele ajuda assim, claro, eu tenho que pedir né, porque ele não tem aquela coisa assim “ai, precisa fazer isso?”, não, eu tenho que falar, pedir... Aí ele ajuda (M07).*

- *Ele me ajuda e podia me ajudar mais, eu acho que tem vezes que ele poderia se antecipar a mim assim(...). Eu tenho que sempre pedir, é isso que eu acho, se eu peço, ele faz, mas também não é naquela hora, demora um pouquinho, né? (M05).*

Na subcategoria sobre as atitudes maternas ou paternas que podem atrapalhar, inibir ou contribuir de modo negativo para a participação dos pais, o pai respondeu a respeito de como ele avalia a influência da mãe na sua participação e, da mesma forma, a mãe relatou como ela avalia a influência do pai na sua participação. Essa subcategoria referiu, mais especificamente, se e como a mãe ou o pai poderiam atrapalhar, dificultar e até mesmo causar uma diminuição na interação com os filhos.

O fato de a mãe não participar tanto de atividades conjuntas com a criança e o pai foi apontado como um fator que gera no pai um questionamento importante a respeito da atitude materna. Conforme apontado na categoria anterior, a presença da mãe na relação pai-criança foi elencada como um fator positivo para o pai. Assim sendo, a não participação materna nesse tipo de situação é vista como um fator que pode atrapalhar o pai.

- (...) *quando eu quero me adicionar em uma brincadeira, por exemplo, que tem minha esposa e meu filho e minha esposa foge dali e eu tenho perguntado porque acontece isso? (...). O problema é que não acontecem é... vamos falar assim, brincadeiras com meu filho, jogos com o meu filho entre nós três. (P10).*

- (...) *quando ela está em casa, ela deixa de participar. Às vezes a gente está vendo o filme ela está mexendo nas coisas, fazendo comida, fazendo alguma coisa, e não senta pra ver um filme com a gente, não, não interage assim muito em casa (P11).*

As diferenças de opiniões a respeito da educação dos filhos ou de personalidade entre pai e mãe foram aqui indicadas pelo pai e também pela mãe.

- (...) no que diz respeito ao futuro dele, termina assim mais atrapalhando (...) na verdade não tem a ver com que ela faça ou deixe de fazer, tem a ver com nossa personalidade, jeito de agir diferente que faz essa... que desfavorece nossa comunicação (P10).

-Não, assim, às vezes quando eu, ela tá assim..., pra tomar banho é aquela guerra, e ela corre pra ele... “ai pai” não sei o quê, aí ele “ai deixa, vai depois...”, sabe? Não. Ele me atrapalha nessas partes assim (M07).

- Eu acho que assim é... um pouco o que me atrapalha é mais em relação ao [nome do pai da criança] mesmo, isso que eu digo, porque as vezes eu peço pra que a [nome da criança] faça alguma coisa, coisas que eu já sei que ela tem condições de fazer, se arrumar, por exemplo (...). E se ela tá só comigo, ela vai lá e faz, mas se o pai tá junto ela vai lá, pai...coloca a meia pra mim, entendeu? Ela abusa dele sabe? E ele se deixa né (...) (M05).

O fato de a mãe não permitir ou não favorecer a participação do pai foi relatado como influente no envolvimento paterno.

- (...) Ela [esposa do relacionamento anterior], não me botou no lugar de pai, então perante ele, também acabava não... por mais que a mãe diga “não, eu jamais...”, ela não facilitou nada. Enquanto nesse relacionamento atual é completamente diferente, é uma coisa muito mais saudável, muito mais legal, então pra mim é ótimo. (...) Enquanto no primeiro casamento era complicado, eu queria trocar uma fralda, queria fazer um negócio, “não, não, sai daqui”, “porque tu não sabe” (...). É uma coisa de ir excluindo mesmo né, por mais que você lute pra... né, pra se colocar no lugar, chega uma hora que tu... pô... que tu desiste, que tu cansa (...) (P05).

A categoria 5, refere-se à opinião da esposa a respeito do pai (na percepção paterna), ou seja, que o pai pensa que seria a opinião da esposa a seu respeito (o que ele acha que a mãe pensa dele na função de pai). Também diz respeito à opinião do marido sobre a mãe (na percepção materna) ou seja, o que a mãe pensa que seria a opinião do companheiro (o que ela acha que o pai pensa dela na função de mãe).

O Quadro 5 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe na categoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
5. Percepção da opinião do cônjuge a respeito do pai ou da mãe no desempenho suas funções	<p>Bom pai</p> <p>Que agrada demais, Severo e pouco flexível</p> <p>Não é um bom pai</p> <p>Pai em transformação de ausente para um pai que pode fazer mais</p> <p>Pai presente.</p>	<p>Boa mãe</p> <p>Mãe permissiva e protetora</p> <p>Mãe um pouco distraída</p> <p>Mãe que atinge as expectativas</p> <p>Muito envolvida, mas pouco coerente nas regras</p> <p>Mãe não muito boa que não atinge o modelo de mãe que ele tem</p> <p>Pessoa fundamental</p> <p>Mãe madura.</p>

Quadro 5. Categoria 5 referente à percepção da opinião do cônjuge a respeito do pai ou da mãe no desempenho de suas funções

Com relação a essa categoria, o pai relatou que acha que a esposa o considera um bom pai, que está presente e se tornando um pai mais participativo.

- Bom, ela já me falou algumas vezes que eu sou um bom pai, um pai legal pra [nome da filha] e que ela é uma menina de sorte de ter um pai e tal que enfim, que se preocupa com ela, que dá atenção e tudo, que para as coisas pra ouvir ela (P05).

- Acho que mudou, há algum tempo atrás acho que ela achava que eu era muito ausente. Eu tinha muita coisa pra fazer, tava no início do trabalho, ansiedade, tinha um monte de tarefas, e aí assim, achava que faltava esse, esse contato... Hoje eu acho que talvez...Ela acha que eu sempre posso mais, acho que isso assim, eu notei, não importa o quanto eu faça, sempre pode ser um pouco mais. Tem que ter mais contato, acho que hoje ela tá num nível que tá satisfeita com a minha participação com a pequena (P03).

Os homens referiram pensar que a esposa os consideram como um pai que agrada a criança em demasia, que é rígido ou que não é um bom pai.

- *Ela acha que eu sou, que eu agrado até demais, ela acha na verdade [risos], ah sim, se eu puder eu dou, assim, coisas (...) e é isso aí (P07).*

- *Ela acha que eu sou muito severo, muito rígido com eles e que eu poderia ser mais flexível, mas eu tento, mas eu acho que isso seria o principal quesito dela (P09).*

- *Ela acha que eu não sou um bom pai. (...) Não sei, porque ela acha que eu devo cuidar mais, fazer mais (...) (P04).*

As mães, por sua vez, relataram pensar que o pai as consideram boas mães, mas com algumas ressalvas tais como permissividade e superproteção ou ainda uma mãe que não alcança o ideal ou o modelo de mãe do esposo.

- *Eu acho que ele pensa que eu sou boa mãe sim, eu acho que ele me acha meio distraída, eu acho que na cabeça dele eu sou meio, meio um pouco largada, deixo a coisa meio ah quer vai se machuca então...[risos], depois vamos ver o que acontece (M05).*

- *Eu acho que ele acha que eu sou muito permissiva. [risos] ele acha que eu sou muito protetora e que eu permito muito (...). Porque ele, o [nome do pai], tem uma visão diferente da minha, e eu tenho uma diferente da que ele teve, foi algo mais tradicional, mais forte... Ele diz isso “porque tu é protetora”, e que a gente acaba indo mais pelo coração que pela razão (...) (M06).*

- (...) *Eu acho que ele faz a comparação com a sua mãe, então eu não consigo preencher o modelo da mãe que ele tem, da sua mãe, então... mas sim, ele tem me falado que ele acha que eu não sou muito boa mãe, ele espera mais coisa em relação à disciplina, horários, hábitos, costumes assim mais... mais exigente, mas é, na verdade que eu não fui criada com tantos limites que ele (...) (M10).*

A **categoria 6** refere-se à opinião do pai a respeito da esposa no papel de mãe, na qual os pais relataram como consideravam o desempenho da esposa na maternidade. Também refere-se à opinião da mãe a respeito do

companheiro no papel de pai, ou seja, as mães relataram como consideravam o desempenho da paternidade por seus maridos.

O Quadro 6 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe na categoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
6. Opinião a respeito do cônjuge no seu papel de pai ou de mãe	Boa mãe Superprotetora Melhor do que o pai Maravilhosa e excelente Mãe em transformação que pondera entre o trabalho fora e dentro de casa Mãe ocupada que deveria dar mais atenção às crianças Mãe presente e dedicada.	Bom pai Que faz o máximo que pode mas tinha que melhorar Presença essencial Pai atencioso e em quem dá para confiar Que transmite segurança Pai preocupado, amoroso carinhoso e paciente.

Quadro 6. Categoria 6 referente à opinião a respeito do cônjuge no seu papel de pai ou de mãe

Os homens disseram que consideram a esposa na função de mãe como uma boa mãe, que é presente e dedicada.

- É uma pessoa que cuida muito bem do [nome da criança], que educa bem o [nome da criança]. Então é isso, não tem o que falar. Às vezes peca por ser assim aquela mãe superprotetora (P06).

- Excelente, ela é uma mãe maravilhosa (...). Então, é como eu disse, assim como eu acho que ela me acha um bom pai, com certeza ela é uma excelente mãe (P12).

- (...) eu penso dela... penso que ela é uma ótima mãe. Parece que eu acertei de casar com ela [risos] (P02).

O pai, ao definir a mãe, fez comparações com a paternidade e destacou a mãe como sendo melhor do que ele.

- *Ela cuida bem melhor do que eu, eu acho [risos] (P07).*

- *Realmente é uma mãe muito presente, muito dedicada. Eu acho mais dedicada do que eu, sem dúvida (P08).*

- *Como mãe? Acho que com certeza ela é melhor que eu como pai, mas em sentido, em relação ao contato com meu filho, ser influência pro meu filho (...) (P10).*

O pai relatou perceber que a mãe passa por um processo de adaptação entre a vida profissional e as funções maternas.

- *(...) ela não conseguia se organizar no trabalho e acabava fazendo uma confusão muito grande em casa, então como ela conseguiu administrar melhor o tempo dela profissionalmente, o reflexo na vida particular foi imediato, então ela consegue dividir melhor esse tempo entre a casa e o trabalho e conseguiu com isso administrar bem a casa, então depois que nós fomos colocando essas regrinhas de comportamento deles (...) (P09).*

A respeito dessa fala do pai, observou-se que a mãe também posicionou-se sobre o assunto, referindo seu desejo e interesse para com a vida profissional, apesar de considerar as tarefas a serem cumpridas na função materna. Em comparação com um exemplo utilizado na categoria 3 (fatores que interferem na participação de pais e mães), a mãe da família 12 revelou considerar a hipótese de parar de trabalhar e adiar seus estudos para cuidar dos filhos. Esse aspecto de a mãe ficar dividida entre as funções profissionais e as maternas ou de donas de casa fica ainda mais evidente quando analisa-se os exemplos das mães das famílias 08, 10 e 11 que, no momento da entrevista, disseram não exercer um trabalho específico fora de casa, com o objetivo de ficar mais disponíveis para a criança.

Apresentam-se as falas das mães para melhor ilustrar o comentário acima.

- *Se eu não precisasse trabalhar, não é que... eu nem preciso trabalhar é que eu gosto de trabalhar (risos), porque a gente gosta de trabalhar, então quero trabalhar e quero ficar com eles (M09).*

- (...) nós optamos para ano que vem eu não trabalhar, né? Mesmo que financeiramente a gente sabe que seria melhor, mas a gente não compensa em relação às crianças (...) queria voltar a estudar né, mas eu sei que não é o momento, né então deixa eles crescer um pouco mais e aí depois eu faço (...) (M12).

Nesse contexto, o pai afirmou considerar a mãe bastante ocupada para interagir com ele e com a criança de forma conjunta. Mais uma vez, tal como explicitado na categoria 4, o pai exprime um desejo de uma maior participação materna nas atividades familiares e uma crítica por ela não dedicar-se mais para esse tipo de interação. Na categoria 4, o fato de a mãe estar mais disponível para as interações com o pai e as crianças foi apontado como fator que favorece a participação paterna. E, do contrário, a ausência ou a não participação da mãe foi indicada pelo pai como fator que poderia atrapalhar seu envolvimento.

- Ela como mãe eu acho que... eu acho que ela devia dá um pouco mais de atenção, às vezes quando ela tá em casa ela não dá aquela atenção assim para as crianças. Às vezes tá muito ocupada em fazer as coisas e a gente chama pra brincar e “ah, vou fazer isso”, “vou fazer aquilo”. Tá sempre fazendo alguma coisa (P11).

Já as mães, relataram considerar os companheiros como sendo bons pais e também como tendo um papel essencial.

- Eu acho que ele é um ótimo pai, um excelente pai, ele é atencioso, ele é carinhoso, claro que a rotina do dia a dia... às vezes ele chega cansado, mas ele, eu... Eu acredito que ele é essencial, o papel dele, a presença dele, com os dois né. Faz um papel bem legal (M06).

- É fundamental, tipo ele me dá toda a estabilidade de ficar dentro de casa, ele sai pra trabalhar, mas me deixa dentro de casa pra cuidar delas, pra organizar a casa, organizar tudo (M11).

- Acho um bom pai, atencioso, cuida bastante dela assim, eu confio nele (...). Desde bebê assim, quando ela nasceu eu fiquei em casa uns 15 dias aí depois eu já saí pra ir trabalhar e a pessoa que eu mais tinha confiança de deixar a [nome da criança] era ele (M05).

Outras mães expressam um desejo de que os pais apresentem um melhor desempenho.

- *Que ele tinha que melhorar né?! Eu já falei pra ele. Eu já falei pra ele que ele tinha... Mas ele tenta né?! Mas como não é dele, não é... Não adianta eu também ficar forçando. Então ele tem que dar o que ele acha que ele pode. Tipo... é... ele vai jogar bola, ele leva, lá de vez em quando né, ele leva. Então eu acho que isso é o máximo que ele pode dar e eu aceito isso (M04).*

A **categoria 7**, influência do relacionamento conjugal na relação parental, se refere à opinião dos pais e das mães a respeito do relacionamento conjugal e sua ligação com o seu envolvimento. Está subdividida em duas subcategorias: se o relacionamento conjugal tem influência ou não tem influência.

O Quadro 7 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
7. Influência do relacionamento conjugal na relação parental		
7.1 Relacionamento conjugal tem influência na interação com os filhos	Em caso de briga as crianças ficam do lado da mãe Não dá para dissociar uma coisa da outra Cumplicidade do casal reflete diretamente na educação das crianças Reflete	Quando a criança fica do lado de um dos pais Atrapalha os momentos de todos juntos Principalmente se a criança está presente durante as brigas Reações após as brigas que provocam diminuição das interações
7.2 Relacionamento conjugal não tem influência na interação com os filhos	Pai e filho é diferente Sem interferência	São coisas diferentes Sem transferência Não há mudanças

Quadro 7. Categoria 7 referente à influência do relacionamento conjugal na relação parental

Na subcategoria relacionamento conjugal tem influência na interação com os filhos, o pai e a mãe expressaram sua opinião referindo que a relação conjugal poderia influenciar de alguma forma sua interação com

os filhos, seja positivamente ou negativamente. Essa subcategoria foi representada pela opinião de 06 pais e 05 mães.

Pais e mães expressaram sua opinião apontando que quando há brigas, geralmente as crianças se aliam a um dos envolvidos, o que acaba influenciando nas relações.

- Isso aí é verdade. Briga dentro de casa não fecha com as crianças, aqui nunca fechou. É bem feia a coisa. Ah, elas ficam tudo pro lado da mãe (P07).

- Interfere, interfere porque a gente chegou a se separar uma vez, que não foi essa agora e um deles, o menor, ele ficou contra mim. Tipo: “meu pai, ele é o melhor, é você que é a ruim da história” (M04).

Foram utilizados como exemplos de como o relacionamento conjugal pode interferir na relação parental o fato de não serem coisas dissociáveis, envolvendo, portanto reações que refletem nas interações parentais.

- Não, não dá pra dissociar uma coisa da outra (P08).

- (...) tudo tem a ver com o ambiente saudável e todos esses fatores né. É evidente que se eu... o casal não tá bem, não se relaciona direito, pode ter sim reflexo na... na... no relacionamento com os filhos em geral né? (...). Se eu... o casal não tá bem, não se relaciona direito, pode ter sim reflexo na... na... no relacionamento com os filhos em geral né (P05).

- Pai e mãe é porto seguro, pai e mãe é base pra tudo né, se o pai e a mãe não tão bem as crianças não tem como estar bem, né, então a gente, mesmo ah, tá meio bicudo, tá meio brabo assim, mas a gente procura sempre estar bem na frente deles né, justamente por isso, porque eu acredito que interfere direto no nosso relacionamento com eles (M12).

- (...) eu acho que é uma tendência né, porque se tu tá magoada tu se fecha né e se vier perguntar o que que tem, ah, não é nada, não é nada tu acaba se incomodando, se irritando né (...) (M12).

Na subcategoria relacionamento conjugal não tem influência na interação com os filhos, o pai e a mãe expressaram sua opinião referindo que sua interação com os filhos não sofreria influências da relação

conjugal. Essa subcategoria está representada pela opinião de 06 pais e 07 mães.

- Pai e filho é diferente, né. As vezes tu pode discordar “ah não devias ter dito isso pra ele, isso aquilo...” mas eu não deixo a questão entre eu e ele, e sim discordar dela (P06).

- Não, não interfere em nada. Se eu e ela, vamos supor assim, se eu e ela brigamos assim, eu brinco com ele normal. Com ele não tem nada a ver... eu e ela já é diferente daí. Se nós brigar eu e ela assim, com o [nome do filho] eu falo com ele, vou lá e brinco com ele e tudo, mas não tem nada a ver (P02).

Uma mãe relata a influência de outras relações, como as responsabilidades diárias, mas revela não considerar o relacionamento conjugal como sendo uma dessas influências na relação parental.

- Não, não, não, o que acontece às vezes é que eu fico um pouco sem paciência quando eu fico muito cansada, mas é do dia-a-dia né... mas eu nunca transferi uma coisa que é particular com ele [esposo] assim, pra ela [criança] (M05).

A **categoria 8**, atividades em que um dos pais participa mais, em comparação ao outro (nas percepções paterna e materna), os pais relataram se consideravam ser eles ou o cônjuge os principais responsáveis pela realização de tarefas a respeito do envolvimento parental (levando em consideração as dimensões de suporte emocional, cuidados, disciplina, jogos físicos, abertura ao mundo e tarefas de casa). Subdivide-se em duas categorias: atividades em que o pai se envolve mais do que a mãe e atividades em que a mãe se envolve mais do que o pai (na opinião de ambos, pai e mãe).

O Quadro 8 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe em cada subcategoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
8. Atividades em que um dos pais participa mais, em comparação ao outro	Pai	Mãe
8.1 Atividades em que o pai se envolve mais do que a mãe	Sair com o filho Pegar, carregar e dar garupa Dar banho Incentivar ou levar para explorar coisas novas Correr e andar de bicicleta Levar para fazer atividades de aventura Disciplinar Tarefas de casa Suporte emocional Fazer dormir	Pegar na escola Concertos em geral Brincadeiras de lulinha ou jogos Atividades de rotina com a criança Fornecer o sustento econômico Disciplinar Suporte emocional Preparar a comida
8.2 Atividades em que a mãe se envolve mais do que o pai	Cuidar Dar banho Disciplinar Suporte emocional Coisas da rotina da criança Todas as atividades incluindo as brincadeiras ou jogos físicos Tarefas de casa,	Organização e administração da casa Brincar com a criança Suporte emocional Cuidados básicos Disciplina Tarefas de casa, Levar para passear Contar histórias Levar na escola e ajudar a fazer os deveres

Quadro 8. Categoria 8 atividades em que um dos pais participa mais em comparação ao outro

Na subcategoria atividades em que o pai se envolve mais do que a mãe, pais e mães referiram as atividades que consideravam que o pai realizava mais, em comparação à mãe.

Dentre as atividades relatadas pelo pai, destacou-se as relacionadas com brincadeiras, atividades que envolvem os jogos físicos e as de abertura ao mundo.

- *Brincadeira que é mais, mais assim de coisa de mãe e de pai assim de... pegar e carregar, levar pra cá, levar pra lá, é claro que isso acaba sendo mais o pai né, de dar garupa de... essas coisas (P05).*

- *A [nome da mãe da criança] morre de medo, não deixa ir de jeito nenhum, mas eu já levei ele no tobogam, quase morreu mas foi, mas a mãe deles não levaria, então pra ela é meio que inconcebível, mas ela não aceitaria não (P09).*

- *(...) Em relação à [nome da criança] é mais atividades fora, atividades físicas... Aí é mais comigo (...). Também sou mais eu. Eu já faço mais umas brincadeiras com ele, de correr e tal. Já pego o cachorro também. Aí já é diferente também (P03).*

Atividades relacionadas ao suporte emocional e aos cuidados básicos também foram mencionadas pelo pai. Observa-se ainda que a questão do sexo da criança foi mencionada como um fator que levou o pai a realizar a atividade de cuidado básico.

- *Eu abraço o máximo que eu posso, e... Sempre dou beijinho assim, quanto a isso... Talvez até mais do que ela, na verdade (P03).*

- *Normalmente quem dá banho no [nome da criança] sou eu, até por ser homem então eu vou tomar banho e já levo ele junto né (P12).*

O pai também relatou estar envolvido com as atividades ou tarefas de casa.

- *(...) Em relação à casa sim, eu faço as compras, limpeza mais pesada, varrer, aspirador de pó essas coisas é mais comigo. E também o tempo pro supermercado, por exemplo, eu faço um pouco mais que ela (...) (P03).*

A mãe ao relatar as atividades em que o pai se envolve mais do que ela, mencionou pegar na escola, atividades de consertos, brincadeiras e atividades de suporte financeiro.

- *Que ele faça mais que eu... Ah, eu acho... Sei lá. É, pegar né, porque quem leva, eu acho que é pegar ela na escola. Ele faz mais (M07).*

- *(...) de arrumação de é... sei lá uma lâmpada que tem que colocar no lugar, ou um fio, colar alguma coisa (M05).*

- (...) eles brincam de lego que nem a gente tava brincando ali, eles montam, fazem uma cidade, ela tem uma caixa também, ela monta na sala (...) (M05).

- Traz mais dinheiro pra casa né (risos) aí ele trabalha mais (M09).

Uma das mães, ao se referir às atividades paternas, mencionou mais de uma função desempenhada pelo pai.

- O almoço é sempre ele que dá, sempre ele que dá, ele que arruma para o colégio, então nesse sentido ele... ele pega mais o [nome da criança] no colégio do que eu, porque geralmente eu to trabalhando né e ele é que tem mais disponibilidade pra sair e pegar né, então.. não tem nada assim que eu possa te falar que eu faça mais que ele (M12).

Na subcategoria atividades em que a mãe se envolve mais do que o pai, pais e mães referiram as atividades que consideravam que a mãe realizava mais, em comparação ao pai.

O pai relatou ser a mãe quem mais se envolve com a criança em quase todas as atividades, até mesmo as atividades relacionadas à disciplina. Essa diferença, segundo os homens, se deve ao fato de a mãe ter um contato diário maior do que eles com a criança, conforme ilustram os extratos a seguir.

- Ela tá em casa o tempo todo, então ela que cuida do [nome da criança], ela que faz os deveres com o [nome da criança]. Tudo ela faz mais do que eu (P06).

- Acaba sendo a mãe é... mais da disciplina, dos horários, vai dormir, vai não sei o quê. Agora vai fazer isso, agora vai fazer aquilo (...) (P05).

- Ela, porque ela tá mais com ele diariamente, então quando chega no final de semana, vamos no parque, a gente vai jogar bola, vamos andar de bicicleta (...). Mas como ela tá mais fisicamente com eles, então ela tem mais essa interação, mas quando eu tô eu levo na escola, pego uniforme, chego vejo se tem dever, mas a ampla maioria das atividades é na mão dela (P09).

A mãe, ao referir as atividades que ela realiza, assim como o pai, apontou se envolver mais em comparação a ele, referindo também o fato de estar mais em contato com a criança como importante para entender essa diferença.

- Eu acho que eu, por estar mais em contato com ele nesse período de manhã, eu acabo sempre fazendo... Eu acho que surgem mais oportunidades pra mim estar fazendo (M06 sobre as atividades de brincadeiras).

- Ah meu Deus! Acho que eu, como é que eu posso te dizer? Acho que é o carregar. O carregar, levar junto, ficar junto (M04).

Outras mães, ao indicar sua maior participação, referem ser a figura que a criança procura quando necessita.

Ah, eu. Aham, ah sim, eu sem dúvida, até porque se ele cai ele vem direto pra mim, se ele precisa desse suporte é em mim que ele tem (M06).

A primeira que ela chama sou eu “manhê... tá doendo aqui, manhê...” (M07).

Uma mãe identificou-se como sendo a principal Figura para realizar atividades de abertura ao mundo, mencionando o pai como superprotetor.

- Eu, sem dúvida. O [nome do pai] é muito protetor, superprotetor. Andar com o pé no chão já é algo que “ah, vai ficar doente”, ah, eu permito e invento mil e uma coisas, sabe? Sempre tô fazendo coisas diferentes, pra ele se arriscar. Faz parte. Quantas experiências de subir em árvores com ele, nossa, né, então isso de videogame me preocupa muito, ele não consegue tirar, então eu tento estar tirando isso direto (M06).

A **categoria 9**, atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham (nas percepções paterna e materna), os pais e as mães relataram se consideravam haver uma distribuição, um revezamento ou um compartilhamento de funções entre eles. Essa categoria refere-se às responsabilidades de cada um para com a família.

O Quadro 9 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe na categoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
9. Atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham (nas percepções paterna e materna)	Pai responsável pelo sustento e mãe pelos afazeres da casa e com a criança Pai divide as funções com a mãe Pai colaborativo Não existe uma divisão claramente estabelecida Dinheiro comum aos dois Diferenças entre homem e mulher	Pai com o financeiro e mãe com a casa Divisão das responsabilidades financeiras Pais se complementam para educar os filhos Conta e organização conjunta Sem uma divisão delimitada mas acaba tendo um revezamento

Quadro 9. Categoria 9 referente às atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham

Nessa categoria ambos os pais relataram haver uma divisão de responsabilidades em que ao pai fica reservada as funções com o sustento financeiro e à mãe cabe as atividades com a casa e com a criança.

- A questão de sustentar é comigo. Quem cuida sou eu. Ela ganha o salário dela é pra comprar roupa pra ela e pra comprar roupa pra ele. Quem cuida dos afazeres da casa, da alimentação é ela (P06).

- Eu pago, pago o mercado. Ela pagava, antigamente, tinha mês que ela pagava. Aí de uns tempos pra cá eu paguei, daí. Eu falei, tu vai cuidar das crianças e eu pago o mercado. Sai um pouco pesado, mas eu pago. Então tá, é assim, eu pago. Porque daí também ela ganha pouco, daí tem as duas né, sabe como é que é criança, dá conta, não dá (...) (P07).

- (...) só sei que uma divisão funcional que existe naturalmente por conta do pai ser provedor, a mãe ser a pessoa... que gera o espaço no lugar, minha esposa acha que isso tem muito a ver com o conceito machismo, por sinal de eu ser o homem provedor, já é um conceito machista (...). Então para mim é uma coisa natural, para mim o não natural e que acontece na relação familiar, acontece quando os dois pais trabalham, porque ali você tá dizendo o que? Com certeza atingindo

algum objetivo, mas o grande problema acontece com a criança, porque a criança já não tem em sua mente o pai (...) (P10).

- Ele acaba sendo mais responsável porque ele ganha mais do que eu, então por isso ele fica com as contas... então ele é o mais responsável nesse momento, ele é o mais responsável (M03).

Foram relatados também pelos pais e mães os casos em que existe uma colaboração paterna, uma complementariedade e um compartilhamento de funções, até mesmo com relação às questões financeiras.

- Tem que ver que não é todo marido que ajuda em casa, seja com o que for, tem marido que não... que realmente não faz nada. Tá, bota o dinheiro e... como se isso hoje em dia resolvesse, porque hoje em dia não é assim né? Tem que ser os dois juntos né? Acho que da mesma forma, então... eu acho que até pelas minhas atividades assim, não permitem tanto né? Mas eu acho que sou assim, relativamente colaborativo assim (P05).

- Não, tipo assim, se eu ganho bem e ele ganha bem... Se um tá ruim o outro empresta. No mercado também, às vezes a gente divide... Tudo é quase que dividido. Às vezes dá mais pra ele, mas aí ele dá conta né. Tipo assim, quando é pra comprar roupa, eu vou comprar a roupa deles e eu pago. Quando dá mercado mais, ele que dê conta (risos). (M04).

Ainda, foram encontrados relatos em que ambos os pais afirmam não haver uma divisão de tarefas bem delimitada, sendo que cada um desempenha uma determinada função quando possível e quando necessário, incluindo na parte financeira.

- Mas acho que não tem um que dá mais ou menos suporte, os dois fazem. Também olha, pra te falar, tem muita coisa que não é feita uma contabilidade, entendeu? Sei lá... botar cruzinhas, hoje foi tu... mas ter o apoio é mais importante do que... ah não sei, não dá pra dizer assim (P05).

- Como a gente compartilha as coisas assim de casa assim de arrumar, então às vezes quando a [nome da mãe] tá arrumando alguma coisa, ou fazendo a janta deles, daí eu ajudo ele a fazer a tarefa. (...) Tem alguns pontos assim, que eventualmente em um determinado momento

pode algum fazer mais do que o outro, mais não que digamos assim a gente tenha isso como regra ou como... A gente pode fazer isso involuntariamente entendeu? (P12).

- É acaba não tendo uma divisão assim falada né, mas eu tô. Não tem como, as vezes um vai fazer uma coisa o outro vai fazer outra (M08).

A **categoria 10**, atividades que o pai e a mãe gostariam de realizar com o filho: Diz respeito às atividades que, na opinião do pai e da mãe, eles gostariam de realizar mais com seu(s) filho(s) ou filha(s). Atividades que, por algum motivo, não podem ou não conseguem realizar e que consideram importante que se faça com as crianças.

O Quadro 10 apresenta os elementos temáticos para o pai e para a mãe na categoria.

Categorias e subcategorias	Elementos temáticos	
	Pai	Mãe
10. Atividades que o pai e a mãe gostariam de realizar com o filho	Sair mais para passear Ir a lugares de interesse da criança Atividades ao ar livre Brincar Levar para fazer esportes e aventuras	Sair mais Estar mais presente Brincar Levar para fazer mais esporte Disciplinar mais Ter mais tempo

Quadro 10. Categoria 10 referente às atividades que pai e mãe gostariam de realizar com o filho

Os extratos abaixo exemplificam as atividades que pais e mães gostariam de realizar com os filhos.

- Poder levar e deixar brincar a vontade, entende? No que ela quisesse. A gente leva né, mas tem que dar uma reguladinha né, porque a gente gasta e a outra também quer (...)(P07).

- Só no verão que a gente sai, vai pra praia, vai para o parque aquático. Gostaria de fazer mais isso né, mais esporte, coisa mais perigosa, brincadeira. Eu acho que é isso (P04).

Eu assim, gostaria de sair mais. Levar eles pra um cinema mais, pra um... Agora no verão, queria ir naquele parque... naquelas coisas de água lá, como é que é? No parque aquático. Se Deus quiser sabe (M04).

Ser um pouquinho mais firme com ela né?! Acho que é isso assim. De ser menos tolerante com ela às vezes, né? Que às vezes ela fica um pouquinho mal criada e a mãe deixa ela... (M01).

Se eu pudesse ter mais um dia na semana né, assim, mas na verdade, se eu pudesse ficar um pouco mais de tempo, mas não em relação à atividade, a gente faz muita coisa, a gente faz tudo que gostaria de fazer com ela, em termos de atividade né, mas eu acho que o tempo é... A gente gostaria de passar (...). Se a gente pudesse ter um pouquinho mais de tempo... Uma rotina mais tranquila (M03).

Durante as entrevistas foi possível identificar dois aspectos que não foram abordados especificamente nas questões e nem faziam parte das categorias estabelecidas a priori, mas que podem ser importantes para compreender outras questões levantadas nas categorias anteriores. Tratam-se de assuntos que emergiram no decorrer dos relatos e que, por estar em conformidade com o interesse dessa pesquisa, optou-se por apresenta-los aqui.

Um aspecto refere-se às atividades que a mãe gostaria que o pai realizasse mais, ou seja, as atividades que, na opinião materna, elas gostariam que os pais participassem mais, tanto no que diz respeito a seus filhos ou filhas, quanto com relação à casa. O outro aspecto diz respeito a especificidades entre pais e mães, que foram elencadas durante a sua participação na entrevista. Referem-se a diferenças sexuais e culturais, que envolvem também as famílias de origem.

A respeito do primeiro aspecto (atividades que as mães gostariam que os pais realizassem mais), elas referiram que desejavam que eles ajudassem e dividissem mais as tarefas, se antecipassem e tivessem iniciativa em relação às tarefas, sem que fosse necessário a mãe pedir e trocassem mais de lugar com a esposa, indo mais para a cozinha para ela poder ficar com a criança.

Os extratos abaixo ilustram o desejo das mães.

- Ai, tudo assim... Ajudar com ela, em casa, na questão do banho... Dos deveres... Até mesmo na arrumação da casa. Me ajudasse mais... Eu gostaria (...). (M07).

- *Ah mais em relação à casa, seria legal... que pudesse me ajudar, por exemplo a não vê a louça né, vamos supor, não vê a louça chegar num estado assim... ele podia né se antecipar a isso, vê que tem louça, já vai lavando e tal e...é mais na parte da casa, porque em relação à [nome da criança] eu acho até que ele (...)* (M05).

- *Eu gostaria de dividir um pouco mais com ele. Assim, eu acho que vem melhorando, vem melhorando mesmo, mas acho que poderia ser mais bem dividido. Ahm... Eu acho que eu poderia ter menos a obrigação de estar em casa no horário que ela chega, e estar pronta pra cuidar, entendeu? Eu acho que sempre tomo a iniciativa, eu acho que a iniciativa também poderia vir mais dele. Independente se eu estou trabalhando ou não, né?* (M03).

Sobre o segundo aspecto (especificidades de pais e mães), foram apontadas questões de diferenças em função da cultura masculina, diferenças na forma de pensar e de fazer as coisas, ocasionadas tanto pelas características individuais, quanto pelas experiências com relação ao cuidado e contato direto com o filho.

Os extratos abaixo ilustram algumas especificidades elencadas pelos participantes.

- (...) *até pela cultura masculina né e também porque sempre a gente teve alguém em casa né, então às vezes tá muito cansado, às vezes chega e deita, não é como a gente né, a gente chega em casa rapidinho, bota as coisas no lugar, mas também quando menos espero... ontem cheguei na cozinha, tava tudo limpinho, lavado, tirou a louça da máquina, entendeu?* (M12).

- (...) *sim a interação é que é diferente, o [nome do esposo] ele é mais da matemática, do pensamento lógico então ele vai brincando diferente com o [nome do filho] (...) vejo eles brincando vou vendo como ele vai levando o [nome do filho] (...) para ele desenvolver um raciocínio lógico, isso sim, o jeito dele se relacionar com o [nome do filho] é diferente do que o meu* (M10).

- (...) *a ordem em casa, fica sob a responsabilidade da mãe, porque eu vou tentando cumprir um papel dentro de casa, relacionado ao meu pai, meu pai trabalhava, minha mãe ficava em casa e... segundo porque a mãe é a pessoa que fica em casa (...)* Mas se eu ficasse em casa

e a mulher trabalhando (...) eu tenho um jeito diferente de agir e vou gerar uma ordem diferente na hora de eu ficar fazendo as coisas (P10).

- (...) por exemplo, psicologicamente a mulher se prepara para o nascimento, certo? E quando ela ainda estava no hospital, ela recebeu uma orientação em relação ao cuidado da criança, à alimentação, tudo isso, e eu ficava trabalhando. Depois dos primeiros meses o homem segue trabalhando e a mulher fica com o filho, então você vai ganhando... vai se treinando em relação ao filho. Então lembro que as primeiras vezes de trocar as fraldas, com certeza não foi a melhor troca de fraldas, então o que acontece, a esposa: “ah melhor eu trocar, porque você não sabe”. (...) o pai de certa forma é inútil em relação ao cuidado da criança, porque não fica todo tempo com a criança, fica fazendo outra coisa (P10).

- (...) É a mulher que é a pessoa que fica mais ligada e tem esse conceito de fornecer amor, carinho que o homem não tem, porque se o homem tivesse tudo seria diferente (P10).

- Mas é como eu falei, é porque somos pessoas diferentes. Eu ando com o [nome do filho] de bicicleta, procuro sempre, sempre que a gente tem oportunidade, instigar ele pra gente fazer. Às vezes por exemplo, tem uma igreja aqui perto de casa, aí ele quer ir de carro e eu digo “Vamos à pé cara” (...). Vai todo mundo a pé. Então eu já tenho esse lado de querer movimentar, de querer mexer. Aí a [nome da esposa] já diz também “vamos de carro, de repente chove”. Nós já somos um pouquinho diferentes aí nós dois. Essa interação mais física, é mais comigo (P12).

- Então por exemplo “Ah, o [nome da criança] caiu ali ralou o joelho, tá chorando”. Eu já olho assim, se eu sinto, se eu vejo que não é nada tão grave... Até da maneira dele chorar assim, eu não dou muita bola. A [nome da esposa] já vai, já faz massagem, já bota no colo, tal, tal, tal. Essa é a diferença entre nós dois. Mas é como eu disse. Não é que eu não me preocupe, faz parte da minha natureza (P12).

- Ela se preocupa mais com a roupa que ele vai sair, se tá bonitinho, se combinou né. É como eu falei. A diferença do homem e da mulher aí também predomina nessa hora né (P12).

As entrevistas realizadas com o pai e com a mãe das 12 famílias participantes, permitiram melhor conhecer as famílias e melhor compreender alguns aspectos do envolvimento parental, principalmente no que diz respeito ao envolvimento paterno. As 10 categorias acima elencadas abordaram temas relacionados à como os pais e mães se sentiam com relação à maternidade e à paternidade; às atividades que cada um desempenhava, decorrentes das suas funções de pai e de mãe; aos fatores determinantes do envolvimento; à influência da mãe no comportamento do pai e vice-versa; à como ambos os pais se viam e como viam seus companheiros nas funções parentais; às responsabilidades de cada cônjuge para com o ambiente familiar e às atividades que gostariam de realizar com os filhos.

Com base nos elementos temáticos e nos exemplos das falas tornou-se possível, de alguma forma, estabelecer um paralelo entre o que foi relatado pelo pai e o que foi relatado pela mãe em cada aspecto. Maiores reflexões serão apresentadas na discussão dos resultados.

5.3.3 Descrição da avaliação da visita

Em uma análise descritiva do instrumento utilizado para avaliar como pais e mães se sentiram em relação às observações, de um modo geral os resultados foram:

Numa escala que ia de 1 (desconfortável) a 10 (confortável) os pais (homens) obtiveram médias de 8,33 referente a sobre como se sentiram sendo filmados e 8,42 a respeito de como reagiram frente às câmeras, sendo que 1 significava que o pai tentou evitar enquanto que 10 dizia respeito a ficar diante da câmera. No que diz respeito à uma análise do seu comportamento diante das câmeras, os pais apresentaram uma média de 2,08 numa escala que ia de 1 (comportamento comum) a 10 (comportamento diferente do comum). As mães apresentaram médias inferiores aos pais, sendo 6,75 na questão de se sentir confortável ou não ao serem filmadas e 5,58 em como reagiram frente as câmeras. Sobre seu comportamento a média foi de 5,08.

Ambos os pais também avaliaram as crianças frente às observações. Nesse sentido o pai avaliou que a criança se sentiu confortável sendo filmada ($M=9,08$), teve uma tendência a ficar diante da câmera ($M=8,42$) e um comportamento comum diante da situação ($M=2,00$). Já, na percepção da mãe, a criança apresentou médias de 7,92, 8,17 e 3,08, respectivamente.

As famílias que apresentaram as menores médias na percepção do pai foram a 6 e a 8 com médias em torno de 4,00 e 5,00 e, na percepção

materna, as menores médias foram obtidas pelas famílias 2 e 7 com médias em torno de 3,00 e 4,00.

5.4 ESTUDO 2. CARACTERIZAÇÃO DETALHADA DAS 12 FAMÍLIAS

Seguir-se-á agora com uma descrição mais detalhada de cada família participante, que incluirá uma análise dos instrumentos e variáveis utilizados nessa pesquisa. Alguns trechos da entrevista poderão servir para ilustrar a característica daquela família e, principalmente, do pai em questão.

A Tabela 46 permite estabelecer uma síntese dos resultados de pais e mães nas variáveis de estudo. Em destaque (sombreamento em escala de cinza), algumas famílias que chamaram a atenção por seus altos ou baixos escores no QEP e na interação.

Tabela 46

Síntese dos resultados obtidos nas 12 famílias

F	QEP		Harmonia		Rec. negativa		Evitação		Frequências das interações			
	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Pai	Mãe	Diá. Pai	Triá. Pai	Triá. Mãe	Casal
1	4,08	4,17	4,50	5,25	1,78	3,78	2,29	3,71	70	51	40	10
2	4,07	4,33	5,75	4,38	2,33	3,22	3,71	3,29	73	37	27	08
3	3,44	4,08	4,38	4,25	2,78	4,11	3,29	3,29	54	43	75	12
4	2,98	4,11	5,00	4,00	3,67	2,67	5,00	4,00	62	36	72	16
5	4,16	4,42	5,63	4,13	3,11	2,78	2,43	2,86	64	71	44	25
6	3,76	4,52	5,25	5,38	2,33	1,33	3,00	1,86	38	52	59	13
7	3,67	4,14	5,00	4,75	2,33	4,78	3,29	3,57	60	52	84	26
8	4,70	4,65	5,25	4,88	2,44	2,33	1,86	2,00	94	64	67	24
9	3,80	4,31	4,88	4,63	1,67	2,33	2,00	3,86	41	63	46	11
10	2,74	4,14	5,50	3,38	2,89	2,89	3,71	2,86	63	71	73	16
11	4,14	4,60	5,25	4,63	2,67	2,00	3,86	2,00	87	71	81	40
12	3,64	4,47	5,00	5,50	1,67	2,00	3,14	2,14	86	51	60	30

Nota. F – família; QEP – Questionário de Engajamento Parental; Rec. Negativa – reciprocidade negativa; Diá. – Diádica; Triá. – Triádica.

Em todas as 12 famílias as mães obtiveram maior média no QEP e, por outro lado, a maioria delas pontuou menos em harmonia em comparação aos pais. A respeito das interações oito pais (homens) tiveram sua frequência de comportamentos reduzida da diádica para a

triádica (P1, P2, P3, P4, P7, P8, P11 e P12). Numa comparação entre os comportamentos parentais durante a triádica, quatro pais (P1, P2, P5, e P9) apresentaram maior frequência do que a mãe.

A família em que o pai apresentou a maior média de envolvimento (família 8) foi também aquela na qual o pai obteve um escore acima de 5,00 em harmonia e a maior frequência de comportamentos durante a diádica (94 interações), mas esse número diminuiu na triádica e obteve uma prevalência de comportamentos bem próxima da materna. Já na família 10 em que o pai apresentou o menor escore no QEP, a média em harmonia continua alta (acima de 5,00), mas o número de interações durante a diádica foi reduzido em comparação à maioria das famílias. Nesse caso, mesmo o número de interações paternas na diádica sendo baixo, teve um aumento durante a triádica, o que não ocorre na família 4 em que o pai, além de apresentar baixos escores no QEP e na diádica, isso se mantém durante a triádica e ainda sofre uma redução no número de comportamentos, comparados ao restante das famílias. Nessa família, outra diferença é que os índices de evitação do pai e também da mãe são considerados altos.

No caso da família 9 onde os números de interação diádica foram menores que as demais, o QEP não teve um escore considerado baixo. O pai aumentou sua interação durante a triádica, mas em comparação às outras famílias pode-se dizer que as frequências de interação dessa família não foram altas, já que a mãe também não apresentou um número consideravelmente alto.

Também é importante analisar aqui as interações da família 11 que foi a família que teve maior afeto positivo entre o casal, a interação diádica obteve uma alta frequência, diminuindo um pouco na triádica, mas em contrapartida, a mãe apresentou também uma grande quantidade de comportamentos. As médias do QEP ficaram em torno de 4,00 e o escore em harmonia foi alto.

Essas famílias precisam de uma análise mais específica em busca de uma melhor compreensão dos resultados apresentados. Abaixo seguem uma descrição mais detalhada sobre as famílias estudadas.

Família 01

A família 01 foi entrevistada durante a manhã, o pai dois anos mais novo que a mãe e ambos na faixa etária dos 30 anos. A mãe possuía ensino superior e o pai o ensino médio completo. A mãe que antes trabalhava 40h num centro de atenção psicossocial, no momento da visita estava de licença maternidade, já que havia tido um bebê que estava com 1 mês de

idade. O pai, motorista, trabalhava até 30h semanais. A criança uma menina de 4 anos, frequentava a escola em período integral. A renda mensal relatada foi de aproximadamente R\$3000,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 9 anos. Nessa família, pai e mãe relataram serem pais há menos de sete anos, ou seja, que foram pais no momento do nascimento da criança foco e possuíam uma filha bebê.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (10), ficar totalmente diante da câmera (9) e apresentar um comportamento totalmente comum (1).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

Chego em casa às 21 horas, aí vou brincar um pouquinho com a (nome da criança) e boto ela pra dormir (...). E aí sábado e domingo a gente vai passear, vai no zoológico e pro sítio (P01).

Família 02

A visita familiar ocorreu durante a noite, pai e mãe tinham a mesma idade e ficavam na faixa etária dos 30 anos e possuíam o ensino fundamental incompleto. A mãe como empregada doméstica, trabalhava até 20h semanais, o pai que trabalhava com serviços gerais encontrava-se desempregado. A criança, do sexo masculino, de 5 anos, possuía dois irmãos mais velhos e frequentava a escola durante a tarde. A renda familiar relatada ficou em torno de R\$600,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 7 anos.

Nessa família, que caracteriza-se como recasada, tanto pai quanto mãe já possuíam filhos em outros casamentos, ou seja, anteriormente à criança foco. Durante a entrevista, a mãe revelou ser mãe já há 14 anos, enquanto que o pai revelou ter um filho adotado, mas considerou-se pai apenas agora com a criança desse casamento: (...) *eu tenho só ele né, aí eu tenho outro na Palhoça que não é meu, é adotado daí, mas daí tá com a outra mulher lá (P2).* A mãe possuía dois filhos de outro casamento que habitavam com ela nessa nova relação.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (9), ficar totalmente diante da câmera (10) e apresentar um comportamento totalmente comum (1).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

Quando eu chego assim, primeira coisa que ele pergunta é... jogar vídeo game né, aí eu digo não, agora não, agora o pai tá cansado, vou tomar um banho e depois vou jogar contigo, aí...aí depois eu saio do banho, vou lá e jogo com ele lá umas três, quatro brincadeiras lá (...) (P02).

Família 03

Essa família foi entrevistada pela manhã e tanto pai quanto mãe estavam na faixa dos 30 anos, sendo o pai 1 ano mais novo que a mãe. Os dois possuíam pós-graduação. A mãe era bolsista de mestrado e o pai era professor universitário com jornada de trabalho de 40h semanais. A criança, menina e com idade de 6 anos frequentava a escola em período integral. A renda familiar relatada foi de aproximadamente R\$8000,00 mensais. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 12 anos. Nessa família, ambos tornaram-se pai e mãe com a criança foco e não possuíam outros filhos.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (9), ficar totalmente diante da câmera (8) e apresentar um comportamento totalmente comum (2).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

(...) no final de semana a gente tenta explorar, vai fazer trilha, vai pra praia, vai fazer coisas desse tipo. Aliás, ficar em casa assistindo televisão ou lendo livro de dinossauro... A gente vai pra fora, vai fazer esse tipo de coisa que dê liberdade pra ela. Caminhada, coisas desse tipo (P03).

Família 04

A visita familiar aconteceu durante a tarde. O pai dois anos mais velho que a mãe, na faixa dos 30 anos, possuía o ensino fundamental incompleto, enquanto a mãe tinha o ensino médio completo. O menino de 6 anos, filho de um pai motoboy que trabalhava acima de 44h e de uma mãe doméstica que trabalhava até 20h, frequentava a escola em tempo integral. A família relatou uma renda mensal de até R\$3000,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 7 anos. Nessa família o pai já possuía um filho de outra relação há 16 anos atrás e a mãe tornou-se mãe a partir da criança foco. O casal ainda possuía um outro filho mais novo.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (10), ficar totalmente diante da câmera (10) e apresentar um comportamento totalmente comum (1).

Por esta ter sido uma das famílias selecionadas na Tabela acima pelos resultados baixos no QEP e nas interações e altos em evitação, torna-se necessário fazer alguns comentários a partir das percepções advindas de uma análise mais aprofundada do vídeo. Pode-se dizer que o pai interagiu pouco e não tomava a iniciativa durante a interação pai-filho. Essa foi uma dentre as duas famílias em que a criança foi o elemento da díade que mais direcionou a atividade e, da mesma forma, na triádica foi a mãe quem assumiu essa função. Ademais, o casal referiu ter passado por uma reconciliação recente e, apesar de o pai ter dito sentir-se confortável com a observação, em comparação aos outros pais, esse foi o que mais apresentou comportamentos direcionados à pesquisadora, pois foram registrados momentos em que o pai sorria ou falava algo a respeito da atividade, olhando em direção à câmera filmadora.

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

Sim, é... comem, vamos assistir filme, vamos pro computador, ficar jogando. Normal. Todo dia, chego e venho direto pro computador jogar (...). O final de semana é variado né. Tem uns que sai, uns que a gente fica. Eu vou jogar bola, às vezes eu levo, às vezes não (P04).

Família 05

A visita ocorreu na parte da tarde. O pai 12 anos mais velho que a mãe, estava na faixa dos 40 anos, enquanto que a mãe na faixa dos 30 anos. Ambos com ensino superior, a mãe psicóloga e estudante com jornada de trabalho de até 20 horas e o pai jornalista trabalhava até 40h semanais. A menina de quase seis anos, frequentava a escola na parte da manhã. Essa família caracterizava-se como uma família recasada e o pai já possuía um filho mais velho em outro casamento. A renda familiar era de mais ou menos R\$4.600,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 10 anos. Aqui o pai revelou ser pai anteriormente à criança, há 21 anos, em um outro relacionamento, enquanto a mãe possuía somente essa filha. Sobre essa relação com o filho de outro casamento é interessante ressaltar o que o pai comenta:

(...) o lugar de pai né, mesmo eu conquistei agora, com a (nome da criança), porque o primeiro filho que eu falei, eu me separei logo assim, tinha 3 anos, e aí esse lugar ele... (...) não aconteceu da forma que eu

gostaria, tipo mesmo que tivesse separado, que fosse uma relação amigável entendeu, tipo ah pudesse conviver mais e tal. Era... ela pegou como se fosse assim, em termos Figurativos, pegou o guri, botou embaixo do braço e disse agora tá comigo... e era uma dificuldade pra conseguir conciliar as coisas e tal (P05).

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se confortável (7), ficar totalmente diante da câmera (8) e apresentar um comportamento totalmente comum (2).

Essa família também chamou a atenção por ter sido o caso em que o pai aumentou sua interação durante a triádica, promovendo maior número de interações até mesmo em comparação à mãe. As médias no QEP também são consideradas altas, acima de 4,00. Nesse caso, o pai parece ter assumido a função de organizar e direcionar a atividade com a mãe e a criança, ampliando na triádica uma brincadeira de faz de conta já iniciada durante a diádica. Talvez essa interação do pai com a criança se deva ao fato de ser uma prática mais comum entre pai-filha do que mãe-filha, como podem ser evidenciados no extrato da entrevista abaixo em que a mãe refere que a noite, quando todos estão em casa, é o pai que se dedica a brincar mais com a criança, enquanto que ela fica responsável pelas tarefas com a casa, como arrumar a refeição e preparar as coisas para o dia seguinte, tal como pode ser visto no extrato a seguir:

(...) eu acabo eu não ficando tanto com a (nome da criança) quanto eu gostaria, porque como eu tenho as coisas da casa e não tenho alguém que me ajude em casa. Então eu também gostaria de ficar...e eu chamo a (nome da criança) pra ficar comigo pra fazer as coisas da casa, a gente cozinha juntas, mas eu gostaria de brincar mais com ela, de desenhar com ela e daí eu não consigo entende? Ele fica daí, porque daí ela ganha a atenção dele, mas eu gostaria que ele fosse pra cozinha... e eu... (risos) trocasse isso (M05).

Família 06

A família recebeu a visita no período da noite e a respeito das características pessoais pode-se dizer que ambos os pais estavam na faixa etária de 30 a 40 anos. A mãe possuía o ensino superior completo, trabalhava 20h semanais como professora de educação infantil. O pai com ensino superior incompleto era escrevente e trabalhava 40h semanais. A mãe declarou possuir uma renda familiar mensal acima de R\$4000,00 e disse que tinha uma babá para cuidar da criança. A criança de seis anos, do sexo masculino, frequentava a educação infantil no período matutino. A família tinha um bebê de seis meses que ficou com a avó materna no

momento da entrevista. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 8 anos. Ambos relataram que a maternidade e a paternidade ocorreu com a criança focal.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se pouco confortável (4), ficar pouco diante da câmera (4) e apresentar um comportamento totalmente comum (2).

A respeito do que o pai faz quando está com a criança, durante a entrevista o pai revelou que:

Eu chego, brincamos um pouco, bem pouco também. Ficamos conversando. Final de semana a gente fica mais em casa. Aproveita brinca dentro de casa, de vez em quando a gente sai, vai no shopping, vai no parquinho (P06).

Família 07

A visita ocorreu durante a noite. O pai cinco anos mais velho que a mãe, na faixa dos 30 anos, ambos com ensino fundamental incompleto. O pai carpinteiro trabalhava até 44h e a mãe empregada doméstica com jornada de até 40h. Pais de uma menina de seis anos que frequentava a escola em tempo integral. Família possuía uma renda mensal em torno de R\$1450,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 13 anos. Pai e mãe revelaram serem pais há 13 anos, mas a filha mais velha é oriunda dessa mesma relação.

A respeito da avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (10), ficar totalmente diante da câmera (10) e apresentar um comportamento comum (4).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

É, eu acho que tô ajudando, porque... a gente faz de tudo pra não deixar ah... tem que buscar e trazer, não tem, ou a gente tá... (P07).

Família 08

A família foi entrevistada de manhã. O pai dois anos mais velho que a mãe, na faixa etária dos 30 anos. A mãe com ensino superior completo, trabalha esporadicamente com o pai em um escritório de advocacia. O pai com pós-graduação trabalha até 40h semanais. A criança, menina de 4 anos, estuda durante a tarde e tem um irmão mais novo de 1 ano de idade. A renda familiar relatada foi de R\$5000,00. O tempo de união do casal,

declarado pela mãe, foi de 14 anos. Pai e mãe revelaram serem pais a partir da criança foco.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se mais ou menos confortável (5), ficar mais ou menos diante da câmera (5) e apresentar um comportamento totalmente comum (1).

Nessa família, em destaque está o pai que teve o maior número de interações e em envolvimento. Talvez possa ser apontado alguns fatores levantados durante a entrevista para ilustrar essa participação. O pai com ensino superior e pós-graduação refere ter um horário flexível no trabalho, o que facilita sua interação com a criança.

(...) assim ó, novamente o foco do trabalho, a gente tem muita flexibilidade, o escritório é nosso, a gente faz o nosso horário, o cliente, ele não vai bater na minha porta, ah eu quero ser atendido, ele liga assim ó, teu horário é tal. Um plantão, uma emergência assim nunca vai acontecer até pela área que a gente atua né, então assim, o meu trabalho facilita muito assim (...) (P08).

Família 09

Essa família foi visitada no final da tarde. Pai e mãe com a mesma idade e na faixa dos 30 anos e com ensino superior completo. Ambos representantes comerciais, possuíam jornada de trabalho de 40h (para a mãe) e acima de 44h (para o pai). O menino de 6 anos frequentava a escola durante a tarde, tinha um irmão mais velho e uma babá que tomava conta dos irmãos. A renda familiar relatada foi de R\$10000,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 10 anos. Pai e mãe foram pais anteriormente à criança foco, mas dessa mesma relação.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (8), ficar totalmente diante da câmera (9) e apresentar um comportamento mais ou menos comum (5).

Esse pai chamou atenção pela sua baixa interação com a criança durante a diádica, apesar de apresentar um escore próximo de 4,00 no QEP. Numa análise mais detalhada do vídeo, foi possível perceber que essa foi a interação que mais teve fala do pai, ou seja, o pai mudou de assunto várias vezes, não direcionando a atenção da criança para a atividade em si, mas comentando a respeito de outros aspectos como a escola e a natação. Foi demonstrado um certo desinteresse ou afeto negativo quando o pai sugeriu para a criança a pegar os seus próprios brinquedos para inserir na atividade.

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

(...) ele gosta muito de ludo, carrinho, ou ler também ele gosta muito de ler, a gente lê algumas coisas, mas só que ele enjoa muito rápido, então dá cada, dá meia hora ele não aguenta aquela... ele já quer pular pra outra aí dá mais 20 minutos ele já... aí depois quer assistir televisão, então ele não fica mais de 20 minutos, as vezes ele fica até meia hora brincando com os carrinho, mas depois ele vai lá, senta e quer assistir televisão então é mais ou menos esse o período que ele gosta de brincar, a gente fica ali né (P09).

Família 10

A coleta foi realizada no período da manhã. Mãe e pai com a mesma idade, na faixa dos 30 anos. Mãe com ensino superior, professora do ensino fundamental, mas atualmente não possui jornada de trabalho fora de casa. Pai é professor, mas atualmente está se dedicando à pós-graduação com bolsa de estudos. A criança um menino de 6 anos, frequenta a escola no período matutino. A renda relatada foi de aproximadamente R\$1000,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 6 anos. A família revelou que a maternidade e a paternidade ocorreram com a criança foco e os pais não possuíam outro filho ou filha.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (8), ficar mais ou menos diante da câmera (5) e apresentar um comportamento totalmente comum (2).

A essa família cabe destaque porque o pai apresentou médias baixas no QEP e em interação, mas a frequência de comportamentos aumentou durante a triádica ficando próxima a da mãe. Além disso, o pai apresentou uma alta média em evitação. Esses resultados podem ser explicados pelo fato o pai não passar muito tempo com a criança e que, por esse motivo não possui a mesma proximidade que a mãe possui, ficando mais responsável pela disciplina do que por este contato mais próximo e afetuoso, conforme exemplifica o extrato da entrevista.

(..) no caso de minha esposa ela deixou de trabalhar então... e a dedicação em relação à criança foi maior. Então isso também desfavorece um pouco a participação com a criança, porque (nome da criança) tem contato direto com minha esposa e essa união um pouco desfavorece a comunicação com meu filho, tá? Porque mesmo termino sendo um pouco desconhecido para ele tá? (...). Porque eu falo a mãe

tem essa característica toda e eu não tenho muito isso, acho que também como tenho uma família com mais autoridade, com o tema de ser independente... O fato assim de carinho não é muito comigo. (P10).

Família 11

A visita ocorreu durante a tarde. O pai seis anos mais velho que a mãe e ambos na faixa dos 30 anos e com ensino médio completo. Pai auxiliar de transporte, trabalha acima de 44h. Mãe empregada doméstica e trabalha até 40h semanais. Criança do sexo feminino de 5 anos frequenta a escola em período integral e possui uma irmã mais nova. A renda mensal familiar relatada foi de R\$1800,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 8 anos. A paternidade e a maternidade ocorreu com a criança foco e a outra filha é fruto dessa mesma relação.

A respeito da avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (10), ficar totalmente diante da câmera (8) e apresentar um comportamento totalmente comum (1).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

Geralmente a gente vê filme. Geralmente quando eu to cansado eu vejo filme com ela, ela fica quietinha. Ela gosta de ver filme, desenhinho. Eu fico com ela, geralmente eu durmo. E ela fica vendo, ela gosta geralmente de ver filme. Geralmente é essa rotina de ver filme. É difícil que a gente saia, pega os brinquedos lá em cima, as vezes a gente fica ouvindo música. Mas o que a gente mais faz é vê desenho mesmo (P11).

Família 12

A coleta aconteceu no período da noite. Pais com a mesma idade, na faixa dos 40 anos. Mãe financeira, com ensino superior completo, trabalha até 30 horas. Pai mecânico, com ensino médio, trabalha até 40 horas. O menino de seis anos frequentava a escola em período integral e tinha uma babá que se ocupava dele e da casa. A renda familiar relatada foi de R\$4700,00. O tempo de união do casal, declarado pela mãe, foi de 18 anos. Pai e mãe são pais há 12 anos, ou seja, tiveram uma filha anteriormente à criança foco.

Com relação à avaliação da sua participação durante as observações, o pai revelou sentir-se totalmente confortável (9), ficar diante da câmera (7) e apresentar um comportamento totalmente comum (2).

Algumas atividades que o pai relatou fazer quando estava em casa com a criança durante a semana ou no final de semana estão representadas no extrato abaixo:

Então eu já faço a tarefa do colégio com ele (...). Às vezes a gente brinca um pouquinho, às vezes a (nome da irmã) também vem e a gente brinca um pouquinho. Às vezes também a gente toca um violão, porque eu gosto de tocar violão e a (nome da irmã) também a daí o (nome da criança) também se envolve (P12).

6 DISCUSSÃO

Dada a complexidade do fenômeno, a multidimensionalidade e a multideterminação (Belsky, 1981; Dubeau et al., 2009; Lamb et al., 1985; Lamb, 2007; Pleck, 1997) e pela perspectiva teórica adotada para embasar este trabalho, propôs-se uma investigação multimetodológica. Nesse sentido foram utilizadas as contribuições das duas importantes abordagens de pesquisa: a quantitativa e a qualitativa (Creswell, 2010; Dessen et al., 2009). Este estudo contou com a realização de observação naturalística das interações dos pais com as crianças, que por meio de visitas domiciliares (que se aproxima de uma incursão ecológica de acordo com Bronfenbrenner, 1996), permitiram melhor compreender a família no seu contexto de desenvolvimento. A triangulação das observações com outras fontes de dados intensifica a expressividade dos dados assim reunidos (Flick, 2009; Karasz & Singelis, 2009).

O desenvolvimento infantil, da saúde e do bem-estar das crianças tem sido uma preocupação dentro do seio familiar e do meio social. Nesse sentido, favorecer o envolvimento dos pais na promoção do desenvolvimento dos filhos torna-se um fator importante e, para isso, a união de esforços, pesquisas, áreas de conhecimento e principalmente, considerando a multiplicidade de métodos e olhares a respeito do fenômeno, contribui para endossar o conhecimento sobre a paternidade. Por isso, revisões de literatura tais como as apresentadas no decorrer desse capítulo, dentre as quais destaca-se a revisão realizada pela autora dessa pesquisa e colegas (Bossardi et al., 2015), são necessárias para produção de avanços teóricos, metodológicos e também fornecendo perspectivas de intervenções práticas. Mas, indo mais adiante, a produção de dados empíricos a partir dos já existentes permite o avanço científico e o preenchimento de lacunas para a compreensão do fenômeno.

Essa pesquisa que utilizou as contribuições da perspectiva bioecológica de Bronfenbrenner leva a considerar as relações complexas entre o homem e seu ambiente, não estando, portanto, centrada somente nas características individuais do ser humano, reconhecendo a sua capacidade de agir e interagir sobre os sistemas sociais. Contou ainda com a compreensão mais global da Psicologia Evolucionista que entende as especificidades nos comportamentos maternos e paternos a partir de influências biológicas em interação com as culturais e que, por meio da Teoria do Investimento Parental, fornece importantes contribuições no estudo das mudanças ocorridas no envolvimento paterno e materno.

Conforme apresentado no item 3.10 da revisão bibliográfica, pela Figura 1, essa pesquisa teve origem em um modelo teórico do qual foram

criadas hipóteses em torno do envolvimento paterno. O envolvimento paterno, enquanto parte do subsistema parental, não pode ser compreendido sem levar em consideração o subsistema que o deu origem, o subsistema conjugal. Dessa forma, a partir da hipótese 1, a qual pretendeu explicar o envolvimento paterno a partir da relação entre esses dois subsistemas (parental e conjugal), propôs-se as demais hipóteses dessa pesquisa que foram construídas num crescente de variáveis, de análises e de metodologias que permitiram melhor compreender o envolvimento do pai.

Pelo olhar sistêmico do sistema familiar, não se pode deixar de levar em consideração as múltiplas influências em interação. Nesse aspecto entram em jogo os determinantes do envolvimento, composto por diversos fatores que constantemente aparecem associados ao envolvimento do pai com os filhos. A influência e as variáveis maternas, também são investigadas e essa análise mais ampla e quantitativa que compôs o estudo 1 dessa tese, recebeu um tratamento mais específico, exploratório e complementar, representado pelo estudo 2.

A discussão será aqui apresentada de modo a apresentar os resultados e respostas obtidas para cada uma das hipóteses, que em conformidade com os objetivos e a metodologia dessa pesquisa, pretenderam investigar como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos de 4 a 6 anos.

Desse modo, serão retomadas as variáveis exploradas nesse estudo, procurando inserir em uma mesma discussão os resultados do estudo 1 e do estudo 2 para que juntos possam fornecer respostas aos objetivos dessa tese. Ao final será feita uma análise de cada hipótese dessa pesquisa, para identificar sua confirmação total, parcial ou refutação. Ainda será feita uma consideração final a respeito do envolvimento paterno.

6.1 CARACTERIZAÇÃO SOCIODEMOGRÁFICA

Do total de famílias participantes do estudo 1 dessa pesquisa, a grande maioria era formada por pais biológicos das crianças, sendo caracterizadas portanto por famílias nucleares. Também ocorreram casos de recasamentos e outras configurações dentre as quais destacam-se as famílias recasadas com padrastos. Referente ao estudo 2, as 12 famílias classificaram-se como nucleares ou recasadas, mas com pais e mães biológicos de todos os filhos.

Conforme a Teoria do Investimento Parental e, por meio de uma compreensão evolucionista (Borrione & Lordelo, 2005; Geary & Flinn, 2000; Kriegman, 1999; Trivers, 1972), o fato de ser pai biológico ou não,

poderá influenciar na quantidade de investimento dispensado aos filhos. As análises estatísticas não revelaram resultados significativos em relação ao envolvimento paterno, em função da configuração familiar (famílias recasadas, nucleares, pais biológicos ou não biológicos ou outras configurações), o que pode ser explicado pelo fato de existirem um número expressivo de famílias com pais biológicos em comparação a outras configurações.

É importante sinalizar em relação à configuração familiar, que as mães das famílias nucleares referiram mais harmonia conjugal, em comparação às mães das famílias recasadas, mesmo nos casos de pais biológicos da criança foco. Dessa forma, o fator status do relacionamento ou a transição de um relacionamento para outro pode afetar a forma como a mãe encara o relacionamento conjugal. Tal dado se torna importante, tendo em vista que a estabilidade na união ou as transições no status do relacionamento do casal, o divórcio, a não coabitação e as relações não românticas podem indicar menores níveis de envolvimento com as crianças (McClain & DeMaris, 2013).

Carlson et al. (2011) também encontraram resultados diferenciados para a qualidade da relação conjugal dependendo do status do relacionamento. Pais casados desde o nascimento da criança apresentaram maiores índices de satisfação conjugal do que pais coabitantes ou que se tornaram coabitantes ao longo dos três a cinco anos de idade da criança. Indícios a esse respeito deveriam ser investigados mais a fundo, pois já indicam que desde o início da conjugalidade, da própria configuração familiar, já podem haver influências na qualidade do relacionamento conjugal e, por sua vez, no envolvimento parental.

Com relação à escolaridade, à renda e à jornada de trabalho, conforme apresentado por dados oficiais nacionais e também pelas pesquisas (Carvalho et al., 2008; IBGE, 2010; Jablonski, 2010), as mães apresentaram maior escolaridade (por faixas), menor rendimento e menores jornadas de trabalho em comparação aos pais. No estudo 2, das 12 famílias, metade das mães não estava desempenhando um trabalho fora de casa, enquanto que todos os homens trabalhavam fora e oito deles possuíam jornada acima de 40 horas semanais.

Análises correlacionais demonstraram que quando a escolaridade materna é mais alta, menor será seu envolvimento em disciplina e menos reciprocidade negativa e evitação relatada pela mãe. Do mesmo modo, a escolaridade do pai também mostrou-se correlacionada com questões do envolvimento e do relacionamento conjugal. Maior escolaridade paterna, maior envolvimento em jogos físicos, abertura ao mundo, disciplina, maior qualidade na relação conjugal de ambos pai e mãe e menor evitação

paterna, evitação e reciprocidade negativa maternas. O que se destacam aqui são as correlações entre a escolaridade do pai e as percepções maternas sobre o relacionamento conjugal.

A renda paterna, além de importante relação com a escolaridade, relaciona-se também com uma maior qualidade no relacionamento conjugal do pai e com menor reciprocidade negativa e evitação de ambos pai e mãe. A idade do pai relaciona-se com menor envolvimento em jogos físicos, menor personalidade dominante e menor harmonia materna. No que se refere aos aspectos da jornada de trabalho, maiores jornadas de trabalho maternas fora de casa, menos a mãe realiza tarefas de casa e mais o pai realiza cuidados básicos e tarefas de casa. Ainda, quanto maior a jornada de trabalho do pai menos ele se envolve em tarefas de casa.

O sexo e a idade da criança também apresentaram resultados importantes para a compreensão do envolvimento paterno. O pai se envolveu mais em cuidados com crianças do sexo masculino e teve um maior envolvimento total e também em cuidados com crianças mais jovens. Assim como o pai, a mãe também apresentou maior envolvimento em cuidados quando as crianças eram menores. No estudo 2 o envolvimento paterno total e em cuidados também foi maior com crianças mais jovens (com 4 anos, em relação às idades de 5 e 6 anos).

No segundo estudo, destacaram-se os resultados relacionados à renda materna, maior renda menor o envolvimento da mãe total e em cuidados básicos, o que não deixa de ter relações com o fato de a mãe sair para trabalhar fora de casa. Mães com maior renda possuem babá e, por esse motivo apresentam uma qualidade no relacionamento mais elevada e relatam menor reciprocidade negativa na relação conjugal.

A respeito das interações, é importante sinalizar que há maior não interação paterna na triádica quando o pai possui uma renda acima de R\$4000,00 do que quando a renda está abaixo desse valor, o que parece indicar que maior renda, envolvendo mais tempo de trabalho fora de casa, contribui para uma diminuição da interação paterna com os filhos.

Com esses dados a respeito de uma maior jornada de trabalho e renda paterna, pode-se melhor compreender a forma como as famílias estão organizadas a respeito das funções ou tarefas parentais. A categoria 9, resultante das entrevistas, refere-se às atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham e enquanto os pais identificam-se e são identificados pelas mães como sendo os principais responsáveis pelo sustento econômico familiar, existem indícios também de uma maior divisão de tarefas entre pais e mães e até famílias que não identificam mais uma divisão claramente estabelecida entre eles. Algumas famílias relataram existir agora um certo revezamento nas tarefas ou

responsabilidade, que muitas vezes podem ser explicadas pelas diferenças entre homem e mulher.

Esses e outros relacionamentos envolvendo as características sociodemográficas e o envolvimento parental como também com o relacionamento conjugal são constantemente demarcados nas pesquisas, principalmente dentre as quais que estudam mais diretamente os fatores determinantes do envolvimento (Saraff & Srivastava, 2009; Turcotte & Gaudet, 2009). Enfocando principalmente na importância da escolaridade na determinação de influências positivas para com o envolvimento e das horas de trabalho que contribuem efetivamente para diminuir a quantidade de envolvimento (Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009)

Parece ser um consenso na literatura de que fatores socioeconômicos como a industrialização e o crescente aumento da participação materna no mercado de trabalho, influenciou as modificações hoje evidenciadas nas famílias, demarcando o desempenho de diferenciadas entre pais e mães e a transição dos papéis tradicionais para um modelo em que o pai torna-se mais participativo e envolvido com os filhos (Jablonsky, 2010; Roopnarine et al., 2013; Saraff & Srivastava, 2009; Schoppe-Sullivan et al., 2013; Wagner et al., 2005). E, por esse motivo, procura-se demarcar tanto as funções que estão sendo exercidas pelo pai, bem como qual a efetiva contribuição de uma paternidade diretamente participativa ou de uma coparentalidade para o desenvolvimento infantil (Borsa & Nunes, 2011; Bueno & Vieira, 2014; Souza & Benetti, 2009).

Nesse aspecto, a influência materna no comportamento paterno passa a ser foco de interesse, pois parece que por meio da sua maior participação no mercado de trabalho, ela diminuiu sua intensa presença dentro de casa, dando espaço para uma maior atuação paterna tanto ao cuidado com os filhos, como com as tarefas familiares. A mãe atuou portanto, para estimular a participação paterna na divisão ou compartilhamento das tarefas relacionadas, principalmente aos filhos. Por outro lado, a mãe também pode influenciar o envolvimento paterno de uma forma negativa, inibindo ou criticando a sua participação (Cannon et al., 2008; Fagan & Barnett, 2003; Gaunt, 2008; McBride et al., 2005; Monteiro et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008).

O efeito das variáveis pessoais e da presença materna foram melhor explorados por esta pesquisa e serão discutidos mais adiante.

6.2 ENVOLVIMENTO E INTERAÇÕES PARENTAIS

No estudo 1, a quantidade de envolvimento total relatada pelo pai foi alta e indicou que ele disse se envolver quase sempre e realizar diversas atividades com as crianças. Em termos de dimensões específicas do envolvimento paterno, o pai referiu um mais alto envolvimento em suporte emocional, seguido pela disciplina. O envolvimento paterno em atividades de cuidados básicos (identificadas tradicionalmente como função feminina), apareceu como a quarta dentre os sete tipos de atividades analisadas nessa pesquisa. A quantidade de envolvimento em jogos físicos e abertura ao mundo (especificidades mais ligadas às funções paternas) seguiu logo abaixo dos cuidados. A realização de tarefas de casa, indicadas pelo pai obteve o menor índice de envolvimento dentre as demais.

Já a mãe, com relação ao pai, se destacou em todas as dimensões, com excessão dos jogos físicos. Seu mais alto envolvimento foi em suporte emocional e cuidados básicos. Tais dados referentes ao envolvimento parental foram demarcados também no estudo 2, o que demonstra que inicialmente, mesmo com um número pequeno de famílias, o envolvimento paterno parece estar, dessa forma, bem delimitado. Então, pode-se dizer que as interações diretas analisadas aqui nessa pesquisa dizem respeito ao mesmo estilo de pai correspondente ao total de participantes.

Com relação às interações, de uma forma geral, o maior número de comportamentos paternos evidenciados na relação diádica (pai-criança) foi em instrução, seguido de afeto positivo, motivação e fala. Durante a situação triádica (pai-mãe-criança), em comparação à diádica, o número de interações gerais diminuiu, aumentando assim as frequências em não interação e o comportamento paterno mais evidente passou a ser em afeto positivo, seguido de instrução, motivação e fala.

Embora tenha havido uma diferenciação entre as interações paternas com e sem a presença materna, essas diferenças não foram estatisticamente confirmadas. Somente a não interação paterna é que revelou-se estatisticamente maior na presença materna, ou seja, o pai apresentou mais períodos de não interação durante a situação triádica.

Comparando também os resultados do envolvimento relatado pelos pais e pelas mães, o pai disse se envolver mais do que a mãe em jogos físicos. Em outras palavras, tanto em nível de envolvimento total quanto em termos específicos (suporte emocional, cuidados básicos, disciplina, abertura ao mundo, evocações e tarefas de casa) a mãe revelou se destacar mais do que o pai.

Os dados referentes ao destacado envolvimento paterno em jogos físicos estão de acordo com os dados revelados nas pesquisas em diferentes países, culturas ou etnias (Bingham et al., 2013; John et al., 2013; Leavell et al., 2012; Paquette et al., 2003).

Além disso, de acordo com a teoria da ativação proposta por Paquette (2004), a noção de que existem diferenças entre as interações pai-criança e mãe-criança e de que o pai desempenha importante papel em promover a exploração e a estimulação da criança, ao mesmo tempo que oferece limites e disciplina (Bigras & Paquette, 2000; Dumont & Paquette, 2012; Gaumon & Paquette, 2012), pode ser útil para explicar o destaque no envolvimento do pai em jogos físicos, em comparação à mãe, bem como seu envolvimento destacadamente em disciplina.

Diferenças comportamentais entre pais e mães durante as situações diádicas e triádicas também foram apontadas por Lindsey e Caldera (2006). Mães demonstraram-se mais envolvidas com as crianças do que os pais durante as situações triádicas, mas apresentaram mudanças significativas na presença paterna. Do mesmo modo, o pai pode sofrer modificações na presença materna, conforme Mendonça et al., (2011), o contexto de interação tem um impacto na sincronia interacional pais-criança. Nas díades foram encontradas semelhanças entre pai e mãe, ambos tiveram um alto envolvimento com a criança. Já nas tríades, comparado com mãe-criança, os padrões de interação do pai foram significativamente menos sincrônicos.

Mais especificamente a partir da década de 70 entram em cena os questionamentos sobre se os pais são competentes para educar as crianças. Esses questionamentos surgiram tendo em vista as modificações no cenário econômico marcadas pelo aumento da presença da mulher no mercado de trabalho. Com isso, modificam-se também os papéis parentais e o pai passou a investir mais nos cuidados com os filhos, principalmente no que se refere à esfera da vida afetiva. Também começam a acompanhar as mulheres durante os exames pré-natais e os cursos de preparação para o parto. As atenções voltam-se, para as necessidades da criança e a autoridade parental passa a dividir seu lugar com o afeto (Bossardi, 2011; Lamb, 1997; Saraff & Srivastava, 2009, Silva & Piccinini, 2007; Vieira et al., 2013; Wagner et al., 2005).

Por meio desses resultados, pode-se dizer portanto, que a paternidade vem se alterando ao longo dos anos e, que atualmente, apesar de ter se destacado nas pesquisas como uma paternidade mais participativa e com altos índices de envolvimento e interações, quando comparada às funções desempenhadas pela mãe, destaca-se somente em jogos físicos, atividade apontada na literatura como sendo uma especificidade paterna (Geary &

Flinn, 2001; Paquette, 2004; Paquette et al., 2009; Paquette & Bigras, 2010; Seidl-de-Moura, 2005).

Diferentes autores apontam uma tendência de os homens investirem mais do que era esperado tradicionalmente (Bossardi, 2011; Bossardi et al, 2013; Bandeira, 2009, Saraff & Srivastava, 2009; Jablonski, 2010; Wagner et al., 2005), mas os resultados de pesquisas parecem indicar que as responsabilidades dos homens e das mulheres não sofreram uma mudança considerável, principalmente no que se refere aos cuidados e às tarefas de casa e que, mesmo que os pais pareçam responder melhor às necessidades das crianças, as maiores responsabilidades para com os filhos ainda competem às mães (Bandeira, 2009; Bossardi, 2011; Jablonski, 2010; Roopnarine et al., 2013).

Nas análises das entrevistas, mais especificamente na categoria 2, referente à participação nas atividades familiares, pais e mães responderam sobre qual era a sua participação nas atividades da casa e com a criança. Com relação às atividades da casa, o pai relatou se envolver pouco e não tanto quanto a esposa, ajudando ela ou participando quando necessário. Já a mãe revelou ser ela a principal responsável por organizar, tomar as decisões e realizar as tarefas da casa. Referente à participação nas atividades com a criança, ambos pai e mãe foram bastante próximos em suas respostas, revelando se envolver em brincadeiras dentro e fora de casa, atividades escolares, interagir nos momentos das refeições, atividades literárias e envolver a criança nas suas próprias atividades diárias.

Nesse aspecto das interações nos momentos em que passam junto da criança, parece que o brincar, antes mais direcionado à função paterna (Goetz & Vieira, 2009), passou a também ser evidenciado dentre as atividades que a mãe realiza. Da mesma forma, o envolvimento em atividades escolares, de alfabetização e literárias, tais como ajudar a criança com os deveres da escola e ler histórias infantis, parecem agora fazer parte do repertório de atividades paternas, assim como faz parte das maternas. De acordo com os achados de Leavell et al. (2012), embora os pais estivessem mais envolvidos em jogos físicos do que em atividades de alfabetização, com as meninas eles tenderam a realizar mais atividades literárias e de alfabetização.

Tendo em vista os resultados obtidos por meio dos relatos das atividades que os pais realizavam com as crianças e também do que foi evidenciado diretamente pelas observações, torna-se necessário estabelecer um comparativo entre as interações e o envolvimento paternos. Uma análise correlacional entre os dados do instrumento que investigou o envolvimento (QEP) com os resultados gerados a partir das

observações das interações, indicou relações positivas das tarefas de casa, dos jogos físicos e do suporte emocional paternos com aspectos interacionais, envolvendo a motivação e a fala do pai com a criança nas duas situações (diádicas e triádicas). O fato de não terem sido encontradas maiores e diferentes relações pode ser explicado em função de as dimensões avaliadas em termos de envolvimento não condizerem, talvez, exatamente com as características avaliadas na interação.

Conforme apresenta a Tabela 46 na seção dos resultados, em uma simples análise da correspondência entre maior envolvimento e maior interação, foi possível observar que os pais que apresentaram uma frequência de interações diádicas maior que 70, foram os pais que apresentaram uma média de envolvimento superior a 4,00 (em uma escala de 1 a 5). O contrário também ocorreu, de forma que os pais que apresentaram médias abaixo de 4,00 (com exceção de uma família-05), foram os pais que interagiram menos de 70 vezes com sua criança, na situação diádica. Podem ser citados como exemplos, respectivamente as famílias 08 e 06 (ver Tabela 46).

Convém lembrar aqui que assim como o envolvimento recebe influências do tempo de trabalho do pai, a não interação também aumentou em função de maior renda paterna, que pode estar subentendida por maior jornada de trabalho.

Pelas definições de envolvimento contidas no trabalho de Lamb et al. (1985), uma das dimensões que contemplam tal conceito é representada pelo fator engajamento ou interação que se refere justamente a essa participação mais direta do pai com a criança. Tomou-se portanto, nessa tese a compreensão de que incluída ao fator envolvimento estariam então as interações. A partir dessa definição mais conceitual, pode-se entender que podem existir correspondências entre o que é relatado pelos pais e o que é de fato por eles realizado. Mas também considerou-se que poderiam ser encontradas diferenças tendo em vista que nem sempre os instrumentos estão tratando de um mesmo aspecto da relação.

Tal como indicaram os resultados e como era esperado, o que foi relatado pelos pais, em termos de envolvimento, esteve, de alguma forma, correlacionado com as interações pai-criança. Como apontado por alguns autores, nem sempre essa relação é suficientemente clara, devido à natureza complexa das relações e, para afirmar com mais propriedade se os relatos e a prática estão interligados, seria necessária uma investigação contemplando aspectos da deseabilidade social do participante e dos construtos a serem avaliados (Kobark & Vieira, 2008; Lordelo et al., 2000).

A seguir será apresentada a discussão a respeito da principal relação estudada nessa tese (sistemas conjugal e parental).

6.3 RELACIONAMENTO CONJUGAL, INTERAÇÃO PAI-MÃE E SUA RELAÇÃO COM O ENVOLVIMENTO E INTERAÇÃO PATERNOS

Sobre o relacionamento conjugal, os dois instrumentos de análise revelaram que as famílias se consideraram satisfeitas, felizes e com poucos conflitos, revelando assim a qualidade do relacionamento conjugal. Relacionado a isso, os casais referiram alta harmonia conjugal e sem diferenças entre as percepções maternas e paternas. A respeito do aspecto mais negativo do relacionamento conjugal, na existência de discordâncias ou conflitos, enquanto o pai tende a utilizar a evitação das brigas e discussões, a mãe disse praticar a reciprocidade negativa, ou seja, a mãe tende a brigar, discutir e sentir uma certa desigualdade na relação.

No segundo estudo, com um número menor de participantes, a harmonia e a qualidade na relação também são bastante evidenciadas, mas tanto pai quanto mãe referem evitar mais as brigas do que praticar a reciprocidade negativa.

De acordo com as informações da literatura, existem algumas diferenças na forma de resolver os conflitos entre homens e mulheres. Os homens tendem a ser mais evitantes, desviando-se mais de compromissos e também de discussões, a respeito do relacionamento, do que as mães (Belk & Snell, 1988; Geary & Flinn, 2001).

A maioria dos casais avalia positivamente a relação, apontando-a como justa para ambos. Mas tanto pais quanto mães parecem estar divididos numa previsão futura do relacionamento, sendo que um grande número indicou acreditar que a relação ou ficará do mesmo jeito ou irá melhorar e a pessoa terá mais do que espera do cônjuge. Apenas três pais e três mães tiveram uma previsão negativa do relacionamento, indicando acreditar que a relação iria piorar. Esse resultado indica uma certa reciprocidade entre os casais, significando que estabelecem acordos referentes à relação conjugal. Quanto maior a equidade na relação, maiores serão os acordos conjugais, menores os conflitos e mais satisfação (Walster et al., 1978).

O que fica evidente até o presente momento é que em termos de relacionamento conjugal, as famílias caracterizaram-se como harmônicas e satisfeitas, o que já pode ser relacionado com os altos índices de envolvimento declarados por pais e mães. Essa relação foi avaliada, mais especificamente por meio de análises correlacionais e de regressão linear simples. Também, por meio do estudo 2, as interações pai-mãe foram

relacionadas às interações paternas durante a triádica e ainda em entrevista, o casal respondeu a respeito de como considerava a influência do relacionamento conjugal no envolvimento parental.

A respeito das variáveis paternas, os aspectos positivos do relacionamento conjugal (QRC ou harmonia), na percepção paterna apresentaram-se relacionados com o envolvimento paterno total, suporte emocional e abertura ao mundo. Por outro lado, os negativos (representados somente pela evitação) relacionaram-se inversamente com o envolvimento paterno total, cuidados básicos e jogos físicos.

Da mesma forma que ocorreu com o pai, os aspectos positivos da relação conjugal (mais especificamente o QRC) apresentaram relações o envolvimento materno total, suporte emocional e abertura ao mundo. Já os aspectos negativos, para a mãe, relacionaram-se com o envolvimento materno geral e abertura ao mundo. A percepção materna sobre o relacionamento conjugal também apresentou correlações com o envolvimento paterno (QEP total, jogos físicos e abertura ao mundo), o que justificou uma análise considerando além da percepção paterna, a materna como fator influente no envolvimento.

A partir de uma revisão sistemática da literatura a esse respeito, os artigos analisados, além de indicarem que os efeitos do relacionamento conjugal sobre o envolvimento paterno são maiores e mais evidenciados do que sobre o envolvimento materno, as pesquisas também evidenciaram que o pai tem seu envolvimento mais modificado dependendo da sua própria percepção do relacionamento conjugal e também da percepção materna nesse aspecto (Bossardi et al., 2015).

Nessa pesquisa também foi proposto que os aspectos positivos estariam melhor relacionados ou apresentariam maior grau de influência do que os aspectos negativos da conjugalidade. Embora muitas pesquisas centrem-se em apontar que o conflito conjugal pode influenciar negativamente as relações parentais (Coiro & Emery, 1998; Kaczynski et al., 2006; Lindsey et al., 2009; Schwebel et al., 2012; Shin et al., 2012), essa pesquisa revelou que, mais do que isso, quando há harmonia ou qualidade nas relações entre os casais, esses sim apresentaram um maior envolvimento e uma maior qualidade de interação pai-criança (Bossardi, 2011; Carlson et al., 2011; Chen, 2013; Lee & Doherty, 2007; Schober, 2012).

Em termos de correlações bivariadas ambos aspectos negativos e positivos do relacionamento conjugal influenciaram não o mesmo tipo de envolvimento, mas o mesmo número de dimensões do envolvimento paterno. Essas relações foram confirmadas por meio de regressões lineares simples, em que o envolvimento paterno foi considerado como

dependente em função dos aspectos do relacionamento conjugal, na percepção paterna.

A harmonia apresentou um efeito maior para explicar a variação no envolvimento paterno total, em comparação à evitação. A harmonia confirmou também seu poder preditivo em relação ao suporte emocional, enquanto que a evitação demonstrou-se ainda importante para prever o envolvimento paterno em cuidados básicos.

A respeito das interações pai-mãe, correlações entre as interações do casal com as interações do pai com criança na situação triádica, revelaram que o afeto positivo entre pai e mãe pode aumentar o afeto positivo do pai com a criança e diminuir a instrução paterna. Da mesma forma quando não houve interação entre o casal, o afeto positivo pai-criança diminuiu e a instrução aumentou. Em função do reduzido número de participantes, nesse caso as análises de regressão para confirmar a direção e o tamanho do efeito dessa relação não pode ser executada.

Sendo assim, pode-se constatar que a maior qualidade no relacionamento conjugal é um fator preditor de altos níveis de envolvimento parental (Carlson et al., 2011) e casais que vivenciam conflito e hostilidade na relação tendem a ser coercitivos e a não ter responsividade nas práticas parentais (Barnett, 2008). Para Coiro & Emery (1998) as associações existentes entre os sistemas conjugal e parental influenciam no modo como os pais estabelecem as relações coparentais e, ainda, os problemas no relacionamento conjugal podem ocasionar uma diminuição no envolvimento paterno, o que, por sua vez, refletirá na qualidade das interações pai-criança.

A influência do conflito conjugal na qualidade das interações pai-criança, mãe-criança e pai-mãe-criança foram apontados por Lindsey et al. (2009). Para esses autores, altos níveis de conflito conjugal foram associados com baixo apego seguro. O conflito na relação conjugal também foi associado com menos reciprocidade emocional na interação mãe-criança e reciprocidade emocional negativa na interação pai-criança. Os resultados evidenciaram que além dos efeitos na relação parental, o relacionamento conjugal pode produzir consequências para o comportamento infantil. Nesse sentido, a reciprocidade emocional positiva da mãe esteve relacionada com o comportamento positivo da criança com os pais e a reciprocidade emocional negativa do pai, relacionou-se com baixos níveis de comportamento positivo da criança e altos níveis de negativos (Lindsey et al., 2009).

Além disso, assim como o envolvimento paterno está relacionado a alguns determinantes, da mesma forma, a percepção sobre a relação conjugal sofre influências variadas no que concerne às variáveis pessoais,

familiares e extra-familiares. Não se trata somente, de uma simples e bivariada relação, o que indica que outras variáveis devem ser inseridas nesse contexto para melhor compreender as múltiplas influências (Bigras & Lafrenière, 1994; Bigras & Paquette, 2000; Jessee et al., 2010; McClain & DeMaris, 2013).

Sendo assim, o efeito preditor do relacionamento conjugal sobre o envolvimento paterno foi avaliado a partir da inserção de diferentes variáveis que foram utilizadas tanto como controle, como VI ou como mediadoras, conforme explica o item 6.4.

Antes disso, cabe discutir a respeito dos resultados obtidos pelas entrevistas envolvendo a relação entre os sistemas conjugal e parental. Quando perguntados sobre a influência do relacionamento conjugal na relação parental, metade das famílias opinou existir uma influência, enquanto a outra metade disse não acreditar que essa influência ocorra. É o que revela a categoria 7, na qual identificou-se que os pais, quando concordam que exista uma influência do sistema conjugal no parental, relatam que como as crianças tendem a ficar favoráveis à mãe, em casos de brigas conjugais, as interações pai-criança tendem a ficar prejudicada. Foram encontrados relatos que afirmaram ser um fator indissociável, a interação entre conjugalidade e parentalidade e, por último, o pai indicou um fator positivo de influência, na medida em que a cumplicidade e o bom relacionamento do casal irá refletir na educação infantil.

Conforme os relatos, pode-se perceber que quando apontadas as influências, foram relatadas mais as consequências negativas para a criança, em caso de brigas e discussões entre o casal, mas as consequências positivas também foram apontadas. Nesses termos, a criança seria beneficiada por meio de uma relação conjugal de qualidade.

A mãe, quando referiu existir, na sua opinião, uma influência das relações conjugais nas parentais, assim como o pai, também indicou como fatores negativos, principalmente se a criança estiver presente no momento das brigas, o posicionamento da criança a favor de um dos pais, a diminuição do número de interações conjuntas, bem como uma interferência direta na qualidade dessas interações familiares. As reações de raiva, tristeza ou do que quer que seja, após as brigas entre o casal, também ocasionariam uma diminuição das relações com os filhos.

Do mesmo modo que algumas famílias afirmaram acreditar e reconhecer que seu relacionamento com os companheiros ou companheiras pode influenciar na sua relação com as crianças, principalmente no caso de brigas ou discussões, ocasionando diminuição nas interações e, no caso, da presença da criança durante as brigas, as

consequências foram também destacadas. Existem, famílias que afirmam não existir tal relacionamento, indicando serem sistemas independentes.

Dessa forma, concorda-se com Braz et al. (2005) e Lindsey et al. (2009), quando os autores referem a complexidade de tais influências e suas consequências para o desenvolvimento infantil. Complexidade, pois além de depender de vários fatores, a sua percepção pode não ser tão óbvia entre as famílias e sem essa consciência, torna-se mais necessário o avanço no conhecimento e nas intervenções abordando sobre como as relações familiares podem interferir no desenvolvimento infantil. Deve-se investir em pesquisas e práticas buscando contribuir para acentuar a qualidade da interação parental por meio das relações maritais.

O relacionamento conjugal apresenta, portanto, relações com a parentalidade e também com o comportamento social das crianças, já que pesquisas apontam que assim como a qualidade da relação dos pais com a criança em casa refletem em aceitação social das crianças na escola, crianças que tem interação negativa com seus pais tendem a ser mais agressivas com seus pares e a sofrer mais rejeição escolar (Attili et al., 2010; Bolsoni-Silva & Marturano, 2010).

Para Stroud, et al. (2011), o funcionamento familiar pode ser entendido de uma forma mais completa se além da interação pais-crianças também forem investigadas as interconexões com o relacionamento conjugal. Identifica-se também a importância de que sejam investigadas como se dá essa relação e se acontece igualmente ou de forma diferenciada para pais e mães.

Reconhece-se também que a qualidade das relações parentais depende de múltiplos fatores, dentre eles os fatores individuais, relacionais e sociais (Bigras & Lafrenière, 1994). Nesse sentido, são apontados como fatores de influência o status do relacionamento (McClain & DeMaris, 2013), os traços de personalidade (Jessee et al., 2010), o temperamento infantil (Mehall et al., 2009; Schmidt et al., 2011).

Com base no exposto, propõe-se a discussão a respeito dos determinantes do envolvimento paterno que podem revelar também efeitos na relação entre os sistemas conjugal e parental.

6.4 DETERMINANTES DO ENVOLVIMENTO PATERNO

Diversas variáveis foram avaliadas como possíveis fatores de influência para explicar a variação no envolvimento paterno. Verificou-se ainda se na presença de tais determinantes a relação entre

relacionamento conjugal e envolvimento do pai continuaria ou se sofreria algumas alterações.

De uma maneira geral, o relacionamento entre qualidade e harmonia conjugal permaneceram, mas já a influência dos aspectos negativos (reciprocidade negativa e, principalmente evitação) não mais se apresentaram como fator de importância significativa para explicar a variação no envolvimento paterno tanto em termos totais como em dimensões específicas (cuidados básicos e jogos físicos).

Esses resultados vieram a confirmar que os aspectos relacionados à harmonia conjugal ou à qualidade do relacionamento podem melhor prever o envolvimento do que os aspectos mais negativos da relação do casal e estão de acordo com Mosmann et al. (2011), quando referem que a qualidade do relacionamento conjugal é considerada um fator de proteção do ambiente familiar e da saúde de seus membros.

Pode-se dizer então, que ao inserir variáveis pessoais, familiares e sociais na relação, a qualidade e a harmonia conjugal continuam a contribuir e a explicar positivamente a variação do envolvimento do pai (Bossardi, 2011; Carlson et al., 2011; Chen, 2013; Lee & Doherty, 2007; Schober, 2012), enquanto que a evitação não deixa de estar significativamente associada ao envolvimento. Tal afirmação depende, portanto, dos fatores determinantes (Belsky, 1984; Lamb, 1997; Lee & Doherty, 2007; Pleck e Hofferth, 2008; Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009; Saraff & Srivastava, 2009; Turcotte & Gaudet, 2009), já que em relações simples tanto a harmonia como a evitação pareciam interferir na relação do pai com a criança.

6.4.1 Caracterização geral do modelo preditor do envolvimento paterno – Modelo 1.

Partindo de um modelo teórico de influências no envolvimento paterno (Belsky, 1984; Lamb, 2007; Parke 1996; Turcotte & Gaudet, 2009), essa análise permitiu compreender mais especificamente quais fatores explicam a variação no envolvimento do pai. Parke (1996) indica que um modelo de determinantes deve incluir variados componentes, atuando como um sistema. Portanto, esse modelo não pode operar independentemente, mas deve funcionar em um conjunto para prever o envolvimento.

O modelo aplicado ao envolvimento total e por dimensões, apresentou resultados no envolvimento total e em suporte emocional, cuidados básicos, jogos físicos e tarefas de casa. Nas demais dimensões do envolvimento paterno, as variáveis em estudo nesta pesquisa, não

foram significativamente identificadas como preditoras do envolvimento. O que não significa que não sofram influências de nenhum fator, mas que essas relações precisam ser melhor exploradas, contemplando também essas características.

Dentre as *características pessoais* do pai, pais mais velhos se envolvem menos em cuidados e pais com maior escolaridade se envolvem mais em termos gerais e em jogos físicos. A personalidade revelou-se como um importante preditor do envolvimento, quanto mais dominante é o pai, maior é o envolvimento paterno total, em suporte emocional e em jogos físicos.

A personalidade de ambos os pais foi avaliada em dois aspectos, colaborativa e dominante. Ambos pai e mãe identificaram-se como mais colaborativos do que dominantes. A mãe possui mais dominância do que o pai e esses resultados ocorreram tanto para o total de participantes, quanto para as 12 famílias envolvidas no estudo 2. Para fins de análises finais, somente o aspecto dominante é que revelou resultados significativos e mais com relação ao envolvimento paterno do que ao materno.

Aqui, algumas das correlações bivariadas apresentadas foram, portanto, confirmadas por meio das análises de regressão. De acordo com Parke (1996) e Turcotte e Gaudet (2009), uma paternidade tardia pode produzir níveis e tipo de envolvimento diferenciados. Homens mais jovens têm mais energia para certos tipos de atividades, principalmente para aquelas que são essenciais para o papel paterno, como os jogos físicos. A paternidade jovem ainda pode contar com um apoio e convivência de avós mais jovens, o que facilita as interações.

De acordo com Zuroff et al., (2010) e Galdiolo & Roskman (2014), informações a respeito da personalidade parental fornecerão importantes indícios para ampliar a compreensão das características comportamentais e das diferenças individuais.

Más percepções sobre sua relação com a criança, a auto-eficácia parental e a vivência de estresse, podem ser influenciadas pelas características da personalidade e, ao mesmo tempo, ocasionar diminuição nas interações parentais, o que acarretaria em alguns prejuízos em relação ao desenvolvimento infantil (Giallo, et al., 2013).

Dentre as características individuais de pais e mães, a escolaridade também tem sido apontada como estando positivamente correlacionada com as relações de qualidade de ambos os pais com a criança. Da mesma forma, pais e mães que trabalham muito ou passam por alguma dificuldade financeira são menos disponíveis e podem não responder adequadamente às necessidades infantis (Giallo et al., 2013; Lee &

Doherty, 2007; Pinel-Jacquemin & Zaouche-Gaudron, 2009; Turcotte & Gaudet, 2009).

Com relação as *características da criança*, o pai disse se envolver mais, em termos totais, em cuidados e em jogos físicos, com crianças mais novas. O pai teve um maior envolvimento em cuidados com crianças do sexo masculino.

O período e as características do desenvolvimento infantil podem ser utilizados para explicar as modificações nas práticas parentais. Crianças menores, por suas características específicas e de dependência do adulto, demandam dos pais um maior envolvimento em cuidados básicos necessários à sua sobrevivência (Marin et al., 2011; Vieira et al., 2009).

Como as práticas parentais tendem a se modificar na medida em que as crianças crescem, de acordo com as habilidades e necessidades infantis (Marin et al., 2011), tal fato pode ser usado para explicar um envolvimento maior em momentos que a criança precisa de uma supervisão e interação mais direta do pai e, com o passar dos anos, com uma maior dependência infantil para tomar banho, se alimentar e até brincar mais sozinha, o envolvimento do pai diminui, passando ser mais uma supervisão de comportamentos do que propriamente uma atividade proximamente dita.

O sexo da criança pode direcionar um maior ou menor envolvimento paterno. Segundo Dumont e Paquette (2012) e Gaumon e Paquette (2012), o pai teria uma interação mais direcionada ao filho do sexo masculino e os resultados das suas pesquisas indicaram diferenças no comportamento do pai com as meninas e com os meninos.

Com relação ao sexo da criança, Parke (1996) indica que o pai tende a tocar e a vocalizar mais com bebês do sexo masculino. As meninas, não são ignoradas pelo pai, mas as interações ocorrem de uma forma diferenciada. Por outro lado, a mãe será a figura parental que irá mais frequentemente estimular as meninas por meio de um objeto ou manter o afeto e o contato corporal com elas.

Algumas diferenças parentais relacionadas ao sexo das crianças não foram completamente identificadas por essa pesquisa, pois em termos de interações o pai apresentou o maior número de comportamentos com as meninas do que com os meninos. Isso indica a necessidade de se investigar mais a respeito da influência das características infantis, procurando relacionar o maior número de variáveis e incluindo o fator temperamento. Indica-se também um aprofundamento dessas diferenças por meio das características inerentes a cada família, bem como número de filhos, jornada de trabalho de ambos os pais, entre outros. Um fator interessante a se considerar seria quem iniciou as interações, pois daria

maiores indícios se as interações foram ocasionadas mais por uma iniciativa paterna ou da própria criança.

Sobre as *características do ambiente social*, maior o tempo de trabalho do pai fora de casa, menor o envolvimento total, em cuidados, jogos físicos e tarefas de casa.

As demandas do trabalho são apontadas como uma das mais importantes influências extra-familiares. As horas que os pais passam no trabalho diminuem, consideravelmente, o tempo que eles despendem com os filhos. A qualidade do trabalho ou dos relacionamentos estabelecidos nesse ambiente irão influenciar a qualidade das relações parentais (Parke, 1996, Saraff & Srivastava, 2009; Souza & Benetti, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009).

Segundo Giallo, et al., (2013), o fato de trabalhar em tempo integral diminui o envolvimento de ambos os pais, e faz com que as atividades que antes a mãe realizava significativamente mais que o pai (atividades de rotina, de leitura e de brincadeiras), tenham sua intensidade reduzida, de modo que as diferenças entre pai e mãe não fiquem mais tão evidenciadas. A falta de tempo foi um dos fatores mais citados entre pais e mães, durante as entrevistas da presente pesquisa, dentre os fatores que eles consideravam exercer influência sobre o seu envolvimento, conforme será descrito mais adiante.

A respeito das *características do relacionamento conjugal*, a harmonia contribui para aumentar o envolvimento paterno em termos totais e em suporte emocional. Como relatado anteriormente, nenhum aspecto negativo da relação do casal confirmou resultados significativos para explicar a variação no envolvimento. Nas interações, o afeto positivo entre o casal esteve relacionado positivamente com o afeto positivo pai-criança na triádica.

No que se refere aos aspectos positivos, relacionados à satisfação ou à qualidade conjugal, pesquisas recentes têm apontado sua positiva relação com o sistema parental (Bolze, 2011; Bossardi, 2011; Carlson et al., 2011; Chen, 2013). Esses resultados tornam-se importantes para reforçar a compreensão de que a harmonia, a satisfação e o suporte parental estabelecidos na relação coparental, implicam em maior qualidade no relacionamento conjugal e, maior envolvimento (Chen, 2013).

De acordo com Bigras e Paquette (2000), uma relação de qualidade entre o casal pode favorecer as relações parentais, bem como a coesão e o suporte mútuo entre pais e mães e terão um papel fundamental no atendimento às necessidades infantis.

Ainda a respeito do relacionamento entre pai e mãe, Parke (1996) e Turcotte & Gaudet (2009), indicam que a qualidade do relacionamento conjugal interfere na relação parental, mesmo que isso não ocorra da mesma forma para o pai e para a mãe. Nesse sentido, a qualidade do relacionamento pai-mãe, afeta muito mais a relação pai-filho do que a relação mãe-filho. O suporte fornecido pelo cônjuge apresenta mais forte correlação com a competência paterna do que com a materna. Todos esses indícios serão melhor explorados no item 6.5 referente às especificidades paternas e maternas.

Em conformidade com os estudos de Coyl-Shepherd & Newland (2013) e Schoppe-Sullivan et al. (2013), essa pesquisa também indicou que as interações diretas e diádicas pai-criança sofreram variações de acordo com as variáveis do relacionamento conjugal e das variáveis familiares.

Em suma, considerando os múltiplos fatores que podem agir como determinantes do envolvimento parental, pais e mães responderam durante as entrevistas a respeito das variáveis que consideravam interferir na sua participação com a criança. Esse aspecto deu origem à categoria de número 3 e indica tanto os fatores que, na opinião dos pais e das mães ajudam/favorecem, quanto os que atrapalham/inibem a participação paterna e a materna.

Sobre os fatores que favorecem, o fato de não trabalhar, trabalhar em casa ou ter flexibilidade de horários no trabalho, aumentando assim o tempo em que passam com a criança, foi relatado por ambos os pais. O convívio ou a presença da família de origem também foi apontado pelos dois cônjuges. Enquanto o pai indicou a divisão de tarefas e a concordância com a esposa sobre a educação dos filhos, a mãe referiu a ajuda do pai, o bom relacionamento com a criança e o apoio da mídia, representada por canais educativos na televisão.

Dentre os fatores que atrapalham a participação paterna, o pai apontou a falta de tempo para interagir tanto quanto gostaria com a criança, a idade ao ser pai e o estresse ou algum problema de saúde. A mãe também apontou a falta de tempo ocasionada pela alta jornada de trabalho fora de casa, mas também indicou a necessidade de realizar tarefas de casa e relacionadas ao esposo como sendo fatores que podem fazer com que ela diminua seu envolvimento.

Esses resultados revelam a importância de se considerar a opinião do sujeito a respeito do fenômeno e permitiu observar que pais e mães confirmaram o efeito do trabalho, da falta de tempo para realizar as atividades e também das características pessoais (idade e estresse), além

das características familiares (relacionamento com a criança, concordância e ajuda do cônjuge).

A partir de entrevistas Anderson (1996), também destacou o ajustamento do pai às demandas sociais e pessoais e a administração do tempo para se envolver tanto com o trabalho quanto com a família. O relacionamento com a esposa e o suporte que dela recebiam também foram apontados como fatores influentes pelos pais. Além disso, tal como nesta pesquisa, o relacionamento com a família de origem também apareceu dentre as respostas. O papel da mãe favorecendo ou excluindo o pai no desempenho das suas funções também foi focalizado, assunto que será discutido a seguir.

Em outras entrevistas, os pais destacaram a resposta ou a reação positiva do bebê à tentativa de contato do pai, o estímulo e o incentivo da mãe que fornecia segurança e autorização seguir em frente, a proximidade ou o acompanhamento às rotinas do bebê e ao seu desenvolvimento como sendo facilitadores da sua interação com a criança (Krob et al., 2009).

6.4.2 Influência da mãe no envolvimento e interação paterna

Partindo da noção de que a mãe exerceria uma influência sobre o comportamento paterno, destaca-se essa influência desde o incremento da sua participação no mercado de trabalho em que passou a deixar um espaço ou a requerer uma maior participação paterna.

Essa ideia de que a mãe pode tanto inibir quanto favorecer um maior envolvimento direto do pai com a criança, antes mais explicada pelas especificidades entre homem e mulher nas funções parentais, em que a mulher, pelas questões biológicas teria uma função que é também cultural, voltada para o cuidado e um contato mais próximo com os filhos, principalmente nos primeiros anos de vida, passa a ser identificada atualmente pelo comportamento materno *gatekeeping*.

É pelo fenômeno *gatekeeping* que a influência da mãe sobre o comportamento parental é mais sistematicamente observada e analisada (Cannon et al., 2008; Gaunt, 2008; Monteiro et al., 2010; Schoppe-Sullivan et al., 2008). Nessa pesquisa o efeito da presença materna foi investigado tanto pela sua influência relacional ou mediadora no envolvimento (correlações e regressões) e mais diretamente pelas comparações entre as interações diádicas e triádicas. As entrevistas trazem aspectos das opiniões paternas e maternas a respeito da influência do cônjuge na sua parentalidade.

Correlações bivariadas revelaram algum relacionamento entre os envoltimentos materno e paterno, mas em uma análise mais específica,

os modelos de regressão (modelo 2) revelaram somente um efeito do envolvimento materno em cuidados básicos, jogos físicos e em tarefas de casa. Nesse sentido, um maior envolvimento da mãe em tarefas e cuidados acaba contribuindo para uma diminuição paterna nessas dimensões. Mas em jogos físicos, o envolvimento materno parece contribuir para aumentar o envolvimento paterno nesse aspecto, embora com efeito significativamente moderado.

A jornada de trabalho materna, fator apontado importante contribuinte para o aumento do envolvimento do pai, somente foi significativa em relação aos jogos físicos. Mais horas de trabalho da mãe fora de casa, menor o envolvimento do pai em jogos físicos. Conforme explicitam Lee e Doherty (2007), torna-se necessário investigar quais são os determinantes da relação entre envolvimento e relacionamento conjugal e, diante disso, a jornada de trabalho materna pode atuar como fator de efeito tanto para a satisfação conjugal quanto para o envolvimento.

Tais resultados em torno da dimensão jogos físicos são de extrema importância já que é uma das funções mais identificadas como tendo um alto envolvimento paterno e, nessa pesquisa, também revelou ser a única função que o pai desempenha mais, em comparação à participação materna. Isso indica, portanto, que a função característica paterna, depende de uma menor carga de trabalho materna e, conseqüentemente um maior envolvimento materno nessa dimensão. Ressalta-se que essas relações apresentaram uma significância moderada e, para fazer maiores inferências seria necessária uma investigação mais apropriada a respeito dessa dimensão.

O envolvimento materno ainda interagiu como fator mediador entre a relação existente entre harmonia e o envolvimento paterno total e entre a evitação e os cuidados básicos paternos. Assim, o relacionamento do envolvimento da mãe com ambas as variáveis, do relacionamento conjugal e do envolvimento, atua para diminuir o tamanho do efeito da harmonia sobre o envolvimento total e da evitação sobre os cuidados.

De acordo com Chen (2013) e Pleck e Hofferth (2008), o envolvimento materno apresenta relações positivas com o envolvimento paterno. Nesse sentido, o envolvimento materno atuou como fator preditor do envolvimento paterno nas atividades de socialização, jogos físicos, atividades fora de casa, lazer e comunicação positiva. Foi apontado um compartilhamento de tarefas e também a existência de papéis diferenciados entre pais e mães (Chen, 2013).

A percepção materna a respeito do relacionamento conjugal não revelou resultados expressivos para explicar a variação no envolvimento paterno, contrariando alguns apontamentos feitos em outras pesquisas

(Barnett, 2008; Chen, 2013; Stroud et al., 2010). Pode-se dizer então, que nessa pesquisa somente as percepções paternas do relacionamento é que irão interferir no envolvimento. Nesse quesito, são indicadas maiores investigações procurando identificar o efeito do relacionamento conjugal na percepção materna sobre a percepção paterna e vice-versa e ainda para aprimorar os conhecimentos a respeito da reciprocidade negativa relatada pela mãe, a qual indicou aqui alguns resultados que merecem ser melhor investigados.

O estudo de Chen (2013), apontou que mais importante do que as associações entre envolvimento e relacionamento conjugal, são as percepções paternas a respeito das relações coparentais em relação ao envolvimento. Índícios de coparentalidade e de acordos entre pais e mães, contribuem para um maior envolvimento paterno em cuidado, jogos físicos, socialização, lazer e comunicação positiva.

No que concerne às observações das interações, num total de frequências de comportamentos, o pai apresentou um número menor de interações, tanto ao nível verbal ou não verbal, na triádica, em comparação à diádica. Em comparação à mãe, durante a triádica, a frequência total foi menor. Em termos de não interação, pode-se dizer que foi maior durante a triádica e ainda maior que a não interação materna.

Numa análise mais específica, em uma comparação do pai da diádica com o pai na triádica (na presença materna), o pai na diádica teve maiores interações gerais, expressou mais instrução, motivação e fala. O afeto positivo foi o único aspecto em que o pai teve um aumento de interações da diádica para a triádica. Dentre todos esses dados, somente a não interação do pai é que foi significativamente maior durante a triádica do que na diádica.

Esses resultados revelam que, como esperado, o pai apresentou diferenças da interação pai-criança para a interação pai-mãe-criança, embora não todas estatisticamente significativas, o que pode ser explicado em função do número de sujeitos. Tais diferenças se deram tanto em termos de quantidade (comportamentos diminuíram quando a mãe estava presente) do que no tipo de interação (de instrução para afeto).

Segundo Polonia et al. (2005), a díade pode sofrer influência direta e indireta de outras pessoas que podem tanto inibir ou facilitar a interação. Do mesmo modo, as relações entre o casal podem ter impacto sobre as relações que cada cônjuge mantém com os filhos.

Parece que o pai tende a ser identificado, nas interações triádicas, como sendo menos responsivo do que a mãe e, a presença materna pode, assim, decrescer a qualidade da interação pai-criança. Da mesma forma,

as mães, também podem ser menos responsivas na presença dos pais (Dessen & Lewis, 1998, Lamb, 1997; Lewis, 1997).

Numa tentativa de identificar se a modificação nas interações paternas pode mesmo ser identificada como sendo em função da presença materna, as análises correlacionais permitem sugerir que em função do afeto positivo materno, o pai aumentou o seu padrão interacional por meio do afeto, diminuindo assim a instrução, comportamento mais evidenciado quando estava sozinho com a criança.

Numa relação com o comportamento da criança, que também foi mais frequente na triádica, maior afeto positivo dos pais contribuiu para aumentar o afeto positivo da criança. O comportamento infantil de obediência apresentou indícios de estar relacionada com a qualidade do relacionamento conjugal na percepção paterna, do mesmo modo, que a desobediência infantil parece indicar um aumento na reciprocidade negativa conjugal do pai.

Nesse contexto, essa pesquisa que investigou o padrão de interação do pai com a criança em situação diádica, em comparação com a situação triádica e verificou a influência do envolvimento e da jornada de trabalho da mãe para a relação pai-criança, permite sugerir que conforme encontrado por Lindsey e Caldera (2006), as mães demonstraram-se mais envolvidas com as crianças do que os pais durante as situações triádicas, mas as expressões de afeto positivo paternas aumentaram na presença materna. As diferenças entre os comportamentos paternos e maternos com a criança durante as interações serão discutidas a seguir, durante a apresentação da discussão a respeito das especificidades de pais e mães.

Durante as entrevistas, pais e mães responderam a respeito de como consideravam a presença do cônjuge. Dessa forma, o pai respondeu sobre qual seria, na sua opinião a influência da mãe sobre o seu comportamento como pai e por outro lado, a mãe indicou como percebia a influência do pai. A influência da mãe, é tema de interesse dessa pesquisa que buscou indícios do que se pode chamar de *gatekeeping* materno, na opinião paterna. Os resultados foram divididos em atitudes maternas que podem favorecer a participação paterna e atitudes maternas que podem inibir ou atrapalhar a participação do pai.

Revelando um aspecto positivo da influência materna sobre o comportamento paterno, o pai relatou o fato de a mãe incluí-lo no processo ainda no momento do parto, permitindo e incentivando sua participação direta em todos os momentos, a possibilidade de realizar trocas ou poder compartilhar as decisões relacionadas aos filhos, sendo uma presença que vem para somar ou complementar as interações pai-criança.

A respeito de um aspecto mais negativo ligado às atitudes maternas, o pai indicou o fato de a mãe não participar tanto quanto ele gostaria dos momentos de interação conjunta com pai e filhos, uma visão diferente que ocasiona algumas discordâncias entre pai e mãe sobre o futuro e educação dos filhos, diferença essa ocasionada, muitas vezes pelas características pessoais e de personalidade. Por último, destaca-se a opinião paterna revelando que a mãe pode não permitir ou dar espaço para que o pai participe e se envolva mais.

Já no caso da mãe, houve mais influências positivas do pai do que negativas sobre a sua participação com a criança. Dentre as positivas foram relatadas as atitudes paternas de estar disponível para ajudar a mãe quando necessário, ajudar na educação infantil, nos afazeres domésticos e na organização familiar e se fazer presente tanto como pai quanto como esposo. Num tom mais negativo, a influência do pai relatada pela mãe foi em relação às discordâncias e visões diferenciadas a respeito da educação dos filhos.

6.5 ESPECIFICIDADES PATERNAS E MATERNAS

Partindo do princípio da teoria do Investimento Parental de Trivers (1972), que identifica diferenças na quantidade de investimento que pai e mãe dependem aos filhos, passa-se a compreender, portando, que existirão comportamentos específicos no cuidado com os filhos e a forma como cada progenitor vai desempenhar suas funções e responsabilidades com o lar e com as crianças vai depender de fatores biológicos e culturais em constante interação (Geary, 2000; Geary & Flinn, 2001; Paquette, 2004; Paquette & Bigras, 2010; Seidl-de-Moura, 2005). Dessa forma, busca-se aqui apresentar uma discussão a respeito das especificidades materna e paterna, reconhecidas na literatura e apontada em alguns resultados empíricos tais como esse.

Os resultados apontam que a mãe continua como a principal responsável pelos cuidados com os filhos, se envolvendo mais do que o pai, em termos gerais e em dimensões específicas. No que se refere às especificidades do envolvimento, enquanto a mãe se envolve mais em cuidados básicos, o pai se revelou mais envolvido em disciplina. O jogo físico paterno foi a dimensão em que o pai se destacou em relação às funções desempenhadas pela mãe. Contrariando alguns indícios tradicionais, o pai, assim como a mãe, esteve envolvido em suporte emocional, embora em menores proporções.

O mesmo ocorreu nos resultados referentes às interações pai-criança e pai-mãe-criança, tendo em vista que enquanto o pai interagiu sozinho

com a criança, teve uma tendência a apresentar mais comportamentos de instrução, em detrimento de outros. No caso das interações na presença da mãe, o pai passou se relacionar mais por meio do afeto positivo. Os dados permitiram sugerir que além do número de comportamentos do pai diminuir, quando a mãe estava presente, o tipo de interação também sofreu alterações, pois como a mãe realizou mais afeto positivo, o pai passou também a interagir dessa forma, em comparação às outras categorias analisadas para o comportamento parental (instrução, motivação e fala).

Para maiores informações a respeito da influência materna no comportamento paterno, análises mais complexas deveriam ser utilizadas. O que apresentou-se aqui, referente às observações, em função do número reduzido de participantes, ilustra apenas alguns indícios e sugestões do que pode estar ocorrendo. Fornece, portanto uma compreensão mais descritiva e geral e serve para indicar pesquisas futuras e um maior aprofundamento científico. Esses dados serão complementados com o que foi obtido por meio da entrevista, que abordou qual é a função em que pais ou mães se envolvem mais.

As especificidades em termos de envolvimento parental também foram avaliadas pelo envolvimento relativo do pai, ou seja, o envolvimento que cabe ao pai, a partir do envolvimento da mãe. Num total de 100% de envolvimento que a criança pode receber da família, o pai, de uma forma geral é 47 % responsável pelo envolvimento dispensado à criança. Sua maior porcentagem foi em jogos físicos (53%), seguida de suporte emocional (48%) e disciplina (48%) e a menor foi em cuidados básicos (43%) em tarefas de casa (45%).

Enquanto isso, a mãe esteve acima de 50% mais responsável pelos cuidados dispensados à criança, em termos gerais, com exceção dos jogos físicos. A maior porcentagem materna foi em cuidados básicos (57%). Tais resultados foram, da mesma forma, encontrados nas análises do segundo estudo com as 12 famílias.

Pode-se dizer que certos comportamentos e atitudes podem ser até compartilhados entre os sexos. O papel de protetor e de representante da autoridade vai abrindo espaço para uma pluralidade de papéis paternos, mas identifica-se a principal responsabilidade materna em relação aos cuidados com os filhos e com as tarefas de casa (Bossardi, 2011; Kotila et al., 2013; Lang et al., 2014; Monteiro et al., 2010).

O estudo de Chen (2013) também indica que em geral, as mães tendem a estar envolvidas com atividades de cuidado, enquanto os pais às atividades de brincadeiras ou jogos físicos.

Pela comparação das análises de regressão apresentadas no modelo 2 entre as variáveis de influência do comportamento paterno e do materno, pode-se observar que um número muito maior de variáveis, atua como determinante para prever o envolvimento paterno, comparado ao número de variáveis significativas para explicar a variação no envolvimento materno. Enquanto para o pai, oito modelos de determinantes foram apontados como significativos, para a mãe, somente dois foram considerados bons para prever, de uma forma geral, o envolvimento.

Dentre as variáveis de influência, para o pai, em algum momento, todas as variáveis demonstraram um efeito significativo (características pessoais, da criança, do social, do relacionamento conjugal). Já para a mãe, as únicas variáveis que demonstraram um grau de efeito foram idade da criança, qualidade no relacionamento conjugal, personalidade, harmonia e reciprocidade negativa. Embora aspectos do relacionamento na percepção materna tenham apresentado algum relacionamento com o envolvimento da mãe, o modelo como um todo, incluindo todas as outras variáveis de interesse, nem sempre se revelaram eficazes para prever a VD materna.

Essas informações podem ilustrar algumas das especificidades entre os comportamentos maternos e paternos, já que o envolvimento paterno pode sofrer variações de muitos fatores, enquanto um número reduzido de variáveis pode fazer com que o envolvimento materno aumente ou diminua. O envolvimento da mãe, parece ser mais estável e constante, independentemente das diversas influências que podem ocorrer. Já o comportamento parental do pai, pode ser explicado em função de muitas outras variáveis, mais especificamente, todas as variáveis de influência analisadas por essa pesquisa.

Pode-se dizer, nesses termos, que pelos custos do investimento, a mãe continua investindo, independentemente de outras questões e continua a desempenhar funções já estabelecidas culturalmente ao seu papel e responsabilidades. O investimento do pai, depende de muitos outros fatores, incluindo a qualidade no relacionamento com a companheira, já que tem mais chances de sucesso reprodutivo por mais tempo. Parece que as mudanças ocasionadas na paternidade estão em conformidade com as aspirações culturais sobre os papéis e funções que um pai deve executar.

Tokumar et al., (2011) também testaram o efeito de algumas variáveis sociodemográficas para com o investimento materno e não encontraram muitos resultados significativos. Além disso, a coabitação ou não com o companheiro também não exerce influência no seu

envolvimento, enquanto que para o pai foi apontada uma diminuição na sua participação com a criança quando este não coabitava com a família.

A satisfação no relacionamento conjugal, esteve correlacionada positivamente com atividades de socialização, jogos físicos, brincadeiras fora de casa e lazer. Já a satisfação conjugal, na percepção materna esteve relacionada positivamente com a socialização, jogos físicos, brincadeiras, lazer e comunicação positiva paternas (Chen, 2013).

Para alguns autores, a influência do sistema conjugal no parental pode ser evidenciada tanto no pai quanto na mãe, mas parece que a paternidade se apresenta mais sensível a essa relação, sendo portanto, mais afetada pela relação conjugal (Belsky et al., 1991; Bossardi, 2011; Feldman, 2000; Stroud et al., 2011).

O fato de o comportamento paterno ter sido modificado da interação diádica para a triádica, em quantidade e tipo de interação, pode dessa forma, ser explicado pela influência do comportamento e presença materna. Nesse quesito, como já abordado anteriormente, a qualidade da relação pai-mãe, durante as interações também são apontadas como fatores de maior afeto positivo e menor instrução pai-criança.

Quando ocorre a inserção de mais um membro em uma interação que antes era diádica, é esperado que os sujeitos sofram modificações e influências em seus comportamentos. Nesse caso, o pai apresentou as mudanças esperadas, mas para saber mais exatamente se o mesmo não aconteceria com o comportamento materno, somente a partir de uma análise específica tendo como foco a mãe.

Com base nas observações, algumas diferenças foram verificadas entre pais e mães. Uma análise exploratória a respeito do conteúdo dos aspectos verbais e uma maior aproximação dos aspectos não verbais permitiram reforçar a ideia de instrução característica paterna e de contato e de afeto corporal maternos. Algumas das frases utilizadas durante as interações serviram para indicar de que forma foram feitas as instruções, motivações e até mesmo as expressões de afeto.

Tais resultados demonstram a importância da comunicação afetiva mãe-criança, da manifestação das emoções para formar vínculos de apego e contribuir para o desenvolvimento emocional infantil (Mendes & Pessoa, 2013). Por outro lado, a exploração e a estimulação paternas tem um papel diferencial, mas não menos importante para o desenvolvimento de habilidades sociais na criança (Dumont & Paquette, 2012; Gaumon & Paquette, 2012; Paquette & Bigras, 2010).

A partir de uma compreensão sistêmica dos papéis parentais, pode-se dizer que o envolvimento paterno tem um significativo impacto no padrão de interação pai-criança. Ainda mais se o pai for identificado

como cuidador primário, sendo aquele que cuida, alimenta, dá banho, ao invés de secundário, desempenhando em maiores proporções as atividades de brincadeiras e de lazer, entre outras atividades indiretas. Nesse caso, a díade pai-criança poderia apresentar resultados iguais, próximos ou até maiores do que a díade mãe-criança (Mendonça et al., 2011).

Para explicar as diferenças nos tipos de interações paternas e maternas. O pai mais relacionado à instrução, enquanto que a mãe mais relacionada ao afeto. Em contraste com a relação de apego com a mãe, que ajuda a acalmar, a relação de ativação com o pai pode satisfazer a necessidade de exercer e assumir riscos em um contexto de confiança e de proteção dos perigos potenciais. Segundo a Teoria da Relação de Ativação (Paquette & Bigras, 2010), as funções paternas e maternas são complementares e permitem à criança desenvolver, por exemplo, habilidades de competição no contato com o pai e habilidades de cooperação no contato com a mãe.

Ambos os pais fizeram tentativas de chamar a atenção e de envolver a criança na atividade, instigando, fazendo perguntas e incentivando o raciocínio. A mãe, caracteristicamente, utilizou mais o recurso de chamar a criança pelo nome ou por um apelido carinhoso e também tentou direcionar a atenção da criança para o que o pai estava fazendo. Durante as suas interações teve uma tendência de organizar a tarefa e ainda expressar falas como *bonitinho, é fácil e é legal*. Enquanto que o pai direcionou mais sua interação a como fazer (instrução) *faz assim ó, aqui ó, olha aqui ó, faz como está aqui*, recorrendo algumas vezes até à instrução contida na embalagem do brinquedo.

Pais e mães demonstraram proximidade corporal com a criança, mas a mãe apresentou o maior número de contato corporal, beijando e pegando a criança no colo e também arrumando o cabelo. A criança apresentou episódios chamando a atenção de ambos pai e mãe para participar da tarefa.

Os autores John et al. (2013) e Bingham et al. (2013) também sugerem diferenças entre as interações parentais. Enquanto que as mães tendem a direcionar, organizar a brincadeira e manter conversas empáticas e procurar interagir mais por meio de objetos ou do contato corporal, os comportamentos paternos foram mais direcionados aos jogos físicos, em deixar a criança guiar a brincadeira, e a motivar e desafiar a criança. Poucos estudos preocupam-se em investigar o tipo de linguagem que o pai usa em suas interações com a criança, na presença ou na ausência da mãe (Bingham et al., 2013; Parke, 1996).

Embora tanto o pai quanto a mãe tenham declarado nas entrevistas realizar atividades de brincadeiras dentro e fora de casa com a criança, conforme Paquette e Dumont (2012) e Gaumon e Paquette (2012), o pai interagirá mais com atividades de estimulação, exploração e jogos físicos, desafiando a criança a novas situações, enquanto a mãe apresentaria um relacionamento mais afetivo, livre de tensões, por meio de objetos.

Nesse quesito, seria importante que fossem incluídas, nas observações do pai, mais interações ao ar livre e com atividades que promovam a abertura ao mundo e envolvam os jogos físicos, tais como praias ou parques. O procedimento de situação de risco adotado por Paquette (2004) e Paquette e Bigras (2010) pode ser um importante fornecedor de dados sobre o comportamento paterno e sua influência para o desenvolvimento infantil.

Para melhor compreender e expressar as funções específicas da mãe e as específicas do pai, as análises das entrevistas, por meio da categoria 8 que se refere a dois aspectos atividades em que o pai se envolve mais do que a mãe e atividades em que a mãe se envolve mais do que o pai.

Na opinião paterna, as atividades em que ele se envolve mais do que a mãe são sair com a criança é levá-las para conhecer e explorar coisas novas, correr e andar de bicicleta ou alguma atividade de aventura, fazer dormir, dar banho e dar suporte emocional. Os pais que referiram dar banho, fazer dormir ou realizar suporte emocional, mais do que a mãe, mencionaram tais atividades, tendo em vista que enquanto a mãe, quando chega em casa, vai se ocupar de outras tarefas com a casa, eles é que ficam responsáveis pela criança, naquele momento. Houveram casos em que o pai referiu ter mais paciência para realizar tais atividades com a criança. As atividades de sair, de brincadeiras e de abertura ao mundo já eram esperadas dentre as atividades paternas.

Na opinião materna, as atividades em que o pai se envolve mais do que ela, dizem respeito às atividades de pegar na escola, brincar de lutinha ou jogos físicos e disciplinar. As atividades de rotina com a criança, incluindo o banho, fazer dormir, fornecer suporte e preparar as refeições também foram indicadas pelas mães como sendo tarefas mais executadas pelos pais do que por elas.

No que se refere às atividades em que a mãe se envolve mais do que o pai, na opinião paterna, o pai revelou que a mãe se destaca em realizar todas as tarefas da rotina da criança, incluindo cuidar e dar banho e realizar as tarefas de casa. O suporte emocional e a disciplina também foram apontadas pelo pai como sendo funções específicas materna.

Já na opinião da mãe, as atividades em que ela própria se envolve mais do que o pai foram organizar e administrar a casa, brincar com a

criança, realizar cuidados, fornecer suporte, levar o filho para passear, contar histórias, levar na escola e ajudar com os deveres.

Algumas questões a respeito das especificidades de pais e mães apareceram nas entrevistas realizadas. Algumas famílias elencaram, durante a explanação, as diferenças que evidenciavam, decorrentes das funções de cada cônjuge. As mães relataram que os pais interagiam diferentemente delas, por causa da cultura masculina, mais votada para não realizar os afazeres domésticos, e também pelas questões individuais que influenciam nos modos de fazer as tarefas.

Já os pais, disseram perceber que o modelo do que é ser pai e do que é ser mãe, acaba separando as funções e responsabilidades, na medida em que a mulher fica em casa e o homem sai para trabalhar. Os homens também identificam as diferenças individuais no modo de ver e de fazer as atividades, principalmente no que se refere à proteção aos filhos. Foram relatadas as questões biológicas e culturais da mãe voltada para o cuidado dos filhos, onde o pai passa a ser identificado como secundário e muitas vezes sente-se excluído do processo.

No que se refere ao sentimento de exclusão do pai para com os cuidados com o filho, Krob et al. (2009), também encontraram dados nos quais os pais referiram fazer questão de demonstrar-se presentes desde a gestação e de continuar sendo participativo após o nascimento da criança. Além das influências contextuais, em que a mãe costuma ser o foco das intervenções e ou a principal cuidadora, ela passa a ter um importante papel de inserir o pai nesse processo. Caso não ocorram ações que propiciem um maior contato direto do pai com a criança, o homem pode sentir-se excluído ou não conseguir um espaço para incrementar sua participação (Anderson, 1996; Parke, 1996).

Ao destacar as especificidades paternas e maternas, Carvalho et al. (2008), exemplifica que as funções maternas estão ligadas ao fato de a mãe gestar a criança e ainda, pelas questões do investimento, permanecer envolvida na criação bem sucedida de um filho, o que envolve longos períodos de amamentação e atenção constante às necessidades básicas e demandas dos bebês. Dessa forma, podem ser explicadas as diferenças entre homens e mulheres, já que o comportamento materno aparece atrelado ao cuidado à nutrição das crianças, enquanto que o comportamento paterno relaciona-se à função específica de busca por recursos financeiros e de proteção à mãe e ao filho, identificando-se mais com os cuidados indiretos à criança (Hewlett, 1992). Além disso, crenças e valores culturais reforçam a ideia de que a mãe deve ser a cuidadora primária da criança (Keller, 2007).

Para complementar essas diferenças individuais ligadas aos comportamentos parentais. A sintomatologia de couvade é mencionada por alguns autores (Ferreira et al., 2010; Krob et al., 2009; Martini et al., 2010; Parke, 1996) para demarcar que, apesar de a experiência da gravidez ser diferente para pai e para mãe, o pai pode sim experimentar mudanças emocionais e até mesmo físicas, desde esse momento, o que identifica a preparação para a paternidade.

Além das diferenças sexuais e individuais, os fatores culturais também podem ser importantes para o entendimento da participação paterna. Conforme Leavell et al. (2012), as diferentes etnias podem produzir variações no envolvimento e as mudanças tecnológicas e nas crenças ideológicas a respeito das funções paternas são apontadas por Roopnarine et al. (2013) como fatores importantes a se considerar nesse aspecto. Aliado a isso, as características da criança (Borrione & Lordelo, 2005; Geary & Flinn, 2001) e parentais (Lamb, 1997; Turcotte & Gaudet, 2009) devem ser, do mesmo modo, investigadas, na tentativa de explicar o envolvimento paterno.

Tais fatores permitem identificar a importância da perspectiva evolucionista para compreensão das diferenças e semelhanças entre pais e mães, da mesma forma, que das contribuições da Bioecológica de Bronfenbrenner para entender as influências dos diversos sistemas individuais, familiares e sociais no envolvimento e interações parentais. A seguir serão feitas algumas considerações, a partir de todo o exposto, abordando as funções, os comportamentos e o envolvimento paterno.

6.6 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DO ENVOLVIMENTO PATERNO.

O envolvimento paterno foi abordado aqui, partindo de uma compreensão de que o pai pode desempenhar tanto funções diretas quanto indiretas em relação aos filhos e também à família como um todo.

A forma de se envolver e interagir com as crianças dependerá de muitos fatores, incluindo as características de investimento masculina que irão promover participações específicas paternas no cuidado, interação e até mesmo no desempenho das atividades domésticas, de organização e de responsabilidade familiar (Bandeira, 2009; Borrione & Lordelo, 2005; Bossardi, 2011; Geary & Flinn, 2001; Hewlett, 1992; Trivers, 1972; Vieira et al., 2009).

As questões culturais que envolvem o sistema familiar e as interações entre os subsistemas conjugal e parental não foram esquecidas nessa pesquisa (Cano & Moré, 2008; Dessen & Braz, 2005; Kreppner, 2000). As características pessoais e os processos proximais que fazem parte do

microsistema familiar foram consideradas para investigar a parentalidade, sem deixar de ampliar a análise para incluir as influências sociais de outros sistemas para o estudo do fenômeno (Bronfenbrenner, 2006; Bronfenbrenner & Morris, 1998; Koller, 2004; Polonia et al., 2005).

As mudanças e as variações no envolvimento e na interação do pai com os filhos foram investigadas levando em conta as atividades que o pai disse realizar e os comportamentos que desempenhou durante as interações. Parte-se do princípio de que as funções paternas vêm se intensificando e se modificando, na medida em que os papéis tradicionais estão sendo mesclados com outras funções e uma maior participação paterna direta (Bossardi et al., 2013; Goetz & Vieira, 2009; Jablonski, 2010; Lang et al., 2014).

Baseado nesse interjogo de influências, optou-se por inserir alguns dos determinantes do envolvimento paterno. Dessa forma, as características paternas, da criança, do ambiente social e do relacionamento conjugal fizeram parte do conjunto de fatores que podem explicar a variação no envolvimento paterno (Belsky, 1984; Giallo et al., 2013; Lamb, 1997; Parke, 1996; Pleck, 1997; Pleck & Hofferth, 2008; Saraff & Srivastava, 2009; Souza & Benetti, 2008; Turcotte & Gaudet, 2009).

Sendo assim, conforme mostram na Figura 21, parte-se de um modelo de variáveis que podem explicar o envolvimento paterno e, os resultados das análises de regressão revelaram que tais fatores podem ser importantes para influenciar o envolvimento do pai em termos gerais e em algumas dimensões específicas, tal como apresentam as Figuras 22, 23, 24, 25 e 26.

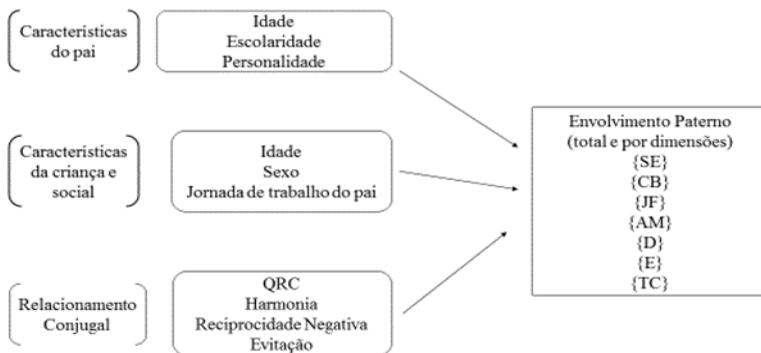


Figura 21. Representação dos determinantes do envolvimento paterno analisados nesse estudo.

No que se refere ao envolvimento paterno total, dentre as variáveis de influência estudadas, a personalidade e a escolaridade paterna, a idade da criança e a jornada de trabalho do pai e os aspectos positivos do relacionamento conjugal (qualidade do relacionamento e harmonia) foram significativos para predizer o envolvimento. Aqui todas as características estudadas apresentaram efeitos (pessoais, da criança, social e do relacionamento com a esposa). A personalidade se destacou, sendo a variável de maior efeito, dentre as características do pai. Com relação as características da criança e sociais, a idade do filho apresentou maior tamanho de efeito. E, nas características da relação com a esposa, ambos, harmonia e QRC foram importantes para explicar o QEP do pai.

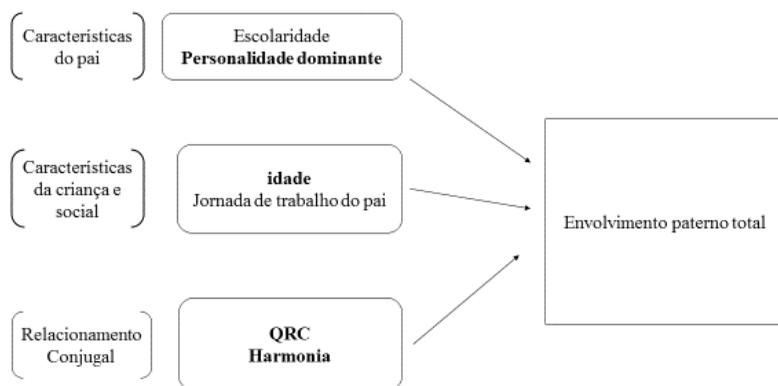


Figura 22. Representação dos resultados dos determinantes do envolvimento paterno total.

Nem todas as dimensões específicas do envolvimento puderam ser explicadas por esse modelo de variáveis. Mas, o suporte emocional, os cuidados básicos, os jogos físicos e as tarefas de casa variaram de acordo com alguns fatores de influência. Cabe destacar que dentre essas dimensões, somente o suporte emocional é que contempla as características do relacionamento conjugal (que sofre influências das características paternas e do relacionamento), as demais são preditas pelas características do pai e da criança e social (jogos físicos e cuidados

básicos) ou apenas pelas características da criança e do meio social (tarefas de casa).

O suporte emocional, pode ser predito pela personalidade paterna e pela harmonia conjugal, mas a harmonia é que possui um efeito maior, como indica a Figura 23.

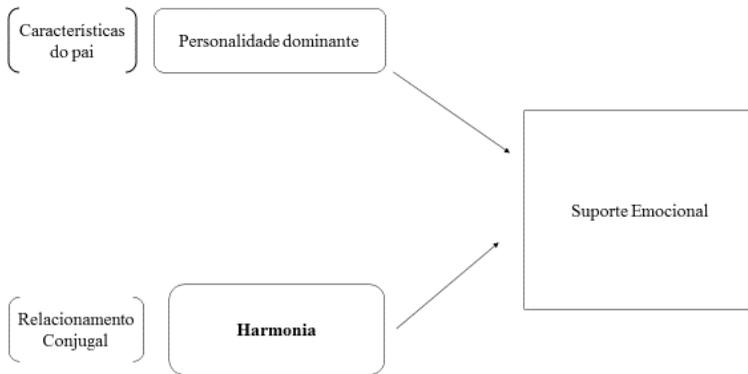


Figura 23. Representação dos resultados dos determinantes do suporte emocional do pai.

A Figura 24 apresenta os fatores de influência dos jogos físicos, na qual identifica-se a escolaridade e a personalidade paternas e também a idade da criança e a jornada de trabalho do pai.

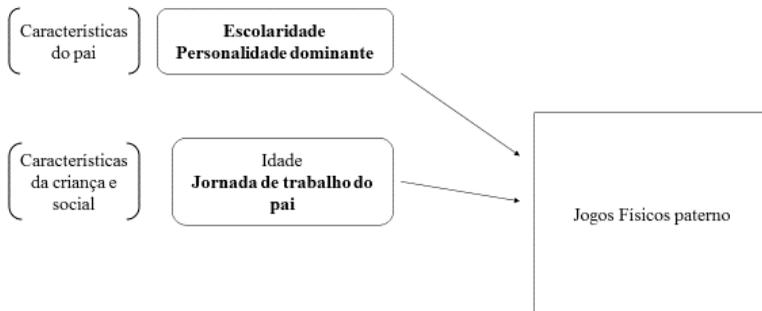


Figura 24. Representação dos resultados dos determinantes dos jogos físicos do pai.

Com relação aos cuidados do pai, exclusivamente a idade paterna, a idade e o sexo da criança e a jornada de trabalho do pai é que apresentaram efeito, sendo as características da criança e do ambiente social as que apresentaram maior coeficiente para explicar os cuidados do pai.

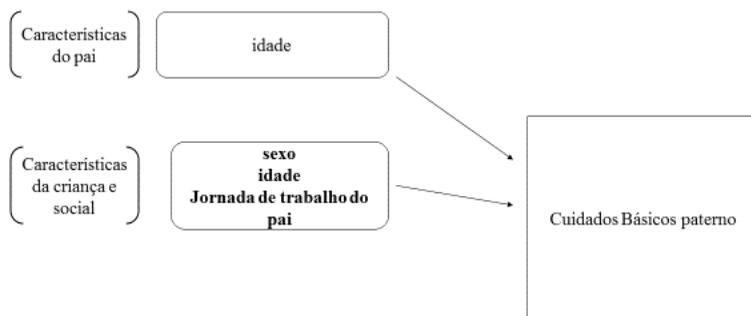


Figura 25. Representação dos resultados dos determinantes dos cuidados básicos do pai.

A Figura 26, indica que a jornada de trabalho e o sexo da criança podem explicar as tarefas de casa do pai.



Figura 26. Representação dos resultados dos determinantes das tarefas de casa do pai.

Foi possível evidenciar, portanto, que o relacionamento conjugal é importante e aparece relacionado ao envolvimento ou à responsividade do pai (Stroud et al., 2011), mas não continua sendo especificamente uma variável de influência para algumas dimensões do comportamento paterno. A inserção de outras variáveis determinantes foi indispensável para destacar o amplo sistema de influências que podem acometer a paternidade.

A intensificação e as mudanças no envolvimento apontadas nas pesquisas, podem estar relacionadas a variados fatores, tanto pessoais, quanto da família e culturais. Quando comparado às funções maternas, o pai ainda não ganha destaque, principalmente no que se refere aos cuidados, mas quando comparado ao seu próprio envolvimento é possível perceber as alterações e a sua maior participação (Schoppe-Sullivan et al., 2014).

Em termos de interação direta pai-criança, a maioria dos pais (N=08, de um total de 12) apresentou uma frequência de comportamentos acima de 60 durante a diádica. Numa comparação entre as situações diádica e triádica, a maioria dos pais (N=08) teve a frequência de comportamentos reduzida da diádica para a triádica e a maioria das mães (N=08) apresentou maior frequência de interações do que o pai. O pai que antes fazia mais instrução do que os demais tipos de interação, na diádica, durante a triádica passa a interagir mais por meio do afeto positivo, tal como é o que ocorre com o comportamento materno, em que aparece, destacadamente, o afeto positivo.

Pode-se dizer então, que características afetivas do pai fizeram-se presentes tanto em termos de envolvimento (suporte emocional) quanto em interações (afeto positivo), mas as características mais ligadas às funções e especificidades paternas como disciplina (envolvimento) e instrução (interações) ficam evidentes quase da mesma forma.

O fator emocional inerente às interações humanas podem explicar o desenvolvimento das relações de apego, tão importantes para o desenvolvimento infantil, podem dar indícios da responsividade parental e da qualidade nas interações com a criança. Torna-se necessário que ambos pai e mãe desempenhem tarefas afetivas com os filhos, mesmo que que isso ocorra, muitas vezes, de uma forma diferenciada e complementar (Gaumont & Paquette, 2012; Mendes & Pessoa, 2013; Paquette, 2004).

O determinante personalidade, pouco evidenciado nas pesquisas sobre a paternidade, apresentou aqui importantes resultados para compreender o envolvimento total, em suporte emocional e em jogos físicos. Conforme Zuroff et al., (2010), aspectos da personalidade representam as diferenças individuais que irão influenciar os comportamentos. Uma personalidade mais dominante pode fazer com que o pai assuma maiores responsabilidades em detrimento das funções maternas (Johnson et al., 2012).

Pleck e Hofferth (2008) apontam que além das influências dos fatores personalidade parental, características da criança e dos fatores contextuais, tais como estresse e suporte parental, relacionamento conjugal e as experiências e horas de trabalho fora de casa, os fatores motivação e a percepção de eficácia parental devem ser interpretados importantes na determinação do envolvimento.

Fatores do ambiente social como a jornada de trabalho servem para explicar os diferentes níveis de envolvimento tanto materno quanto paterno, mas fatores contextuais mais amplos tais como as crenças nos papéis tradicionais ou as variáveis da criança também irão apresentar-se relacionados à participação paterna (Schoppe-Sullivan et al., 2013).

No momento das entrevistas, além de pais e mães terem respondido às questões já relatadas anteriormente, incluindo a participação nas atividades familiares (com a casa e com a criança), os fatores que interferem na participação dos pais (ajudam ou atrapalham), a influência da mãe, do pai e do relacionamento conjugal no envolvimento, as atividades em que um dos pais participa mais em comparação ao outro e as atividades ou responsabilidades que pai e mãe dividem ou compartilham, eles também responderam a respeito de outras questões que deram origem às seguintes categorias:

Categoria 1. Sentimentos sobre a paternidade/ maternidade. Nessa categoria foram revelados aspectos positivos e negativos. Tanto pais e mães revelaram sentirem-se felizes, realizados, ser uma situação tranquila e prazerosa. Um pai indicou sentir-se como uma mãe, expressando tamanha dedicação, enquanto a mãe referiu ser para ela, um vínculo para o resto da vida e também um aprendizado. Sobre os sentimentos mais negativos, a falta de preparação ou de experiência foi apontado por ambos os pais, também foram indicadas as preocupações, para o pai com as questões financeiras e para a mãe em serem boas mães e estarem sendo corretas.

Categoria 5. Percepção da opinião do cônjuge a respeito do pai ou da mãe no desempenho suas funções. O pai revelou pensar que a esposa o considera como um bom pai, que está cada vez mais presente, mas também como um pai que pode agradar demasiadamente, ser pouco flexível com a criança ou ainda não ser um bom pai. Já a mãe, relatou imaginar que o pai aprecia sua função materna, considerando-a portanto, como uma boa mãe e que atinge as expectativas e, por outro lado, uma mãe permissiva ou protetora, que não alcança o que é esperado dela.

Categoria 6. Opinião a respeito do cônjuge no seu papel de pai ou de mãe. O que o pai acha a respeito da esposa expressa o que a mãe achava ser a opinião do pai sobre ela, tal como boa, protetora, ocupada, mas que está se redefinindo enquanto profissional e mãe e que também deveria se dedicar mais às crianças. E a opinião da mãe a respeito do pai foi ainda mais positiva do que o pai considerou ser, pois a mãe além de identificá-lo como bom pai, destacou ser uma presença essencial, atencioso, confiável, que transmite segurança, preocupado, amoroso e paciente. A esposa também reconheceu o esforço paterno em fazer o máximo que pode, mas indica seu desejo de que o pai participe mais, ajudando mais ou dividindo igualmente as tarefas.

Sobre a participação paterna, a mãe revelou que ocorre, na maioria das vezes, mediante a seu pedido ou demanda de ajuda, sendo que os pais poderiam se antecipar e realizar as tarefas necessárias. Ela parece reconhecer o esforço e compartilhamento com o pai, mas indica desejar mais. O pai referiu realizar algumas tarefas a pedido da mãe, mas indicou também o seu desejo de contribuir para que a mãe não fique sobrecarregada.

Categoria 10. Atividades que pai e mãe gostariam de realizar com o filho. O pai disse querer poder sair mais para passear, realizar mais brincadeiras, principalmente ao ar livre e fazer esportes e atividades de aventura. Já a mãe, ao mesmo tempo que também revelou o desejo de

sair, brincar e realizar mais esporte com a criança e referiu também querer estar mais presente, disciplinar mais e ter mais tempo para os filhos.

Conforme aponta Schoppe-Sullivan et al., (2014) falta saber quais são os fatores envolvidos na participação paterna e, para isso, a percepção de autoeficácia, os sentimentos com relação à paternidade e as opiniões da esposa sobre o pai devem estar incluídas dentre as influências que contribuem para aumentar o envolvimento paterno. Na presente pesquisa, pode-se dizer que os pais se percebem e pensam que as esposas os percebem como bons pais, mas que têm aspectos a melhorar. O pai ainda, parece não perceber todo valor e importância que a mãe dá a sua função paterna e, por esse motivo, ela tende a esperar mais do que ele tem desempenhado.

Na pesquisa de Silva e Piccinini (2007) os pais revelaram dividir com suas esposas as responsabilidades pelas crianças, acreditavam que sua participação na vida dos filhos era muito importante e mostravam-se satisfeitos com a paternidade. A divisão de responsabilidades financeiras e o tempo disponível para a criança foram apontadas como fatores para explicar as diferenças entre os casos examinados.

Conforme destacado na categoria 1, os sentimentos e expectativas com relação ao papel paterno têm sido evidenciados nos estudos do envolvimento paterno, conforme Bueno & Vieira (2014) apontam em uma revisão de estudos a respeito do papel paterno para o desenvolvimento infantil. Os autores indicaram a necessidade de pesquisas longitudinais, envolvendo maiores possibilidades metodológicas, tal como a presente pesquisa que contou com um maior aprofundamento a respeito do tema.

A esse respeito, o ajustamento à parentalidade é tido como multideterminado e inclui o bem-estar em relação aos seus novos papéis como pais. A parentalidade ou a sensibilidade para atender às demandas da criança e se envolver nos cuidados é um processo diferenciado do ajustamento individual à paternidade ou à maternidade (Solmeyer & Feinberg, 2011). Os pais ainda devem se ajustar às novas funções e negociar as ações coparentais com suas esposas (Krob et al., 2009; Solmeyer & Feinberg, 2011).

Na pesquisa de Krob et al. (2009), a esposa foi apontada como sendo facilitadora na interação com o bebê, ensinando como o pai deveria proceder, o que fazia com que ele se sentisse apoiado e estimulado a ir em frente. Isso que indica que quando os pais se sentem seguros, conhecedores do assunto e se veem como bons pais, tendem a apresentar mais sentimentos positivos com relação à paternidade, fatos que contribuem para sua intensa participação e eficácia parental.

6.7 HIPÓTESES CONFIRMADAS OU REFUTADAS

Com base no exposto acima, pode-se dizer que a **Hipótese 1 (H1)** foi confirmada, uma vez que aspectos do relacionamento conjugal apresentaram relações como o envolvimento paterno. Essas relações foram expressas por meio de correlações, em que as variáveis apresentaram efeito uma sobre a outra. A direção e o tamanho desse efeito foram confirmados por análises de regressão, as quais indicaram que o relacionamento conjugal possui um poder preditivo em relação ao envolvimento paterno.

Com relação à especificação **H1.1**, também foram confirmados que os aspectos positivos do relacionamento conjugal como a harmonia e a qualidade do relacionamento, ou seja, as relações positivas com o envolvimento paterno podem melhor explicá-lo do que as relações negativas, encontradas entre as dimensões evitação e reciprocidade negativa.

A respeito da **Hipótese 2 (H2)** pode-se dizer que foi confirmada em partes.

Em termos gerais ficou evidenciado que o envolvimento paterno sofre influências de fatores como: características individuais (idade, escolaridade, personalidade) da criança (idade e sexo) e do meio social (jornada de trabalho), além do relacionamento com a esposa. Mas esses fatores nem sempre apresentam efeitos estando todos juntos e nem em todos os modelos testados.

Na **H2.1** foi confirmado que pais mais jovens, com mais tempo de escolaridade e com personalidade dominante irão apresentar os maiores níveis de envolvimento, não em todas as dimensões, mas em alguns aspectos. Era esperado que um maior envolvimento fosse evidenciado em pais de crianças com menor idade, do sexo masculino e com menores jornadas de trabalho. Esse aspecto foi confirmado em termos, pois embora o sexo e a jornada de trabalho do pai tenham sido evidenciados para explicar a variação no envolvimento paterno, eles só foram significativos em alguns aspectos do envolvimento e não em outros. A idade das crianças teve o efeito esperado, ou seja, pais de crianças mais jovens apresentaram um maior envolvimento e não os pais de crianças mais velhas, ainda que nem em todos os modelos.

Sobre a **H2.2** foi confirmada que a inclusão dos fatores determinantes, além de explicar melhor a variação do envolvimento paterno, contribuíram para a compreensão da relação existente entre o relacionamento conjugal e o envolvimento do pai. Mas essa relação

continuou existindo somente em alguns aspectos do envolvimento e mais relacionado à harmonia conjugal, após a inclusão dos fatores determinantes como controle.

No que se refere à **Hipótese 3 (H3)** sobre a influência materna no envolvimento paterno, pode-se dizer que foi confirmada em partes. Conforme esperado, o envolvimento materno esteve negativamente relacionado com o envolvimento paterno, mas somente em cuidados básicos e tarefas de casa, pois em termos totais do envolvimento e em suporte emocional, os envolvimento do pai e da mãe não estiveram associados, ou seja, não foi comprovado que o comportamento materno pode inibir a participação paterna nesses termos. Conforme esperado, pode-se dizer que a mãe estimula a participação paterna, mas somente em jogos físicos, porque não ficaram comprovadas as relações entre disciplina e abertura ao mundo.

Na **H3.1** pode-se dizer, que sim, o envolvimento da mãe teve um efeito mediador na relação entre relacionamento conjugal e o envolvimento paterno, mas apenas no que se refere à relação entre harmonia e o envolvimento total e a evitação e os cuidados básicos.

Quanto à **H3.2** a jornada de trabalho da mãe só apresentou efeito para diminuir o envolvimento paterno em jogos físicos. Enquanto a reciprocidade negativa na percepção materna revelou um efeito moderado para diminuir o envolvimento do pai em termos totais, e em disciplina, a harmonia não apresentou resultados significativos, conforme se esperava.

Na **H3.3** a presença e o comportamento da mãe parecem ter influenciado a quantidade e o tipo de interações paternas com as crianças. Tal como apontava a hipótese, o pai, durante as interações diádicas, tendeu a apresentar uma maior frequência de comportamentos do que nas interações triádicas.

Considerando a **Hipótese 4 (H4)** sobre as especificidades de pais e de mães, conforme esperado, nem sempre os fatores que serviram para prever o envolvimento paterno foram os mesmos que atuaram como preditores do envolvimento da mãe. Além disso, o envolvimento do pai sofreu sim mais os efeitos das influências analisadas, em comparação à mãe. O envolvimento e a interação do pai foram diferentes do envolvimento e da interação da mãe, sendo que o pai se destacou em atividades de disciplina, jogos físicos e instrução, enquanto que a mãe se destacou mais do que ele em suporte emocional, afeto positivo, cuidados básicos e atividades com a casa. Sendo assim, pode-se dizer que a hipótese foi confirmada.

A **Hipótese 5 (H5)** teve sua confirmação em partes também, pois embora tenham sido encontradas algumas correspondências entre os dados dos instrumentos (dados do envolvimento e do relacionamento conjugal) e os dados obtidos por meio das interações, essa relação não foi suficientemente clara e seriam necessárias mais análises para comprovar essa interação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa teve como objetivo principal investigar como o relacionamento conjugal e o comportamento materno interferem no envolvimento e na interação do pai com os filhos de quatro a seis anos. Baseou-se no conceito de que tanto o envolvimento quanto as interações são conceitos multideterminados e que, dessa forma, recebem influências de múltiplos e variados fatores que contribuirão para explicar a relação existente entre o envolvimento paterno e o relacionamento conjugal.

Pode-se dizer que nenhuma hipótese estabelecida nessa pesquisa foi refutada completamente. Assim, foi confirmada a relação entre os sistemas conjugal e parental, nas quais os aspectos positivos, como a harmonia conjugal, podem melhor explicar a variação do envolvimento paterno do que os negativos. Do mesmo modo, confirmou-se a existência de determinantes para predizer o envolvimento, aliados às influências conjugais. Tais determinantes servem para melhor explicar a participação paterna.

A influência materna no envolvimento paterno também foi fator importante dessa pesquisa, já que aponta-se que o envolvimento e a interação materna podem inibir a participação do pai em alguns aspectos (cuidados e tarefas de casa e em frequências de interações) e favorecer em outros aspectos (jogos físicos e em afeto positivo). Evidenciou-se também as especificidades maternas e paternas que foram compreendidas a partir de diferenças individuais e contextuais. O envolvimento, de certa forma, corresponde às interações paternas, mas as relações entre os dados obtidos de uma forma indireta e os dados diretos, observados, não foram suficientemente claras, fazendo com que sejam apontadas, mais adiante algumas limitações e indicações para pesquisas futuras.

Foi revelado um contato mais próximo do pai com a família e com a criança, o que desencadeou uma nova forma de interação familiar, demandando novos ajustes e adaptações nas funções parentais. Diante desse fato, as relações entre o sistema conjugal e o parental ficam ainda mais evidentes, tendo em vista sua complexa e constante interação.

Assim, para compreender os resultados encontrados nesta pesquisa, deve-se considerar que o estabelecimento de relações mais duradouras entre pai e mãe contribuíram para favorecer o cuidado com a prole, aumentando as chances de sobrevivência do bebê humano. As transformações sociais e econômicas levaram a uma modificação nas funções parentais e, por isso, o investimento paterno antes mais indireto, passa a ser mais direto e mais próximo da criança.

Tais modificações podem estar ligadas às influências culturais e sociais, que ocasionam também algumas mudanças no sistema conjugal. Dessa forma, torna-se necessário investigar como ocorrem, na atualidade e, dependendo do contexto, as interações entre os membros da família, principalmente no que diz respeito à parentalidade. Esse contato mais direto e a presença mais próxima do pai, requer um ajuste no funcionamento familiar que incluem os conceitos de coparentalidade e refletem nas interações entre marido e mulher.

Indica-se, portanto, que as relações parentais passem a ser compreendidas em termos da coparentalidade, pois é por meio do modo como os pais realizam os acordos entre si, dividem ou compartilham as suas responsabilidades com a casa e com os filhos que se pode melhor explicar as funções desempenhadas por cada membro do sistema familiar. E, por falar em sistema familiar, ressalta-se a importância das características pessoais, da criança e do relacionamento com a esposa para compreender as variações no envolvimento. Ficou evidenciado também que além dessas variáveis, as características do meio social e de outros fatores como os sentimentos e a percepção sobre a eficácia e a competência parental também são importantes e devem ser levadas em consideração.

A contribuição desses resultados para esclarecer o papel de pai e de mãe para o desenvolvimento infantil são essenciais, visto que uma compreensão da complementariedade de papéis parentais, funções específicas, mas complementares, podem produzir resultados eficazes com relação ao desenvolvimento. Diante disso, é necessário evidenciar o quanto a presença paterna, maior envolvimento e interação direta com a criança, pode produzir um efeito positivo para o bem-estar e saúde infantis. Da mesma forma, um relacionamento conjugal com qualidade e com menores índices de conflito são importantes tanto para favorecer as relações coparentais, as divisões de tarefas e de responsabilidades, quanto produzir práticas parentais de qualidade.

Além disso, a utilização da observação e da entrevista como uma das metodologias de investigação, além de complementar os dados, serviu para aprofundar as relações estabelecidas dentro do contexto familiar, incluindo as influências mútuas entre seus membros. Nesse sentido, considerar as interações triádicas e o comportamento materno (tanto em termos de envolvimento, interação e de relação conjugal) contribuíram para o estudo da relação pai-criança.

Em suma, pode-se dizer que esses resultados contribuem para o conhecimento a respeito do envolvimento paterno e indicam a sua complexa interação com outras variáveis. Dessa forma, não se pode

presumir que tais resultados são conclusivos ou representativos da paternidade brasileira, tendo em vista que muitas outras variáveis podem estar no jogo de influências. Os modelos teóricos e de análises, aqui apresentados permitiram delinear o funcionamento paterno, mas não deixam de ser um tipo de recorte de famílias com determinadas características que contribuíram para definir e explicar o envolvimento do pai tal como apresentado. Diante de todos os determinantes, ressalta-se a importância de se considerar as variáveis maternas, bem como, partir do envolvimento materno para melhor conhecer a respeito do paterno.

A seguir serão apresentadas algumas limitações desse estudo e serão feitas indicações para pesquisas futuras a partir dos resultados, questionamentos e reflexões alcançados por meio desse estudo.

7. 1 LIMITAÇÕES DESSE ESTUDO E INDICAÇÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Com base nas considerações da presente pesquisa e também nas produções científicas aqui apresentadas, pretende-se sugerir indicações para as pesquisas futuras, apontando também algumas limitações apresentadas por esse estudo. Tais sugestões serão feitas, primeiramente, a partir das considerações apresentadas em dois editoriais, apresentados na revista *Early Child Development and Care*, que trazem uma espécie de apanhado geral dos estudos envolvendo a temática das implicações da maternidade e da paternidade para o desenvolvimento infantil e as novas formas de exploração do estudo da paternidade, realizados até hoje (Newland, Coyl-Shepherd, & Paquette, 2013; Paquette, Coyl-Shepherd, & Newland, 2013).

No que se refere às implicações da maternidade e da paternidade para o desenvolvimento infantil, Newland et al. (2013), reiteram a complementaridade dos papéis maternos e paternos. Nesse sentido, enquanto as interações mãe-criança são caracterizadas pelo cuidado e pela sensibilidade materna, as interações pai-criança são mais comumente evidenciadas pelas brincadeiras de lulinhas, pelos jogos físicos e pelo encorajamento à tomada de riscos. Esses tipos de interações podem sofrer variações dependendo do sexo e da idade da criança como também da dinâmica familiar, incluindo a coparentalidade, o relacionamento conjugal e as influências contextuais.

Tais diferenças, segundo os autores, sugerem a necessidade de se estabelecer as práticas maternas e também as paternas, procurando identificar semelhanças e também diferenças no tipo de envolvimento dispensado à criança. Variados fatores devem ser considerados nessa

análise e também diferentes contextos desde micro até o macro, sempre levando em conta a mãe para compreender o papel paterno. Análises observacionais, bidirecionais de interações diádicas e triádicas são recomendadas.

Para Paquette et al. (2013), os efeitos da ausência paterna e as diferenças no envolvimento de pais residentes e não residentes, bem como a comparação entre as famílias mais tradicionais com as configurações mais modernas tanto de habitação, relacionamento, quanto no desempenho das funções, são fatores que precisam ser melhor explorados e que podem indicar importantes contribuições na caracterização da paternidade.

É indicado também intensificar estudos que envolvam a participação direta paterna de modo a realizar a comparação entre os diferentes grupos de pais, principalmente incluindo os pais mais tradicionais, ou seja, aqueles que são menos sensíveis, que vocalizam menos e realizam mais jogos físicos, com os pais mais envolvidos com cuidados e com as questões de afeto positivo. O ideal seria identificar as características que definem cada grupo de pais e os fatores que influenciam num tipo ou em outro de interação.

O fator educação paterna sempre configura-se como uma importante variável a ser levada em consideração, do mesmo modo que as quantidade de tempo que o pai passa com a criança e a qualidade dessas interações. São necessários avanços a partir do que já se conhece a respeito das famílias biparentais e mais estudos que envolvam dados observacionais, demonstrando os estilos de interação de ambos os pais, bem como suas diferenças. Ainda pode-se incluir uma abordagem qualitativa para melhor focalização e compreensão de tais estilos e diferenças.

Mais especificamente em relação a essa pesquisa, os autores Dubeau et al. (2009) indicam limites para o instrumento utilizado para medir o envolvimento paterno (QEP). Referem que o QEP tem sido uma boa medida quantitativa para famílias biparentais, mas pode ser inadequado para as outras configurações familiares, consideradas não tradicionais (divorciados, separados). Seria necessário investir mais nas tarefas indiretas, e em itens que avaliem as dimensões de responsabilidade e disponibilidade proposta por Lamb et al. (1985). O elemento contextual e cultural não pode ser deixado de lado em nenhuma pesquisa a respeito do envolvimento paterno.

Com relação ao instrumento sobre o envolvimento, sugere-se também que sejam melhor exploradas as dimensões de abertura ao mundo e de disciplina, visto que são dimensões consideradas importantes para

predizer a função paterna, mas que não revelaram resultados expressivos nessa pesquisa. Essa situação pode ser explicada pelo fato de as dimensões conterem um número reduzido de itens e terem apresentado um baixo alpha. Para resolver esse questionamento sugere-se explorar, de alguma outra forma, tais dimensões, seja por meio de entrevistas, observações ou por meio de outro instrumento de medida. Preocupados com essa questão e interessados na dimensão abertura ao mundo, o professor Daniel Paquette e sua equipe, desenvolveram, de forma complementar ao QEP, um instrumento denominado de Questionário de Abertura ao Mundo (QOM). Recomenda-se, portando, a utilização desse questionário aliado ao QEP para uma visão mais completa da participação paterna.

Indica-se a inserção de um maior e mais variado número de determinantes do envolvimento, incluindo os aspectos: saúde mental, bem-estar, motivação e eficácia parental, crenças a respeito das funções parentais, percepções do suporte sociais, estresse e depressão, temperamento infantil, diferentes contextos e etnias, diferentes configurações familiares, relações coparentais, características do trabalho dos pais, diferentes fatores socioeconômicos, entre outros.

Nesse sentido pode-se sugerir, do mesmo modo, um maior aprofundamento das variáveis que demonstraram-se importantes nessa pesquisa, tais como a personalidade parental, o sexo e a idade da criança. Recomendam-se estudos que comparem a questão da paternidade biológica com a não biológica e, da mesma forma, explorem um maior número de famílias recasadas. O sexo da criança pode ser enfocado, em diferentes condições, principalmente no que diz respeito aos termos interacionais, em atividades dentro e fora do lar, destacando-se o acompanhamento de uma rotina familiar, incluindo a observação dos cuidados básicos. Seria interessante acompanhar famílias com crianças em diferentes idades e fases do desenvolvimento para melhor delinear as características do envolvimento paterno, em função desse fator. O aspecto dominante da personalidade pode servir como um indício de novas descobertas, aliado a outras variáveis pessoais.

Nessa pesquisa, não foi dada ênfase para as variáveis pessoais maternas, mas permitiu levantar o questionamento de qual seria a influência da personalidade materna no comportamento paterno, já que a mãe apresentou-se mais dominante que o pai. A respeito da equivalência do envolvimento (relatado) com a interação (observada) sugere-se que sejam delimitados alguns aspectos particulares e específicos para evidenciar sua correspondência ou não. Dessa forma, para se explorar os cuidados básicos ou a abertura ao mundo, aliadas às questões a se propor

para os pais, as interações devem ser sistematizadas em situações que contemplem a evidência direta desse tipo de comportamento, como observar a rotina diária em casa, ou a interações em ambientes ao ar livre como parques, praias, dentre outros.

É importante poder contar com um número maior possível de participantes, principalmente no que diz respeito às análises observacionais e das entrevistas, que permitam um aprofundamento e a realização de análises mais sofisticadas. Indica-se que sejam explorados modelos que além de inserir mais variáveis como controle, também possam utilizar os fatores como mediadores e moderadores das relações. O temperamento infantil pode ser uma importante variável mediadora da relação entre envolvimento e relacionamento conjugal. O modo de resolução de conflitos parentais e conjugais também podem fornecer importantes indícios de influências nas relações parentais que irão apresentar consequências para o comportamento social da criança.

Indica-se que se intensifiquem, principalmente no Brasil, as investigações a respeito da influência materna no comportamento paterno, contando também com instrumentos específicos que permitam acessar o fenômeno *gatekeeping*.

Pesquisas contemplando outras configurações familiares e conjugais, envolvendo um comparativo entre pais biológicos e não biológicos, casados e recasados, coabitantes ou não-coabitantes sempre serão interessantes e forneceriam uma grande contribuição para o conhecimento científico. Juntamente com os instrumentos, uma avaliação do fator desejabilidade social poderia melhor controlar os resultados, deixando a pesquisa mais livre de erros e esclarecer melhor as relações entre a prática e o que é relatado sobre a prática.

As interações podem diferir de um contexto de observação natural para um contexto de laboratório e essa possibilidade precisa ser investigada (Mendonça, et al., 2011). Uma análise bidirecional de influência materna e paterna para os envoltimentos, devem, portanto, considerar as respostas e percepções da mãe e do pai em análises aprofundadas. Pode-se também inserir outros informantes como os pais de origem e a criança. Ponderando em termos de consequências do envolvimento paterno para o desenvolvimento infantil, tanto as observações das crianças com seus pares, quanto as informações providas dos professores de educação infantil servirão para fornecer uma compreensão mais completa e global.

Além disso, estudo em diferentes idades da criança e seu acompanhamento durante um longo período do ciclo vital são

indispensáveis, o que leva a indicar a incrementação dos estudos longitudinais, além dos multimetodológicos.

O comportamento da criança também se torna um importante fator de análise, visto que pode ter sido ela quem iniciava as interações, estimulando as respostas do pai, da mãe ou de ambos, numa mesma direção. Tal informação não deixa de ser um forte indício também de relações de apego e da qualidade nas relações mais direcionada à mãe, ao pai ou a ambos. O ideal seria que, de uma forma ou de outra, pais e mães mantivessem uma qualidade e uma quantidade de interações razoáveis e um não se destacasse mais em relação ao outro. Mas, levando em conta a complementaridade de funções e as características específicas interacionais de casa um, em alguns momentos a criança irá interagir mais com a mãe ou mais com o pai.

As comparações das interações diádicas e triádicas devem contar com observações de pais e de mães nos dois contextos para poder melhor analisar as diferenças e similaridades parentais. Aponta-se, conseqüentemente, que sejam feitas incluídas análises e comparações entre a mãe e o pai na situação diádica e também na triádica. O sexo da criança é um fator que deve sempre estar incluído nas pesquisas, visto que pode explicar alguns comportamentos maternos, mas principalmente paternos. As análises observacionais podem contar ainda com o fator sincronia e podem prover indícios mais exatos de quais foram os comportamentos emitidos e quais foram os comportamentos usados pelo receptor, correspondentemente. Nesse sentido, a identificação do emissor e do receptor pode vir a complementar os resultados.

Formas de análises mais refinadas e com o suporte de programas estatísticos e informatizados são sempre bem vindas e indicadas. No caso das observações pode-se contar com o programa *the observer*⁸. Esse *software* trata-se de um pacote utilizado para coleta, análise e apresentação dos dados observacionais. Integra vídeo e áudio, permite codificar comportamentos de forma precisa e quantitativa, além de realizar cálculos estatísticos e avaliar a confiabilidade. Indicam-se maiores informações e estudos a respeito desse subsídio em pesquisas observacionais futuras.

Espera-se que as investigações a respeito das relações familiares, parentais e conjugais possam servir de indícios e de aplicabilidade para a prática clínica, visto que as complexas interações estabelecidas no seio familiar podem influenciar o desenvolvimento infantil tanto quanto as relações estabelecidas no meio social mais amplo (como a escola, por

⁸ <http://www.noldus.com/human-behavior-research/products/the-observer-xt>

exemplo). Alguns ajustes ou problemas comportamentais poderão ser explicados por meio de uma análise do funcionamento familiar. Nesses termos, uma integração entre os achados científicos, transmitidos em forma de conhecimentos por meio de publicações, palestras, conferências, entrevistas, entre outras e a experiência clínica, podem contribuir gerando intervenções para com os fatores de risco psicossocial e também com o comportamento social infantil.

Pertinente à aplicabilidade das descobertas científicas almeja-se que pesquisas como essa possam ir além de conhecer, descrever, investigar e identificar o funcionamento familiar, o envolvimento parental, a participação paterna e suas implicações para o desenvolvimento infantil. Espera-se que os resultados e as discussões ampliem as contribuições, comumente destacadas nas considerações finais e nas indicações de limitações e de estudos futuros, e possam influenciar as relações intra e extra-familiares de um modo mais direto e prático. As famílias precisam estar cientes da importância do envolvimento paterno, do estabelecimento de relações conjugais harmoniosas e coparentais para o desenvolvimento e o comportamento social infantil.

Em termos de contribuições sociais, as ações, intervenções e até mesmo de criação de políticas públicas devem considerar a importância das relações parentais e conjugais de qualidade. Discussões como essas, poderão também servir de pano de fundo para os assuntos concernentes à licença paternidade, à guarda compartilhada, ao incentivo ao reconhecimento da paternidade e, bem mais que isso, ao estímulo de uma participação paterna efetiva, mesmo nos casos de divórcio, recasamento e não-coabitação e de uma interação coparental entre pais e mães, independentemente da configuração familiar. Precisa-se ampliar as reflexões a respeito dos modelos de famílias em que a mãe está sozinha e assume toda a responsabilidade pela criação do filho, como por exemplo, as mães solteiras e as reproduções independentes. Procurar explorar o funcionamento desse tipo de configuração, suas consequências e como é possível intervir para garantir o atendimento a todas as necessidades infantis. Aqui entram em foco também as famílias homoparentais.

Assim sendo, cita-se a importância de se considerar os estudos de gênero para a compreensão da questão da paternidade. Incluindo as diferenças entre funções e papéis ligadas ao masculino, bem como, às atribuições culturais que a parentalidade envolve.

REFERÊNCIAS

- Ades, C. (2009). Um olhar evolucionista para a psicologia. In M.E.Y. Emma Otta (org). *Psicologia Evolucionista*. (pp. 10-21). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Akinsola, E. F. (2013). Cultural variations in parenting styles in the majority world evidences from Nigeria and Cameroon, parenting in south american and african contexts. In M. L. Seidl-De-Moura (Ed.). *Parenting in South American and African Contexts* (pp. 79-96). InTech. Disponível em: <http://www.intechopen.com/books/parenting-in-south-american-and-african-contexts/cultural-variations-in-parenting-styles-in-the-majority-world-evidences-from-nigeria-and-cameroon>.
- Anderson, A. M. (1996). Factor influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*, 3(2), 306-324.
- Attili, G., Vermigli, P., & Roazzi, A. (2010). Children's social competence, peer status, and the quality of mother-child and father-child relationships. A multidimensional scaling approach. *European Psychologist*, 15(1), 23-33.
- Bandeira, T.T. A. (2009). *Crenças sobre investimento parental*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Barnett, M. A. (2008) Interdependence of parenting of mothers and fathers of infants. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 561-573.
- Belk, S. S., & Snell, W. E., Jr. (1988). Avoidance strategies in intimate relationships. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 7, 80-96.
- Belsky, J. (1981). Early human experience: A family perspective. *Developmental Psychology*, 17, 3-23.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: a process model. *Child Development*, 55(1), 83-96.
- Belsky, J., Youngblade, L., Rovine, M., & Volling, B. (1991). Patterns of marital change and parent-child interaction. *Journal of Marriage and Family*, 53, 1083-1110.
- Bigras, M., & Lafrenière, P. J. (1994). L'influence du risque psychosocial, des conflits conjugaux et du stress parental sur la qualité de l'interaction mère-garçon et mère-fille. *Canadian Journal of Behavioural Science*, 26(2), 280-297.

- Bigras, M., & Paquette, D. (2000). L'Interdépendance entre les sous-systèmes conjugal et parental: une analyse personne-processus-contexte. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 91-102.
- Bingham G. A., Kwon, K-A., & Jeon, H-J. (2013). Examining relations among mothers', fathers', and children's language use in a dyadic and triadic context. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 394-414.
- Böing, E. (2014). *Relações entre coparentalidade, funcionamento familiar e estilos parentais em uma perspectiva intergeracional*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bolsoni-Silva, A. T., & Marturano, E. M. (2010). Relacionamento conjugal, problemas de comportamentos e habilidades sociais de pré-escolares. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26 (1), 67-75.
- Bolze, S. D. A. (2011). *A relação entre engajamento paterno e conflito conjugal dos pais com crianças de 4 a 6 anos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Borrione, R. T. M., & Lordelo, E. R. (2005). Escolha de parceiros sexuais e investimento parental: uma perspectiva desenvolvimental. *Interação em Psicologia*, 9(1), 35-43.
- Borsa, J. C., & Nunes, M. L. T. (2011). Aspectos psicossociais da parentalidade: O papel de homens e mulheres na família nuclear. *Psicologia Argumento*, 29(64), 31-39.
- Bossardi, C. N. (2011). *Relação do engajamento parental e relacionamento conjugal no investimento com os filhos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Vieira, M. L., & Crepaldi, M. A. (2013). Engajamento paterno no cuidado a crianças de 4 a 6 anos. *Psicologia Argumento*, 31(73), 237-246.
- Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2010). Cuidado parental e desenvolvimento infantil. *Revista de Ciências Humanas*, 44, 205-221.
- Bossardi, C. N., Bolze, S. D. A., Gomes, L. B., Schmidt, B., Viera, M. L., & Crepaldi, M. A. (2015). Relação entre o envolvimento parental e o relacionamento conjugal: Revisão sistemática de literatura. *Psicologia* (artigo submetido).

- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Braz, M. P., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). Relações conjugais e parentais: Uma comparação entre famílias de classes sociais baixa e média. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 18(2), 151-161.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22(6), 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Bronfenbrenner, U. (2004). *Making human beings human. Bioecological Perspectives on Human Development*. USA: Sage.
- Bronfenbrenner, U., & Ceci, J. S. (1994). Nature-nurture reconceptualized in developmental perspective: A bioecological model. *Psychological Review*, 101(4), 568-586.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In M. Lerner & W. Damon (Eds.) *Handbook of child psychology*. (pp. 993-1027). New York: John Wiley & Sons.
- Brown, G. L., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., & Neff, C. (2010). Observed and reported supportive coparenting as predictors of infant–mother and infant–father attachment security. *Early Child Development and Care*, 180(1-2), 121–137.
- Bueno, R. K., & Vieira, M. L. (2014). Análise de estudos brasileiros sobre o pai e o desenvolvimento infantil. *Psicologia Argumento*, 32(76), 151-159.
- Bueno, R. K. (2014). *Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Burney, R. V., & Leerkes, E. M. (2010). Links between mothers' and fathers' perceptions of infant temperament and coparenting. *Infant Behavior and Development*, 33(1), 125-135.
- Buss, D. M. (1995). Evolutionary Psychology: A new paradigm for psychological science. *Psychological Inquiry*, 6(1), 1-30.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. P. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.

- Cannon, E., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Sokolowski, M. S. (2008). Parent characteristics as antecedents of maternal gatekeeping and fathering behavior. *Family Process*, 47, 501–519.
- Cano, D. S., & Moré, C. L. O. O. (2008). A família como protagonista: desafios atuais. *PSICO*, 39(2), 255-257.
- Capra, F. (2006). *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix.
- Carlson, M. J., Pilkauskas, N. V., McLanahan, S. S., & Brooks-Gunn, J. (2011). Couples as partners and parents over children's early years. *Journal of Marriage and Family*, 73(2), 317-334.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: Uma estrutura para a terapia familiar*. (2. Ed). Porto Alegre: Artmed.
- Carvalho, A. M. A., Cavalcant, V.R.S., Almeida, M. A., & Bastos, A. C. S. (2008). Mulheres e cuidado: bases psicobiológicas ou arbitrariedade cultural? *Paidéia*, 18(41), 431-444.
- Chen, H-H. (2013). Couple relationship quality, coparenting, and fathering in Taiwan. *Early Child Development and Care*, 183(6), 827-842.
- Coiro, M. J. & Emery, R. E. (1998). Do marriage problems affect fathering more than Mothering? A quantitative and qualitative review. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 1(1), 23-40.
- Corboz-Warnery, A., Fivaz-Depeursinge, E., Bettens, C. G., & Favez, N. (1993). Systemic analysis of father-mother-baby interactions: The Lausanne Triadic Play. *Infant Mental Health Journal*, 14 (4). p. 298-316.
- Cordazzo, S. T. D. (2008). *Influência do brincar no desempenho motor, cognitivo e social de crianças em idade escolar no Brasil e em Portugal*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Cordazzo, S. T. D., Westphal, J.P., Tagliari, F. B., Vieira, M.L., & Oliveira, A.M.F. (2008). Metodologia observacional para o estudo do brincar na escola. *Avaliação Psicológica*, 7(3), 427-438.
- Coyle-Shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2013). Mothers' and fathers' couple and family contextual influences, parent involvement, and school-age child attachment. *Early Child Development and Care*, 183(3–4), 553–569.

- Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Dancey, C. P., & Reidy, J. (2006). *Estatística sem matemática para psicologia: Usando SPSS para windows*. Porto Alegre: Artmed.
- David, C., Steele, R., Forehand, R., & Armistead, L. (1996). The role of family conflict and marital conflict in adolescent functioning. *Journal of Family Violence*, 11(1), 81-91.
- Desmond, A., & Moore, J. (1995). *A vida de um evolucionista atormentado: Darwin*. São Paulo: Geração Editorial.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. C. (2007). Família e Escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dessen, M. A., & Silva Neto, N. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 3(16), 191-292.
- Dessen, M. C., Silva, S. C., & Dessen, M. A. (2009). Pesquisa com família: Integrando métodos quantitativos e qualitativos. In L. Weber, M.A. Dessen. *Pesquisando a família: instrumentos para coleta e análise de dados*. (pp. 17-28). Curitiba: Juruá.
- Dessen, M. A. (1994). Interações e relações no contexto familiar: Questões teóricas e metodológicas. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 213-220.
- Dessen, M. A. (2000). Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16 (3) (editorial).
- Dessen, M. A., & Braz, M. P. (2005). As relações maritais e sua influência nas relações parentais: implicações para o desenvolvimento da criança. In M.A. Dessen, & A. L. Costa Júnior. *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras*. (pp.132-149). Porto Alegre: Artmed.
- Dessen, M. A., & Lewis, C. (1998). Como estudar a “família” e o “pai”? *Paidéia*, 8(14-15), 105-121.
- Dessen, M. A., Abreu, N., & Neto, S. (2000) Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, 16 (3), 191-292.
- Dubé, A. (2011). *Qualité des jeux de bataille père-enfant et adaptation sociale de l'enfant d'âge préscolaire*. Thèse de Doctorat, Département de Psychologie Faculté des Arts et des Sciences - Université de Montréal, Montréal.

- Dubeau, D., Devault, A., & Paquette, D. (2009). L'engagement paternel, un concept aux multiples facettes. In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp. 71-98). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Dumas, J. E., & LaFreniere, P. J. (1993). Mother-child relationships as sources of support or stress: A comparison of competent, average, aggressive, and anxious dyads. *Child Development*, 64 (6), 1732-1754.
- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship theory. *Early Child Development and Care*, 1, 1-17.
- Eisenberg, N., Fabes, F. A., Shepard, S. A., Guthrie, I. K., Murphy, B. C., & Reiser, M. (1999). Parental reactions to children's negative emotions: Longitudinal relations to quality of children's social functioning. *Child Development*, 70(21), 513-534.
- Fagan, J., & Barnett, M. (2003). The relationship between maternal gatekeeping, paternal competence, mothers' attitudes about the father role, and father involvement. *Journal of Family Issues*, 24(8), 1020-1043.
- Falceto, O., G., Fernandes, C. L., Baratojo, C., & Giugliani, E. R. J. (2008). Fatores associados ao envolvimento do pai nos cuidados do lactente. *Revista Saúde Pública*, 42(6), 1034-40.
- Favez, N. (2013). L'évaluation du contexte familial dans l'examen psychologique de l'enfant. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 61, 176-182.
- Favez, N., Scaiola, C.L., Tissot, H., Darwiche, J., & Frascarolo, F. (2011). The family alliance assessment scales: Steps toward validity and reliability of an observational assessment tool for early family interactions. *Journal of Child and Family Study*, 20(1), 23-37.
- Fein, R. A. (1978). Research on fathering: Social policy and emergent perspective. *Journal of Social Issues*, 34(1), 122-135.
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review*, 5(3), 173-95.
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131.

- Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Goslin, M. C. (2009). Enhancing coparenting, parenting, and child self-regulation: Effects of family foundations one year after birth. *Prevention Science*, 10, 276–285.
- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent–child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 21(3), 176–191.
- Féres-Carneiro, T. (2003). Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. *Estudos de Psicologia*, 8(3), 367-374.
- Féres-Carneiro, T., Ponciano, E. L. T., & Magalhães, A. S. (2007). Família e casal: Da tradição à modernidade. In C. M. O. Cerveny. (Org.). *Família em movimento*. (pp. 23-36). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ferreira, L. S., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Sintomatologia de covade e o envolvimento paterno vivenciado durante a gravidez. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(2), 251-269.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS: and sex and drugs and rock 'n' roll*. (3. Ed.) London: Sage Publications.
- Fivaz-Depeursinge, E., Frascarolo, F., & Corboz-Warnery, A. (1996). Assessing the triadic alliance between fathers, mothers, and infants at play. *New Directions for Child Development*, 74 (1). P. 27-44.
- Fleck, A. C., & Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, 8 (especial), 31-38.
- Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa aualitativa*. (3. Ed). Porto Alegre: Artmed.
- Frizzo, G. B., & Piccinini, C. A. (2007). Depressão materna e a interação triádica pai-mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 351-360.
- Frizzo, G. B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(3), 84-94.
- Gagnon, M-N., & Paquette, D. (2009). La coparentalité dans le système familial. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle*. (pp 123-144). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Galdiolo, S., & Roskam, I. (2014). Development of personality traits in response to childbirth: A longitudinal dyadic perspective. *Personality and Individual Differences*, 69, 223–230.

- Gaumon, S., & Paquette, D. (2012). The father-child activation relationship and internalising disorders at preschool age. *Early Child Development and Care*, 1, 1-17.
- Gaunt, R. (2008). Maternal Gatekeeping: Antecedents and consequences. *Journal of Family Issues*, 29, 373-395.
- Gauthier, A. H., Smeeding, T. M., & Furstenberg, F. F. Jr. (2004). Are parents investing less time in children? Trends in selected industrialized countries. *Population and Development Review*, 30(4), 647-660.
- Geary, D. C. (2000). Evolution and proximate expression of human paternal investment. *Psychological Bulletin*, 126, 55-77.
- Geary, D. C., & Flinn, M. V. (2001). Evolution of human parental behavior and the human family. *Parenting: Science and practice*, 1(2), 5-61.
- Giallo, R., Treyvaudc, K., Cooklina, A., & Wade C. (2013). Mothers' and fathers' involvement in home activities with their children: psychosocial factors and the role of parental self-efficacy. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 343-359.
- Goetz, E., & Vieira, M. L. (2009) *Pai real, pai ideal: O papel paterno no desenvolvimento infantil*. Curitiba: juruá.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: O desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Gomes, L. B. (2011). *Engajamento paterno e agressividade em crianças de quatro a seis anos*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Gomes, L. B., Bossardi, C. N., Cruz, R. M., Crepaldi, M. A., & Vieira, M. L. (2014). Instrumentos psicométricos de avaliação do engajamento paterno: Uma revisão sistemática de literatura. *Avaliação psicológica*, 13(1), 19-27.
- Grandesso, M. A. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Gryczkowski, M. R., Jordan, S. S., & Mercer, S. H. (2010). Differential relations between mothers' and fathers' parenting practices and child externalizing behavior. *Journal of Child and Family Studies*, 19, 539-546.

- Hassan, G. (2003). *Étude du lien entre les déterminants psychosociaux et cognitifs et les comportements de contrôle intrusifs des mères adolescentes envers leur enfant d'âge préscolaire*. Thèse de doctorat, Département de Psychologie, Faculté des Arts et Sciences - Université de Montréal, Montréal.
- Hedenbro, M. M. S. W., Shapiro, A. F., & Gottman, J. M. (2006). Play with me at my speed: Describing differences in the tempo of parent-infant interactions in the Lausanne Triadic Play paradigm in two cultures. *Family Process*, 45(4), p. 485-498.
- Hewlett, B. S. (1992). *Father-child relations: Cultural and biosocial contexts*. New York: Aldine De Gruyter.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Hove: Psychology Press.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). *Estatísticas da população nos Municípios de Santa Catarina*. Disponível em: http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=42
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflituosa divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. In T. Feres-Carneiro (org.) *Família e casal: saúde, trabalho e modos de vinculação*. (pp.203-228). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia Ciência e Profissão*, 30(2), 262-275.
- Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., Schoppe-Sullivan, S. J., Shigeto, A., & Wong, M. S. (2010). Parents' differential susceptibility to the effects of marital quality on sensitivity across the first year. *Infant Behavior & Development*, 33, 442-452.
- John, A., Halliburton, A., & Humphrey, J. (2013). Child-mother and child-father play interaction patterns with preschoolers. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 483-497.
- Johnson, S. L., Leedon, L. J., & Muhtadie, L. (2012). The dominance behavioral system and psychopathology: Evidence from self-report, observational, and biological studies. *Psychological Bulletin*, 138(4), 692-743.
- Kachadourian, L. K., Eiden, R. D., & Leonard, K. E. (2009). Paternal alcoholism, negative parenting, and the mediating role of marital satisfaction. *Addictive Behaviors*, 34, 918-927.

- Kaczynski, H. J., Lindahl, K. M., Malik, N. M., & Laurenceau, J-P. (2006). Marital conflict, maternal and paternal parenting, and child adjustment: A test of mediation and moderation. *Journal of Family Psychology*, 20(2), 199–208.
- Karasz, A. & Singelis, T. M. (2009). Qualitative and mixed methods research in cross-cultural Psychology: Introduction to the Special Issue. *Journal of Cross Cultural Psychology*, 40(6), 909-916.
- Keller, H. (2007). *Cultures of Infancy*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Kobarg, A. P. R., & Vieira, M. L. (2008). Crenças e práticas de mães sobre o desenvolvimento infantil nos contextos rural e urbano. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(3), 401-408.
- Koller, S.H. (org). (2004). *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: casa do psicólogo.
- Kotila, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Kamp Dush, C. M. (2014). Boy or girl? Maternal psychological correlates of knowing fetal sex. *Personality and Individual Differences*, 68, 195-198.
- Kreppner, K. (2000). The child and the family: Interdependence in developmental pathways. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(1), 11-22.
- Kriegman, D. (1999). Parental involvement, sexual selection, and evolved mating strategies: implications for psychoanalysis. *Psychoanalytic Psychology*, 16, 528-553.
- Krishnakumar, A., & Buehler, C. (2000). Interparental conflict and parenting behaviors: A meta-analytic review. *Family Relations*, 49, 25-44.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. R. (2009). A transição para a paternidade: Da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia UsP*, 20(2), 269-291.
- Kwon, K. A., Han, S., Jeon H-J., & Bingham G. E. (2013). Mothers' and fathers' parenting challenges, strategies, and resources in toddlerhood. *Early Child Development and Care*, 183(3–4), 415–429.
- Lacharité, C., LaFrenière, P. J., & Bigras, M. (1991). L'élaboration et la validation concomitante du Q-Sort sur la relation conjugale. *Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 23, 159-173.
- Lamb, M. E. (Org.). (1997). *The role of the father in child development*. New York: John Wiley & Sons.

- Lamb, M. E., Pleck, J. H., Charnov, E. L., & Levine, J. A. (1985). Paternal behavior in humans. *American zoologist* 25, 883-894.
- Lang A. N., Schoppe-Sullivan S. J., Kotila L. E., Feng X., Dush C. M. K., & Johnson S. C. (2014). Relations between fathers' and mothers' infant engagement patterns in dual-earner families and toddler competence. *Journal of Family Issues*, 35(8), 1107–1127.
- Leavell, A. S., Tamis-LeMonda, C. S., Ruble, D. N., Zosuls, K. M., & Cabrera N. J. (2012). African, american, white and latino fathers' activities with their sons and daughters in early childhood. *Sex Roles*, 66, 53–65.
- Lee, C-Y., S., & Doherty, W. J. (2007). Marital satisfaction and father involvement during the transition to parenthood. *Fathering*, 5(2), 75-96.
- Levandowski, S. C., & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Levendosky, A. A., Huth-Bocks, A. C., Shapiro, D. L., & Semel, M. A. (2003). The impact of domestic violence on the maternal-child relationship and preschool-age children's functioning. *Journal of Family Psychology*, 17(3), 275-287.
- Lewis C. (1997). Fathers and preschoolers. In M. Lamb. (org). *The role of father in child development*. (pp.121-142). New York: Wiley.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O pai no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15(1), 9-16.
- Lindsey, E. W., & Caldera, Y. M. (2006). Mother–father–child triadic interaction and mother–child dyadic interaction: Gender differences within and between contexts. *Sex Roles*, 55, 511–521.
- Lindsey, E. W., Caldera, Y. M., & Tankersley, L. (2009). Marital conflict and the quality of young children's peer play behavior: The mediating and moderating role of parent–child emotional reciprocity and attachment security. *Journal of Family Psychology*, 23(2), 130–145.
- Lordelo, E. Fonseca, A. L., & Araújo, M. L. V. B. (2000) Responsividade do ambiente de desenvolvimento: crenças e práticas como sistema cultural de criação de filhos. *Psicologia: Reflexão e Crítica* 13(1), 73-80.
- Lordelo, E. R. França, C. B., Lopes, L. M. S, Dacal, M. P. O., Carvalho, C. S., Guirra, R. C., & Chalub, A. A. (2006). Investimento parental e desenvolvimento da criança. *Estudos de Psicologia*, 11(3) 257-264.

- Magill-Evans, J, Harrison, M. J., Rempel, G., & Slater L. (2006). Interventions with fathers of young children: systematic literature review. *Journal compilations*, 248-264.
- Marin, A. H. (2005). Práticas educativas maternas em famílias de mães solteiras e famílias nucleares. Dissertação de Mestrado, Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Marin, A. H., Piccinini, C. A., & Tudge, J. R. H. (2011). Estabilidade e mudança nas práticas educativas maternas e paternas ao longo dos anos pré-escolares da criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(1), 71-79.
- Martini, T. A. D. de, Piccinini, C. A., & Gonçalves, T. R., (2010). Indicadores de síndrome de couvade em pais primíparos durante a gestação. *Aletheia*, 31, 121-136.
- Martins, G. D. F., Filho, N. H., Feeburg, N. L., Fernandes, N. L., Natividade, J., & Hutz, C. S. (2012). Psicologia Evolucionista: Uma perspectiva em expansão. *Temas em Psicologia*, 20(2), 509 – 520.
- McBride, B. A., Brown, G. L., Bost, K. K., Shin, N., Vaughn, B., & Korth, B. (2005). Paternal identity, maternal matekeeping, and father involvement. *Family Relations*, 54, 360–372.
- McClain, L. R., & DeMaris, A. (2013). A better deal for cohabiting fathers? Union status differences in father involvement. *Fathering*, 11, 199-220.
- Mehall, K. G., Spinrad, T. L., Eisenberg, N., & Gaertner, B. M. (2009). Examining the relations of infant temperament and couples' marital satisfaction to mother and father involvement: A longitudinal study. *Fathering*, 7(1), 23–48.
- Mendes, D. M. L. F., & Pessôa, L. F. (2013). Comunicação afetiva nos cuidados parentais. *Psicologia em Estudo*, 18(1), 15-25.
- Mendonça, J. S., Cossette, L., Strayer, F., & Gravel, F. (2011). Mother-child and father-child interactional synchrony in diadic and triadic interactions. *Sex Roles* 64(1), 132-142.
- Menéndez, S., Hidalgo, V., Jiménez, L., & Moreno, C. (2011). Father involvement and marital relationship during transition to parenthood in Spain: Differences between dual- and single-earner families. *The Spanish Journal of Psychology*, 14 (2), 639-647.
- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Moller, A. P., & Thornhill, R. (1998). Male parental care, differential parental investment by females and sexual selection. *Animal Behavior*, 1507–1515.
- Monteiro L., Fernandes, M., Verissimo, M., Costa, I. P., Torres, N., & Vaughn, B. E. (2010). Perspectiva do pai acerca do seu envolvimento em famílias nucleares. Associações com o que é desejado pela mãe e com as características da criança. *Revista Interamericana de Psicologia*, 44(1), 1-11.
- Mosmann, C. P., Zordan, E. P., & Wagner, A. (2011). A qualidade como fator de proteção do ambiente familiar. In A. Wagner (org). *Desafios psicossociais da família contemporânea*. (pp.58-71). Porto Alegre: Artmed.
- Narvaz, M. G., & Koller, S. H. (2004). O modelo bioecológico do desenvolvimento humano. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 51-66). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Newland, L. A., Coyl-Shepherd, D. D., & Paquette, D. (2013). Implications of mothering and fathering for children's development. *Early Child Development and Care*, 183(3–4), 337–342.
- Oliveira, M. L.S., & Bastos, A. C. S. (2000). Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: Um estudo comparativo de casos. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(1), 97-107.
- Paquette, D., & Dumont, C. (2012). Is father-child rough-and-tumble play associated with attachment or activation relationships? *Early Child Development and Care*, 183(6), 760-773.
- Paquette, D. (2004). Theorizing the father-child relationship: mechanisms and developmental outcomes. *Human Development*, 47(4), 193-219.
- Paquette, D., & Bigras, M. (2010). The risky situation: a procedure for assessing the father-child activation relationship. *Early Child Development and Care*, 180 (1-2), 33–50.
- Paquette, D., Bolte´c, C.Turcottea, G., Dubeau, D., & Bouchard, C. (2000). A new typology of fathering: Defining and associated variables. *Infant and Child Development*. 9, 213–230.
- Paquette, D., Carbonneau, R., Dubeau, D., Bigras, M., & Tremblay, R. E. (2003). Prevalence of father-child rough-and-tumble play and physical aggression in preschool children. *European Journal of Psychology of Education*, 18(2), 171-189.

- Paquette, D., Coyl-Shepherd, D. D., & Newland, L. A. (2013). Fathers and development: new áreas for exploration. *Early Child Development and Care*, 183(6), 735–745.
- Paquette, D., Eugène, M. M., Dubeau, D., & Gagnon, M-N. (2009). Les pères ont-ils une influence spécifique sur le développement des enfants? In D. Dubeau, A. Devault, & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp 99-121). Québec, Canada: Les Presses de l'Université Laval.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. London: Harvard University Press.
- Pereira-Silva, N. L., & Dessen, M.A. (2006). Padrões de interação genitores-crianças com e sem síndrome de down. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 19(2), 283-291.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.
- Pettit, G. S., Keiley, M. K., Laird, R. D., Bates, J. E., & Dodge, K. A. (2007). Predicting the developmental course of mother-reported monitoring across childhood and adolescence from early proactive parenting, child temperament, and parents' worries. *Journal of Family Psychology*, 21(2), 206-217.
- Piccinini C. A., Alvarenga P., & Frizzo, G. B. (2007). Responsividade como foco de interação mãe-bebê e pai-bebê. In C. A. Piccinini, & M. L. Seidl-de-Moura. (Orgs.). *Observando as interações pais-bebê-criança: Diferentes abordagens teóricas e metodológicas*. (pp.131-154). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Piccinini, C. A., Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Bosa, C. A., Oliveira, E. A. de, Pinto, Schermann, E. B. L., & Chahon, V. L. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485.
- Piccinini, C. A., Frizzo, G. B., & Marin. A. H. (2007). Interações diádicas e triádicas em famílias com crianças de um ano de idade. In C. A. Piccinini, & M. L. Seidl-de-Moura. (Orgs.). *Observando as interações pais-bebê-criança: Diferentes abordagens teóricas e metodológicas*. (pp.131-154). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pinel-Jacquemin, S., & Zaouche-Gaudron, C. (2009). Système familial et attachement: revue de la question family system and attachment: Question review. *Neuropsychiatrie de l'enfance et de l'adolescence*, 57, 167–172.
- Pleck, J. H., & Hofferth, S. L. (2008). Mother involvement as an influence on father involvement with early adolescents. *Fathering*, 6(3), 267-286.

- Pleck, J. H. (2010). Paternal involvement linkages with child outcomes. In M. E. Lamb (Ed.), *The role of the father in child: Revised conceptualization and theoretical. Development.* (pp. 58-93). Hoboken, NJ: Wiley.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: levels, sources and consequences. In M. Lamb. *The role of the father in child development.* New York: John Wiley & sons.
- Polonia, A. C., Dessen, M. A., & Silva, N. L. P. (2005). O modelo bioecológico de Bronfenbrenner: contribuições para o desenvolvimento humano. In M. A. Dessen, & A. L. Costa Júnior *A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras.* (pp. 71-89). Porto Alegre: Artmed.
- Ramires, V. R. (1997). *O Exercício da Paternidade Hoje.* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Rebello, K., Junior, M. D. S., & Brito, R. C. S. (2014). Fundamental factors in marital satisfaction: An assessment of brazilian couples. *Psychology*, 5, 777-784.
- Ribas, A. F. P. (2004). *Responsividade materna: articulações teóricas, discussões conceituais e uma investigação empírica em contexto urbano brasileiro.* Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Rongfang, J., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2011). Relations between coparenting and father involvement in families with preschool-age children. *Developmental Psychology*, 47(1), 106–118.
- Roopnarine, J. L, Krishnakumar, A., & Vadgama, D. (2013). Indian fathers: Family dynamics and investment patterns. *Psychology and Developing Societies*, 25, 2, 223–247.
- Roy, C. (2002). *Influences du soutien social et Du stress sur le comportement maternel d'adolescentes en interaction avec leur enfant de 24 mois: une analyse longitudinale et transactionnelle.* Thèse de Doctorat, Département de Psychologie, Faculté des Arts et Sciences - Université de Montréal, Montréal.
- Sampieri, R. H., Collado, C. F., & Lúcio, P. B. (2006). *Metodologia de Pesquisa.* (3.ed.). São Paulo: McGraw-Hill.
- Saraff, A., & Srivastava, H. C. (2009). Pattern and determinants of paternal involvement in childcare: An empirical investigation in a metropolis of India. *Population Research and Policy Review*, 29(2), 249-273.

- Schmidt, B. (2012). *Relacionamento conjugal e temperamento de crianças com idade entre quatro e seis anos*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Schmidt, B., Crepaldi, M. A., Vieira, M. L., & Moré, C. L. O. O. (2011). Relacionamento conjugal e temperamento de crianças: uma revisão da literatura. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 63(3), 89-106.
- Schober, P. S. (2012). Paternal child care and relationship quality: A longitudinal analysis of reciprocal associations. *Journal of Marriage and Family*, 74(1), 281-296.
- Schoppe-Sullivan, S. J., Kotila, L., Jia, R., Lang, S. N., & Bower, D. J. (2013). Comparisons of levels and predictors of mothers' and fathers' engagement with their preschool aged children. *Early Child Development and Care*, 183(3-4), 498-514.
- Schoppe-Sullivan, S., Brown, G., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology*, 22(3), 389-398.
- Schoppe-Sullivan, S. J., McBride, B. A., & Ringo Ho, M. H. (2004). Unidimensional versus multidimensional perspectives on father involvement. *Fathering: A Journal Theory, Research and Practice*, 2, 147-163.
- Schwebel, D. C., Roth, D. L., Elliott, M. N., Chien, A. T., Mrug, S., Chipp, E., Dittus, P., Zlomke, K., & Schuster, M. A. (2012). Marital conflict and fifth-graders' risk for injury. *Accident Analysis and Prevention*, 47, 30-35.
- Seidl-de-Moura, M. L. (2005). Bases para uma psicologia do desenvolvimento social e evolucionista. In: F. A. R. Pontes, W.L.B. Magalhães, R. C. S. Brito, & W. L. B. Martin, (orgs). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. (pp.15-39). Belém-Pará: UFPA.
- Seidl-de-Moura, M. L., & Ribas, A. F. P. (2007). A pesquisa observacional e o estudo da interação mãe-bebê. In C. A. Piccinini, & M. L. Seidl-de-Moura (orgs). *Observando a interação pais-bebê-criança:diferentes abordagens teórico-metodológicas*. (pp. 103-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. da C., Pessôa, L. F., Nogueira, S. E., Mendes, D. M. L. F., Rocha, S. B., & Vicente, C. C. (2008). Interações mãe-bebê de um e cinco meses: Aspectos afetivos, complexidade e sistemas parentais predominantes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(1), 66-73.

- Seidl-de-Moura, M. L., Ribas, A. F. P., Seabra, K. C., Pessôa, L. F., Ribas Jr., R. C., & Nogueira, S. E. (2004). Interações iniciais mãe-bebê. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17(3), 295-302.
- Shin, J.-H., Doh, H.-S., Hong, J. S., & Kim, J. S. (2012). Pathways from non-Korean mothers' cultural adaptation, marital conflict, and parenting behavior to bi-ethnic children's school adjustment in South Korea. *Children and Youth Services Review*, 34(5), 914-923.
- Silva, M. B. O., & Brito, R.C.S. (2005). Breve história das origens da maternidade sob uma perspectiva evolucionista. In F.A.R. Pontes, W. L. B. Magalhães, R. C. S. Brito, & W. L. B. Martin, (orgs). *Temas Pertinentes à Construção da Psicologia Contemporânea*. (pp.253-275). Belém-Pará: UFPA.
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*. 24(4), 561-573.
- Silva, N. C. B. (2007). *Contexto familiar de crianças com síndrome de down: interação e envolvimento paterno e materno*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010). Paternal involvement in a group of fathers of elementary school children. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 11(2), 339-356.
- Solmeyer, A. R., & Feinberg, M. A. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: The roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant Behavior & Development*, 34, 504– 514.
- Souza, C. L. C., & Benetti, F. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*. 19(42), 97-106.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2008). Paternidade e desemprego: características do envolvimento paterno e aspectos do relacionamento familiar. *Contextos Clínicos*, 1(2), 61-71.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(1), 174-185.
- Stevenson, M. M., Fabricius, W. V., Parke, R. D., Braver, S. L., Cookston, J. T., Coltrane, S., & Saenz, D. S. (2014). Marital problems, maternal gatekeeping attitudes, and father-child relationships in adolescence. *Developmental Psychology*, 50(4), 1208–1218.

- Stratton, P. (2003). Contemporary families as contexts for development. In J. Valsiner, & K. Connolly (orgs). *Handbook of developmental psychology*. (pp.333-357). London: Sage.
- Stroud, C. B., Durbin, C. E., Wilson, S., & Mendelsohn, K. A. (2011). Spillover to triadic and dyadic systems in families with young children. *Journal of Family Psychology*, 25(6), 919–930.
- Tokumar, R. S., Zortea, T. C., Howat-Rodrigues, A. B. C., & Andrade, A. L. de. (2011). Diferenças no investimento materno em função de variáveis socioambientais. *Estudos de Psicologia*, 16(1), 49-55.
- Tremblay, R.E. (2008) Anger and Aggression. In M.M. Haith & J.B. Benson (eds.) *Encyclopedia of Infant and Early Childhood Development*. Vol 1-3. 2nd ed: Academic Press.
- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell, *Sexual selection and the descent of man*. (pp.136-179). Chicago : Aldine.
- Turcotte, G., & Gaudet, J. (2009). Conditions favorables et obstacles à l’engagement paternel: un bilan des connaissances. In D. Dubeau, A. Devault & G. Forget (Eds.), *La paternité au XXI siècle* (pp 39-70). Québec, Canada: Les Presses de l’Université Laval.
- Vasconcellos, M. J. E. (2007). *Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus Editora.
- Vieira, M. L., Rímoli, A. O., Prado, A. B., & Chelini, M. O. (2009). Cuidado e responsividade parentais: uma análise a partir da Teoria da História de Vida e da Teoria do Investimento Parental. In M. E. Y. Emma Otta (Ed.). *Psicologia Evolucionista*. (pp. 86-95). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Vieira, M. L., & Prado, A. B. (2004). Abordagem evolucionista sobre a relação entre filogênese e ontogênese no desenvolvimento infantil. In M. L. Seidl-de-Moura (org). *O bebê do século XXI e a psicologia em desenvolvimento*. (pp.155-204). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Vieira, M. L., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Crepaldi, M. A., & Piccinini, C. A. (2014). Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 66(2), 36-52.
- Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., Bossardi, C. N., Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., & Piccinini, C. A. (2013). Paternity in the Brazilian Context, Parenting in South American and African Contexts. In M. L. Seidl-De-Moura (Ed.). *Parenting in South American and African Contexts* (pp. 35-64). InTech. Disponível em:

<http://www.intechopen.com/books/parenting-in-south-american-and-african-contexts/paternity-in-the-brazilian-context>.

- Wagner, A. Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 181-186.
- Wagner, A., Tronco, C., & Armani, A. B. (2011). Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos. In A. Wagner (org). *Desafios psicossociais da família contemporânea*. (pp.19-35). Porto Alegre: Artmed.
- Walster, E., Traupmann, J., & Walster, G.W. (1978). Equity and extramarital sexuality. *Archive of sexual behaviour*, 7, 127-141.
- Wendland, J. (2001). A abordagem clínica das interações pais-bebê: perspectivas teóricas e metodológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 45-56.
- Wendt, N. C. (2006). *Fatores de risco e de proteção para o desenvolvimento da criança durante a transição para a parentalidade*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.
- Yamamoto, M. E., & Seild-de-Moura, M. L. (2010). A Psicologia Evolucionista no Brasil. *Estudos de Psicologia*, 15(1), 53-54.
- Zuroff, D. C., Fournier, M. A., Patall, E. A., & Leybman, M. J. (2010). Steps toward an evolutionary personality psychology: Individual differences in the social rank domain. *Canadian Psychology*, 51(1), 58-66.

ANEXOS

Anexo 1

CÓDIGO: _____ DATA _____

PARENTESCO COM A CRIANÇA _____

QUESTIONÁRIO SÓCIO-DEMOGRÁFICO

Por favor, responda as seguintes questões que se referem a informações gerais sobre você e sua família.

DADOS DA FAMÍLIA

- Informações demográficas

1. Cidade de residência

- Balneário Camboriú 1
- Florianópolis 2
- Itajaí 3
- São José 4

2. Número de pessoas (informar quem são as pessoas que moram na casa, sem contar os empregados. Incluir o respondente)

Total: _____ **pessoas**

3. Quem vive na casa (anotar idade)

- Respondente 1 _____ Anos
- Companheiro(a) 2 _____ Anos
- Filhos de 0 a 3 anos 3 Quantos? _____
- Filhos de 4 a 6 anos 4 Quantos? _____
- Filhos de 7 a 16 anos 5 Quantos? _____
- Filhos com mais de 16 anos 6 Quantos? _____
- Outras crianças e jovens menores de 18 anos (ex. enteados ou adotados, de criação, filhos de parentes e amigos) 7 Quantos? _____
- Outros parentes adultos 8 Quantos? _____
- Amigos adultos 9 Quantos? _____

Total de pessoas declaradas na P.3: _____

- Quantos filhos frequentam a escola? _____ (contando a criança-alvo)

- Em que período a criança-alvo frequenta a escola? Manhã (); Tarde (); Integral ()

4. Composição familiar:

- Família nuclear pais biológicos de todos os filhos.....1
- Família nuclear pais adotivos da criança alvo.....2
- Família recasada com pais biológicos da criança alvo.....3
- Família recasada com madrastra da criança alvo.....4
- Família recasada com padrasto da criança alvo.....5
- Família recasada com mãe adotiva da criança alvo e padrasto.....6
- Família recasada com pai adotivo da criança alvo e madrastra.....7
- Família estendida com pais biológicos das crianças e outros parentes e amigos.....8
- Família estendida com madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....9
- Família estendida com padrasto da criança alvo e outros parentes e amigos.....10
- Família estendida com pais adotivos das crianças e outros parentes e amigos.....11
- Família estendida com mãe adotiva e padrasto da criança alvo e outros parentes amigos.....12
- Família estendida com pai adotivo e madrastra da criança alvo e outros parentes e amigos.....13

5. Escolaridade

A) Qual a sua escolaridade e qual a escolaridade de seu companheiro? Quantos anos concluídos? _____

	Respondente	Companheiro (a)
Não alfabetizado	1	1
Ensino fundamental incompleto: primário incompleto	2	2
Ensino fundamental incompleto: primário completo e ginásio incompleto	3	3
Ensino fundamental completo	4	4

Ensino médio incompleto	5	5
Ensino médio completo	6	6
Ensino superior incompleto	7	7
Ensino superior completo	8	8
Pós-graduação	9	9
Não sabe	10	10

RENDA FAMILIAR

	Respondente	Companheiro (a)
6. Profissão		
7. Atividade atual		
8. Jornada de trabalho		

9. Você tem empregada/babá: () sim () não

10. Quem cuida da criança quando ela não está na escola: _____

11. Quem leva a criança para a escola: _____

12. Alguém da família faz uso de alguma medicação contínua () sim () não. Quem? _____ Qual? _____

13. Renda familiar mensal

Por favor, vamos ver quanto você, seu/sua companheiro(a) e outras pessoas da casa ganham por mês. Vamos pensar no mês passado...

(Inclua salários, gorjetas, bicos, pensão, rendas de aluguel e outro capital, ajudas financeiras sistemáticas, etc. Registre sempre com ...,00. Se o respondente não souber, anote NÃO SABE).

	Salário	Outros Rendimentos	TOTAL (R\$)
Respondente			
Companheiro(a)			
Outro (anote abaixo o parentesco)			

Renda familiar total do mês passado -

13. Existe(m) algum(ns) mês(es) do ano no(s) qual(is) a renda total é muito maior ou menor do que a do mês passado?

- Sim.....1
 Não2
 Não sei3

No mês em que é maior, qual é essa variação?

No mês em que é menor, qual é essa variação?

Se houver, faça a soma da renda dos diferentes meses, calcule a média e classifique conforme opções a seguir:

- | | |
|--|---|
| <input type="checkbox"/> Menos de R\$100,001 | <input type="checkbox"/> R\$801,00 a R\$1.000,00.....8 |
| <input type="checkbox"/> R\$101,00 a R\$200,00 ...2 | <input type="checkbox"/> R\$1.001,00 a R\$1.300,009 |
| <input type="checkbox"/> R\$201,00 a R\$300,003 | <input type="checkbox"/> R\$1.301,00 a R\$1.600,00 ...10 |
| <input type="checkbox"/> R\$301,00 a R\$400,00 4 | <input type="checkbox"/> R\$1.601,00 a R\$2.000,00 ...11 |
| <input type="checkbox"/> R\$401,00 a R\$500,00 5 | <input type="checkbox"/> R\$2.001,00 a R\$3.000,00 ...12 |
| <input type="checkbox"/> R\$501,00 a R\$600,00 6 | <input type="checkbox"/> R\$3.001,00 a R\$4.000,00 ...13 |
| <input type="checkbox"/> R\$601,00 a R\$800,00 7 | <input type="checkbox"/> Acima de R\$4.000,00.....14 |

14. Número de cômodos da residência:

Quantos cômodos tem sua casa? (Incluir quarto, cozinha, banheiro e varanda):_____

15. Tipo de Casa:

Casa de alvenaria ()

Casa de Madeira ()

Casa Mista ()

Observações:_____

Anexo 2

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM PAIS E MÃES

Características do envolvimento com a criança

1) Me conte como é a sua rotina semanal, quanto tempo fica com sua família e o que você faz quando está em casa (hora que acorda, almoço, hora que vai e chega do trabalho, janta...)

Período	Segunda	Terça	Quarta	Quinta	Sexta	Sábado	Domingo
Manhã							
Tarde							
Noite							

2) O que você faz quando está com seu/sua filho(a) (durante a semana e nos finais de semana)? Dê exemplos, por favor.

3) Na sua opinião, quais atividades são mais importantes para que um pai/uma mãe realize com seu/sua filho (a)?

4) Que atividade você me diria que faz mais que seu/sua companheiro(a) em relação aos filhos e a casa. E quais atividades ele/ela faz mais que você?

5) Você gostaria de realizar com seu/sua filho(a) outras atividades além daquelas atividades relatadas anteriormente? Quais? Por que não as realiza?

6) Você está satisfeito(a) com a divisão de tarefas e responsabilidades quanto ao cuidado dos filhos? Se não, por quê?

7) De que forma você e seu/sua companheiro(a) se organizam para sustentar a família? Algum de vocês fica mais responsável por essa tarefa?

8) Você está satisfeito com o seu trabalho? Se não, por quê?

Determinantes do envolvimento

9) Há quanto tempo você é pai/mãe?

10) Como você se sente no papel de pai/mãe?

11) Você participa em casa? De que forma?

12) Que fatores você considera que favorecem sua participação no cuidado da criança?

13) Que fatores você considera que atrapalham sua participação no cuidado da criança?

14) O que você acha importante na educação que dá para seu/sua filho(a)?
Você usa a educação que teve como modelo para educar seu/sua filho(a)?

15) Você e seu/sua companheiro(a) concordam acerca de assuntos relacionados aos filhos, tais como regras de disciplina, valores morais, padrões de educação e relação com amiguinhos? E como vocês negociam as discordâncias?

16) O que você acha que seu/sua companheiro(a) pensa sobre seu papel como pai/mãe? E o que você pensa dele/dela como pai/mãe?

17) Seu/sua companheiro(a) ajuda ou atrapalha sua participação no cuidado com a criança? De que forma?

18) Como é seu relacionamento conjugal? Você acha que ele interfere no seu envolvimento com seu filho (a)?

Anexo 3

Data: _____ horário e tempo da visita: _____ ID _____

INSTRUMENTO DE AVALIAÇÃO DA VISITA

Responda a maneira que melhor reflete como você se sentiu durante a sessão da filmagem e como você acha que a criança se sentiu.

1) Eu me senti da seguinte forma sendo filmada:

a) Mãe

Desconfortável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Confortável
----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------------

b) Pai

Desconfortável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Confortável
----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------------

c) Criança

Desconfortável	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Confortável
----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	-------------

2) Eu tendi a:

a) Mãe

Evitar a câmera	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ficar diante da câmera
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------------------------

b) Pai

Evitar a câmera	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ficar diante da câmera
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------------------------

c) Criança

Evitar a câmera	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Ficar diante da câmera
-----------------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	------------------------

3) De um modo geral meu comportamento durante o período de observação foi:

a) Mãe

Comum	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Diferente do comum
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------------------

b) Pai

Comum	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Diferente do comum
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------------------

c) Criança

Comum	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	Diferente do comum
-------	---	---	---	---	---	---	---	---	---	----	--------------------

APÊNDICES

Apêndice 1



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

Pela presente autorização, declaro que fui informado(a), de forma clara e detalhada, sobre os objetivos e a justificativa do projeto de pesquisa intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Dessa forma, autorizo a realização da pesquisa por _____ meio da instituição: _____, bem como a participação consentida dos profissionais aqui vinculados nas entrevistas.

Autorizo, também, a utilização dos dados coletados em eventuais trabalhos acadêmicos, publicações científicas, sem a identificação do local nem de seus profissionais.

Entendo que os pesquisadores, vinculados à Universidade Federal de Santa Catarina, manterão sigilo sobre os dados e que, após sua utilização na consecução dos objetivos propostos pela pesquisa, os mesmos serão inutilizados.

 Assinatura do responsável pela instituição

_____, ____ de _____ de _____

Identificação do responsável pela instituição:

Apêndice 2

Ficha de Contato Inicial



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Carta convite

Prezados pai e mãe:

Gostaria de convidá-los(as) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em sua cidade e que tem como título “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

Sua participação acontecerá por meio de respostas a questionários e entrevistas que abordam o tema da pesquisa. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. A pesquisa se dará com a participação voluntária de pais e mães e sua opinião é de extrema importância para o sucesso da mesma.

Caso você aceite participar, por favor preencha as informações abaixo e devolva esta carta à escola de seu filho que entraremos em contato com você.

A ser preenchida pelo participante:

Nome do participante pai _____

Nome da participante mãe _____

Número de filhos _____

Nome e idade dos filhos _____

Instituição de Educação Infantil da criança de 4 a 6 anos _____

Endereço _____

Telefone e e-mail _____

Apêndice 3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (primeira etapa)

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada em duas cidades de Santa Catarina e que tem como título: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para que possamos utilizar os questionários que por você serão respondidos. Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelos telefones (48) 9658-3702 ou pelo e-mail: carinabossard@yahoo.com.br

Eu, Sr(a) _____, considero-me informada (o) sobre a pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma, consentindo que os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

_____, _____ de _____ de _____

 Assinatura do Entrevistado

 Pesquisadora Carina Nunes Bossardi

Apêndice 4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 Centro de Filosofia e Ciências Humanas
 Departamento de Psicologia

TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO (segunda etapa)

Prezado(a) Senhor(a):

Vimos através deste convidá-lo(a) a participar de uma segunda etapa da pesquisa que está sendo realizada com famílias do Estado de Santa Catarina e que tem como título: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”. Essa pesquisa tem como objetivo estabelecer um elo entre o modo de funcionar das famílias e o comportamento das crianças.

A participação é voluntária. Caso você aceite participar, solicitamos a permissão para realizar e utilizar os dados da observação com você e sua criança em um momento de brincadeira livre e de uma entrevista a respeito do seu envolvimento com seu (sua) filho (a). Apenas os pesquisadores terão acesso direto às informações neles relatadas. Informamos, também, que a qualquer momento você poderá desistir da participação na mesma.

Qualquer informação adicional ou esclarecimentos acerca desta pesquisa poderão ser obtidos junto aos pesquisadores pelos telefones (48) 9658-3702 ou pelo e-mail: carinabossard@yahoo.com.br

Eu, Sr(a) _____, considero-me informada (o) sobre a segunda etapa da pesquisa “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos”, e aceito participar da mesma, consentindo que a observação e os questionários sejam aplicados e utilizados para a coleta de dados.

_____, _____ de _____ de 2012.

 Assinatura do Entrevistado

 Pesquisadora Carina Nunes Bossardi

Apêndice 5

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Departamento de Psicologia

**AUTORIZAÇÃO PARA UTILIZAÇÃO DE IMAGENS EM
VÍDEO**

Eu, por meio deste formulário autorizo os pesquisadores do projeto de pesquisa intitulado: “A transmissão intergeracional da violência: a relação do conflito conjugal e parental com a agressividade entre pares de crianças de 4 a 6 anos” da Universidade Federal de Santa Catarina a gravarem em vídeo a observação realizada com minha família e a utilizarem as imagens para a realização da pesquisa, em encontros científicos, debates entre grupos de pesquisa ou ainda para fins de ensino. Fotografias geradas a partir de imagens em vídeo podem também ser utilizadas, de modo similar, em publicações da pesquisa. Estou ciente de que eu e os membros da minha família não seremos identificados por nossos nomes.

_____, _____ de _____ de 2012.

Nome do entrevistado

Assinatura do Entrevistado

Pesquisadora Carina Nunes Bossardi

Apêndice 6

Manual de procedimentos para análise dos vídeos

MATERIAL A SER ANALISADO:

Serão analisados 2 vídeos por família (interação diádica e triádica), sendo 12 famílias participantes, ao todo deverão ser analisadas 24 filmagens de 10 minutos cada.

PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DOS VÍDEOS:

Dos 10 minutos de cada episódio de interação serão selecionados 8 minutos para análise, excluindo-se o primeiro e o último minuto da filmagem. Primeiro deve ser analisada a interação diádica pai-criança e, em seguida, a interação triádica de uma mesma família.

Os comportamentos observados, para cada integrante da interação, serão registrados no protocolo de observação. Serão considerados comportamentos de interação quando um dos parceiros dirige um comportamento social em direção ao outro e é respondido por ele também com um comportamento social. Deve ser, portanto, uma ação recíproca e bidirecional. Sempre que houver emissão de um comportamento que é respondido pelo receptor num intervalo de 5 segundos deverá ser contabilizada a interação.

O protocolo de observação contém as categorias correspondentes ao comportamento do pai, da mãe, da criança e do casal. Essas categorias serão quantificadas em ocorrência de comportamentos. Também deverá ser indicado o tipo de interação (diádica ou triádica).

Os oito minutos de filmagem estão divididos em episódios de 15 segundos, totalizando 32 intervalos em que será observada a interação das díades e tríades (ver protocolo de observação). O observador deve saber quais categorias devem ser analisadas e o que corresponde a cada uma delas (ver definição de categorias).

PREPARAÇÃO PARA ANÁLISE DOS VÍDEOS:

Os observadores, de posse desse manual, deverão discutir a respeito das categorias, procedimentos e análise dos vídeos. Será feito um treinamento entre os observadores que farão a análise dos vídeos a respeito da definição das categorias e sua adequação aos episódios do vídeo selecionado para esse treinamento.

Num primeiro momento, os observadores analisarão a díade e a tríade, sinalizando o emissor, o receptor e o comportamento, determinando o intervalo de tempo de sua ocorrência. Após esse

treinamento e das discussões entre os juízes, os vídeos serão analisados utilizando o protocolo construído para esse estudo.

Esse procedimento servirá para modificar ou adequar as categorias e suas definições aos comportamentos ocorridos e também para treinar os observadores para a análise dos vídeos. Se alguma categoria ou item tiver baixa ou nenhuma frequência (menos de 20% do total de intervalos observados), esta pode ser excluída do protocolo.

Serão analisadas 25% das filmagens e será calculado o índice de concordância. Para obter o cálculo de concordância divide-se o número de acordos (A) pelo total de acordos (A) somados aos desacordos (D), multiplicando o resultado por 100. Em caso de dúvidas, de não haver total acordo ou de desacordo entre os juízes, será feita uma discussão recorrendo novamente à filmagem e à definição das categorias. Se as dúvidas ou desacordos persistirem será consultado um terceiro juiz. Ao final, também será utilizado o Coeficiente Kappa de acordos entre juízes. O índice de acordo entre os juízes deve ser superior a 75%.

ANÁLISE DOS VÍDEOS:

Primeiro deve ser analisada a interação diádica. Serão analisados, a cada 15 segundos da filmagem, os comportamentos do pai e da criança e será registrada sua ocorrência até chegar aos 32 episódios. Volta-se a ver o episódio quantas vezes forem necessárias para identificar as interações tanto do pai como para a criança. Estabelece-se que é necessário analisar cada episódio de 15 segundos, no mínimo duas vezes, para certificar-se das ocorrências. Assiste-se ao episódio e marca-se a ocorrência dos comportamentos do pai e da criança.

Na interação triádica segue-se o mesmo procedimento e é recomendado que se analise o episódio no mínimo 3 vezes, procurando identificar as interações diádicas pai-criança, mãe-criança e pai-mãe.

A interação pai-criança na tríade será comparada com a interação pai-criança na díade. Também serão analisados comportamentos das díades pai-mãe e mãe-criança. A interação pai-criança será comparada com a díade mãe-criança no episódio triádico.

Durante o treinamento, os protocolos serão comparados entre os observadores. Diante de um resultado divergente, será feita uma nova análise do vídeo.

CATEGORIAS E DEFINIÇÕES:

Serão definidas as categorias do **comportamento parental**, do **comportamento da criança** e do **comportamento do casal** para as interações diádicas e triádicas. Os comportamentos estão dentro de grandes categorias.

- Comunicação verbal: caracterizada por comportamentos que envolvem vocalizações ou palavras emitidas oralmente visando uma interação.

- Comunicação não verbal: trata-se de gestos, expressões, proximidade e contato corporal ou visual como os sorrisos, olhares e toques, por exemplo.

- Não interação: ocorre quando o receptor não emite comportamentos que respondam aos sinais ou palavras do emissor. Ex: criança sorri ou faz contato corporal e não recebe resposta do pai ou da mãe; pai faz uma pergunta e criança não responde; mãe olha ou pede ajuda para o pai que não emite nenhum comportamento em resposta a ela.

O comportamento do casal será avaliado pela interação pai-mãe procurando identificar, quando há interação, se essa interação é positiva ou harmônica ou se é negativa ou conflituosa.

As interrupções serão classificadas como intercorrências ou eventos não esperados que podem ter ocorrido durante o período das filmagens. As interrupções deverão ser descritas no protocolo, bem como o período de tempo em que ocorreram. Quando não é possível identificar determinado comportamento ou quando o comportamento não se encaixa nas categorias, esse deve ser descrito, bem como o período de tempo em que ocorreu.

CATEGORIAS REFERENTES AO COMPORTAMENTO PARENTAL:

Comunicação Verbal

- *Afeto Positivo* (vocalizações positivas que expressam participação na atividade. Demonstra atenção fazendo algum comentário ou respondendo a perguntas sobre a atividade. Palavras que expressam emoções e sentimentos positivos e que transmitem carinho durante a interação. Comportamentos que transmitem afeto positivo pela criança e exprimem prazer durante a interação. Ex: gosto disso, que boa essa brincadeira, te amo, gosto de você.).

- *Afeto Negativo* (vocalizações que expressam emoções e sentimentos negativos e demonstram desinteresse pela atividade. Faz comentários negativos ao comportamento da criança que expressam desaprovação ou xingamentos. Ex: essa brincadeira não está boa, não gosto, não quero, esse brinquedo não está bom, sua burra, preguiçosa).

- *Motivação/estimulação* (dirige comentários positivos à criança ou sobre a tarefa, chamando a atenção dela para engajar-se na atividade. Faz perguntas a respeito da atividade e elogia a criança. Ex: muito bom! Tá certo! Legal! Bom trabalho! Olhe aqui! Vamos lá! O que é isso? Como se faz? Como se monta? Como é? Você sabe! Você consegue! Me ajuda a montar).

- *Instrução* (fornece informações a respeito da atividade ou objeto com o objetivo de guiar a resposta ou ação da criança. Dá dicas de como executar, modificar ou parar a atividade, a fim de auxiliar a criança. Ex: pegue isso, vem cá, faça assim, não deste jeito, arrume aqui, traga aqui, coloque assim, agora vamos fazer assim).

- *Disciplina* (Exerce sua autoridade para conter ou direcionar o comportamento da criança, expõe regras e limites, Ex: cuidado, não faz isso, pare, não é assim, chega, deu).

- *Fala com a criança* (Vocaliza, comunica-se verbalmente sobre outro assunto que não envolve a atividade e nem instrução, disciplina, motivação ou afeto).

Comunicação Não Verbal

- *Afeto Positivo* (gestos, proximidade ou contato corporal que expressam afeto positivo, carinho, afeição, suporte emocional. Ex: olha para a criança, aproxima-se, toca ou encosta na criança expressando carinho, pega no colo, beija abraça, segura, faz carícias, sorri).

- *Afeto Negativo* (gestos ou expressões corporais que indicam emoções ou sentimentos negativos e demonstram desinteresse pela atividade. Ex: retrai o corpo, se afasta quando a criança se aproxima, empurra a criança, faz caretas).

- *Motivação/estimulação* (gestos ou movimentos que indicam uma resposta correta ou um bom trabalho. Ex: sinal de positivo com o dedo polegar ou com a cabeça, tapinha nas costas).

- *Instrução* (gestos ou contato físico para ajudar a criança na realização de determinada ação, toca ou movimentar o objeto para dar dicas ou ensinar como se faz. Ex: Pega na mão, modifica a posição da criança, pega ou aponta para o objeto, executa a tarefa enquanto dá ordens ou dicas).

- *Disciplina* (correção física de comportamento inadequado, repreende fisicamente para evitar ou extinguir o comportamento. Ex: contém a criança, segurando pelos ombros, braços ou mãos, dá tapas).

CATEGORIAS REFERENTES AO COMPORTAMENTO DA CRIANÇA:

Comunicação Verbal

- *Afeto positivo* (vocalizações positivas que expressam participação na atividade, presta atenção fazendo algum comentário ou respondendo a perguntas, demonstra interesse fazendo perguntas ou pedindo ajuda. Vocaliza frases ou palavras que expressam emoções, sentimentos e carinho em relação aos pais. Ex: gostei disso, muito legal esse brinquedo, como é? Te amo, gosto de você, é assim?).

- *Afeto negativo* (vocalizações negativas indicativas de desinteresse, irritação, insatisfação ou birra. Ex: chora, resmunga, geme, grita, diz não estou gostando, diz pare ou diz quero mudar de atividade).

- *Obediência/cooperação* (criança segue ordens ou instruções, verbaliza seu acordo ou afirma ter compreendido. Ex: sim, já vou, ok, vou fazer, estou fazendo, deu).

- *Desobediência/confrontação* (refere o não acordo com as ordens ou instruções, se opõe verbalmente a realizar a tarefa sugerida pelos pais. Ex: não, não quero, não vou, vá você, faça você, não gosto, não sei).

- *Fala com os pais* (Vocaliza, comunica-se verbalmente sobre outro assunto que não envolve a atividade e nem instrução, disciplina, motivação ou afeto).

Comunicação Não Verbal

- *Afeto Positivo* (Expressa prazer ou interesse pelo toque, pelo sorriso e pelo olhar, olha diretamente para os pais, sorri, realiza proximidade ou contato corporal. Faz gestos em relação aos pais que expressam emoções, sentimentos e que transmitem carinho. Ex: abraça, beija, segura/pega na mão, senta ou deita no colo, faz carícias).

- *Afeto Negativo* (Gestos ou olhares expressando desinteresse, raiva, irritação ou descontentamento. Ex: faz movimentos corporais bruscos, faz careta, vira os olhos, levanta-se rapidamente, brinca sozinho, não olha ou sorri em resposta aos pais, retrai o corpo ou se afasta quando os pais se aproximam).

- *Obediência/cooperação* (segue/executa a ordem dos pais. Ex: traz ou posiciona o brinquedo conforme indicação parental, faz sinal de positivo com a cabeça ou dedo polegar).

- *Desobediência/confrontação* (não segue/executa a ordem dos pais. Ex: fica parado, cruza os braços, faz sinal de desacordo/não com a cabeça, sai do espaço da atividade, não pega ou segura o brinquedo).

COMPORTAMENTO DO CASAL:

Refere-se à interação de pai e mãe quando as interações envolvem o comportamento de todos os membros, por exemplo, enquanto interagem com a criança, quais são os comportamentos de um genitor para com o outro.

Comunicação verbal

- *Afeto positivo* (vocaliza frases ou palavras que expressam emoções e sentimentos e que transmitem carinho ou prazer durante a interação. Ex: Te amo, gosto de você, gosto disso, que bom, é bom, que ótimo. Também ocorre quando há acordo, cooperação entre o casal, um dos cônjuges refere aceitar a opinião do outro, responde quando fala com ele, há verbalizações positivas).

- *Afeto negativo* (ocorre quando há desacordo ou confrontação entre os cônjuges, brigas, verbalizações negativas, xingamentos. Um dos cônjuges reprime ou critica a atividade do outro).

Comunicação Não Verbal

- *Afeto Positivo* (gestos ou contatos corporais e visuais que expressam emoções, sentimentos e que transmitem carinho. Ex: olha, sorri, abraça, beija, segura/pega na mão, senta ou deita no colo, faz carícias. Há proximidade e contato corporal positivo, há contato visual).

- *Afeto Negativo* (contato corporal e visual negativos, que expressem desacordo, brigas ou confrontação entre os cônjuges. Ex: olhar com cara feia, pegar bruscamente o objeto da mão do cônjuge, olhar expressando desaprovação ou descontentamento, levanta-se bruscamente).

INTERRUPÇÕES:

As interrupções também devem ser registradas. Por se tratar de uma visita familiar, a situação não pode ser tão controlável quanto deveria e podem ocorrer algumas variáveis que podem interferir no momento da filmagem tais como:

- Ausência da criança: criança ausenta-se do ambiente de interação por algum motivo (vai ao banheiro, pegar brinquedos, falar com outros amigos).

- Interrupções dos irmãos: irmão ou irmã da criança aparece e interage com os sujeitos observados ou se comportam de forma que precise da intervenção de algum dos sujeitos observados.

- Criança interage com observadores: criança fala, olha, mostra o brinquedo ou pergunta sobre o tempo e a atividade.

- Pais interagem com observadores: pai ou mãe falam, olham ou perguntam sobre o brinquedo, atividade ou tempo.

- Interferência externa: outras pessoas (vizinhos, avós e outros parentes) chegam durante a filmagem e interagem com os sujeitos observados, ou ainda ocorre algum evento que pode interferir nas interações (ex: tocar telefone, campanha).

Quando ocorrer uma interrupção no período observado, esta deve ser descrita. Deve-se anotar também o motivo e indicar se julgou prejudicial ou não para o período de interação. Se ocorrer por mais de 5 segundos, deve-se eliminar o episódio em questão e passar para o próximo episódio, sempre avaliando os oito minutos de filmagem. Nos casos em que há interrupções no episódio ou no vídeo, haverá um tempo maior de filmagem de modo a garantir que não sejam prejudicados os oito minutos para cada família. O observador deve tomar notas se foram episódios ininterruptos ou não. Caso ocorra alguma dúvida, essa será discutida entre os juízes.

REFERÊNCIAS:

Corboz-Warnery, A., Fivaz-Depeursinge, E., Bettens, C. G., Favez, N. (1993). Systemic analysis of father-mother-baby interactions: The Lausanne Triadic Play. *Infant Mental Health Journal*, 14(4), 298-316.

Cordazzo, S. T. D. (2008). *Influência do brincar no desempenho motor, cognitivo e social de crianças em idade escolar no Brasil e em Portugal*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Dubé, A. (2011). *Qualité des jeux de bataille père-enfant et adaptation sociale de l'enfant d'âge préscolaire*. Thèse de Doctorat. Département de psychologie. Faculté des arts et des sciences. Université de Montréal, Montréal.

Dumas, J. E., & LaFreniere, P. J. (1993). Mother-child relationships as sources of support or stress: A comparison of competent, average, aggressive, and anxious dyads. *Child Development*, 64(6), p. 1732-1754.

Flick, U. (2009). *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3.ed. Porto Alegre: Artmed.

Fivaz-Depeursinge, E., Frascarolo, F., & Corboz-Warnery, A. (1996). Assessing the triadic alliance between fathers, mothers and infants at play. *New Directions for Child Development*, 74(1), 27-44.

Hassan, G. (2003). *Étude du lien entre les déterminants psychosociaux et cognitifs et les comportements de contrôle intrusifs des mères adolescentes envers leur enfant d'âge préscolaire*. Thèse de doctorat, Département de Psychologie, Faculté des Arts et Sciences - Université de Montréal, Montréal.

Hedenbro, M.M.S.W., Shapiro, a.f., & Gottman, J.M. (2006). Play with me at my speed: Describing differences in the tempo of parent-infant interactions in the Lausanne Triadic Play paradigm in two cultures. *Family Process*, 45(4), 485-498.

Levandowisk D. C. & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.

Piccinini et al. (2001). Diferentes perspectivas na análise da interação pais-bebê/criança. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 469-485.

Roy, C. (2002). *Influences du soutien social et Du stress sur le comportement maternel d'adolescentes en interaction avec leur enfant de 24 mois: une analyse longitudinale et transactionnelle*. Thèse de Doctorat, Département de Psychologie, Faculté des Arts et Sciences - Université de Montréal, Montréal.

Silva, N. C. B. (2007). *Contexto familiar de crianças com síndrome de down: interação e envolvimento paterno e materno*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação Especial - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

Apêndice 8

Treinamento e cálculo de concordância entre juízes

Dois observadores, de posse do manual e do protocolo de observação construído para esse estudo, fizeram a análise de 25% do total de filmagens. Foram analisadas seis filmagens, três diádicas e três triádicas. Para esse procedimento foram utilizadas as duas famílias do estudo piloto e uma do estudo em questão, escolhida aleatoriamente, dentre as demais. Num primeiro momento, os observadores analisaram separadamente os vídeos em intervalos de um minuto. Em cada episódio foram registradas as ocorrências de comportamentos de cada integrante da interação, conforme o exemplo:

Tempo	Emissor	Comportamento	Receptor	Comportamento	Acordos
1-2	Pai	Instrução verbal e não verbal; Fala; Motivação verbal	Criança	Fala Obediência verbal e não verbal	A
2-3	Pai	Instrução Verbal e não verbal Motivação verbal e não verbal	Criança	Obediência verbal e não verbal Prazer/interesse verbal e não verbal	D

O cálculo de concordância desse processo foi de 50% e percebeu-se a dificuldade em avaliar a ocorrência ou não da interação, além de identificar os comportamentos num intervalo de tempo maior. A partir dessa discussão, foi sugerido por um terceiro juiz que fosse realizado um procedimento de análise mais minuciosa do vídeo para fins de treinamento dos observadores, com relação às categorias e aos episódios de interação. A partir disso, reforçou-se também a importância de analisar o vídeo em episódios menores de interação, tal como apresenta o protocolo.

Uma nova análise foi feita de modo a identificar o episódio de interação, tal como os princípios da bidirecionalidade e da reciprocidade estabelecidos no manual, ou seja, da necessidade de haver uma resposta a um comportamento emitido em torno de 5 segundos para caracterizar a interação. Nesse procedimento, os observadores assistiram ao vídeo e anotaram o momento em que ocorreu a interação, quem foi o emissor e o receptor e o comportamento emitido, com base nas categorias

estabelecidas e descritas no manual. Cada observador fez suas anotações separadamente e após a análise de todo o vídeo, os resultados foram comparados e foi calculado o número de acordos e de desacordos. O quadro a seguir explica o procedimento realizado com as interações diádicas e triádicas.

Tempo	Emissor	Comportamento	Receptor	Acordos
01:26	Pai	Instrução verbal	Criança	A
01:30	Criança	Obediência não verbal	Pai	A
02:54	Pai	Motivação e Instrução verbal	Criança	D
02:58	Criança	Obediência não verbal	Pai	D

Nessa análise o cálculo de concordância foi de 55% para a interação diádica (total de 32 acordos e 27 desacordos) e de 52% para a interação triádica (total de 35 acordos e 32 desacordos). Um cálculo ainda baixo, mas que serviu para o treinamento dos observadores em relação à interação como um todo e para esclarecer os problemas existentes com relação às categorias.

Na comparação dos resultados, tanto nos casos de desacordos quanto nos de acordos ou dúvidas, o vídeo foi revisto em conjunto para discussão do episódio de interação (emissor e receptor) e para a adequação dos comportamentos às categorias e suas definições. Esse procedimento, além de permitir um acordo entre os juízes sobre os episódios de interação e as formas de análise do vídeo, também gerou modificações no manual, com relação às definições das categorias. Por exemplo, principalmente para o comportamento parental, foi identificada a necessidade de ter uma definição para os comportamentos que refletem sentimentos positivos em relação à criança e à atividade (amor, carinho, interesse e atenção pela atividade), como também os negativos (desinteresse, desatenção ou comentários negativos com relação à atividade e à criança).

Algumas categorias geraram confusões. Foi definido e acordado o que seria considerado o afeto positivo para não confundir com a motivação que teve sua definição estruturada também. Foi melhorada a definição da não interação para não confundir com afeto negativo. Essas e outras questões foram discutidas entre os observadores e levadas a dois outros juízes especializados no tema (orientador e co-orientador da tese),

que contribuíram para os acordos e definições das categorias. Após a discussão entre juízes foram realizadas algumas modificações, tais como:

- Optou-se por manter a separação entre comportamentos verbais e não verbais, tendo em vista a importância de se caracterizar a linguagem não falada da interação. Os gestos e expressões corporais e visuais serão mais bem percebidos com essa divisão. Os observadores terão que prestar atenção e chegar ao acordo na sua identificação.

- Foram criadas as categorias afeto positivo e afeto negativo, que substituíram as categorias prazer/interesse e desinteresse/irritação, pois acordou-se que essa denominação poderia melhor representar os comportamentos.

- Todas as categorias foram redefinidas e descritas conforme a literatura consultada, a discussão entre os juízes e a análise do vídeo.

- O comportamento do casal passou a ser definido também em afeto positivo e negativo, mas tendo como objetivo de identificar, se a relação estabelecida é harmônica ou conflituosa, conforme as definições da literatura.

- Tomou-se o cuidado de estabelecer a equivalência entre as categorias verbais e não verbais, de modo que as mesmas categorias verbais sejam encontradas nas não verbais, para isso alguns comportamentos foram agrupados dentro da categoria que passou a representá-los, como por exemplo, a proximidade corporal e o contato visual que passou a fazer parte da categoria afeto positivo não verbal.

- Foi verificada a necessidade de descrever as interrupções e o período em que ocorreram, garantindo a identificação de um episódio ininterrupto ou não. Chegou-se a um acordo de que quando ocorrerem interrupções maiores de cinco segundos ou quando o vídeo for interrompido, deve-se passar para o próximo episódio livre de intercorrências, sempre respeitando a análise dos 8 minutos de filmagem no total. Para cada período de interrupções há um tempo maior de filmagem ao final, passando dos 10 minutos previstos. Desse modo, a interação em todas as famílias corresponderá a uma análise de 8 minutos ininterruptos ou com interrupções, sempre se excluindo o primeiro e o último minuto, conforme consta no manual.

- Os comportamentos que geram dúvidas ou que não se encaixam em nenhuma das categorias propostas também devem ser descritos, juntamente com o período de ocorrência para uma futura análise entre os juízes. Esses comportamentos podem ser inseridos nas categorias ou colocados como outros comportamentos.

- Foi estabelecida a forma de análise dos vídeos utilizando o protocolo de observação construído para esse estudo. Para garantir o

registro de todos os comportamentos observados, os juízes acordaram que o vídeo deveria ser analisado em primeiro lugar, para identificar o comportamento parental e, em outra análise, deveria ser feito o registro dos comportamentos da criança, sempre considerando as díades em interação. No caso da interação triádica, ocorreu o registro dos comportamentos do pai, da criança, da mãe e, por último, do casal. Essa sequência deve ser respeitada em todos os vídeos.

Os procedimentos seguintes envolveram a análise dos dois vídeos do estudo piloto com a utilização do protocolo de observação e do manual, produzidos pelas discussões e modificações anteriores. Após a observação do primeiro vídeo, os juízes ainda tiveram a necessidade de acordar melhor a categoria afeto verbal positivo, referente ao comportamento parental, no quesito “demonstra atenção fazendo comentários ou respondendo a perguntas da criança”. Foi acordado que deve-se prestar mais atenção aos comentários positivos ou respostas verbais dos pais, referentes à atividade ou à criança. Embora não tenham sido registradas as categorias afeto negativo (verbal e não verbal), fala e disciplina (não verbal), optou-se por mantê-las no protocolo tendo em vista a importância de sua caracterização, pois são comportamentos que poderão ocorrer em qualquer interação dos pais com as crianças. A categoria fala já teve sua identificação na análise anterior realizada.

As categorias de obediência verbal e não verbal, do comportamento da criança, precisaram de discussões e acordos a partir da análise conjunta do vídeo. O comportamento de desobediência não foi registrado, mas optou-se por mantê-lo no protocolo por se tratar de um comportamento que pode vir a ocorrer na interação das crianças com seus pais.

Foram calculados os acordos e os desacordos entre os observadores e os episódios foram revistos e discutidos, principalmente no que se refere aos desacordos. As dúvidas foram sanadas e foram estabelecidos novos acordos. O cálculo de concordância geral referente a essa análise foi de 80,32% para os comportamentos do pai e de 85,88% para os comportamentos da criança na situação diádica.

Referente a interação triádica, os cálculos foram de 78,48% para os comportamentos do pai, 81,25% para os comportamentos da criança e 85,07% para os comportamentos da mãe. O comportamento do casal também foi discutido, principalmente com relação ao afeto positivo não verbal (olhares e proximidade corporal) e a não interação (quando há uma emissão de um comportamento, mas não há uma resposta). Nessa análise, o cálculo de concordância obtido para o casal foi de 66,67%. Nessa etapa, foram calculadas as concordâncias por categoria.

Interação diádica, comportamento do pai.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	15	7	68,18
Afeto Positivo não verbal	14	4	77,78
Motivação verbal	26	4	86,67
Motivação não verbal	5	1	83,33
Instrução verbal	20	4	83,33
Instrução não verbal	16	4	80
Disciplina verbal	2	0	100

Interação diádica, comportamento da criança.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	30	0	100
Afeto Positivo não verbal	29	3	90,62
Obediência verbal	3	3	50
Obediência não verbal	10	6	62,50
Não interação	1	0	100

Interação triádica comportamento do pai.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	14	4	77,77
Afeto Positivo não verbal	16	2	88,88
Motivação verbal	18	4	81,81
Instrução verbal	7	4	63,63
Instrução não verbal	3	3	50
Disciplina verbal	1	0	100

Interação triádica comportamento da mãe.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	13	1	92,86
Afeto Positivo não verbal	11	0	100
Motivação verbal	11	2	84,61
Disciplina verbal	2	1	66,66
Instrução verbal	10	2	83,33
Instrução não verbal	6	2	75,00
Não interação	6	2	75,00

Interação triádica, comportamento da criança.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	18	2	90,00
Afeto Positivo não verbal	23	2	92,00
Obediência verbal	6	3	66,66
Obediência não verbal	15	5	75,00
Não interação	3	1	75,00

Interação triádica, comportamento do casal.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	18	2	90
Afeto Positivo não verbal	2	8	20
Não interação	4	8	66,66

Análise do segundo vídeo Piloto (vídeo menina).

Os cálculos gerais da situação diádica indicaram uma concordância de 83,36% para os comportamentos do pai e 90,00% para os comportamentos da criança. Para os vídeos da situação triádica os cálculos gerais foram 86,79% para os comportamentos do pai, 89,79% para os comportamentos da mãe e 83,67% para os comportamentos da criança. Para os comportamentos do casal o cálculo geral foi de 85,29%.

Também foram calculadas as concordâncias por categoria (segundo vídeo piloto, menina).

Interação diádica, comportamento do pai.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	10	3	76,92
Afeto Positivo não verbal	11	2	84,61
Motivação verbal	10	2	83,33
Instrução verbal	24	3	88,89
Instrução não verbal	20	2	90,91
Fala	1	0	100

Interação diádica, comportamento da criança.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	5	1	83,33
Afeto Positivo não verbal	21	1	95,45
Obediência verbal	2	0	100
Obediência não verbal	16	3	84,21
Fala	1	0	100

Interação triádica comportamento do pai.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	12	1	92,31
Afeto Positivo não verbal	10	1	90,91
Motivação verbal	13	2	86,87
Instrução verbal	11	3	78,57
Instrução não verbal	11	1	91,67

Interação triádica comportamento da mãe.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	9	0	100
Afeto Positivo não verbal	13	2	86,67
Motivação verbal	6	0	100
Instrução verbal	5	2	71,45
Instrução não verbal	2	0	100
Não interação	9	1	90,00

Interação triádica, comportamento da criança.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	10	2	83,33
Afeto Positivo não verbal	10	2	83,33
Afeto negativo não verbal	1	0	100
Obediência verbal	10	2	83,33
Obediência não verbal	9	2	81,82
Não interação	1	0	100

Interação triádica, comportamento do casal.			
Categorias que ocorreram	Acordos	Desacordos	Cálculo de concordância (%)
Afeto Positivo verbal	12	1	92,31
Afeto Positivo não verbal	5	1	83,33
Não interação	12	3	80,00

Os coeficientes Kappa foram obtidos por meio do SPSS: 0,87 para o pai e 0,89 para a criança na diádica. Na situação triádica foram: 0,93 para o pai, 0,81 para a mãe, 0,83 para a criança e 0,77 para o casal.